

**UFRRJ**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**  
**CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**TESE**

**“ALÔ TORCIDA DO FLAMENGO, AQUELE ABRAÇO! ”**

**Memórias do “Maraca” entre torcedores rubro-negros: uma sociologia do espaço do  
torcer.**

**Rafael Willian Clemente**

**2024**



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**“ALÔ TORCIDA DO FLAMENGO, AQUELE ABRAÇO! ”  
Memórias do “Maraca” entre torcedores rubro-negros: uma sociologia do espaço do torcer.**

**RAFAEL WILLIAN CLEMENTE**

*Sob a orientação do Professor  
Edson Miagusko*

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Doutor em Ciências Sociais**, no Curso de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Área de Concentração em Ciências Sociais.

Seropédica, RJ  
Julho de 2024

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

C626

Clemente, Rafael Willian , 1985-  
"Alô torcida do Flamengo, aquele abraço!" Memórias do  
"Maraca" entre torcedores rubro-negros: uma sociologia  
do espaço do torcer. / Rafael Willian Clemente. -  
Seropédica, 2024.  
259 f.

Orientador: Edson Miagusko. Tese(Doutorado). --  
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro,  
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2024.

1. Maracanã. 2. Flamengo. 3. Torcedores. 4. Rio de  
Janeiro. 5. Futebol. I. Miagusko, Edson, 1972-,  
orient. II Universidade Federal Rural do Rio de  
Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais  
III. Título.

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE CIENCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**RAFAEL WILLIAN CLEMENTE**

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Doutor**, no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Área de Concentração em Ciências Sociais.

TESE APROVADA EM 05/07/2024

Documento assinado digitalmente  
 EDSON MIAGUSKO  
Data: 05/07/2024 15:25:05-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Edson Miagusko. Doutor, UFRRJ (Orientador)

Documento assinado digitalmente  
 ROSANA DA CAMARA TEIXEIRA  
Data: 05/07/2024 17:14:36-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Rosana da Câmara Teixeira. Doutora, UFF

Documento assinado digitalmente  
 ADRIANA DOS SANTOS FERNANDES  
Data: 08/07/2024 13:02:36-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Adriana dos Santos Fernandes, Doutora, UERJ

Documento assinado digitalmente  
 MARCO ANTONIO PERRUSO  
Data: 08/07/2024 19:04:25-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Marco Antonio Perruso, Doutor, UFRRJ

Documento assinado digitalmente  
 FLAVIA BRAGA VIEIRA  
Data: 08/07/2024 19:50:28-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Flávia Braga Vieira, Doutora, UFRRJ

## DEDICATÓRIA

Aos suados, descamisados, às vozes roucas. Chorosos, raivosos, histéricos. Inebriadas, excluídas, saudosos. Aos violentos, calmas, pacíficas. Aos que foram guerra e soçobram paz. Aos ajoelhados em comemorativa caminhada; os contentes em coro. Às levadas por; eis que agora são para. Aos frementes, descrentes. Fracos, firmes, violentados, violentadas. Aos desconhecidos abraçadores, beijoqueiros. Aos que não estão mais por lá. Aos que não estão nem aí, a menos que seja futebol, “aquele abraço”!

## AGRADECIMENTO

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. A lista seria grande. Talvez ocupasse grande parte do texto desta produção, talvez algumas arquibancadas do velho *Maraca*, ou a *Geral* inteira. Mas necessário é o resumo, a síntese. Portanto, este trabalho não seria possível – em todos os sentidos – sem a humanidade do Professor Dr. Edson Miagusko, meu orientador. Esteve sempre presente, em período integral, durante todo esse tempo – inclusive nas conturbações pandêmicas – cumprindo aquilo que a ciência social lhe outorgou duplamente, o profissional sociólogo e um sociólogo humano. Ante os desafios de uma pós-graduação os vínculos familiares tornam-se secundários dentro de uma escala de produção, nunca no sentimento. Agradeço a um pai operário, uma mãe trabalhadora domiciliar e os avós migrantes. Sem eles e suas lutas não teria chegado até onde queria, mas não imaginava possível. Também a companheira Marciany desde os anos da graduação tem suportado sonhos, angústias e sucessos; tantas renúncias até esta fase. Outras virão. A Helena, que sem compreender o trabalho, entende o processo. Das ausências, resultam os retornos. “Pai, o que é Maracanã?”. Aos amigos Davi Queiroga, Ivy e Beatriz Chaves (*in memoriam*), suportes na distância. Agradecimentos ao PPGCS/UFRJ pelo acolhimento, FAPERJ e CAPES pelo apoio financeiro. Aos colegas de turma, companheirismo distante, mas essencial durante as duras fases enfrentadas. Em especial ao amigo e sociólogo rubro-negro Alisson Lemos. A todos e todas que participaram deste trabalho, dispondo de precioso tempo e exposição de suas lembranças e memórias. Por último, mas não menos importante, a todos os professores e professoras que assinaram essa trajetória; do início nas escolas públicas até o presente momento. Em especial: Dona Roseli de Souza Alves – diretora implacável em zelo e afeto com seus alunos, professores e por todo CIEP 295 – grande incentivadora e por vezes, financiadora dos sem condições. Vanei Azevedo, companhia e incentivo sem igual. Professores Marco Aurélio e Mauro “*Ed Motta*”, por mostrarem a paixão pela história dos livros e pela do cotidiano, *tudo era história!* Professores Flávia Lages, Edson Teixeira e Victor Chaves, a graduação deveria ser somente o início, como indicavam. Por fim, professora Silvia Fernandes e novamente professor Edson Miagusko, sociólogos ímpares em produção e afeto.

“*Nenhum dever é mais importante que a gratidão*”  
Cícero

## RESUMO

CLEMENTE, Rafael Willian. **Alô torcida do Flamengo, aquele abraço! ” Memórias do “Maraca” entre torcedores rubro-negros: uma sociologia do espaço do torcer.** 2024. 244p Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2024.

O Clube de Regatas do Flamengo é uma instituição de relevância histórica da cultura esportiva no Brasil. Seja pela expressão dos seus títulos ou por ser um dos clubes de maior torcida, o rubro-negro se relaciona com as conjunturas sociais. Da complexa relação apaixonada de identidade clubística ou por uma descompromissada simpatia, sua torcida, espalhada pelo território nacional, ganhou o *status* na crônica esportiva de ser o seu principal troféu, seu patrimônio. Ela compõe um mosaico de vasta tessitura social e econômica e foi afetada desde os processos preparativos do Rio de Janeiro, para os grandes eventos esportivos (Copa do Mundo e Olimpíadas) até a inesperada crise sanitária do Covid-19. Em conjunto com esse grupo de pessoas, denominadas torcedores, está uma das principais paisagens da cidade do Rio de Janeiro, o estádio do Maracanã. Este trabalho se localiza nessa conjunção. Tem por objetivo indicar a atuação dos torcedores rubro-negros, com foco nas práticas de torcer no estádio do Maracanã, no contexto das transformações sócio-econômicas e urbanas do Rio de Janeiro no período pré-pós megaeventos (2014-2016). Para isso, trabalhamos com a incursão no campo de pesquisa à partir de uma etnografia do “*estar lá*”. Realizamos a observação dos dados com uma pesquisa em movimento, ou seja, estando próximo a torcedores e torcedoras, tanto partindo do estádio quanto, sendo ele, um fim último. Como recorte, determinamos torcedores e torcedoras não associados a agremiações e/ou grupos organizados. Ou seja, nas arquibancadas conhecidos como “povão”. Foi esse o grupo que serviu de base para analisar as histórias e memórias em torno do Maracanã e dos modos de torcer pela cidade ao longo desse tempo. Percebe-se então a ruptura de processos sociais e econômicos; a gentrificação, a proibição do uso pela barreira do dinheiro; mas também a ressignificação, reconstrução, de outros processos, pelos agentes torcedores nestes espaços reconfigurados pelas políticas neoliberais, que direcionam seus projetos para a otimização dos ganhos no rearranjo de espaços urbanos e os impactos da transformação de torcedores em consumidores.

Palavras-chaves: Maracanã, Flamengo, Torcida.

## ABSTRACT

CLEMENTE, Rafael Willian. **Alô torcida do Flamengo, aquele abraço! ” Memórias do “Maraca” entre torcedores rubro-negros: uma sociologia do espaço do torcer.** 2024. 244p Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2024.

The Clube de Regatas do Flamengo is an institution of historical relevance to sports culture in Brazil. Whether because of the expression of its titles or because it is one of the clubs with the biggest fans, the red and black team relates to social situations. From the complex passionate relationship of club identity or uncompromising sympathy, its fans, spread across the national territory, gained the status in the sports chronicle of being its main trophy, its heritage. It makes up a mosaic of vast social and economic fabric and was affected from the preparatory processes in Rio de Janeiro, for major sporting events (World Cup and Olympics) to the unexpected Covid-19 health crisis. Together with this group of people, called fans, is one of the main landscapes of the city of Rio de Janeiro, the Maracanã stadium. This work is located in this conjunction. It aims to indicate the actions of red and black fans, focusing on the practices of cheering at the Maracanã stadium, in the context of socio-economic and urban transformations in Rio de Janeiro since the 1990s and in the pre-post mega-event period (2014- 2016). To achieve this, we work with an incursion into the field of research based on an ethnography of "*being there*". We observed the data with research on the move, that is, being close to fans, both leaving the stadium and being the stadium, an ultimate end. As a sample, we determined fans not associated with associations and/or organized groups. In other words, in the stands known as "*povão*" this was the group that served as the basis for analyzing the stories and memories around Maracanã and the ways of supporting the city throughout that time. One can then perceive vast disruptive socio-economic processes, such as gentrification, but also the resignification by fan agents in spaces reconfigured by neoliberal policies that direct their projects towards optimizing gains in the rearrangement of urban spaces and the impacts of the transformation of fans into consumers.

Keywords: Maracanã, Flamengo, Football Fans.

## **LISTAS**

ALERJ – Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro

ANATORG – Associação Nacional das Torcidas Organizadas do Brasil

CBD – Confederação Brasileira de Desportos

CBF – Confederação Brasileira de Futebol

CDD – Cidade de Deus

CRF – Clube de Regatas do Flamengo

CSS – Cruzada São Sebastião

FERJ – Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro

FIFA - Fédération Internationale de Football Association

JS – Jornal dos Sports

RRN – Raça Rubro Negra

SUDERJ – Superintendência de Desportos do Estado do Rio de Janeiro

TJF – Torcida Jovem Fla

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b>	1
Prancheta técnica. Ou desenhandando o esquema tático	1
Aquecimento. Uma breve justificativa pessoal	5
Olhando o campo. O senso (comum) de um Arquibaldo	7
Minutos iniciais. A insipiente construção do campo	8
Onde a bola rola. O campo como lócus	14
<b>1. O Estádio Municipal ou Maracanã. O torcer entre o passado e presente em breves questões do campo</b>	17
1.2 Construir um estádio. Uma Copa como incentivo, os jornais como defensores	24
1.3 Surge o <i>Colosso do Derby</i> . O <i>Jornal dos Sports</i> e <i>O Globo</i> em campanha	29
1.4 A Copa do Mundo de 1950. O primeiro evento do Gigante	66
1.5 A derrocada de um projeto nacional ou o surgimento do “país do futebol”?	66
<b>2. Um tempo técnico em campo. Ou o (necro)futebol pandêmico e as estruturas do poder</b>	72
2.1 Rola a bola. Alteração do <i>modus</i> do torcer ?	80
2.2 O Maracanã antes dos megaeventos. “Tempos áureos” (?)	89
<b>3. Modernizações (?) no estádio: o retorno a Terra Seca e a era dos megaeventos</b>	98
3.1 O Pan-Americanos de 2007 e a primeira reforma substancial	101
3.2 A Copa do Mundo de Futebol e o <i>New Maracanã</i>	103
<b>4. “Alô, torcida do Flamengo!” Vivências e memórias no Maracanã. Entre o “velho” e o “new”</b>	121
4.1 Vivências pela cidade. Breves considerações sobre a memória e a história	123
4.2 Vivências pela cidade, vivências no estádio. Dos anos 1990 ao tempo presente	125
<b>5. Conclusão</b>	219
<b>6. Referências Bibliográficas</b>	224
<b>ANEXOS</b>	234
<b>A - Tabelas</b>	234
<b>B - Figuras</b>	235

# INTRODUÇÃO

Prancheta técnica. Ou desenhando o esquema tático.

Este trabalho foi construído sobre uma tríade: o estádio do Maracanã, um grupo de indivíduos – torcedores – e a cidade do Rio de Janeiro, estendida, também, à sua região metropolitana. Assim, temos um *lócus*, espaço-motivo de interação de indivíduos, e estes em sua vivência nesse mesmo espaço bem como em seus deslocamentos pela *urbe* em suas diferentes regiões e territórios. Para tanto, uma das formas de encontrar esses indivíduos era se colocar junto a eles em movimento pela cidade. Ora em observação distante, ora como parte indireta, mas participante do processo, o olhar para as atuações de coletivos e indivíduos isolados ocorreu como uma espécie do *flâneur* de Walter Benjamin. Estar entre torcedores, caminhando pelos espaços urbanos, com suas várias mobilidades<sup>1</sup> e numa complexa tessitura das ruas, assumindo a interpretação de observador, por diversas vezes, mais do papel de cronista que de filósofo das paisagens e personagens<sup>2</sup> da cidade.

As primeiras pretensões eram as de realizar juntamente a uma etnografia do lugar e seus personagens uma análise mais profunda dos aspectos socioeconômicos desses agentes do torcer. O objetivo, com isso, seria levantar os perfis das relações acesso-consumo, torcedores-futebol (sendo este a mercadoria). As dificuldades de ajustar metodologias distintas no bojo das perspectivas quantitativas (dados econômicos dos torcedores) e qualitativas (os modos do torcer), inviabilizaram a pesquisa por esse caminho. Por motivos que serão expostos ao longo dessas linhas, muito do que fora planejado ao longo do mapeamento de campo não pode ocorrer. Os limites do imponderável se apresentaram ao longo dos anos do curso. Optamos, então, pelo caminho da etnografia e as análises qualitativas de um campo que se abriu conforme adentrávamos nele. Desse modo, seguimos o curso de um campo de pesquisa fluido, ou melhor dizendo, não estático. Um campo interativo e permanentemente mutável, do ponto de vista de seus personagens e objetos. Com adaptações, traçamos técnicas de campo em busca de

---

<sup>1</sup> Balbim (2016, p.23) reitera que as mobilidades são várias. Assumem tanto um caráter geo-espacial, mas também sócio-econômico. Sendo assim, “estão ligadas à divisão social e territorial do trabalho e aos modos de produção, que configuram o espaço – tanto social quanto territorial, em suas múltiplas escalas –, o que implica ao homem moderno o aprofundamento da vida de relações, inclusive com os objetos”.

<sup>2</sup> Benjamin apud Gall, p.35.

conseguirmos extrair o melhor possível de dados; nesse caso as histórias, lembranças, vivências de determinados personagens, torcedores e torcedoras.

Para tal nos valemos de trabalhos de campo com entrevistas abertas e observações participativas e não participativas, neste caso com as descrições das cenas que encontrávamos. Tudo isso só foi possível após o cenário de suspensão das atividades pela pandemia do Coronavírus. Por esse motivo, entrevistas foram realizadas de modo virtual, assim que essa técnica de abordagem começou a se consolidar como uma forma de contato viável. Logo, poderíamos dizer que nosso campo se dividiu em presencial e *on-line*. Para tanto, uma rede de contatos estabelecidos anteriormente foi acionada. Eram torcedores e torcedoras com as quais haviam trabalhado durante as pesquisas para a dissertação, entre 2014 e 2016. Em muitos casos me serviram como “ponte”, pois estavam fora do grupo que pretendíamos pesquisar. Outros estavam aptos a este recorte. E qual seria? Desejávamos pesquisar um grupo mais amplo, com torcedores dos quatro clubes cariocas em maior evidência. Porém, as condições do tempo e as sanitárias já exposta nos levaram a recortar para um único clube; em tese seria mais viável para organizar a incursão ao campo. E o campo seria o que se habituou chamar de “o templo do futebol”. O estádio do Maracanã. Mas o campo de observação não se restringiu as partes de concreto que formam o estádio, mas era, justamente as relações criadas à partir dele. Portanto, o campo era fluido e de fundo relacional entre os indivíduos que para ali se dirigiam e dali partiam. E esses indivíduos, personagens de vivências no universo do futebol, no estádio do Maracanã, na cidade do Rio de Janeiro foram separados em categorizações e buscamos ter contato com aqueles e aquelas que não faziam parte de agremiações, movimentos e núcleos organizados de torcedores. O povão! Pessoas as quais as relações de paixão e sociabilidades estão “restritas”, em certo sentido, com a instituição clubística, o time, não passando por outras mediações minimamente institucionalizadas e capazes de influenciar diretamente no *modus* do torcer.

Definidos os personagens e o *lócus* da pesquisa, buscamos entender como se deu o surgimento desse *lócus*. Dado o grande valor simbólico que esse espaço parecia ter na vida social, compreendíamos importante analisar o surgimento no tempo desse aparelho esportivo. Ele não é uma “maravilha natural”, mas construída por ideias e mãos, alterou por completo a dinâmica social da cidade do Rio de Janeiro. Daí o primeiro capítulo do trabalho ser uma observação do surgimento do estádio do Maracanã sob a ótica de dois jornais da época. O *Jornal dos Sports* e *O Globo*. As pesquisas em seus arquivos nos permitiram acompanhar uma série

de debates acerca do que representaria um estádio monumental na cidade. Foram 38 edições do *JS* analisadas em reportagens de capa e no interior do periódico da época que traziam a construção do estádio em alguma evidência. Sua grandiosidade trazia o anúncio das políticas implementadas pelo poder público e propagandeadas por setores privados, que visavam a demonstração de uma suposta era de modernizações no espaço urbano com construções e industrializações.

Entre 1947 e 1950 ambos os periódicos dedicaram páginas, capas e edições à defesa da construção de um estádio magno na cidade do Rio de Janeiro. Criticaram seus oponentes, realizaram enquetes e reportagens que buscavam o convencimento de uma parcela da sociedade, incluindo aí a classe política do então Distrito Federal, que a obra era necessária para a afirmação do Brasil como uma nação grandiosa. Reverberava a política varguista de 1930 e nacionalismo, o civismo e patriotismo eram mais que meros conceitos. Eram política adotadas tanto pelos setores públicos e quanto por uma parte do empresariado brasileiro que encarava aí uma visão de sociedade desenvolvida, civilizada. Os “donos” de jornais e meios de comunicação, em geral detinham uma postura privilegiada ao reverberar suas concepções para um grande número de pessoas. Logo, um estádio colossal, gigantesco em suas proporções, conotava a potencialidade de um país que já visualizava no horizonte o processo de industrialização urbana.

Dando um salto histórico no tempo, mas mantendo a análise sobre o mesmo espaço, chegamos ao capítulo dois. Em tempos normais a pesquisa se desenrolaria de forma a comparar os modos do torcer no estádio de outrora – e aí recordaríamos para a década de 1990, onde em nosso entender, se inicia um período de sucateamento da coisa pública, que em nosso caso, o Maracanã e toda a sua estrutura administrativa capaz de mantê-lo em pleno funcionamento. Aqui alinhado com o processo tácito do liberalismo que detona o público em detrimento do privado, na falsa impressão política que prega que tudo que é público é ruim, ultrapassado e corrompido, enquanto o privado é benéfico, atraente, moderno e eficaz. Com o início da pandemia do Coronavírus no ano de 2020, essa proposta de trabalho deixou de ser viável. Tivemos, portanto, que adaptar o campo. Além de uma análise do desenrolar dos processos políticos em torno da paralização do futebol carioca, bem como o seu retorno, ele apresenta um breve movimento dos clubes e torcedores em torno do contexto pandêmico do futebol. Algumas entrevistas remotas que aparecem ao longo do trabalho, foram realizadas naquele período e algumas outras em espaço de tempo distinto, mas que guardavam os resquícios e os receios da

pandemia. E é esse o tema do dito capítulo. Ele é quase um apêndice, um enclave. Mas o entendemos como necessário ou mais que isso, parte da trajetória que nos foi imposta por esse flagelo mundial. Aliás, não somos juízes do jogo!

O Terceiro capítulo trata de uma breve análise do Maracanã pré-megaeventos, ou necessariamente pré Copa do Mundo de 2014. Se a construção de um estádio gigantesco, como o antigo Maracanã, representava um aceno à “modernidade”, sua reconstrução para os grandes eventos anuncjava, outra vez, a entrada da cidade e do país em um novo círculo de plano moderno. Em distintas épocas históricas e guardadas as devidas proporções de conjuntura socioeconômicas a promessa da cidade moderna seria anunciada pelo espectro esportivo.

Chegamos então ao quarto capítulo. Este é dedicado aos torcedores do Flamengo e sua vivência no *lócus* do torcer entre os períodos pré e pós as reformas do Gigante do Maraca para a Copa do Mundo de 2014. Como exposto anteriormente, necessitávamos realizar um recorte do que seria nosso público de torcedores. O tempo era relativamente curto e considerando os torcedores dos quatro clubes de maior utilização do espaço-motivo e de maior relevância no cenário carioca o campo se tornaria consideravelmente amplo e inviável. Optamos, então, pelos torcedores do rubro-negro da Gávea também pelas construções simbólicas que foram se edificando ao longo da história para com essa torcida/clube. A pecha, a troça, o demérito, fazem parte do processo social de vivências no universo do futebol, presentes nas arquibancadas desde que os primeiros torcedores e torcedoras se posicionaram à beira de um gramado para acompanhar um *match*. Porém a rotulagem pejorativa, o preconceito social, e a aniquilação violenta também adentraram o campo. Logo, em maior ou menor medida muitos clubes de relevância no cenário foram afetados por esses processos de sociabilidades e conflitos. No Rio de Janeiro o Clube de Regatas do Flamengo teve a si atrelados direcionados à sua torcida vários rótulos da escassez econômica e da pobreza intelectual. O objetivo não era confirmar ou contrariar com parâmetros numéricos ou discursivos tais montagens, mas *estar ao lado de e entre uma* categoria de torcedores e torcedoras que não estavam contemplados no processo do espetáculo contemporâneo ou que, ao estarem presentes, estavam alijados do processo como um todo, aí sim no sentido numérico e quantitativo de participações.

Este capítulo, onde se concentra mais o campo, dialoga em partes com o capítulo dois, pois, esses personagens, ao menos parte deles, atuaram como torcedores em estilo remoto durante a fatídica pandemia. Nele descrevemos as observações do campo – literalmente – de pesquisa, quando está foi possível naquele processo prático de uma etnografia do “estar lá”. As

entrevistas tinham como objetivo perceber as construções de memória desses atores e suas relações com o estádio – em suas versões geo-espaciais, econômicas, culturais, sociais. Ou seja, afetado o espaço, sua economia, bem como a política objetiva do acesso – via precificação – como esses atores se inseriam ou se ausentavam dessa dinâmica. Na transcrição das mesmas, optamos por não alterar o discurso em sua forma original. Entendemos que o contexto, de alguma maneira, poderia ser alterado; ou ao menos incorreríamos no risco de isso acontecer, fosse o caso de optar por aquilo que se entende pelo discurso formal. Ou seja, em alguns casos, a concordância e a utilização de pronomes segue o que foi dito. Por fim, a intenção maior era dar voz aos “invisíveis” e às suas histórias, ou àqueles e àquelas que foram apartadas para as fímbrias não só da sociedade – muitos e muitas já estavam nelas –, mas também do espetáculo cultural que é o futebol.

#### Aquecimento. Uma breve justificativa pessoal.

Foi entre os anos de 2011 e 2012 que o universo do futebol como objeto de estudo se apresentou. Recém-saído da graduação em História e ingressando na especialização em História do Brasil, pude assistir a uma aula onde o professor versava sobre panoramas históricos da República. Num desses vetores, estava em perspectiva a construção histórica das tradições simbólicas e suas instituições república. Para a minha surpresa, o pano de fundo – ou seria o objeto principal (?), era um clube de futebol da cidade do Rio de Janeiro. O Clube de Regatas do Flamengo. No intervalo da aula, tivemos uma boa conversa com o professor. O Maracanã, as torcidas, o futebol.

O estádio do Maracanã já não era o de outrora. Ensaiava seus passos para a *arenização* que hoje, torna estádios de quase todos os cantos do mundo semelhantes em muitos aspectos; retirando suas particularidades e influenciando os modos de torcer e mesmo as formas de jogar dos atletas.

Daquela aula em diante passaria a olhar um simples jogo de futebol de forma diferente. Torcer para um clube ganhou uma nova perspectiva, assim como frequentar um estádio de futebol - dos consagrados templos da bola e seus profissionais da pelota, aos campinhos de bairro e seus amadores de fim de semana, tudo tendia a merecer uma observação. Assumia, antes mesmo de ter um contato mais profundo com as Ciências Sociais, um involuntário olhar mais sócio antropológico sobre as situações de campo; o comportamento das torcidas, seus símbolos, sua presença-ausência, as disputas e rivalidades internas e externas, seus

deslocamentos pelas cidades e entre cidades, seu comportamento agressivo enquanto grupo disperso ou massa organizada, também uma certa fragilidade do discurso simbólico da guerra – muito presente nas torcidas chamadas *jovens*<sup>3</sup>. Tudo isso, observava, sem muita elaboração teórica, sem muita leitura sobre aquele universo. O esporte como objeto de estudos ainda não possuía muitos adeptos no sul do estado. Afora nas graduações em Educação Física, onde importantes pesquisadores da capital chegaram a atuar<sup>4</sup>, o tema era tímido, ou mais voltado para as análises da prática esportiva em si.

Neste mesmo Programa de Pós-Graduação, onde por ora apresento este trabalho, dissertei sobre o estádio do Maracanã. Tentava perceber suas transformações geo-espaciais e a impactação no modus de torcer, sob a perspectiva dos grandes eventos de 2014/2016 na cidade do Rio de Janeiro. Sugeriria haver dois lugares distintos sendo observados. Um velho Maracanã e um *New Maracanã*<sup>5</sup>. Mas, e seus personagens, em que medida poderiam ter sido afetados por aquelas mudanças que pareciam tão bruscas em termos de modificação espacial. Seriam novos, velhos personagens? Havia apreciado as modificações? Estavam inseridos na cultura daquele “novo” monumento encravado no velho lugar? Aquelas transformações em aparência levavam às quais mudanças nos processos da vivência e das sociabilidades?<sup>6</sup> De que forma impactavam na vida de um sem número de torcedores? Algum grupo estava excluído do processo de

---

<sup>3</sup> Obra referencial nos estudos históricos sobre as torcidas *jovens*, “O Clube como vontade e representação” (2010), do historiador Bernardo Borges Buarque de Hollanda, traz a perspectiva da criação e consolidação das mesmas no cenário carioca.

<sup>4</sup> Caso de Vitor Andrade de Melo na faculdade de Educação Física da Fundação Oswaldo Aranha (Volta Redonda/RJ).

<sup>5</sup> Assim como “legado”, o termo “novo” fora muito utilizado pelo governo municipal do Rio de Janeiro à época, principalmente, das Olimpíadas de 2016. Seu simbolismo para além da finalidade, está associada à categoria modernizante, de superação de um possível atraso da sociedade como um todo e do aparelho esportivo em si. No sítio da web da empresa carioca de turismo, a RioTur se encontra esta explanação sobre o estádio Mario Filho: “The new Maracanã (grifo nosso) has been modernized and today fills international security items, logistic and sustainability. The use of solar energy and rainwater collection, reused in the 292 bathrooms and 4 dressing rooms, are important measures of economy and responsibility. More 360 security cameras keep the surveillance permanent of the stadium, that received two new ramps of access, besides the traditional Bellini and UERJ, beyond 12 escalators and more elevators, today, the total number is 17 of it.” Maracanã Stadium. **RioTur**. Disponível em: [https://riotur.rio/en/que\\_fazer/maracanastadium/](https://riotur.rio/en/que_fazer/maracanastadium/). Acesso em: 12 fev. 2022. Vide Figura 4.

<sup>6</sup> Georg Simmel (2013) nos demonstra que as formas de “afetos, sentimentos, matérias da vida não são sociáveis em si. Se transformam em coisas e fatores sociáveis quando agregadas em formas específicas de impulso, interesse e etc.” São dessas formas de vivências relacionais que brotam as sociabilidades, inclusive os conflitos, com o outro, pelo e para o outro.

participação, tendo em vista as muitas questões econômicas que se colocavam à frente daquele processo de “modernização”<sup>7</sup>?

Olhando o campo. O senso (comum) de um Arquibaldo.

Diante de algumas dessas questões me pus a refletir sobre o tema a fim de viabilizar uma hipótese de pesquisa. O espaço a ser observado estava ali posto, era o estádio do Maracanã. Mas ele por si só já não era suficiente. Seria necessário recheá-lo, preenche-lo de personagens. Ali estariam os torcedores. Mas quais? O universo de categorizações é vasto e seria preciso delimitar tecnicamente a fim de também viabilizar metodologicamente. Então, me vali de uma questão das arquibancadas que sempre me foi incômoda. Ainda não era uma hipótese de pesquisa, mas uma primeira auto provocação para iniciar o esboço de um tema. Um caminho muito embrionário seria, as representações do menosprezo violento direcionadas ao oposto. As provocações no território do torcer, local onde os opositos se ofendem com naturalidade categórica. As formas do olhar o diferente, aqueles que por conflito na categorização representacional e de identidade se fazem “piores” que os semelhantes. Mas isso era tão somente um *insight* embrionário na percepção de quem eu gostaria de observar no *lócus* do torcer. Logo, dos vários momentos de arquibancada me chamava atenção a torcida do Clube de Regatas do Flamengo. As construções simbólicas do discurso direcionados a ela me pareciam mais ásperas que a outras torcidas, ao menos de onde eu observava.

Eu não sou rubro-negro (La Bamba - Trini Lopez)

Eu não sou rubro-negro,  
Eu não sou ladrão,  
Não sou ladrão, não sou ladrão!  
Eu não sou vascaíno,  
Eu não vendo pão,  
Não vendo pão, não vendo pão!  
Eu não sou Botafogo,  
Eu não sou chorão,  
Não sou chorão, não sou chorão!<sup>8</sup>

---

<sup>7</sup> O termo nos parece propício, ao menos em termos de didática, para explicitar as predileções de agentes públicos e privados quanto a melhorias em determinada área a fim de superar um considerável “atraso”. Em termos teóricos necessitariam demarcar na conjuntura sócio histórica de cada tempo o que se entendeu por “moderno” no período, além de demonstrar o que se almejava conseguir, bem como ao que se visava superar. Não é uma tarefa das mais simplórias. Faremos isso, na medida do que nos for necessário e possível, ao longo do trabalho.

<sup>8</sup> Disponível em: <[https://www.facebook.com/youngflu.oficial/?locale=pt\\_BR](https://www.facebook.com/youngflu.oficial/?locale=pt_BR)> Acesso em 5 ago. 2022.

O exemplo acima ilustra bem as categorias construídas à partir de uma representação simbólica. Enquanto o agente *vascaíno* está associado ao “pão” e a categorização “padeiro”, “comerciante”, que remonta às origens históricas das raízes portuguesas do cruzmaltino da Colina e *botafoguenses* a “chorão” – pelas cenas de choro do presidente do clube e jogadores após a perda do título de 2008 da Taça Guanabara para o Flamengo, o agente *rubro-negro* está associado a categorização “ladrão”.

Todas essas adjetivações (pão-padeiro, choro-chorão) estão inseridas num aspecto simbólico negativo do significado. Todavia, somente a que se refere aos flamenguistas explicita uma categorização de menosprezo que se refere a um constructo do dano social (roubo-ladrão). Assim como em outros cantos e provocações das arquibancadas, a conotação a um time formado pelas classes menos favorecidas economicamente e suas frações, como em “favela” e “molambo”, são construções do discurso e não representações sociais fiéis das estratificações econômicas de uma sociedade ou grupo<sup>9</sup>. Porém, essas significações rotulares impostas na rivalidade totêmica<sup>10</sup>, foi uma das questões que me levaram aos rubro-negros como atores para observar a participação de torcedores no estádio do Maracanã.

#### Minutos iniciais. A insipiente construção do campo.

Poderíamos dizer que o futebol é um dos esportes onde há um grande aparato de significações totêmicas. As identificações, representações, e as rivalidades entre grupos e “tribos” são algumas de suas formas. No Rio de Janeiro a rivalidade entre os clubes Flamengo e Fluminense em suas torcidas muito se deu pela tradição construída à partir do binômio clube de massa e clube das elites. Situação já posta em cheque por vários estudos acadêmicos. Costa

---

<sup>9</sup> Mais à frente trataremos desse discurso simbólico, sua apropriação e seu refazimento por uma parte de torcedores. Os termos citados são direcionados pelas torcidas adversárias à torcida rubro-negra, principalmente nas derrotas. A subversão do significado do termo, a partir da apropriação pela própria torcida ocorre, de modo que há uma tentativa, diríamos um embate entre as partes, de gerar um ressignificado simbólico. Figura 5 (Vai ter festa na favela) demonstra o recado das arquibancadas com a ressignificação do termo. Foram realizadas entrevistas – abordadas no Capítulo 2 deste trabalho que demonstram esse processo de ressignificação dos símbolos e rótulos de distinção social impostos no discurso do torcer.

<sup>10</sup> Durkheim (1968, p.162) promove um entendimento sociológico sobre as classificações dos grupos sociais a partir do totemismo e uma vasta forma de similaridades – a promover atração entre – e oposição – geradora de repulsa.

(2006) e Coutinho (2013), por exemplo. Contudo, como construção histórica que permeia as mentalidades na longa duração, o “time do povo” e o “time fidalgo” ainda sombreiam o imaginário popular<sup>11</sup> torcedor. Não menos importante para a formação dessa rivalidade, o fato de o primeiro *scratch* do futebol, do então Clube de Regatas do Flamengo vir do Fluminense Football Club. Numa rusga entre os jogadores titulares do tricolor com seus dirigentes, os atletas rompem com o clube das Laranjeiras, inaugurando o departamento de futebol rubro-negro no fim de 1911<sup>12</sup>.

Uma outra questão técnica, embora não menos importante, foi porque, dentro de um grupo com o qual tive aproximação durante a pesquisa para minha dissertação, havia um grande número de torcedores do Clube de Regatas do Flamengo, com os quais poderia refazer o contato, abordando as questões de interesse para este momento da vida acadêmica. À época, realizei entrevistas abertas como membros de facções do interior do estado e também com torcedores sem filiação com grupos organizados, aos que se denominam muito comumente como “povão”<sup>13</sup>. Na ocasião, acompanhando uma caravana do sul do estado para o estádio radialista Mario Helênio (MG) num ônibus fretado pela organizada *Jovem*, que na ocasião estava descaracterizada - sem indumentárias que identificasse seus membros como facção organizada – adentrando à cidade de Juiz de Fora, fomos abordados pela polícia militar mineira e seu grupamento de Choque<sup>14</sup>. Ao que dois policiais adentraram, grande parte dos que ali estava começaram a gritar: “é povão”, “é povão”. Tão logo o policial conferiu os primeiros bancos, se contentou com a abordagem e liberou o ônibus para seguir até o estádio. Um líder

---

<sup>11</sup> Durkheim ao relacionar a identificação dos símbolos aos grupos sociais, suas relações de oposição e conflitos menciona a dificuldade de se “compreender sempre a obscura psicologia que presidiu a muitas (...) aproximações ou distinções.” (idem, p.163). Nos valemos dessas interpretações do sociológico para compreender as posturas totêmicas em relação ao futebol como um todo e às torcidas em particular.

<sup>12</sup> Para mais ver Castro (2012) e Pereira (2000).

<sup>13</sup> O termo, como é utilizado pelos torcedores – organizados ou não para se identificarem, é nativo das próprias arquibancadas do Rio de Janeiro. Diferencia os membros de facções e grupos organizados daqueles sem o viés associativo de uma agremiação que está sob a identificação clubística.

<sup>14</sup> O referido Batalhão de Choque (BPChq) tem sede administrativa na capital de Minas Gerais, Belo Horizonte. É o responsável por acompanhar e promover a ordem tanto em jogos de futebol quanto em grandes eventos pelo estado. Foi implantado em 1980 para enfrentar “protestos e greves no final da década de setenta” de setores do operariado metalúrgico e da construção civil belorizontina. Não muito diferente do Batalhão de Choque carioca, suas principais indumentárias consistem em capacetes semiabertos – antichoque -, longos cassetetes de madeira maciça, escudos acrílicos pretos com a palavra “Choque” em destaque branco, além de materiais de dispersão de população, como bombas de gás de efeito e spray lacrimogêneos.

da caravana me explicou, posteriormente, que as pessoas de maior idade foram postas nos primeiros assentos do ônibus, deixando a parte de trás para a festa juvenil, de modo a descharacterizar aquela excursão como feita por uma organizada jovem. Isso já evitaria alguns problemas de abordagem e vistorias no interior do ônibus. Gerando principalmente, apreensões de materiais considerados “perigosos” ou impróprios. Pois, segundo ele, assim, a torcida poderia passar mais desapercebida pelas autoridades policiais. Na mesma ocasião, ao descermos do ônibus, nas intermediações do estádio, um torcedor que estava no segundo banco à esquerda, puxou conversa. Ele estava na caravana por não ter conseguido se deslocar de condução própria para a cidade mineira.

Você que é o professor que está aí? Quase sobra gente, hein! Polícia sabia que tinha coisa ali. Não sabia? Esses meninos aí, ó, tudo sem cabeça. Drogas, bebida. Só vim com eles porque é mais barato que vir de carro. Mas olha a encrenca que eles arrumam.<sup>15</sup>

Perguntei se ele já havia presenciado algo que lhe motivasse a evitar os grupos jovens de torcedores organizados.

Ah, nunca vi, não. Mas nem precisa. Sempre tem droga, bebida, gera briga, confusão. Torcida é bonito só na arquibancada e mesmo longe. Não fico nem perto, não. Nem gosto. Meu filho começou com esse papo. Eu cortei logo. Tem viciado, bandido. Acho que o time fica por último. Prefiro ir pro lado do povão.

Dessa forma, a fim de organizar o recorte do público que almejaria tornar personagens do objeto de pesquisa, me ative aos denominados como “povão”. Uma das razões é a grande produção acadêmica que trata das torcidas e torcedores organizados. Uma vasta bibliografia, com as mais diversas abordagens, vem sendo produzida sistematicamente no macro campo das ciências humanas e sociais. Destacando-se os vetores da violência urbana e o movimento das organizadas como personagens, o *hooliganismo*, as questões geracionais torcedoras e de gênero os novos movimentos e as circularidades culturais nas formas do torcer, o viés econômico do futebol contemporâneo, relações de poder e etc. Não queremos dizer que o assunto esteja

---

<sup>15</sup> Na ocasião nenhuma ocorrência foi notada, tanto externamente quanto internamente.

esgotado, ou se tornou tema estreito para pesquisa, somente que tem sido trabalhado com maior ênfase que as relações não associativas nos grupos dispersos de torcedores. Embora haja campo de atuação nas chamadas torcidas organizadas, vislumbramos uma pesquisa, ao optar por esse recorte, que pudesse dar voz a um grupo que não sofre as possíveis benesses do associativismo<sup>16</sup>. Dentro desse grupo, por nós escolhido, ainda havia algumas subdivisões. Daríamos destaque àqueles e aquelas que por sua condição econômica no tempo e espaço do Rio de Janeiro sofreriam as consequências impostas pela “modernização” do aparelho esportivo, bem como as formas de mobilidade para o seu acesso. Suas formas de participação na dilatação do tempo histórico entre passado e presente, de modo comparativo, na mesma cidade em suas dinâmicas participativas, bem como ao direito à própria cidade do Rio de Janeiro.

As várias incursões de campo para pesquisa consistiam em abordar torcedores que não estivessem visualmente com qualquer indumentária capaz de relacioná-lo com alguma facção das torcidas organizadas rubro-negras. Logo, em princípio, este seria um torcedor, uma torcedora, “povão”, o que lhe traria para o nosso recorte pretendido. Abordado com uma primeira apresentação e uma questão geral, ela nos levava a uma segunda seleção. Em alguns casos, após este primeiro contato, o entrevistado mencionava sua relação com alguma torcida organizada. Embora, em todos os casos tenha continuado a entrevista e colhido o material, que será utilizado posteriormente, na maior parte, essas entrevistas não aparecerão neste trabalho; somente quando o tema abordado for mais importante que o recorte técnico metodológico.

---

<sup>16</sup> As relações das torcidas organizadas com o corpo burocrático das instituições clubísticas é um tema que de tempos em tempos ganha destaque na mídia esportiva. Durante a pandemia realizei uma entrevista *on-line* com um membro de uma torcida organizada do Flamengo, Jovem Fla abordando as manifestações “antifascistas” que muitos núcleos torcedores de diversas agremiações passaram a organizar em protesto contra as posturas de determinados governantes face à política aventada pelos mesmos. O membro, que à época ocupava um cargo voluntário no quadro administrativo da torcida, relatou que: “embora apoiasse a causa, não poderia dar as caras” porque “melaria a relação com os dirigentes do clube”, caso fosse identificado. A diretoria do rubro-negro manteve proximidade e alinhamento com as políticas governamentais da época, tanto na esfera estadual como na federal.

As entrevistas foram realizadas tendo como fim último, ou sendo o ponto de partida, o estádio do Maracanã<sup>17</sup>. Ao todo foram 128 entrevistas<sup>18</sup>, interações<sup>19</sup>. Dessas, 55 fazem-se presentes neste trabalho e ocorreram no trajeto de trem – linha Japeri-Central –, nos arredores do estádio, on-line e alguns jogos nas arquibancadas<sup>20</sup>.

Majoritariamente meus deslocamentos até o Rio de Janeiro se davam pelo trem da *Super Via*, utilizando a linha citada. Como morador do Sul Fluminense comecei a me utilizar desse meio de locomoção ainda no mestrado. Financeiramente mais viável que o transporte rodoviário, o “trem de Japeri” se mostrou uma possibilidade também de campo de pesquisa, ao menos uma parte dele. Guardava na memória vídeos televisivos de torcedores chegando ao Maracanã em dia de jogos pelo trem lotado. Ali realizei entrevistas com muitos torcedores e torcedoras, entre passageiros e trabalhadores da economia dos trilhos. Maciçamente moradores da Baixada Fluminense ou de arrabaldes da cidade<sup>21</sup>, muitos afetados pelo processo social degenerativo da gentrificação na cidade do Rio de Janeiro pós 2014. Também encontros fora do ambiente de jogo, como em alguns bairros da cidade e da região da Baixada Fluminense. Tudo isso só ocorreu, quando as políticas sanitárias de combate à pandemia do Coronavírus permitiram uma segura aproximação entre indivíduos e logicamente o retorno de público às praças esportivas<sup>22</sup>. As incursões no campo físico concentraram-se em quatro formas para a

---

<sup>17</sup> As incursões para o trabalho de campo presencial foram realizadas em dois períodos. Do segundo semestre de 2019 a início de 2020, e 2022 ao primeiro semestre de 2023.

<sup>18</sup> No texto transcrito de cada uma, tentamos transparecer a paisagem e as condições na qual elas ocorreram.

<sup>19</sup> Na Tabela 1 está exposta a divisão etária e por gênero dos/das entrevistadas. As idades estão classificadas a partir de uma ordem de grandeza cheia. Por exemplo, Rafael declarou 38 anos. Logo, ele será categorizado em 30+ e assim por diante.

<sup>20</sup> Uma das dificuldades de realizar pesquisa de campo, literalmente em campo, foi o valor dos ingressos. O ticket médio entre os anos de realização da pesquisa sofreu variações entre R\$ 30 e R\$ 80. Também deve-se levar em consideração o Programa de Sócio Torcedor rubro-negro, o qual, com o sucesso do time em várias frentes competitivas foi explorado como uma fonte de receita considerável à instituição, mas com acesso ainda aquém diante da massa torcedora. Financeiramente inviável frequentar um grande número de jogos no interior do estádio. Por isso a ampliação do campo para os arredores, como descrito.

<sup>21</sup> Conceito desenvolvido por (Santos, 2013) para o posicionamento de uma região para além do recorte geográfico, mas em relação às funcionalidades econômicas, políticas e culturais da cidade e do próprio lugar.

<sup>22</sup> Dedico um capítulo desse trabalho ao fato de toda a pesquisa ter sido atingida pela citada pandemia. Obrigando, inclusive, a suspensão dos trabalhos programados num primeiro momento e o refazimento e adequação do objeto numa abordagem do tema dentro dos limites impostos à época. Em que pesaram o isolamento e o distanciamento social sobre a sociedade brasileira, agravados pelas políticas de recusa e negação do governo federal, bem como um certo alinhamento do governo estadual – ao menos num primeiro momento – em questão ao combate e amenização dos efeitos catastróficos da circulação do vírus.

coleta de dados: entrevistas semiestruturadas e não-estruturadas (livre<sup>23</sup>), observação participante e não-participante. A depender do local onde realizava a abordagem, da abertura ao tema e do clima no entorno, a aplicação de uma ou outra forma de direcionamento se fazia mais apropriada. Em alguns casos de entrevistas semiestruturadas, o assunto se abrangia e se encaminhava para uma riqueza temática, em que retornar para os pontos predeterminados parecia inviável. Logo, ela descambava para uma entrevista livre, ao menos em termos, já que a temática seguia um mesmo fio condutor da pesquisa como um todo.

Realizamos uma etnografia do torcedor<sup>24</sup>, seu modo de torcer, sua presença-ausência no estádio do Maracanã - nosso *lócus* do torcer -, bem como do espaço do torcer em toda aquela circularidade de indivíduos – ao menos aquelas que conseguíramos perceber e descrever – na dinâmica dos deslocamentos daqueles corpos. O como, o porquê, o quem, o onde nos interessava. Aquelas personagens que haviam deixado suas casas no fim de semana ou em dias de semana, que após um dia de trabalho estavam ali para ver seu clube jogar, pagando um ingresso “salgado” – como alguns e algumas descreviam - gastando boas economias do mês em alguns minutos do espetáculo; também aqueles e aquelas privados do espetáculo em si, porque, apesar de serem rubro-negros, terem de trabalhar ao redor do estádio sustentando uma cadeia alimentar e econômica a fim de garantir a própria viabilidade da presença torcedora<sup>25</sup> naquele local. Como o caso de Diana (chamada de “Índia” pelo seu parceiro de trabalho, Alberto), moradora de Duque de Caxias, que em dia de jogos vende churrasquinho e bebidas nos arredores do Maracanã. Ela coordenava a grelha, comandava os pedidos, atendia à máquina de cartão e ainda me concedia sua atenção, respondendo com muito entusiasmo minhas questões. Ali eu estava não só no papel de pesquisador, mas era um consumidor de seus quitutes.

---

<sup>23</sup> Chamo de entrevista “livre” por não haver nela pontos específicos e engessados a serem trabalhados como perguntas predeterminadas. Os casos surgiam fluidamente sobre os assuntos futebol, Flamengo, Maracanã, Rio de Janeiro e se desenhavam para os pontos abordados nesse trabalho. As entrevistas semiestruturadas serviam como pauta para a abordagem, mas não eram suas repostas minha finalidade última.

<sup>24</sup> Para os fins propostos ressaltamos nosso tipo ideal de torcedor, já descrito anteriormente.

<sup>25</sup> Não é nosso objeto de pesquisa essa rede econômica informal que circunda os estádios de futebol. Porém, observamos que fazem parte da cultura do estádio, do futebol. Alimentam – literalmente – os hábitos comuns aos torcedores, que frequentam esses postos alimentares como forma de descontração, pontos de encontro para debater a atuação do time, antes e depois de cada partida. Os próprios alimentos vendidos ganham fama. Por exemplo, 3 hambúrgueres por R\$ 10,00. Sendo assim, esses atores também aparecerão nesse trabalho, levando em consideração sua relação com nossos objetos de pesquisa.

E [o ingresso] tá caro. É um absurdo. Vou nada. Aqui eu vendo minha cervejinha, meu churrasquinho e volto pra casa com um dinheirinho. Quanto *tu* paga numa cerveja la dentro? Aqui *tu* toma duas e ainda come um churrasquinho do bom.<sup>26</sup>

Índia estava com seu carrinho na rua Isidro de Figueiredo. Uma localidade movimentada em dias de jogos por ser reduto de torcedores que frequentam seus diversos bares antes das partidas. Um local privilegiado para observações participantes, para a coleta de dados bem como outros métodos e técnicas de pesquisa. Porém, vale ressaltar, em muitas das vezes o próprio tumulto gerado pela grande quantidade de torcedores aglomerados e em trânsito, passagens de automóveis pela rua Eurico Rabelo, policiamento ostensivo do BEPE/PMERJ (Batalhão Especializado de Policiamento em Estádios da Polícia Militar), principalmente nas rondas a cavalo, além do próprio espírito de festa tende a dificultar uma entrevista minimamente formal<sup>27</sup>. Ali estavam, portanto, os meus objetos de pesquisa. Imbricados. Time, torcedores e torcedoras presentes (ou ausentes?) naquele gigante de concreto circundado pelo Morro de Mangueira, a Universidade do Estado, o bairro da Tijuca.

### Onde a bola rola. O campo como lócus

Este trabalho versa, também, sobre um consagrado símbolo da cidade do Rio de Janeiro, o Maracanã. Sua história se confunde com a história contemporânea dessa *urbe* brasileira. Daí tantas figuras de relevância no cenário artístico mundial terem suas carreiras consagradas ou reerguidas pelo binômio Rio-Maracanã<sup>28</sup>. Contudo, nem só dos agentes da fama se faz a vida

<sup>26</sup> Diana atua como “ambulante” (em sua própria menção) “desde antes da pandemia” “Eu já vendia uns *hot-dogs* em Caxias, pra reforçar um dinheirinho e trabalhava numa loja. Resolvi ter um negócio próprio. Mas não deu certo”. Alberto completou que o filho do casal ajuda vendendo o lanche em Duque de Caxias, enquanto ambos estão ali no Maracanã.

<sup>27</sup> O campo de pesquisa vai se mostrando ao longo do “estar lá” (Geertz, 1988). Suas facilidades e dificuldades colaboram para as elucubrações do trabalho. Corroboram ou desconstroem o que o pesquisador tendia a acreditar. Logo, são partículas difusas que se juntam ao seu término. É desafiador e, em muitas vezes, incompreensível num primeiro momento. Mas ao frequentá-lo, vai se revelando mais simples, sem perder sua complexidade, por tornar-se mais amigável e conhecido.

<sup>28</sup> Antes mesmo do recente processo de “modernização” dos estádios mundo à fora – arenização, em que a capacidade multifuncional do aparelho espacial serve aos seus administradores e locatários para shows e eventos em detrimento dos calendários esportivos e como geração de renda extra - e acentuado no Brasil para a Copa do Mundo de Futebol FIFA 2014 e Jogos Olímpicos COI 2016, o Estádio Municipal Mário Filho (Maracanã) já abrigava grandes eventos midiáticos. Numa outra escala mercantil, é verdade. A exemplo, um dos grandes shows realizados no estádio foi o do cantor Frank Sinatra. Em 26 de janeiro de 1980, o *crooner* estadunidense bateu recorde de público em eventos não esportivos. Foram “cerca de 140 mil pessoas no Maracanã” e uma “renda em

nos aparelhos do espetáculo na(da) cultura de massas<sup>29</sup>. A guiçá da invisibilidade, própria da vida massificada, os indivíduos da cidade são os principais fazedores da dinâmica urbana, deixando seus vestígios pela mesma. Tentamos nessa pesquisa trazer à tona suas múltiplas experiências com o futebol e as complexas relações entre indivíduo-instituição-espacço<sup>30</sup> ao rasgar o tecido urbano da cidade do Rio de Janeiro para estarem presentes com seu “clube de coração” no referido lugar, no espaço da emoção.

A nossa experiência de ir, literalmente, à campo objetivava observar as trajetórias de um determinado grupo de torcedores de futebol, as narrativas dessas incursões e – a partir delas – compreender a construção de suas memórias numa dialógica dos conflitos e embates, fazimentos, rupturas e continuidades pertencentes às suas dinâmicas no espaço urbano, mas também tendo como fim último o estádio do Maracanã. A escolha desse recorte espacial se dá por ser um aparelho para onde conflui as quatro grandes torcidas da cidade do Rio de Janeiro. Isso não quer dizer que em outros espaços do torcer haja, mais ou menos intensidade emotiva, construções de memórias, histórias e relações sociais a serem exploradas. Mas há um simbolismo que permeia de forma mais abrangente o torcedor carioca com o Maracanã. Também, pois, ali estão concentradas as narrativas dos torcedores rubro-negros no período por nós recortado. Admita-se também a própria vivência dos torcedores em outras praças esportivas<sup>31</sup>.

Outrora capital federal, o Rio abrigou uma central efervescência política e cultural desde os longínquos tempos coloniais. Diversos pontos da cidade - que abrigou a Corte Real portuguesa e por isso teve seus batimentos cardíacos acelerados enquanto sede do poder monárquico (Del Priore, 2007) - presenciaram e foram marco da narrativa histórica social do país. Sua perspectiva histórica foi, e ainda é, construída à base de um sem número de memórias individuais, coletivas, institucionais e institucionalizadas; míticas e misticizadas, do ponto de

---

torno de Cr\$ 30 milhões.” (O *Globo*, 27/01/1980, p.15). As imagens 1, 2 e 3 demonstram algumas opiniões de cartunistas, leitores e jornalistas do periódico esportivo *Jornal dos Sports* à época.

<sup>29</sup> Debórd (1997) e Canetti (1992) nos servem como referências primeiras. Embora saibamos, e trataremos nos casos pertinentes, das particularidades em que ambos constroem seus raciocínios sobre as sociedades do espetáculo e os movimentos massivos nessas mesmas sociedades.

<sup>30</sup> Ao longo do trabalho nos valeremos dos estudos nas ciências humanas, mais propriamente daquelas referências nas ciências sociais, em que a relação *ação-estrutura* está posta. Elias (1994), por exemplo. Tentaremos, na medida do possível, não fazer do discurso meramente teórico uma explanação. Mas, respeitando os limites e as intenções desta tese, conectar os temas ao campo.

<sup>31</sup> Inclusive, já relatado acima a incursão torcedora em um estádio em Minas Gerais.

vista da fábula e da crença, mas também da densidade concreta e áspera dos fatos e da vida nessa complexa tessitura citadina. Dos deslocamentos de populações<sup>32</sup>, uma ação política e econômica muito comum de tempos em tempos pela cidade, conjuntamente às reformas dos tecidos urbanos a vida se altera, perde alguns sentidos, alcançando outros à importância do momento em que se vive, no local em que se vive.

Dona Albertina, uma senhora de 72 anos de idade, moradora de Vila da Penha, rubro-negra que fez “questão de todos os filhos serem Flamengo”, disse não reconhecer mais a cidade como espaço urbano e suas relações. Cheguei a ela por intermédio de um de seus filhos, o qual entrevistei no Maracanã, primeiramente.

Eu não vejo mais o Rio. O Rio era outra cidade. Era charmosa. Olha o centro da cidade. Que coisa. Eu morei na Tijuca e você tinha um nível de vida. Restaurante bom, uns botequins, depois do jogo. As pessoas se cumprimentavam. Os prédios eram mais elegantes. Hoje ninguém nem olha pro outro no elevador. Coisa esquisita. Meu filho mora aqui perto e vai sempre no estádio. Ele pode, trabalha na Caixa. Tem um cargo bom. Mas olha o tempo que ele leva pra chegar de casa. Tinha que morar mais perto. Não pode. Aí o salário vai todo. A cidade mudou, sabe? Tudo cortado. Quem é daqui não conhece ali e assim vai.

Da operacionalização do poder político e seus desmembramentos na vida das populações dos cantos e recantos da cidade, das institucionalizações invisíveis do dia-dia, às sociedades das múltiplas comunidades presentes no Rio de Janeiro são resultados e resultantes da dinâmica urbana. Uma dinâmica imaginada e (re)feita nos campos das sociabilidades, mas também do capitalismo empreendedor contemporâneo. Nesse contexto das experiências relacionadas e afetadas pelos interesses econômicos interpostos aos interesses populares que pesquisamos as relações afetivas e emotivas dos torcedores no estádio do Maracanã. Porém, é preciso compreender seu surgimento, sua localização na história da cidade.

---

<sup>32</sup> Ver, por exemplo, Azevedo (2016) onde a relação do progresso urbano e as ideias de civilização e superação do atraso se fazem presente nas reformas urbanas experimentadas na cidade do Rio de Janeiro.

## CAPÍTULO I

### 1. O ESTÁDIO MUNICIPAL OU MARACANÃ. O TORCER ENTRE O PASSADO E PRESENTE EM BREVES QUESTÕES DO CAMPO.

O estádio do Maracanã é símbolo e referência na vida de grande parcela dos que viveram ou nasceram na cidade do Rio de Janeiro. Considerado um templo sagrado do futebol mundial.

A clássica partida entre Brasil x Uruguai em 1950 é o maior público<sup>33</sup>. Alguns dados divergem por vários motivos, como a falta de suporte tecnológico de contagem de torcedores existente à época, problemas na divisão dos ingressos à venda nos dias que antecederam a partida e a obra inacabada<sup>34</sup>, o que permitiu a entrada de muitos indivíduos sem ingresso. Um dos números remonta a 199.854 presentes. O segundo maior público, esse sim oficial, também foi de uma seleção brasileira. Em um jogo pelas eliminatórias da Copa do Mundo de 1970 na partida contra o Paraguai 183.341 pessoas foram atraídas ao estádio para assistirem as “feras do Saldanha”. Assim ficaram conhecidos os 22 jogadores convocados pelo técnico da seleção João Saldanha. João era militante ativo do PCB (O Partidão) e fora nomeado para o cargo indicado por João Havelange, tendo o aval dos militares que governavam após o Golpe de 64, ocorrido, dentre outros argumentos, para prevenir o Brasil do comunismo. Na apresentação do time e da comissão técnica Saldanha se dirigiu aos jogadores dessa forma: “ – Olha, vocês sabem que vocês são as minhas 22 feras(...)” (Siqueira, 2007). Desde então, a imprensa “comprou” a expressão para representar um time que tinha em seu plantel os maiores jogadores da época, como Pelé, Tostão, Carlos Alberto Torres, Félix, Gérson, Jairzinho, Djalma Dias e Rivelino, entre outros. Vitória de 1x0 e garantia da vaga para a Copa do México.

---

<sup>33</sup> O jornal O Globo trazia na primeira página os torcedores que acamparam no estádio Municipal na véspera no jogo.

<sup>34</sup> Ver imagem 7.

O terceiro maior público é advindo do “clássico das multidões”,<sup>35</sup> um Fla-Flu<sup>36</sup> jogado pelo campeonato carioca de 1963. Naquele 15 de dezembro, 177.020 torcedores viram o rubro-negro sagrar-se campeão carioca com um empate em 0x0 com o tricolor. O jornal *O Globo* do dia seguinte, estampava em sua “edição esportiva”: “Batidos os Recordes de Renda e de Público no Maracanã”<sup>37</sup>. O jornalista e dramaturgo Nelson Rodrigues, escreveu em sua coluna, naquela mesma edição de *O Globo*, não saber

se o time do Flamengo, como time, mereceu o título [devido sua atuação na partida]. Mas a imensa, a patética, a abnegada torcida rubro-negra mereceu muito mais.<sup>38</sup>

Da grande massa de torcedores presentes naquele dia no Maracanã a maioria se constituiu de rubro-negros, segundo os relatos do casal Ana e Arthur. Ela tricolor, ele

rubro negro convertido ao Santos quando vi o Pelé jogar. O negão jogava muito era uma classe, uma raça, uma inteligência. Logo virei santista. A contragosto do meu pai flamenguista também. Mas nós fomos nesse jogo. Gente que não acabava mais. Todo mundo espremido. Nós ficamos na arquibancada com o Flamengo. [Ana relembra]  
Eu segurando a mão da Ana e levando cotovelada de todo lado. Mas era relativamente seguro. A gente tava começando a namorar. Mulher ir a estádio não era tão visto.  
Mas eu sempre gostei de futebol. Foi um inferno entrar e sair. Lembra, a gente ficou ‘horas’ na sua tia, na [rua] Visconde de Cabo Frio? [Ana]

A fala de ambos traz duas menções interessantes sobre questões que circunscrevem o futebol e a relação com a cidade. A primeira diz respeito sobre a segurança-violência na dinâmica urbana, “era relativamente seguro”; a segunda versa sobre a ausência feminina nos

---

<sup>35</sup> Expressão cunhada e disseminada pelo jornalista Mário Filho no *Jornal dos Sports*. Muitos historiadores já trataram desse personagem do jornalismo carioca como sendo, juntamente com seu irmão Nelson Rodrigues, o grande “inventor das tradições” – para usar os termos de Eric Hobsbawm (2008) - esportivas na cidade, principalmente no tocante ao futebol.

<sup>36</sup> Desde 2002 esse clássico é considerado Bem de Natureza Imaterial, “como Forma de Expressão da sociedade carioca.” (Decreto 35.878 de 05 de julho de 2002).

<sup>37</sup> Ver imagem 7 (*O Globo*, Edição Esportiva, 15 dez. 1963)

<sup>38</sup> RODRIGUES, Nelson. Meu personagem da semana. *O Globo*, Edição Esportiva, 15 de dezembro de 1963. p.5

estádios naquele período histórico e a postura de contrassenso de Ana, ao se colocar na posição de “frequentadora assídua”. Segundo ela,

Não é que não tinha mulher. Tinha, às vezes eu e minhas primas íamos. Mas sempre com papai ou com o João [irmão mais velho] ou o Tio Vandair. E sempre tinha um ou outro atrevido, ficava insinuando as coisas. Mas a gente não dava bola. E olha o meu tamanho também. [Ana tem aproximadamente 1.80m]. Não era qualquer um que se engraçava.

*O Rio* [de fato] corre para o Maracanã, como bem intitulou em seu livro a historiadora Gisella de Araújo Moura (1998). E o start dessa corrida foi aquela partida de 1950. A cidade continuou se dirigindo a esse local para vários eventos, esportivos, religiosos, musicais e etc. durante longas datas, com públicos inimagináveis nos tempos atuais. outrora “o maior do mundo”<sup>39</sup>, a capacidade do estádio foi sendo reduzida a cada reforma e hoje conta com menos de 79.000 lugares, todos com assentos e numerados divididos em setores com diferenciação de valores e em alguns casos serviços oferecidos. Simas (2016)<sup>40</sup> pondera que a divisão do estádio reflete uma certa divisão econômica da sociedade. Com as reformas para sua modernização essas divisões foram ainda mais aprofundadas. Principalmente quando falamos da inexistência de um setor popular no estádio, onde o ingresso possui valores acessíveis às categorias menos abastadas. Porém, também contesta o fato de haver um discurso em que se denota uma possível democratização dos espaços de outrora. A questão crucial por ora é a impossibilidade do acesso no aparelho esportivo e uma tendência desses *lócus* ser cada vez mais exclusivo a determinadas classes sociais<sup>41</sup>. Por todos esses motivos analisar o Maracanã é também observar o comportamento da cidade e de todos aqueles que nela se relacionam, convivem, convergem e divergem.

Pensar na cidade do Rio de Janeiro e associá-la ao futebol nos parece uma construção mais que consolidada, tanto no campo do senso comum quanto nas opiniões mais intelectualizadas. A crônica esportiva, desde Mário Filho e Nelson Rodrigues no antigo *Jornal dos Sports* até o diário Lance, um dos jornais esportivos de maior circulação na região Sudeste, concedem grandes análises a este espaço. A literatura acadêmica tem sido ampliada

---

<sup>39</sup> Ver imagem 8.

<sup>40</sup> Disponível em: <https://riomemorias.com.br/memoria/maracana/> Acesso em: 5 fev. 2020

consideravelmente no que diz respeito à observação não só deste estádio, mas percorrendo a própria cidade, muito por causa da sua relação com os megaeventos, como fez (Curi, 2012) ao analisar os espaços torcedores tendo como pano de fundo o Estádio Olímpico Nilton Santos, no bairro do Engenho de Dentro (popularmente conhecido como Engenhão).

Desde a análise das torcidas jovens organizadas (Buarque de Holanda, 2010) (Teixeira, 2003), do próprio início do futebol carioca na virada do século XIX para o XX (Pereira, 2000), bem como da cidade esportiva que o Rio de Janeiro foi se tornando (Melo, 2008) até a construção do Maracanã (Moura, 1998), um símbolo maior dessa associação, ou o que a melhor representa - no geral, talvez em pé de igualdade com a estátua do Cristo Redentor – a história da cidade parece se confundir com o próprio esporte e arriscamos dizer com seus próprios aparelhos esportivos, naturais como os que a geografia lhe concedeu ou construídos. Simas (idem), chega a expor o Maracanã como “a maior encarnação, ao lado das praias, de certo mito de convívio cordial, ao mesmo tempo sórdido e afetuoso, da cidade do Rio de Janeiro.” Ainda que esse convívio cordial seja relativizado nas experiências vividas dentro do estádio - como demonstra um discurso colhido a partir de uma entrevista especificamente em um jogo do Flamengo e que será demonstrada abaixo. Os espaços de convivência entre as diferenças de classe, por exemplo, podem ser interpretados como uma forma justamente da não convivência pacífica, ou melhor explicada, de uma impermeabilidade voluntária nos setores mais baratos ou mais caros dentro do estádio. Voltando ao caso do convívio relativizado, no começo da pesquisa fui levado a participar de algumas experiências observantes em meio aos rubro-negros. Era comum ouvir de amigos torcedores que a torcida do Flamengo dentro dos estádios havia se “embranquecido”, “mudado” termo que usavam para dizer que não haviam tantos negros dentro do estádio, a partir de um possível processo de modernização que levara a uma certa segregação. Esse tocante, tinha relação direta com aquela provocação inicial que me motivou: uma categoria desprovida financeiramente era parte majoritária dessa torcida? E agora além dos rótulos e estigmas a ela colados também estava desprovida do seu espaço de torcer? Aí estava uma hipótese inicial a ser levantada e verificada.

Como já exposto acima, o período pandêmico influenciou na tomada de dados de campo. Foi então que frequentei as arquibancadas on-line, com algumas entrevistas por acesso

remoto<sup>42</sup>. Havia, porém, um bom material a ser melhor trabalhado nos arquivos que já possuía e outras tantas que surgiram com o retornar da circulação de pessoas pelas praças esportivas.

Por algumas vezes estive, nas arquibancadas do Maracanã em meio a torcedores rubro-negros. Dos muitos rótulos que um clube e sua torcida podem receber, o rubro negro é tido como “o mais querido”, “time do povo” ou “time das massas”, alcunhas muita das vezes colocada em questão por adversários, algumas delas auto referenciadas e louvadas pelos próprios rubro-negros. A partir de uma observação local e geo-espacial foi possível identificar um grande número de torcedores, que aparentemente não estavam ligados aos ambientes menos favorecidos da sociedade carioca. Vale ressaltar que os espaços das arquibancadas possuem valores não acessíveis a uma parcela considerável de torcedores numa cidade partida e desigual<sup>43</sup>. Em contraponto com reportagens fotográficas<sup>44</sup> e vídeos que mostravam o estádio nas décadas de 1970, 80 e mesmo 90, as arquibancadas do século XXI pareciam sim mais “embranquecidas”. Não só com a torcida do “mais querido”. Tricolores e alvinegros também passavam pelo mesmo fenômeno. Porém, como o meu despertar veio em direção a torcida rubro-negra, nela pus minha observação. Entretanto, seria necessário questionar os torcedores para peneirar dados mais concisos, sobre o processo que eu observava. Uma tarefa não muito fácil, pois exigiria uma pesquisa capaz de relacionar questões da área econômica e classificações socioculturais, como também posições de classe social. A pandemia já havia encortado o tempo de pesquisa, não haveria muito menos uma viabilidade razoável para tal. Logo, as observações não participativas, bem como as entrevistas seriam os modos mais viáveis de realizar minha tarefa acadêmica.

Andando pelas arquibancadas – agora cadeiras numeradas – me aproximei de alguns torcedores que chamaram atenção por vestir as antigas camisas da torcida “Charanga”; muito reconhecida entre os antigos frequentadores do Maracanã. A Charanga Rubro Negra (1942) foi um dos primeiros grupamentos torcedores do futebol carioca. Localizada numa primeira fase da organização das arquibancadas em que “pequenas orquestras musicais animadoras das

---

<sup>42</sup> O próximo capítulo trata especificamente desse momento.

<sup>43</sup> Em 2010, o índice de desenvolvimento humano (IDH) da cidade do Rio de Janeiro chegava a 0,799. Um número considerado alto na escala que vai de 0 a 1. Porém, esse índice se torna elevado como um todo, puxado para cima pelas microrregiões mais ricas da cidade (Zona Sul e Grande Tijuca, por exemplo). Regiões como Pavuna e Maré, possuem os menores IDHM no quesito renda. Vide tabela 2.

<sup>44</sup> Vide imagem 10. “Geraldinos”. Disponível em: Maracanã. <https://riomemorias.com.br/memoria/maracana/> Acesso em: 5 fev. 2020.

partidas” (Hollanda, 2010, p.52) consagram um modelo carnavalizado do torcer, teve em Jayme de Carvalho seu principal expoente de liderança. Vargas Netto em sua crônica no *Jornal dos Sports* escrevera sobre as charangas:

o carnaval já se amalgamou ao samba, de tal maneira que é difícil distingui-los. Agora o samba foi levado para as torcidas de *football*. O *football* com torcida de bloco e com samba já é uma espécie de carnaval. É preciso distinguir, no arranjo sonoro das charangas a intenção real de sua influência no setor esportivo. Pode ser um elemento de perturbação sonora no panorama do *match*, confundindo o apito do juiz (...) Mas também poderá ser, apenas, uma demonstração interessante da alma lírica de um povo.<sup>45</sup>

Voltando à arquibancada outro membro do grupo vestia uma camisa estilo *retrô* do time amador Raça e Simpatia<sup>46</sup>. Aqueles torcedores, não eram frequentadores ocasionais, ao menos, não apareciam. Possivelmente tinham histórias e memórias no estádio do Maracanã. Ao me identificar como um pesquisador a receptividade foi instantânea. Expliquei alguns motivos de estar ali. E como muitas vezes ocorria, vinha a interpelação: e você torce pra quem? De certa forma, aquele território, com aquelas características, era estranho a mim e naturalmente, por mais que me esforçasse, às vezes o agir em um ambiente que em outras ocasiões seria hostil, não era algo tão controlado. Algumas vezes omitia a resposta desconvencionalizando ou mencionando uma agremiação não tão rival. Em outras, dizia a verdade, geralmente quando me sentia confortável para fazê-lo, ou percebia que a identificação não traria prejuízo a entrevista e consequentemente à pesquisa. Houve casos de recusa ao realizar a segunda forma de me comportar. A relação de confiança éposta à prova, como me interpelou um torcedor numa relação posta como nós x eles (vocês): “mas o que você vai escrever sobre a gente? Vê se não vai falar mal. Que é isso, aquilo.” Mostrei as intenções e que de certa forma era para dar voz a torcedores rubro-negros que por diversos motivos não podem expor sua opinião, suas vivências, sua paixão ao clube de coração.

Naquele dia, ali dentro, em meio à torcida, omiti. Mas Manoel, talvez o mais experiente deles logo entendeu minha posição. A minha pergunta foi simples e objetiva. – Essa é mesmo

---

<sup>45</sup> (JS, 28 de outubro de 1945, 04971)

<sup>46</sup> O Raça e Simpatia foi o time de “peladas” do sambista “João Nogueira e de Walter Oaquim, vice do Flamengo. Na edição 17807 de 20 de dezembro de 1986, Nelson Rodrigues Filho no Jornal do Sports comenta o campeonato no campo de Chico Buarque de Hollanda em que o time do rubro-negro que também vestia as cores do Flamengo. O campeonato de artistas e intelectuais também contava com o Cachaça e o Polytheama, time do tricolor Chico.

a torcida do Clube de Regatas do Flamengo? Sr. Osmar, de relance respondeu com uma dose de sarcasmo: - Não aparenta ser a do Vasco. Não é! Eu sorri e procurei detalhar. Logo, o próprio mencionou:

Ah! É. Mas pode olhar aí que tem muito tipo que não é torcedor de arquibancada. É isso que você quer saber?

- Tem pouco preto! Olha aí. Passou no Globo Esporte isso aí, mas tem. É que não dá pra entrar de graça como era antes, pagar quase nada, barato.<sup>47</sup>

- Tudo aí é Flamengo p.... Claro que é. Mas tem mais gente de outra categoria [classe]. Tem preto rico, preto pobre, branco pobre, da comunidade. Mas não está misturado. Pode pagar, vem. Pode pagar melhor vai pra lá [aponta os camarotes].

A torcida mudou. Mudou. Mas eu por exemplo, nunca frequentei geral. Porra. Era sujo, fedorento, uma porrada, ladrão te roubando. Olhava aquilo lá e só selvageria. Não dava nem pra ver o jogo. Ali era maioria que não entendia nada do time.<sup>48</sup>

A fala dos torcedores parece demonstrar que nem todos os espaços estão destinados ao mesmo nicho social e a distinção começa justamente na precificação dos ingressos. Daí uma divisão daquilo que se pode pagar, ou não, para assistir a uma determinada partida. E isso se percebe com a própria relação da renda, com a precificação do acesso e mesmo a ausência dos chamados ingressos populares – com preços baixos e acessíveis a qualquer faixa de renda. Um modo que fora abandonado pela administração privada do estádio.

Entretanto, o *espaço Maracanã* era de fato propício à uma determinada confluência dos indivíduos dentro da cidade do Rio de Janeiro. Esse espaço surgido da vontade política, mas também de uma parcela da sociedade carioca é parte simbólica, mas também prática, do convívio urbano na cidade, suas sociabilidades, seus conflitos. Diferenças nas tessituras econômica, financeira, social, política, cultural. Mais que paisagem a ser observada de fora ela é aspecto do olhar e do prazer dos viventes num modo intra. Em parte, experimenta-se, estando no estádio, desde a suspensão de determinadas categorias até o aparecimento de outras e de outras formas e maneiras do torcer. Foi no trem de Japeri, voltando de um dia de pesquisa que ouvi pela primeira vez a expressão “*Fla-Selfie*” e não entendi exatamente o que significava

---

<sup>47</sup> Não localizamos a reportagem contendo assuntos similares na web referente ao programa televisivo.

<sup>48</sup> Pela dinâmica que seguia na abordagem, durante o jogo, não consegui colher dados, como identificação deste torcedor.

naquele momento. Como estava a uma certa distância dos indivíduos que dialogavam sobre o time, não pude abordá-los para mais informações. Dentre as muitas e complexas relações, as próprias relações de classes, suas frações e seus modos aparecem nem sempre de maneira clara e objetiva. Parece contraditório, mas ainda que possa haver uma proibição subjetiva, através da precificação de ingressos, ela não é uma forma rígida e impermeável. A experiência em estádios nos mostra a possibilidade dos encontros das mais variadas diversidades dentro dele. Por mais que as estruturas econômicas se esforcem pelo lucro extremo, se esquecendo das relações simbólicas entre os indivíduos, o esporte, o próprio futebol, as torcidas são capazes de uma reinvenção tamanha, espremida à fórceps contra as poderosas estruturas megalómanas do dinheiro e do poder. É nesse espaço fechado, o estádio, a arquibancada, que podemos observar “uma das características mais importantes do jogo [que] é sua separação espacial em relação à vida quotidiana.” (Huizinga, 2012)

## 1.2. Construir um estádio. Uma Copa como incentivo, os jornais como defensores.

Uma Copa do Mundo no Brasil era questão posta desde a década de 1930. Já em 1938, Célio de Barros<sup>49</sup>, fez a defesa da candidatura da cidade do Rio de Janeiro como possível sede da Copa do Mundo de Futebol que ocorreria no ano de 1942 no XXIV Congresso FIFA, durante a Copa, na cidade de Paris. O que não contavam é que a Segunda Grande Guerra (1939-1945) eclodiria dali a poucos meses, cancelando o projeto brasileiro e retardando as competições esportivas mundiais; já que a próxima Copa só ocorreria 12 anos depois, com o fim dos conflitos e a resolução política que afastava a iminência de qualquer outra guerra no período subsequente. Voltando a propor a candidatura no ano de 1946, um dos problemas para a continuação do projeto era a ausência de um aparelho capaz de comportar o evento.

Comparado com a era dos megaeventos, as competições de meados do século XX eram de certo modo acanhadas. Isso não quer dizer que deixavam de representar um grandiosíssimo capital simbólico, esportivo e econômico para o país sede, respeitadas as devidas proporções

---

<sup>49</sup> Por ocasião de seu falecimento, o jornal Correio da Manhã lhe dava destaque: “Célio Negreiro de Barros, Profissional de alta competência dedicou ao esporte e à crônica esportiva a maior parte de sua vida. Num trabalho constante e de rara utilidade.” *Correio da Manhã*, 18 jan. 64. Capa. Célio de Barros foi diretor da Confederação Brasileira de Desportos (CBD), dirigente da delegação brasileira na Copa do Mundo de 1938, dirigente da Federação Carioca de Atletismo e da antiga Associação de Cronistas Desportivos. Em sua homenagem o estádio de atletismo tem seu nome. Diversos jornais da época conferem a ele a responsabilidade pela escolha do Brasil como sede Copa do Mundo de Futebol 1950.

históricas, sem pretender cair nas armadilhas do anacronismo. Melo (2022, p. 45) nos lembra que

No Brasil, assim como em outros países, a consolidação dos esportes teve relação com os diferentes momentos de urbanização, até mesmo por a prática estar fortemente articulada com o forjar da cultura citadina [...] ocorrência que tem como fortalecimento [...] um mercado ao redor dos entretenimentos. No caso do Rio de Janeiro [...] as modalidades foram se conformando e se espalhando *pari passu* com a expansão e mudanças de perfil de ocupação das zonas urbana e suburbana.

Ainda sem a *glamourização globalizada*, a lógica do espetáculo midiático instantâneo da contemporaneidade e um maciço investimento do capital financeiro internacional – tríade que só viria a ter uma incipiente ocorrência a partir dos anos 1980, já na era inicial dos megaeventos –, as primeiras Copas do Mundo de Futebol tinham um público total que beirava 400.000 pessoas. Cifras bem menores que os 3.178.856 que assistiram *in loco* a Copa do Mundo na África do Sul (2010) e no Brasil (2014). Segundo a Casa Civil da Presidência da República<sup>50</sup>

Fazendo jus à fama de ser o “o País do futebol”, o Brasil atingiu nesta Copa do Mundo de 2014 a segunda maior média de público da História das Copas. Até aqui, nas 60 partidas disputadas nas 12 arenas, o público total somou 3.165.627 torcedores. A média foi de 52.760 pessoas por partida.

Reproduzindo dados divulgados pela entidade coordenadora do evento – FIFA – o estádio do Maracanã dentre as doze sedes do evento, foi a localidade que mais recebeu torcedores e torcedoras durante as partidas, com público total de 444.415 pessoas<sup>51</sup>.

Podemos argumentar que nem o “mundo geográfico” é o mesmo, e muito menos as relações entre indivíduos e sociedades no “mundo” social e cultural entre as épocas postas em

---

<sup>50</sup> “Órgão competente para assistir diretamente o Presidente da República no desempenho de suas atribuições, especialmente na gestão dos órgãos e das entidades da Administração Pública federal e na coordenação, integração, monitoramento e avaliação das ações governamentais.” Além de “coordenar, articular e fomentar políticas públicas necessárias à retomada e à execução de obras de implantação dos empreendimentos de infraestrutura considerados estratégicos.” Disponível em: <<https://www.gov.br/casacivil/pt-br/acesso-a-informacao/institucional>> Acesso em: 15 set. 2019.

<sup>51</sup> Público da Copa supera os 3,165 milhões de torcedores. **Casa Civil**. Distrito Federal, 7 jul. 2014. Disponível em: <<https://www.gov.br/casacivil/pt-br/assuntos/noticias/2014/07/publico-da-copa-supera-os-3-165-milhoes-de-torcedores>>. Acesso em: 15 set. 2019.

questão. A bem da distinção, quando separamos o tempo histórico e seus processos conjecturais, o esporte moderno nasce tendo em si uma base do moderno diante do que se considera atraso. Isso, graças a uma revolução produtiva que, Arrighi (1996), dá o nome de globalização, processo no qual a vida das sociedades fora afetada em seu deslocamento, inclusive nos processos sociais, econômicos e políticos que lhe dizem respeito. Isso não se resguardou, como dito, na esfera dos assuntos econômicos – *stricto sensu* –, mas também para eventos culturais, como os esportes, onde a mercadoria de outrora parece ter traços de timidez diante da voracidade mercantil, ou melhor, mercadológica, com que a vida esportiva e tudo que lhe circunda se transformou.

A globalização separou com diversas fronteiras as populações e sociedades, mas também proporcionou uma aproximação do que se fazia impensável no início do século. Por ora, as fronteiras espaciais tendem a ser mais permeáveis e de mais fácil acesso que anteriormente, afora, claro, a parte que diz respeito às migrações definitivas e ou os limites universais do capital. Logo, os deslocamentos se tornaram amplamente mais fáceis e viáveis. As diversas tecnologias do século XIX em diante proporcionaram a aproximação das mais diversas culturas e sociedades. O transporte de indivíduos, sendo uma delas, disseminou a facilidade de se chegar aos pontos mais distantes, em apenas alguns dias ou horas. O transporte de metadados, outra maneira, mais recente. Aí a grande diferença de público presente *in persona* ou virtualmente em eventos historicamente distantes<sup>52</sup>.

Para a realização da Copa do Mundo no Brasil seria preciso investimentos consideráveis na estrutura da cidade. O principal deles, um estádio. Mas haveria mesmo a necessidade de se levantar um equipamento em plena Capital? O primeiro debate sobre o estádio se deu no âmbito das reformas do já existente São Januário<sup>53</sup>. Uma parte da imprensa esportiva mencionava em seus diários a viabilidade da reforma, mesmo com a construção de um estádio municipal. O

---

<sup>52</sup> Não entraremos aqui num debate pormenor sobre o acesso de mobilidade territorial dos indivíduos nas fronteiras espaciais da geografia mundial. Assinalamos, porém, que tendemos a crer nos limites impostos pelo capitalismo, em seu braço econômico, nas limitações burocráticas do poderio nacional e também no acesso de indivíduos ao capital financeiro necessário para consolidar esse deslocamento. Se a globalização permitiu a flexibilidade dos conceitos e dos modos simbólicos de vida, é bem verdade que há que se considerar que ela é também – ao menos em larga escala – uma forma burguesa e classista. Nesse ínterim concordamos com Santos, em que esta é imposta “à maior parte da humanidade, como uma globalização perversa.” (2001, p.37).

<sup>53</sup> O estádio de “São Januário foi inaugurado em 21 de abril de 1927, construído com as lágrimas, o suor e o dinheiro dos vascaínos e vascaínas.” Disponível em: <<https://crvascodagama.com/sedes/>>. Acesso em: 08 fev. 2023. As imagens 13 mostram parte das arquibancadas e a pista de atletismo do maior estádio da cidade do Rio de Janeiro até a inauguração do Maracanã.

*Jornal dos Sports* escrevia não haver tempo para uma construção de algo “magno” como seria um estádio nacional. Logo, a viabilidade da reforma do já existente era a maneira mais prudente a proceder. Até então o estádio de São Januário, localizado no bairro de São Cristóvão, zona oeste da cidade, era o maior. Com capacidade para 35.000 pessoas já abrigara eventos notórios, inclusive os discursos do outrora presidente Getúlio Vargas. A região onde se localizava o cruzmaltino “era periférica do ponto de vista geográfico, não o era do ponto de vista econômico”, às populações de renda mais baixa se juntavam em espaços próximos “as habitações das elites [...] atraídos pela proximidade com a família real/imperial (que vivia na Quinta da Boa Vista).” (Melo, 2022, p.47).

Metade da capa de *O Globo* do dia 15 de maio de 1947 trazia as discussões sobre a ampliação do estádio vascaíno para a viabilidade de sua utilização em 1950, como também a construção do estádio nacional. A chamada destacava “Informa o prefeito: Será ampliado o estádio do Vasco” com acordo entre o município do Rio de Janeiro e a Confederação Brasileira de Desportos (CBD), cabendo “a esta a conclusão das arquibancadas e àquela, a urbanização.” Mas o mesmo jornal alertava o fato “é preciso que se saiba: apesar de decidida a ampliação de São Januário, não está fora de cogitações o Estádio Nacional.” Engrossando o coro junto ao *Jornal dos Sports*, fazendo propaganda do estádio e também das reformas do estádio de São Januário, *O Globo* publicava a pesquisa “E o estádio para a Copa?” O jornal publicava não só as nuances, acordos e tensões entre as esferas envolvidas, mas também procurava enaltecer uma espécie de missão quanto ao tema:

O Globo re jubila-se pela repercussão das entrevistas que vem publicando sobre o momentoso assunto, e, agora tem maiores razões para prosseguir na ‘enquête’ que alertou opinião pública, dirigentes esportivos e do país.

Do outro lado, o estádio do Fluminense Football Club. Popularmente conhecido como “Laranjeiras”, referência direta ao bairro que o abriga, o antigo estádio Álvaro Chaves, desde 2004 Manoel Schwartz, dividia com São Januário um aspecto de *lócus* central esportivo da cidade quando o assunto era o futebol. Com capacidade inicial para 19.000 pessoas, sendo posteriormente acrescidos 6.000 lugares, o primeiro abrigou o campeonato sul americano de futebol, sendo palco da primeira conquista internacional da seleção brasileira. Já o segundo, abrigou em sua tribuna o presidente Getúlio Vargas que nela assinaria a Consolidação das Leis Trabalhistas. Como demonstra Costa (2006, p.111)

Foi no dia 1º de março de 1943, nas comemorações do Dia do Trabalho, que Getúlio Vargas adentrou o estádio de São Januário em carro aberto e, após vários desfiles e discursos, proclamou as Leis Trabalhistas da tribuna de honra do estádio.

Juntamente a outras praças esportivas, os dois principais estádios da cidade davam conta do esporte bretão em terras tupiniquins. Entretanto, para as pretensões de sediar o mundial de seleções de 1950, nutrida e incentivada por parte da crítica especialista e comprada a ideia por uma parte da categoria de políticos da cidade, faltava um palco maior para o futebol carioca e nacional. *O Globo* noticiara em reportagem, “*Esmagadora maioria pelo estádio*”<sup>54</sup>, referência ao grupo de 31 vereadores que votaram de forma positiva pela aprovação do projeto de criação do estádio municipal, realizada em 1947. Mas a concretização do plano não seria simples, se mostraria mais complexa e discutida pelos interessados.

O *Colosso do Derby*. Assim foi apelidado o estádio municipal construído onde antes era o hipódromo do *Derby Club* nas imediações da região do Maracanã e circundado por praças turfísticas<sup>55</sup>. O erguimento do estádio foi evento capaz de mudar a paisagem da cidade do Rio de Janeiro e também sua vida esportiva fora alterada de forma significativa. Entretanto, o estádio que outrora receberia a alcunha de “*o maior do mundo*” não surgiu no desenho urbano carioca do nada, muitos foram os debates, políticos e financeiros, em torno da sua construção, como já levantamos acima o debate em algumas das mais importantes páginas esportivas de periódicos cariocas.

A existência de um “estádio nacional” – como descreviam os jornais da época, o *Jornal dos Sports* era um deles, talvez o mais efusivo – passava por questões de ordem maior ao futebol. Entre os anos de 1947 e 1949 muitas matérias e capas dos grandes periódicos da época dedicavam-se à defesa ou questionamento da construção de um estádio municipal. A edição 6.777 do jornal *O Globo* estampava em sua capa a “*maquette*” que fora apresentada em cerimônia no Palácio Guanabara naquele mesmo dia.

---

<sup>54</sup> *O Globo*, Rio de Janeiro, 11 set. 47. p.10.

<sup>55</sup> Melo (2022, idem)

Sabíamos que o colosso poderia abrigar 155 mil pessoas – sendo, portanto, o maior do mundo – mas ainda não havíamos tido oportunidade de obter, dele, a excelente antevisão.<sup>56</sup>

Os discursos referentes a sediar a Copa do Mundo de Futebol foram posições argumentativas primordiais. Juntamente a ele haviam as posturas políticas que faziam jus ao nacionalismo e as referências ideológicas da pátria desenvolvida, de um civismo juvenil e uma nação em desenvolvimento, tudo isso como pano de fundo ao convencimento da sociedade em geral e até da categoria política em especial para a existência do novo aparelho esportivo. Nas palavras de Mario Filho, em entrevista ao jornal *O Globo*, essas argumentações se equivaliam. Segundo o jornalista se discutia

a capacidade do Brasil de para organizar e promover um certame dessa natureza, privilégio que todas as nações disputam como uma oportunidade para oferecer ao mundo uma visão do seu desenvolvimento.<sup>57</sup>

### 1.3. Surge o *Colosso do Derby*. O *Jornal dos Sports* e *O Globo* em campanha.

A construção do estádio municipal, para a quarta Copa do Mundo de Futebol em 1950, gerou frenesi em parte da população carioca. Habituada com estádios que não ultrapassavam a capacidade de 35 mil pessoas – caso do estádio São Januário do C.R. Vasco da Gama, situado no bairro de São Cristóvão, e até o ano seguinte a sua inauguração o maior da América do Sul e o Estádio Manoel Schwartz – *a priori* nomeado como Álvaro Chaves –, com capacidade em torno dos 19.000 espectadores, situado no bairro das Laranjeiras e de propriedade do Fluminense Football Club, ter um local com a capacidade acima de 100 mil lugares e um aparelho similar as grandes obras da história seria uma característica ímpar de uma cidade que naquele momento já era considerada uma cidade esportiva<sup>58</sup>. Até aquele momento algumas regiões da Zona Sul e o bairro de São Cristóvão tinham um papel fundamental, para além das praias cariocas, na construção da cidade esportiva. Jesus (1999) demonstra o caráter simbólico

---

<sup>56</sup> Vide imagem 12.

<sup>57</sup> RODRIGUES FILHO, Mario. O Brasil tem de mostrar-se à altura da preferência que lhe foi dada. *O Globo*, Rio de Janeiro, 13 mai. 47. p.10.

<sup>58</sup> Ver Melo (2010) (2014).

que o bairro de São Cristóvão possuía em relação a cidade. Se por um lado o bairro das Laranjeiras foi sede de um campeonato Sul-americano de futebol em 1919, a zona norte sediou pelo período do governo de Getúlio Vargas os discursos do então Presidente à classe trabalhadora. Na localidade onde foi construído o estádio do Clube de Regatas Vasco da Gama a importância de localização próxima ao porto contava como fator pela proposição em se reformar o aparelho esportivo em detrimento da construção de um novo estádio. Além disso o respectivo bairro possuía uma boa avaliação entre a aristocracia da época, antes de se tornar um bairro operário com o crescimento dos trabalhos portuários e a industrialização de determinadas áreas na cidade do Rio de Janeiro. As dinâmicas citadinas aferem ao Rio de Janeiro uma considerável mudança espacial à partir das políticas sócio-econômicas. Azevedo (2016) indica a noção de “progresso sob a égide de civilização e a civilização sob a égide do progresso” como *ethos* tanto das grandes reformas urbanas, mas também de um *modus* permanente que se faz às vezes lento, às vezes abruptas na dinâmica urbana. Daí a mudança significativa do capital simbólico de um lugar em detrimento a outro e mesmo da perda desse capital – até mesmo econômico – sem sua substituição por uma outra localidade. A construção de um estádio nacional nas proximidades da Quinta da Boa Vista, São Cristóvão e claro, o estádio de São Januário parecia tirar deste uma importância simbólica para os seus interessados. Mas lembramos que os próprios *matches*, até então eram disputados em redutos menores e para públicos de torcedores que não beiravam às proporções oferecidas pelo novo estádio. Sua construção, de fato, iria mudar a dinâmica do torcer na cidade.

Em novembro de 1947, após muita discussão entre políticos que defendiam a edificação do estádio e outros com argumentos que expunham a necessidade de investimento em outros setores, como saúde e educação, a Lei nº 57<sup>59</sup> autorizou as obras e deu outros provimentos em relação a construção dos “Estádios Municipais será precedida de concurso de projetos e se fará mediante concorrência pública”<sup>60</sup>. No centro da disputa político-argumentativa sobre a

---

<sup>59</sup> A Lei nº 57, de 11 de novembro de 1947, foi sancionada pelo prefeito Ângelo Mendes de Moraes. Autorizava a prefeitura do então Distrito Federal a proceder na construção de “um grande Estádio Municipal e cinco outros pequenos estádios: 2 ao longo da linha da Central do Brasil; 2 ao longo da linha da Leopoldina e 1 entre a linha Auxiliar e a Rio Douro”. Autorizava ainda o poder público a fazer às desapropriações necessárias para a construção dos estádios e também a “emissão de títulos para a criação de fundo visando a construção”. Assegurava-se ao portador o direito a uma cadeira numerada de modo vitalício. Essas cadeiras ficaram conhecidas como “cadeiras perpétuas”, hoje chamadas de “cativas” e quando da última reforma do Estádio para a Copa de 2014 uma contenda foi criada entre o consórcio que administra o Maracanã e os proprietários/herdeiros desses títulos. Aos últimos foi assegurado pela justiça seu direito já adquirido.

<sup>60</sup> (Idem)

viabilidade do estádio se encontrava a esperança e o otimismo econômico de um país que caminhava no processo mais acentuado de industrialização, desde os anos 1930, e da ampliação das áreas urbanas. Incentivando, dessa maneira, o êxodo de populações antes concentradas no campo, praticando a agricultura, em direção tanto às capitais quanto a cidades interioranas, mas concentradoras de grandes indústrias do setor de mineração, metalurgia e siderurgia<sup>61</sup>. Política conhecida pelo viés desenvolvimentista em setores ligados à economia, na cultura, o projeto também se mostrava forte e eficiente no convencimento das esferas do poder tendo como principal defesa o agente civilizador que o esporte imprimiria nas sociedades que nele investiam. Esse argumento, como demonstra Jesus (2014), estava em consonância com as políticas nazifascistas, principalmente no tocante à construção de um nacionalismo higienista e voltado para as massas. Também de educação dos corpos num processo civilizador dos hábitos. Entre eles, estava a prática esportiva como inserção da vida moderna das cidades. Contudo, a prática esportiva não foi inserida de forma passiva na vida da cidade e dos indivíduos. Melo (2015) demonstra as tensões ocorridas em nos anos 1920 entre a noção de que o “esporte poderia ser uma verdadeira instituição redentora de nosso país”, defendida por Arthur Neiva, um renomado médico, e a crença presente em “*O sport está deseducando a mocidade brasileira*” livro publicado por Carlos Sussekkind de Mendonça em 1921, defendendo através de argumentações científicas, a exposição da juventude a um esforço fatigável e prejudicial ao corpo. Logo, o que viria a se tornar a cidade *sportiva* passaria por delongas em vários aspectos no tocante a inserção não só dos esportes, mas também das modificações que a cidade sofreu e que proporcionaram tal fato, mas também na própria alocação e construção de aparelhos esportivos e acesso a determinados ambientes propícios às práticas desportivas.

No Rio de Janeiro, as grandes reformas urbanas, significativas para o adentrar dos indivíduos nesse aspecto, mas também para a retirada de uma parte significativa da população do centro da cidade, ganham grande importância quando dos atos de Francisco Pereira Passos, nos anos iniciais do século XX juntamente com o Presidente Rodrigues Alves. A historiografia que trata desse período, hoje faz menção a junção de ambos os projetos de “modernização” da

---

<sup>61</sup> Caso emblemático é o da cidade de Volta Redonda. Cidade criada a partir da construção de uma das maiores siderúrgicas da América Latina; a CSN (Companhia Siderúrgica Nacional) foi inaugurada em 1946 pelo então Presidente da República Eurico Gaspar Dutra, mediante uma decisão técnica e política ocorrida cinco anos antes no governo de Getúlio Vargas. O vilarejo de Santo Antônio de Volta Redonda foi escolhido pois atendia às exigências técnicas necessárias a obra - um terreno plano ao lado do Rio Paraíba do Sul – e também aos meandros da política, pois, sua localização facilitava a chegada tanto a cidade do Rio de Janeiro quanto a São Paulo. Após a implantação da indústria muitos foram os homens – saídos principalmente do interior de Minas Gerais – que iam para a cidade tentar a vida na indústria. Ver Graciolli, 2009.

*urbe*<sup>62</sup>. O prefeito que fora celebrado como um Haussmann tropical – este responsável pela modernização da cidade de Paris, na França –, proporcionou através de projetos de uma comissão federal da qual viera a fazer parte, o encontro com a orla marítima de uma população que até então não tinha hábitos esportivos nas areias das praias cariocas, exceto quando a sugestão médica indicava banhos marinhos para a remediação de doenças como as de pele, por exemplo. Vale ressaltar que as intenções dos governos federal e municipal ao alterar o espaço urbano da cidade tinham motivações não somente geográficas, mas a mudança de alguns “maus” hábitos dos próprios indivíduos. Como viu de perto a experiência do prefeito parisiense e havia se formado em Engenharia na França, Pereira Passos foi tido como uma alternativa para a aplicação de um processo civilizador em terras brasileiras. A civilidade passaria pelo aspecto higiênico, mas também pela proposta de retirar o “ranço” de um período escravista, de suposto atraso humano, político e contra moderno. Assim desfazer as nuances coloniais e portuguesas da outrora capital federal que eram provas de problemas a serem superados. Tanto o governo federal quanto Pereira Passos à frente da prefeitura, fizeram questão de implementar determinadas mudanças na estrutura espacial da cidade a fim de promover o refazimento da cidade moderna. Porém, tanto no Rio quanto em Paris as chamadas modernizações tiveram seu aspecto amplamente autoritário e contraditório, senão antipopulares, refletido no fim ou na diminuição drástica de espaços populares – as moradias, por exemplo – que se localizavam nos centros das cidades, muito próximas às áreas de trabalho de uma população carente de recursos financeiros e contrastantes com a imagem aristocrática e culta que se havia de construir nesses espaços. Vale mencionar que a primeira grande modificação, ainda que simbólica em um primeiro momento, mas significativa ao longo do XIX, ocorreu com a vinda da família real. Saída de Portugal devido aos conflitos europeus ocasionados por Napoleão, a estrutura da cidade, que antes era acanhada em relação a movimentações populacionais e os arranjos espaciais, que refletiam a ausência de uma antiga política urbana, foi de fato alterada (Melo, 2007). Um exemplo foi que “a população do Rio de Janeiro teve um aumento espetacular, passando de 60.000 habitantes, em 1808, para 250.000 em 1870” (Abreu apud Campos, 2007). Um crescimento exponencial considerável fazendo com a cidade tivesse um de seus primeiros

---

<sup>62</sup> Não é nossa intenção, nem mesmo nosso tema específico, tratar as reformas da cidade realizadas nesse período. Coube apenas mencionar tais acontecimentos por entendermos que a época foi importante para a consolidação do Rio de Janeiro como uma cidade esportiva.

*boom* demográficos e consequentemente requeresse da administração pública um novo rearranjo de suas políticas para com a cidade e seus habitantes.

Pereira Passos e Rodrigues Alves promoveriam, então, uma segunda onda de grandes movimentações em uma parte da cidade, o que indiretamente afetaria outros pontos da *urbe*, pois, com a retirada de moradores para outros espaços estes foram construídos e ganharam utilização por essa parcela afetada pelos atos dos governos municipal-federal. Desde os projetos de alargamento das ruas, até a construção de um teatro, da retirada de morros, cortiços e prédios, que consequentemente deram origem às primeiras favelas cariocas uma determinada parte da sociedade se viu obrigada a ressignificar sua vida. A cidade do Rio de Janeiro no começo do século XX partia em direção a modernidade e isso também dizia respeito a concretização da vida esportiva nesse espaço.

Vale ressaltar o aspecto violento de todo esse processo urbano mencionado acima. Da criação de favelas nas proximidades do centro político e administrativo da cidade aos conglomerados urbanos distantes, o transladar de populações inteiras produziram processos de gentrificações que viriam a ser aspecto recorrente na cidade do Rio de Janeiro.<sup>63</sup>

O historiador Nicolau Sevcenko (1992) ao analisar a São Paulo dos anos 1920, numa perspectiva de transição citadina entre o moderno e o modernista, vem argumentar que as pessoas da cidade passavam por uma condicionalidade até a vida moderna e ela estava inserida necessariamente pelo universo esportivo, cultural, participativo. Agitados anos, onde a produção de uma vida ativa da cidade traçou não só determinados perfis espaciais da cidade, como os próprios perfis de determinadas parcelas da população, que, naquele instante viviam em uma “cidade fremente”. Fosse o “Carnaval do Brás, fosse o de rua ou o popular Teatro Colombo” ou as partidas do Palestra Itália, eram dominados “pelo estilo festivo dos imigrantes italianos mais humildes”.

A criação do Rio de Janeiro como uma cidade propensa ao esporte, uma cidade tipicamente *sportiva* está diretamente ligada à naturalização desta atividade como se ela fosse inerente ao espaço geográfico da urbanidade. Mas essa própria invenção tem seu histórico ligado a esses momentos da vida imperial e neorrepública. Ou melhor, da postura adotada pelos governantes, por representantes da sociedade, líderes de clubes esportivos e por uma parcela que tendia a construir tal aspecto através da linguagem comunicacional, por exemplo.

---

<sup>63</sup> Uma vasta bibliografia trata mais especificamente do tema. Algumas, estão referenciadas nesse trabalho. Outras, não. Embora tenham um diálogo indireto com o tema aqui proposto.

Outro ponto importante na compreensão da concretização da prática esportiva na cidade do Rio de Janeiro diz respeito a alguns aspectos levantados por Jesus (2014a). A capital federal propiciava um ambiente que favorecia as práticas, reproduções e imitações dos hábitos europeus, tidos como civilizados. Práticas e costumes de uma sociedade desenvolvida que buscava se distinguir pelo *status* e pelos gestos das camadas mais baixas da população. Como demonstra Norbert Elias (1993), tais procedimentos nasceram na aristocracia absolutista europeia, não só na francesa que à época era a mais rica, mas na grande maioria das cortes do “velho mundo” a partir da observação das outras “pessoas de distinção” que “dominavam a civilidade”, através daquilo que o sociólogo chamou de “intercâmbio social”. As reformas urbanas de Pereira Passos e Rodrigues Alves iam no sentido de (re)construir a cidade à partir dessa *Belle Epoque* tropical. Tal reforma facilitou, inclusive a chegada à orla marítima o que por si leva a um segundo ponto, já mencionado aqui, ao qual Jesus (idem) chama de “dessacralização dos espaços públicos”. Contrária ao domínio e o controle religioso a esses espaços públicos, o momento de uma nova conduta humana nesses espaços, propiciada pela facilidade do encontro com os lugares, levaram a grande excitação quanto à essas novas formas de conduta na cidade (Berman apud Jesus). Ela ligada a prática esportiva. E essa prática tinha que atender a todas as populações da cidade, até mesmo aquelas que de alguma forma foram segregadas pela cidade. Com o crescimento da população na capital a necessidade do esporte entretenimento para esses nichos estava posto.

Melo (2015) levanta a questão do esporte na cidade tendo como base o turfe, o remo e só posteriormente o futebol como esportes que consolidaram a cidade do Rio em sua “vocação” esportiva. Sua hipótese pela preferência no turfe se baseia na história da colônia-império, onde os cavalos tinham profunda importância no cotidiano de grande parte dos indivíduos. Seja no aspecto da mobilidade, seja na economia esses animais foram logo inseridos no âmbito do jogo, na disputa entre os páreos que representam as rivalidades e as vontades de vencer do homem sobre o homem<sup>64</sup>. Já o remo aparece como uma vocação própria de uma cidade desenvolvida, em seus primeiros anos, próxima ao mar, mas que tem o acesso ao mesmo, um pouco restrito,

---

<sup>64</sup> Quando as Ciências Sociais se debruçam sobre as disputas esportivas, sobre o jogo, há inúmeras pesquisas que fazem desse ritual a interpretação dos totens representando os indivíduos. Uma leitura baseada em Émile Durkheim no texto clássico “Algumas formas primitivas de classificação”, publicado no Brasil em 1963. Outra interpretação se faz muito útil a partir dos estudos de Clifford Geertz (1989) sobre as brigas de galo em Bali. Para Geertz são os homens que se enfrentam tendo suas emoções, esforços e apostas voltadas às disputas, muitas das vezes sangrentas, de seus galos. Quando transpomos ao universo do futebol, mas também do esporte em geral, essa tendência teórica de Geertz, ela se torna uma leitura muito próxima da guerra encenada, da violência simbólica da qual falam Elias e Dunning (1985), sobre a “competição entre Estados”.

muito pela religiosidade de sua população tipicamente católica, como argumenta Jesus (2014) que ainda demonstra, por exemplo, que o futebol só ultrapassa os dois primeiros esportes após a década de 1910. Muito pelo fato dos times de futebol dos clubes cariocas surgirem nesse período. O Fluminense Football Club surge em 1902, o Botafogo Football Club em 1904 – embora o clube tal como o conhecemos hoje, tenha se iniciado em 1942 com a fusão com o Club de Regatas Botafogo, ambos com sede no bairro homônimo –, o Bangu Athletic Club e America F.C. também em 1904, o futebol do Clube de Regatas do Flamengo em 1911 – até então o clube mantinha seus interesses no remo desde 1895, esporte que mantinha uma grande preferência entre os cariocas e da própria diretoria do clube. Tanto que a fundação do departamento de futebol no clube surge sem muita simpatia por parte dos diretores e dos próprios atletas do remo –, o Clube de Regatas Vasco da Gama após experiências nos gramados sem levar o nome do clube, decide se fundir a outro clube de imigrantes portugueses, este de futebol, o Luzitânia F.C. e somente em 1915 inicia seu departamento de futebol. Esses eventos, juntamente com a organização dos clubes em ligas e campeonatos, justificam a passagem do futebol ao longo das primeiras décadas do início do século XX como o esporte que vai ganhando a preferência da população carioca e também brasileira. Muitos argumentam que o futebol ganha adeptos tanto pela sua facilidade compreensiva enquanto desporto, mas também enquanto sua prática esportiva. A essa facilidade também se conecta o fato das classes trabalhadoras terem se tornado praticantes do esporte, o que aumenta exponencialmente a sua disseminação pelas localidades do Rio de Janeiro (Pereira, 2000).

Os primeiros 50 anos daquele século foi um período de efervescência esportiva no Brasil, na cidade do Rio, em particular. Embora a cidade fosse ganhando contornos de muita atividade esportiva, faltava, entretanto, um aparelho esportivo que amalgamasse a grandiosidade da cidade e um evento que justificasse sua construção. Com a Copa do Mundo a ser realizada em 1950, talvez esse seria o ponto a dar o *start* das pretensões tanto estatais quanto dos setores comunicacionais. Portanto, uma discussão sobre a construção de um estádio no município do Rio de Janeiro ganhou ênfase nos setores jornalísticos, principalmente na crítica esportiva, mas toda a discussão não passou imune à opinião pública. Indivíduos não ligados diretamente às esferas de poder foram convidados a opinar sobre a construção ou não do estádio. Como mostra Moura (1998) uma pesquisa do *Jornal dos Sports*, principal periódico esportivo carioca da época, “o mais antigo, mais completo e de maior circulação da América do Sul”, de acordo com o próprio editorial, dividiu os participantes em duas categorias, os “aficionados” –

entrevistados em estádios de futebol -, e o “povo em geral”. Respectivamente 95% e 75% dos entrevistados apoiavam a construção de um novo estádio no Distrito Federal. Moura também mostra que até mesmo uma pesquisa sobre a localidade da construção foi promovida, já que esse era outro debate entre os políticos. Para alguns, Carlos Lacerda, por exemplo – que a princípio de posicionou contrário -, seria interessante a construção abranger não só um estádio, mas um parque de eventos esportivos a ser localizado em Jacarepaguá. Outros afirmavam a importância da centralidade da construção, sendo o antigo Derby Club o local preferido, tanto por sua localização quanto pela resolução de problemas urbanos, como os constantes alagamentos da área. Os comunistas do PCB deram apoio a Ary Barroso, representante da UDN, mas em contrapartida exigiram a construção de pequenos estádios nos subúrbios do Rio de Janeiro, principalmente em direção à Zona Norte, Jacarepaguá, por exemplo. Algo que não foi cumprido. Todo esse imbróglio também fora posto em ordem em algumas edições do jornal *O Globo*. Uma das matérias mais chamativas data de 3 de outubro de 1947, à página 8 do periódico. Nela se lê em letras garrafais “O partido comunista contra o estádio” e continua a explicar haver ocorrido “o maior golpe obstrucionista já vibrado para impedir o velho sonho do povo carioca”. No interior do texto, de quase meia página, o redator indica que a manobra do partido, realizada pela vereadora Odilia Schimit visava que o projeto do arquiteto comunista Oscar Niemeyer fosse apreciado pela comissão. O que resultou em no acolhimento da causa pelo vereador Ary Barroso. Mas ressalte-se que dos meandros das manobras políticas o texto busca dar ênfase ao fato de o Partido Comunista querer atrapalhar a construção do estádio municipal, como o veto que o “Sr. Gustavo Capanema” fez em 1941, quando “o Ministério da Educação fez um concurso de projetos para o Estádio Nacional”;

pois Odilia Schimit procura justamente satisfazer os desejos soviéticos de não realização do campeonato do mundo no Brasil.

Já em 29 de outubro, *O Globo* anunciava “Aprovado em terceira discussão o projeto do estádio”. Os vereadores Ary Barroso e Luis Pinheiro Paes Leme, ambos da União Democrática Nacional (UDN), comemoraram a vitória de uma primeira etapa na Câmara do Distrito Federal. Já na edição do dia anterior era anunciado que em até “72 horas estará aprovado o projeto do estádio.” Resolvidas as contendas entre udenistas e comunistas na casa legislativa o projeto do estádio municipal parecia caminhar para sua realização. Os procedimentos burocráticos, como

a escolha do terreno e os processos licitatórios ainda seriam questões discutidas pelos vereadores como pelas comissões escolhidas pelo Executivo.

Um estádio que pudesse concorrer e até mesmo superar o estádio municipal paulista do Pacaembu, na defesa de Mário Filho, pela importância e liderança que o Rio de Janeiro exercia no país. Argumentava o jornalista que era dono do jornal esportivo de maior circulação na cidade do Rio de Janeiro à época através de seu periódico e um dos mais importantes em relação à imprensa esportiva na posteridade:

Se temos a cidade mais bonita do Brasil, com o Pão de Açúcar, Cristo Redentor, Lagoa e Copacabana, também vamos ter o monumento do futebol, o estádio do Maracanã.

No discurso do jornalista, o Estádio Municipal é colocado em pé de igualdade com as maiores belezas naturais da cidade do Rio de Janeiro e foi feito justamente no contexto de rivalizar com a cidade de São Paulo, que naquele momento já possuía um aparelho esportivo destinado ao futebol, o Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho, apelidado de Pacaembu em referência ao bairro homônimo e inaugurado em 1940.

O jornal de Mario Filho foi considerado pelos estudiosos da imprensa brasileira o mais importante veículo esportivo até o término de suas atividades nos anos 2000, apesar das várias mudanças em seu perfil editorial. Seja pelo longo período de sua atividade, seja pela vasta dedicação a todos os esportes e não só exclusivamente ao futebol. Décadas antes já havia começado a concorrer com outros jornais e claramente com um novo modelo de jornalismo impresso que não se comparava mais aos anteriores modelos de comunicação dos anos 1980, 70 e 60, períodos considerados gloriosos do jornal, pelos especialistas e membros da equipe do *JS*. Mario Rodrigues Filho, um “carioca” nascido no Recife, por muitos estudiosos é considerado um grande “inventor das tradições”<sup>65</sup> quando o assunto é a vida esportiva na cidade do Rio de Janeiro. Ao adquirir o jornal de Argemiro Bulcão, em 1936, e começar assim a assinatura como diretor no número 2.171, edição do mês de outubro, realiza ao longo de sua

---

<sup>65</sup> Para tal definição, nos achamos em Eric Hobsbawm. O historiador inglês determina algumas características para algumas figuras, instituições e veículos capazes de movimentar uma determinada crença que se não existente, torna a existir a partir de fatos historicamente constituídos, ou aquelas “que parecem ou não consideradas antigas (mas) são bastante recentes, quando não inventadas.” Bernardo Borges (2010) demonstra na prática como os concursos de arquibancada organizados pelo *JS* foram fundamentais tanto no processo embrionário como na constituição das torcidas organizadas no futebol carioca.

administração algumas modificações consideráveis na estrutura jornalística do periódico, como as tirinhas feitas por “De Otelo”, com suas personagens Almirante, Corvo, Popeye e etc. que retratavam as histórias momentâneas, os jogos e a política interna dos clubes cariocas a partir de suas mascotes, ou os concursos para participação da população como os da “Rainha dos Sports” ou a eleição dos melhores em algum esporte – a escolha de um pugilista, por exemplo. Embora a curto prazo a única modificação relevante tenha ficado por conta da presença de alguns colunistas nas páginas do jornal. Essa interação entre o jornal e seus leitores contribuiu para o notável interesse da população com o veículo que à época custava em edição avulsa 100 réis. Até o ano de 1936 o salário mínimo não era regulamentado, o que ocorreu exatamente no ano em que Mario Filho assumia a direção do *JS* - antes ele era colaborador do mesmo, o que lhe permitiu um grande conhecimento da estrutura e dos contatos que o jornal possuía. O primeiro valor – regulado pelo Decreto 2.162 de 1940 – dependia da região e no Rio correspondia a 240 mil réis. O jornal custava bem menos que isso. Embora, saibamos que o número de pessoas que ganhavam o mínimo era muito pequeno e as regulações iniciais da época não garantiam o ganho real.

Após esse breve parêntese sobre a cidade *sportiva* e algumas conjunturas, voltemos à temática do estádio municipal e o debate na sociedade carioca sobre sua construção, mas ainda manteremos a importância do *JS* no debate para com a sociedade.

Construção do estádio municipal aprovada, ela custaria ao final Cr\$ 350 milhões<sup>66</sup>. Para além dos preparativos do grande evento de 1950, se iniciava a proposta de um legado aos cariocas e ao Brasil – uma sociedade desenvolvida e civilizada a partir da iniciativa esportiva<sup>67</sup>.

A população carioca se viu pronta a ter em mãos o maior estádio do mundo, além de sediar um grande evento esportivo em momento onde o Brasil caminhava na consolidação da identidade futebolística como um dos maiores símbolos de sua nacionalidade. 1950 parecia corroborar a política eugênica em que as estruturas do poder e da cultura tinham sido lançadas a vinte anos atrás. Um caminho contíguo àquele traçado pelo Estado Novo varguista em que a miscigenação racial era símbolo da harmonia pacífica de um povo apaziguado, harmônico,

---

<sup>66</sup> Com as devidas conversões o valor da época chegaria a R\$ 235 milhões. Na última reforma do estádio para adequação aos padrões FIFA, o valor apresentado ao final foi de pouco mais de R\$ 1 bilhão. Sua construção entre 1947 e 1950 gastou cerca de  $\frac{1}{4}$  do valor empregado em suas reformas.

<sup>67</sup> No pós-guerra a iniciativa de se utilizar o esporte como formas de implementação civilizatória foi ainda mais disseminada, de modo diferente daquele primeiro momento onde o nazi-fascismo recorreria à construção do indivíduo puro e forte.

cordial e democrático. Para essa narrativa a derrota na final da Copa de 1950 significou não só a tragédia futebolística, mas o próprio questionamento por fora e por dentro de uma forma, um estilo brasileiro de jogar futebol, onde a ginga e a malemolência em campo eram da natureza do próprio processo de formação desse povo.

Notável foi o papel da mídia impressa da época. O já citado *Jornal dos Sports* fazia coro na construção do estádio como se fosse um bem a ser apropriado por cada indivíduo carioca. Personalidades importantes da época, como Vargas Netto, Ary Barroso e Mário Filho, tornavam públicas suas opiniões em prol do estádio. Um estádio do povo “nos dizeres de Mário Filho: “O estádio municipal será menos da prefeitura que do povo. É o povo que quer”. *O Globo* corroborava incitando a “união das esferas dos poderes federais e municipais”. Assim, “o estádio deve ser brasileiro”.<sup>68</sup>

Todo esse coro começou tinha começado a surgir nos editoriais dos próprios periódicos no ano de 1947. Porém, advinha de um desejo tornado público ainda em 1941, para a construção de um estádio nacional. No *JS* ora as manchetes ganhavam destaque na capa do jornal, ora existiam em pequenos comentários, mas grande parte recebiam uma continuação nas páginas 4 ou 6. Tanto o leitor podia simplesmente ler as capas ao passar por uma banca, ou também adquirir o exemplar e acompanhar o desenrolar das notícias. Geralmente conclamando no discurso a participação da população na aprovação da obra, da construção e da compra de determinados espaços do futuro Estádio Municipal. O periódico *O Globo* seguiu de forma mais comedida no ano de 1947, ao menos na quantidade de capas dedicadas ao tema. Porém, as matérias do interior ou de algum caderno especial exploravam a fundo as questões referidas a nova praça esportiva.

Na edição de número 5.576, de 23 outubro de 1947 a capa do *JS* estampava em seu alto: “Na mesa da Câmara Municipal o substitutivo do projeto do estádio”, no mesmo quadro o editorial reclamava a inércia da casa em discutir o Projeto 161 no plenário, às vésperas do recesso dos vereadores. O respectivo projeto dava ao prefeito a autorização de construir o Estádio Municipal “em terreno que mais consulte o interesse da população” – como futuramente detalhado no Diário Oficial de 26 de maio de 1948 –, seguindo os passos necessários, como um anteprojeto, abertura de licitações e etc.; contudo, ao que demonstra o editorial houve um atraso significativo nos trâmites internos impetrada através de uma questão de “ação obstrucionista

---

<sup>68</sup> *O Globo*. 11 jun. 47

partida de quatro representantes cariocas – *apenas quatro*” (grifo nosso). O texto reflete um incomodo notável por parte do redator e claro do próprio jornal, ao mencionar que a ação foi feita por apenas quatro pessoas contra o que seria uma obra de toda uma sociedade. Continua dizendo subjetivamente que a ação parecia improcedente, “roubando assim precioso tempo para a realização do empreendimento”. Daí o texto parece convocar os vereadores a se movimentarem na discussão “a fim de que seja aprovado ainda nesta legislatura o Projeto 161”. O substitutivo em questão visava separar as atribuições do Legislativo e do Executivo quanto a suas responsabilidades perante a realização da obra. Cabia ao prefeito dar autorização para o início das obras, mas aos vereadores o aval primeiro ao Executivo. Nesse meio, surgiram boas divergências entre os membros da câmara, uma delas versava sobre a necessidade da reforma de outros espaços no entorno do terreno do *Derby Club*. Porém sete dias após o editorial citado acima, precisamente em 30/10/1947, o editorial de capa estampava em letras garrafais “Agora, à grande obra!”. Ao leitor de passagem o recado dava a entender que as obras para a construção do Estádio Municipal iriam se iniciar e de fato, essa era a mensagem. No descrever do editorial, o jornal louvava os vereadores que se debruçaram sobre o projeto e fizeram dele prioridade nas suas jornadas de trabalho na casa. Dizia o editorial:

Desempenharam-se, afinal, os representantes cariocas, da importante tarefa que lhes havia sido cometida *pelo povo brasileiro em geral* (grifo nosso) de autorizarem ao Executivo da Capital da República erigir um grande Estádio e outras cinco praças esportivas nos subúrbios, atendendo assim, por esmagadora maioria ao insopitável movimento da opinião pública que se formara em torno do assunto.

Vale ressaltar que o discurso utilizado, causa ênfase no leitor ao perceber da escrita que a tarefa do Legislativo quanto ao seu papel de aprovar e autorizar a construção foi a eles outorgada pelo próprio “povo brasileiro” através de uma “opinião pública” que além dos estádios ansiava por outros locais de prática esportiva nos subúrbios. Lembraremos que em parte essa era uma das reivindicações de vereadores como Carlos Lacerda e Luiz Pinheiro Paes Leme (UDN), já citado anteriormente. Ambos só se renderam ao projeto de construção após algumas cessões dos proponentes, mas exigiam contra partidas e a construção de pequenos estádios nos subúrbios cariocas era uma delas. Paes Leme é citado nesse mesmo editorial de 30 de março, onde encontram-se valorizações tamanhas para com os desejos das camadas populares em ter um grande estádio e outros locais para a vida esportiva. O discurso do redator

parece expor toda esse clamor e sentimento dos que esperavam pela aprovação. Segundo o texto, o vereador agiu bem, dando a

democrática demonstração de que bem sabe medir os anseios e aspirações de todas as camadas populares, que tendo no esporte o único derivativo para as agruras da vida atual, estavam sendo obstadas, todavia, de levarem avante, à sua própria custa tal iniciativa, pela obstinação de meia dúzia – este exatamente o número de vereadores que votaram contra o Estádio.

Ainda no número 5.581, à página 4, estava reservada à conclusão da matéria de capa. Um subtítulo deixava claro a intensa propaganda que o jornal vinha fazendo até o ápice do instante em que o projeto da construção foi aprovado. “Júbilo entre todas as camadas do povo” era o título que concluía a matéria do acompanhamento do fato. Segundo o jornal, após o passar da Câmara, muitas foram as “manifestações de júbilo” de “todas as camadas”, e que após aquele passo, o vindouro seria o alcance do montante financeiro para a obra. Interessante dizer que uma das frases que o jornal menciona é que a população deveria ter “esforços próprios”, juntamente a uma campanha do Executivo Municipal, para que a obra do Estádio fosse iniciada e concluída.

Após o “júbilo” da aprovação o *JS* continua intensamente o acompanhamento da situação. Em 12 de novembro aparece em destaque na capa da edição 5.592 a expressão “batalha do Estádio”, ela ainda seria utilizada em muitas outras edições como se a construção do estádio fosse uma luta. De fato, analisando as reportagens não parece ter sido, à época, uma tarefa fácil. Ela requereu um intenso esforço das mais diversas esferas interessadas e um trabalho exequível por parte do principal veículo da imprensa esportiva carioca. Mario Filho e sua equipe não pouparam esforços para disseminar a ideia positiva e viável de se ter um imenso estádio de futebol para os cariocas e como isso poderia melhorar não só a vida esportiva da cidade, mas também a própria qualidade do futebol e dos clubes. Voltando a edição acima citada ela relata nada mais que o próximo passo dado após a aprovação da Câmara dos vereadores ao Projeto 161 e seus adendos que autorizava a prefeitura a construir o Estádio Municipal. “Tudo pronto para a ‘Batalha do Estádio’” assinalava que a assinatura do prefeito Mendes de Moraes ocorreria dali a dois dias da data daquela edição. Numa sexta-feira, 14 de novembro, às dezessete horas e trinta minutos na sede da Confederação Brasileira de Desportos, que tratou de organizar uma grande solenidade para comemorar tal feito, “sendo convidados as altas autoridades do país e as mais representativas figuras do esporte assim como jornalistas e esportistas em geral.”

A justificativa, segundo o *Jornal dos Sports*, para tal empenho da CBD em realizar um aparato festivo de grande porte, incluindo cobertura jornalística, por ser “importante [...] tal passo para os esportes nacionais” (grifo nosso). Ou seja, recorria-se inclusive à justificativa do interesse e dos resultados no âmbito nacional ao se ter um aparelho esportivo de ampla magnitude na cidade do Rio de Janeiro e no Brasil. Além disso, a motivação maior se dava por em menos de dois anos ocorrer o maior evento de futebol existente até o momento e ainda hoje. Comparadas as Copas realizadas no país, o evento de 1950, apesar da derrota na final, foi mais celebrado em seu prenúncio, tanto pela crítica esportiva, quanto pela sociedade em geral. 2014 foi marcada por questionamentos quanto aos recursos financeiros utilizados pelo governo federal e as alianças com empresas privadas. A reboque viriam os Jogos Olímpicos, que passaram pelo mesmo processo<sup>69</sup>.

É possível verificar que os editoriais de ambos os jornais no período aqui mais expostos, vão em sintonia sobre as questões do estádio municipal. Em muitas das edições, as histórias parecem cópias uma das outras. Com discursos similares nos apoios e questionamentos. Há que se dizer que os protagonistas de ambos mantinham boas relações entre si. Como mostrado anteriormente, o Mario Filho concede uma entrevista ao jornal *O Globo*, onde tem sua face desenhada à página<sup>70</sup>, bem ao lado de sua exposição escrita.

Já no sábado posterior à assinatura, os principais jornais brasileiros noticiavam o fato. O *Jornal do Brasil* reservou um espaço nas “*Notas Esportivas*”, com a cobertura do evento ressaltando nas primeiras linhas a chegada do prefeito,

General Mendes de Moraes [que] passou a ocupar o lugar de honra à mesa, ladeado pelos Srs. Mario Polo, presidente em exercício da C. B. D. , Dr. João Lira Filho, Secretário de Finanças, o General Franklin Rodrigues, diretor da Escola Técnica do Exército, Sr. João Borges Filho, presidente do Jockey Club Brasileiro, Dr. Jurandir Lol, presidente do Superior Tribunal de Justiça Desportiva e Dr. Célio de Barros, presidente da Associação de Cronistas Desportivos.

As grandes “personalidades” burocráticas do esporte carioca estavam reunidas para abrir os procedimentos técnicos para alavancar a construção do Estadio Municipal e assim dar prosseguimento ao evento que se realizaria em 1950. Alguns discursos foram realizados, como

---

<sup>69</sup> Para essas relações, ver Oliveira (2012). Trataremos da Copa de 2014 em capítulo próximo.

<sup>70</sup> Ver imagem 16.

o de Ari Barroso que se fizera presente, sendo o representante da Câmara. O jornal *Correio da Manhã*, em edição do dia posterior, mencionou a “beleza” do discurso do vereador em que o mesmo reforçou o

trabalho que teve para empurrar o projeto para frente, dizendo que o povo espera que o general Mendes de toque para frente a construção *porque o povo já está farto de assistir jogos nas arapucas que temos por aqui com pomposos nomes de praças de esportes*<sup>71</sup>. (grifo nosso)

Também o do próprio prefeito foi em parte transscrito pelo *Jornal do Brasil*. Em sua fala realçou a importância da decisão da Câmara em autorizar a construção, ressaltando a “renúncia do interesse próprio” realizada pelos membros do legislativo. Através do

conhecimento das realidades comuns, que a vida distribui aos que procuram camear o senso do dever, evidenciava a falta de um estádio público na Capital do país, compatível com os assinalados índices de cultura do povo carioca.

Interessante tal discurso, pois, punha em cena a falta do estádio na capital recorrendo ao alto nível de cultura do povo carioca, que seria merecedora de mais um aparelho cultural e citava posteriormente o Presidente da República, Eurico Gaspar Dutra, que havia se sensibilizado com a causa do Estádio e assim, compreendido que naquele empreendimento “seu nome estará para sempre vinculado.” O prefeito, em consonância com os discursos de Mário Filho no *JS*, também ressaltava a importância e a legitimidade do projeto, pois este estava apoiado na vontade popular e no seu merecimento em ter esse Estádio. Explanava aos presentes: “é notável que o povo carioca ainda não dispõe do Estádio que merece”, “não entra em linha de conta apenas o programa influenciado apenas pelo julgamento exclusivo do administrador, prevalece, na conta o reclamo do povo.” E como era de suma vontade popular a construção do Estádio Municipal, ele, o povo, também deveria se esforçar para “construí-lo”. Justificava o administrador público a construção “ao reclamo da Cidade” e a utilização dos recursos públicos a ela destinados não sofreriam comprometimento com as obras necessárias, solicitava que além

---

<sup>71</sup> Evidente que o discurso do vereador Ari Barroso é uma crítica aos estádios que até aquele momento existiam na cidade do Rio de Janeiro. Claro que nenhum deles possuía as estruturas físicas e até mesmo simbólicas que se pretendia no novo Estádio Municipal. Na presente data a cidade do Rio contava com cerca de 7 estádios (São Januário – Vasco; Álvaro Chaves – Fluminense; Aniceto Moscoso – Madureira; Mourão Filho – Olaria; Gávea – Flamengo; Leônidas da Silva – Bonsucesso e Figueira de Melo – São Cristóvão). Todos com uma capacidade de público pequena em relação ao que viria a ter o Estádio Municipal.

dos investimentos federais e municipais o povo também dispusesse de seus recursos para auxiliar na empreitada. Pois,

a partir desse instante a execução do empreendimento crescerá na base da solidariedade moral e da cooperação material [...]. O estádio será do povo e se levantará mais rapidamente quanto mais se intensificar sua vontade de construí-lo.

Encerrando seu discurso, o prefeito procura ainda reforçar o aspecto da confiança, sacrifício e da renúncia para que o êxito na construção fosse alcançada. Essas palavras foram dirigidas tanto aos políticos que se encontravam à sede da CBD, em que “perdura o espírito da renúncia e do sacrifício de muitos [...]”, como também aos desportistas “que têm a condolênciade que não se constrói a vitória sem base no sacrifício e na confiança” e por fim conclamava seus pares para que daquele momento em diante “abandonemos os trabalhos de gabinete e marchemos ao terreno, em busca da realidade.”

As edições subsequentes do *Jornal dos Sports* trataram de todo o processo administrativo da construção e o acompanhamento das obras, que logo se iniciariam. Uma Comissão Executiva foi prontamente criada com membros das áreas política, administrativa e técnica e diretamente ligada e subordinada ao gabinete do prefeito Mendes de Moraes. A atividade da Comissão, presidida por Herculano de Gusmão, coronel próximo a Mendes de Moraes, era a de dar andamento em tempo hábil para a construção do Estádio Municipal. Uma das próximas etapas da “Batalha do Estádio”, como o editorial do *JS* fazia questão de mostrar, seria a abertura de um concurso para a escolha do anteprojeto de construção civil e engenharia, mas enquanto isso, a preparação do terreno do *Derby Club* estava à beira do início tanto que a edição de 27 de novembro de 1947, anunciava “a mole de cimento que se erguerá até 1950 para abrigar as 160.000 pessoas que ali irão assistir à solene abertura”, para dali a poucos dias como sendo o “Primeiro marco de alvenaria na Batalha do Estádio”. Parecia, portanto, se concretizar a “vitória final” no processo de construção do Estádio Municipal, tornando assim o “sonho”, “realidade objetiva”. Na mesma edição há uma chamada em destaque de capa e concluída na página 4 do jornal. Por um lado, havia a crença de que a Copa de 1950 estava se tornando realidade para o Brasil e para o Rio de Janeiro, como refletia o fato de um estádio sendo construído na cidade para esse fim. Por outro lado, “não acreditam os uruguaios na ‘Copa do Mundo’ em 1950”. A reportagem contrastava com todo o histórico positivo que o jornal

levantara, até então, em suas reportagens, quanto à realização do evento e de certa forma possuía um “quê” de impactante, pois, o selecionado celeste era naquele momento um dos mais importantes tanto no futebol mundial, mas também sul-americano. A seleção celeste já havia conquistado oito Copas América, dois ouros olímpicos (daí viera o apelido *celeste olímpica*) e a Copa do Mundo de 1930. Não era uma opinião a desprezar. Mas o imbróglio estava causado, não só com a federação uruguaia, mas também muitas das europeias. O fato se dava, pois, as federações nacionais achavam o valor para a disputa dos tentos alta em relação aos valores pagos pela participação. Um bom exemplo desse fato é demonstrado por Proni (2000). Na primeira Copa do Mundo de 1930 no Uruguai, a seleção inglesa não aderiu à participação alegando que os custos com viagem, hospedagem, alimentação, treinamentos e etc. seriam muito elevados e não valeria a pena atravessar o Atlântico para a competição tamanha duração da viagem, “15 dias para ir, 20 para a disputa, mais 15 para voltar”. Mas o pano de fundo para toda essa problemática se dava pela adoção ou não do profissionalismo em detrimento do amadorismo entre os jogadores e os clubes<sup>72</sup>. A seleção uruguaia seguia o mesmo raciocínio que os ingleses tiveram em 1930, mas como mostra o editorial do *JS*, a própria FIFA instituiu determinadas regras a partir da “Lei de Indenização” – da qual os uruguaios pretendiam uma revisão dos valores – a garantir a participação fora das fronteiras dos convidados. Porém, o debate foi superado, o Uruguai participou do campeonato de 1950 e o fim da história, apesar de sabermos, também será exposto aqui.

Voltando à construção do estádio, enquanto as reportagens dos jornais davam quase que diariamente as notícias do andamento dos processos burocráticos e também da obra, a população da região via as modificações acontecendo de perto. O antigo *Derby Club*, um grande descampado com a marcação da pista não possuía a estrutura imponente que seria erguida para o Estádio Municipal. Várias casas baixas rodeavam a área do *Derby* (imagem 16), juntamente à estação ferroviária.

Quando os trabalhos se iniciaram entre o fim de novembro e meados de dezembro aparece em matéria de capa do número 5.621 do *JS* com a descrição do que vinha ocorrendo no

---

<sup>72</sup> Não entraremos aqui no debate e explanação dessa questão, mas vale mencionar que devido ao processo de transição do amadorismo para o profissionalismo as seleções participantes da Copa de 1930 eram majoritariamente amadoras. Em 1949 a AFA (Associação de Futebol da Argentina) decidiu que o salário pago aos jogadores não poderia ultrapassar a renda anual obtida em bilheteria. Pois, em muitos casos, os salários e premiações (ou bichos) ultrapassavam a receita dos clubes. Também limitou o número a 22 dos que poderiam receber salários. Tudo para colocar o *football* em sólidas bases econômicas. Há, portanto, uma vasta literatura dedicada em partes ou no todo a esse processo. Ver Proni (2000), Wisnik (2008), Damo (2007), Ribeiro (2007), Pereira (2000) entre outros.

terreno do *Derby*. Análises topográficas, medições e correções do terreno, ações típicas da engenharia. Mas o que ressaltamos é a empolgação demonstrada nos discursos dos editoriais. A cada matéria aparecem escritas que lançam a impossibilidade do retrocesso da obra e a derrota do projeto que pretendia barrar a construção do Estádio Municipal. Nesse editorial, de 16 de dezembro surge no jornal a palavra colosso, para designar a magnitude da obra que se iniciara. Logo, a alcunha *Colosso do Derby* ganharia as páginas do *JS*, a ponto de ser esse o primeiro codinome do estádio. Parecia não ter havido, até o momento, obra que necessitasse de tantos cuidados técnicos, como aquela. “Algo de absolutamente inimaginável o que serão os cálculos de uma obra do porte do Estádio Municipal”, tanto que a Comissão Executiva de Estádios Municipais (CEEM) foi a responsável por arregimentar e enviar à Zona Norte do Rio de Janeiro “os melhores calculistas do Brasil”. Tal Comissão estava ligada a autarquia ADEM (Administração do Estádios Municipais), “uma entidade autônoma, com administração própria”<sup>73</sup>. Seu funcionamento se iniciou em 1947, por autorização suplementar e urgente na Câmara dos Vereadores, mas só foi instituída burocraticamente com o Decreto 9.239 de 25 de maio de 1948, publicado no Diário Oficial no dia seguinte, pelo prefeito Angelo Mendes de , que além de instituir tal comissão dava os pareceres sobre seu funcionamento em relação ao tratamento do Estádio Municipal. Era uma autarquia com determinados poderes administrativos e de decisão próprios. Foi ela quem determinou os valores das cadeiras numeradas que seriam vendidas posteriormente.

O custo dos projetos e dos cálculos, segundo o *JS* foi de três milhões de cruzeiros, “quatro vezes menos do que os especialistas haviam previsto”<sup>74</sup> e bancados pela esfera municipal. Nesse editorial já aparece a oferta pelas “cadeiras cativas”. Talvez essa tenha sido, até a inauguração do Estádio Municipal, a campanha mais enfática realizada pelo *Jornal dos Sports*.

A necessidade de recursos para o auxílio na construção do estádio estava explícita em como o *JS* se comportava quando tratava do tema. Se o termo “Batalha do Estádio” aparecia constantemente e de modo destacado nas páginas do jornal carioca, as cadeiras cativas também não fugiam à regra. Dos últimos meses do ano de 1947 à maioria das edições de 1948 o

---

<sup>73</sup> D.O 26/05/1948

<sup>74</sup> Realizando a conversão para a moeda vigente o valor ficaria em torno de R\$ 830,00. Embora saibamos que mais que os valores da moeda é preciso levar em consideração muitos fatores conjunturais para que a realidade do passado possa ser comparada com o presente.

incentivo na aquisição das cadeiras cativas por parte da população era imperativo pelo editorial do *JS*. “Qualquer torcedor poderá adquirir sua cadeira cativa” foi a página estampada em 27 de dezembro de 1947 mencionando ainda que a “facilitada aquisição” das cadeiras cativas poderia ocorrer a partir de 1º de janeiro de 1948, em até “vinte prestações mensais”. Para tanto, bastava ao interessado remeter uma carta ao Departamento de Tesouro indicando os dados pessoais e a forma de pagamento. Em

cinco, dez ou vinte prestações mensais e consecutivas. O título assegura uma cadeira numerada, pelo prazo de cinco anos, contado da data em que se realizar no estádio a primeira competição de *football* de que participem entidades subordinadas ao Conselho Nacional de Desportos.

O valor referente a compra das cadeiras cativas era de Cr\$ 5.000,00. Os primeiros mil títulos foram reservados aos membros do poder público e postos à venda um total de trinta mil. Após o período estipulado para uso havia também a possibilidade de permanecer com a cadeira pagando uma mensalidade de até de Cr\$ 100,00; como estipulado pela ADEM. Toda a renda obtida com a venda das cadeiras era revertida ao pagamento da construção do estádio Municipal e como já exposto acima, o *Jornal dos Sports* se dedicou a propagar a possibilidade de o cidadão carioca ser dono de uma parte do estádio do povo. Suas duas últimas edições do ano de 1947 – dia 28 e 30 de dezembro – dedicaram em suas capas ênfase na venda das cadeiras cativas. A edição 5.631 trazia em letras maiúsculas, “Às cadeiras!”, numa nítida forma de exortação à aquisição, além de uma entrevista com João Lira Filho, “o grande animador da iniciativa”, segundo o jornal. Próximo a Getúlio Vargas, sendo por ele nomeado presidente do antigo Conselho Nacional de Desportos (CND),

fora um *sportman* de grande influência e com uma longa trajetória nos meios esportivos [...], participou da elaboração dos estatutos da Liga de *Football* do Rio de Janeiro representando a Federação Metropolitana de Desportos. (Costa, 2006)

Com isso, tinha experiência e a aprovação necessária para estar à frente do Estádio Municipal. Também pela proximidade e acesso ao presidente Eurico Gaspar Dutra, auxiliando o “governo federal na utilização do futebol para fins de propaganda”, como menciona (Costa, 2006).

Na entrevista ao *JS*, João Lira dava os procedimentos básicos para se fazer a aquisição da cadeira cativa e também como poderia ser utilizada após. As cadeiras do Estádio Municipal, adquiridas poderiam ser alugadas a terceiros nos dias de jogos, “inclusive os jogos do campeonato mundial de *football*.” Assegurava também que a aquisição era um investimento a ser realizado, pois, poderia o proprietário ter rendimento com o dito aluguel. A população da capital detinha preferência na compra das mesmas. Mas poderiam ser adquiridas por qualquer indivíduo. Outro ponto abordado tratava de a possibilidade dos clubes de futebol comprarem determinadas cadeiras em espaços conjuntos para ali colocarem seus sócios “formando verdadeiras privativas sociais” em dias de jogo do clube. João assegura a importância de tal feito para “a expansão das torcidas”. As primeiras cadeiras vendidas foram respectivamente ao presidente da República, Eurico Dutra e ao prefeito Mendes de e naquela ocasião ainda sem abertura oficial da inscrição – só ocorrida em 1º de janeiro de 1948 –, era grande o número de interessados que recorriam à prefeitura para buscar informações.

Na entrevista de João Lira Filho ao *Jornal dos Sports*, outra vez o júbilo pela empreitada do Estádio Municipal é muito flagrante. Ele afirma que há “um poderoso movimento que contagia a opinião pública e possibilitará à cidade e ao país a posse do maior e melhor estádio do mundo.” O gigantismo colossal do projeto sempre entra em foco. Não à toa ele seria cumprido à risca, sendo a cidade do Rio de Janeiro, por muito tempo detentora do “maior do mundo.” João também ressalta o papel da “imprensa desportiva nacional que tudo tem feito com desinteresse, patriotismo e abnegação em benefício do desporto brasileiro”. Por tamanha dedicação à campanha do Estádio Municipal, João Lyra, em nome da administração do mesmo, promete “recinto compatível e permanente no estádio com todas as instalações modernas de conforto e equipamento.” Reforça o pedido a imprensa “que nos ajudem com sua propaganda desinteressada e constante” quando houver a abertura das inscrições para as trinta mil cadeiras. Após dialogar com a imprensa, ele se volta ao

povo brasileiro (que) corresponderá ao apoio que agora lhe dirigimos e que exprime a velha confiança com que nunca lhe faltamos, [...] sem outra ambição ou interesse senão a ambição e o interesse de ver o povo feliz. O êxito do grande empreendimento depende do povo brasileiro. Ele não nos faltará com seu apoio. Como não lhe temos faltado com nossa solidariedade.

Grande carga de responsabilidade é jogada ao povo na expectativa que o mesmo “compre” não só as cadeiras cativas, mas também a ideia de ter e manter o Estádio Municipal.

Fica nítido que as questões políticas estão nos discursos implícitos. A entrevista é finalizada fazendo mais uma vez um agradecimento especial à imprensa esportiva e conclamando novamente o povo a assumir seu lugar na construção do Estádio Municipal, pois após a conclusão da obra o que restaria era a vitória “do povo brasileiro e da opinião desportiva nacional.”

Arriscamos a dizer que toda essa questão da “solidariedade” para com o povo é em grande medida resquício histórico da primeira parte da “Era Vargas”. Ao governar tendo como aporte político os setores produtivos da cidade, Getúlio Vargas não só correspondeu a uma determinada expectativa do capital, como também a dos trabalhadores industriais. Leopoldi (2007) demonstra que o crescimento econômico do Brasil ganha um grande impulso a partir de 1930, quando o primeiro governo Vargas, traça políticas econômicas “ligando-as aos grupos nacionais e estrangeiros por ela afetados” e “realiza a difícil tarefa de responder às turbulências internas e externas”. Investindo no crescimento industrial, principalmente em siderurgia, petróleo e energia, as políticas de Getúlio Vargas estimularam a vida urbana, como já mencionado, consequentemente toda uma rede de trabalhadores urbanos foi tecida, não por dádiva, mas a partir das lutas sindicais de movimentos operários e criação de sindicatos.<sup>75</sup> Com todo esse aparato de uma parcela significativa de trabalhadores podendo ser lembrados das benesses políticas em prol de uma vida mais digna, com direitos assegurados, ficava fácil jogar com todo o poder do discurso com qualquer finalidade, inclusive as de cunho esportivo.

Também ganharam destaque nas últimas edições do *JS* de 1947 a apresentação do anteprojeto de construção do estádio. Durante o ano de 1948 as matérias trataram da evolução da obra, muitas ainda no plano burocrático, outras no tratamento do terreno do *Derby* e a maioria da campanha das cadeiras cativas. O *JS* assumiu a postura e até um compromisso implícito de fazer a venda das cadeiras, para isso foram formados “Comandos” de visita a estabelecimentos comerciais, programas radiofônicos e outros locais onde possíveis interessados poderiam adquirir seus locais cativos nas futuras instalações. Até mesmo o prefeito de São Paulo em visita ao Rio de Janeiro tratou de se inscrever em duas cadeiras, deixando ali a quantia de Cr\$ 10.000,00 e aderindo à campanha na sede do *JS*. Segundo a edição de 9 de março de 1948, o prefeito paulista, Paulo Lauro, ainda explanou sobre a importância da construção do Estádio Municipal na capital da República. A adesão de figuras públicas se fazia de extrema importância para o êxito na propaganda do jornal e o estímulo da população na

---

<sup>75</sup> Para essa questão do trabalhismo e das categorias, consultar as obras de Ferreira (2000 e 2005) e Gomes (2005).

aquisição das cadeiras cativas. O coro crescia na imprensa desportiva e as obras andavam e todo vapor para uma competição que ia acontecer em menos de dois anos.

Saltando para o ano de 1949 o Estádio Municipal começa a ganhar “corpo”. Já com as fundações e alguns lances baixos de arquibancadas, além de um trecho do que viria ser a geral, uma foto panorâmica fora publicada na primeira edição do *JS* de 1949, especial de 10 páginas (nº 5.940) lembrando que segundo o jornal as maiores e melhores construtoras do país estavam ali comprometidas com o andamento da obra. Além da perspectiva fotográfica, há no texto daquela edição um grande otimismo quanto à conclusão da obra antes do tempo previsto para a disputa do Campeonato Mundial, bem como da “*Coupe Jules Rimet*”. As visitas de personalidades políticas e jornalísticas se faziam constantes. João Lyra Filho, então presidente da CND e à frente da organização das obras, José Lins do Rego, que à época se ocupava das crônicas esportivas e o diretor do *Jornal dos Sports*, Mário Filho, por exemplo, faziam toda questão de estar presentes, visualizando a empreitada. Mario Filho, relata na edição 5.943 que após uma visita espontânea João Lira havia saído maravilhado com o que vira. “O Estádio Municipal e sua personalidade de praça de esportes moderna” é concretizado em cada editorial como a realidade da capital da República. Na respectiva edição (foto 5) aparecem as três personalidades acima, caminhando por entre trabalhadores sob um chão de vergalhões trançados a observar o andamento de cada passo da obra. Outras edições de 1949 também focavam os trabalhadores em momentos de labor entre armações de concreto, no que viriam a ser as arquibancadas ou em meio a altos guindastes. Visitas como do embaixador espanhol, Don Rojas Moreno e do time sueco Malmoe, que excursionou no Brasil enfrentando os clubes cariocas em 1949 também marcaram na imprensa esportiva presença naquele que já era a maior construção esportiva do mundo. Toda essa imagem também auxiliava na propagação da forma popular com que era tratada a construção. Além, claro do apelo sempre de caráter positivo, como já dito, que a obra ganhava tendo os discursos do jornal como forte aliado. Já em fevereiro daquele ano outra foto panorâmica estampada na capa demonstrava as arquibancadas superiores e os locais onde seriam colocadas as cadeiras numeradas. A edição nº 5.987 do dia 26 colocava em destaque: “vejam e pasmem; não é a girafa, mas algo muito mais alto que muita gente acreditava não existir. É o Estádio Municipal com toda sua imensa grandiosidade já delineada”. Também mencionava que em breve os “155.000 espectadores comodamente se instalarão nos degraus colossais do maior Estádio do Mundo”. O sonho do Estádio Municipal estava à frente dos olhos daqueles que apostaram na sua realização e daquela população carioca. Contudo, a

promessa da construção de outras praças esportivas nos subúrbios não havia sequer começado e até então o *JS* não mencionara mais em suas páginas tal problema. Já a venda de cadeiras cativas era anunciada na página 3 da edição de número 6.007 com letras bem notáveis juntamente a um quadro de cinco fotos do prefeito Mendes, juntamente a Mario Filho – a legenda dessa foto mencionava a autoridade agradecendo o jornalista pelo empenho na propaganda da campanha –, Herculano Gomes e outras personalidades em meio obras e sentados à mesa num churrasco oferecido pela ADEM aos “obreiros do Estádio”. O título dizia: “duzentos mil cruzeiros diários de cadeiras cativas”. Já na edição do dia seguinte quem ganhava destaque era justamente o Estádio Municipal. Em uma imagem aérea pegando parte do entorno, onde se localizavam casas, estação e etc. A comparação com imagens aéreas (vide anexos) do antigo *Derby Club* e agora uma obra já em estágio avançado, com o Estádio, é uma análise espacial bem interessante do passado com o momento presente. A diferença da estrutura da cidade é notável a cada imagem em que se vê a evolução das obras. Casas e arranha-céus são uma dicotomia entre o que se conhece do urbano passado e do contemporâneo. Na respectiva reportagem o jornal criticava sutilmente os que não acreditaram na obra e pedia que dessem a mão à palmatória, pois, ali estava o “colosso que surge no *Derby*”.

Em dezembro do mesmo ano o *JS* saudava o prefeito Ângelo Mendes de Moraes com dupla felicitação. A primeira por ocasião de seu aniversário, no dia 17, a segunda

à decisão, à audácia e tirocínio do prefeito a realização do gigante do *Derby*, sem o qual não apresentaria o Brasil a oportunidade – que só se tem de século em século – de promover a “*Copa do Mundo*”, uma assembleia universal da comunidade atlética.

O “orgulho do desporto brasileiro”, estava em um ritmo de construção que causava otimismo em boa parte daqueles que haviam apostado na sua existência. A expectativa era a realização de jogos já nos primeiros meses de 1950 ou mesmo no final de 1949. O que acabou não acontecendo. Contudo, as obras de finalização se atrasaram e tanto nos primeiros jogos testes realizados no Estádio Municipal como na grande final era possível observar os restos de obras entre os torcedores que se contorciam para ultrapassar os obstáculos e assistir a alguma partida, assim como a sustentação provisória, feita por tubos de aço, da marquise superior.

No último domingo de 1949, a edição do dia de natal oferecia aos leitores mais “dois magníficos aspectos do Estádio Municipal”. Ambas as imagens demonstravam o Estádio

Municipal já em estágio avançado, mas ainda sem a marquise superior, também os andaimes erguidos com madeira e ferro e neles um grupo de homens em seus trajes de gala compostos de ternos brancos e gravatas, além dos usuais chapéus. Havia ali ainda um aspecto muito próximo da estética das arquibancadas nos primórdios do futebol no Brasil. Fraques, lenços e chapéus eram a roupagem de uma classe de pessoas que iam assistir aos jogos nos campos do Rio. Como bem demonstra Pereira (2000), “as partidas [...] realizadas, tornavam-se [...] encontros entre a juventude elegante da cidade”, “lotadas de cavalheiros distintos e senhoritas com vestidos claros, as arquibancadas pareciam um salão de festas” nos primeiros anos do século XX no Rio de Janeiro. Aquela edição (6.241), apesar do tempo transcorrido e do aperto quanto ao prazo final, ainda trazia um aspecto otimista mencionando o grande ritmo acelerado da obra que sempre fora mantido, a honra dos torcedores

que há tanto tempo vinham merecendo um local amplo e confortável onde pudessem continuar prestigiando as realizações das atividades esportivas da cidade *nas suas realizações magnas* (grifo nosso) e os aficionados (que) hão sempre de recordar 49 *como uma das memoráveis épocas do esporte brasileiro* (grifo nosso).

A 31 de dezembro de 1949, “o matutino de maior circulação do Distrito Federal”, mostrava a imagem de Mario Filho junto a Lafaiete Ribeiro, esportista americano, e Luis Vinhais – conhecido por sua atuação no meio esportivo brasileiro desde 1934. A reportagem do número 6.246 anunciava o término do ano com “a realidade do Estádio Municipal” que ali estava para mostrar

a pujança de uma administração, o esforço de um consórcio, a abnegação dos operários e o entusiasmo de todos os desportistas, que já estão aguardando com o mais vivo interesse, a inauguração do monumento do *Derby*, orgulho da nossa metrópole, palco das mais sensacionais pelejas do ano vindouro.

De certo as partidas da Copa do Mundo de 1950 tiveram momentos especiais para a população brasileira que acompanharam aqueles momentos e mais certo que a peleja triunfal se tornaria um fardo, talvez comparável ao *colosso* que surgia no *Derby*.

O ano promissor de 1950 começava com o *JS* demonstrando bem mais que desejosos votos de felicitações. A matéria de capa escancarava o que acontecera em 1949 e os resultados obtidos até ali. Nas duas campanhas que o jornal havia lançado três anos antes o sucesso parecia

ter atingido a empreitada e haviam conseguido o objetivo final. A construção do Estádio Municipal e a venda das cadeiras cativas estavam nos planos do avanço. Não era algo retornável a uma estaca zero e os editoriais do *JS* faziam questão de mencionar a situação. Também expunham o insucesso daqueles que haviam se colocado contra ambas as campanhas, inclusive no recente ano de 1949. Ou seja, as campanhas contra o Estádio Municipal e contra a venda de cadeiras ainda era realidade naquele momento de 1950. Tanto que a respectiva edição trazia vários questionamentos e colocações nesse tocante. Uma foto das construções tomando a margem superior, voltava à capa do jornal, assim como as letras em negrito com os dizeres “Direito líquido e certo o dos possuidores das ‘cadeiras cativas’”. Quem lia a matéria de capa imaginava algum problema decorrente da aquisição das mesmas. Contudo, o editorial explicava que aquele título era uma menção justamente a campanha contrária realizada por “certos indivíduos acobertados por certos jornais” que

não descansam em sua atividade subterrânea e impatriótica, que desde os primeiros instantes combateram a iniciativa da construção do Estádio Municipal pela Prefeitura visando interesses subalternos de uma empresa que pretendia construir uma praça de esportes na zona suburbana a fim de valorizar seus terrenos.

Dentre as disputas citadas pelo jornal aparece a da especulação imobiliária. Sem dizer qual veículo produzia determinadas informações que pretendiam desqualificar a construção do estádio, o *JS* abria seus espaços para uma espécie de denúncia das estratégias de alguns dos seus oponentes no campo do apoio dado a obra municipal. O evidente é a forma como o poder público também se comportou fazendo suas opções políticas e financeiras em optar por um determinado projeto e não por outro, o da construção de “praças esportivas” em outros locais da cidade, como aparece no editorial acima mencionado, mas também como parte do Projeto 161, que condicionava a construção do Estádio Municipal a outros locais de prática esportiva construídos pela cidade. Principalmente em direção à Zona Norte. De fato, o jornal avaliava corretamente que o Estádio Municipal viria “para enriquecer o patrimônio artístico da cidade”, além de sua “*feição e características eminentemente populares*” (grifo nosso) e que ele seria “por estes séculos afora o orgulho de várias gerações brasileiras e a admiração de todo o mundo”. Foi o Estádio Municipal um projeto de cidade e de vivência na cidade. Chama atenção como o que o *JS* da edição acima citada consegue captar e projetar em relação ao futuro da cidade e sua vida esportiva tendo a grande praça esportiva como pano de fundo. Se o Rio de

Janeiro já vivenciava uma vida esportiva de grande intensidade, isso foi exponencialmente elevado com a presença do Estádio Municipal e a aglomeração das multidões. Se antes os estádios cariocas se mostravam em parte acanhados pela pequena capacidade de público com a nova praça esportiva isso tenderia a mudar e aqui avaliamos o entendimento e a importância da imprensa esportiva e objetivamente de Mário Rodrigues Filho nesse entendimento. Era preciso incentivar as massas a entenderem o espetáculo e o ambiente como próprios e como parte de si. Daí o fato de o próprio jornalista ser reconhecido como o grande inventor das multidões, como seu irmão e também jornalista, Nelson Rodrigues sentenciou.

No mês de janeiro de 1950 o Estádio Municipal já possuía um gramado e as marquises superiores começavam a serem construídas. Com as arquibancadas superiores já prontas o primeiro “*test*” com “carga viva” foi realizado. Cerca de três mil operários da própria obra realizaram movimentos com intensa trepidação afim de os engenheiros conseguirem avaliar o comportamento das estruturas em relação à movimentação nos setores. Segundo o jornal o teste foi intensamente esperado pois daria o parecer sobre a qualidade da obra. Os resultados foram publicados na edição de 13 de janeiro. A capa do jornal trazia mais imagens das obras em estádio avançado, além da descrição de como ocorreu o teste. Mas o destaque ficou por conta da imagem de Mário Filho dentro do estádio observando a realização do teste e da palavra “*blitzkrieg*” em destaque evidente. Uma guerra relâmpago anunciada pelo *JS* para a conclusão das obras do estádio, já que o jornal previa a conclusão da mesma para dali a cem dias, com arquibancadas, gramado e marquises prontas “de maneira que se pode concluir de não haver qualquer embaraço na marcha dos trabalhos a despeito dos derrotistas o Estádio Municipal estará pronto para os jogos da Copa do Mundo”. Após o teste nas arquibancadas os mesmos funcionários da obra foram para o gramado realizar ali o “*teste*” do mesmo. Três mil homens em campo correndo atrás de uma bola, “e empenharam-se em animado prélio desprezando até a chamada da sineta que anunciava o pagamento”, retratava o *Correio da Manhã* em edição de 13 de janeiro.

Porém, nessa edição de número 6.257 do *Jornal dos Sports*, também chama atenção a matéria assinada por Geraldo Romualdo da Silva, na coluna “A ‘Copa do Mundo’ descobre o Brasil”. O título, em negrito, “Mas o Brasil pouco fez pela ‘Copa do Mundo’” vinha seguido pela nota “a única exceção continua sendo o estádio”. A matéria ainda continuava fazendo comparações com os investimentos feitos por Itália e França nas Copas de 1934 e 1938, respectivamente, e nas Olimpíadas realizadas na Alemanha em 1936. O contexto histórico de

ambos os eventos era o fim da Primeira Grande Guerra (1914-1918) e o caminhar para o inexorável conflito armado que viria em breve e receberia o nome de Segunda Guerra Mundial (1939-1945) com ascensão da política nazifascista, que possuía o gigantismo psicológico das obras públicas como um dos principais conceitos arquitetônicos; que por sua vez remontava à “grandiosidade” das construções estatais das civilizações antigas como Roma e Grécia<sup>76</sup>.

A matéria trazia a foto do “Forum Mussolini” – rebatizado de “Forum Itálico” após a derrota do fascismo italiano –, com o próprio jornalista ao centro da construção, que fora ordenada pelo próprio *Duce*, para a Copa de 1934 a fim de ser um estádio de futebol, o que não chegou a ocorrer. Também ressaltava a pretensão do ditador italiano, de naquela localidade de Roma erigir “um estádio sem similar, um estádio que superasse todos em arte de capacidade para a reunião de público”. Benito Mussolini sabia da importância do futebol para se chegar às massas. Como o esporte tem um grande poder de aglomeração a facilidade para se trabalhar questões importantes ao fascismo ganhava ali um forte facilitador. Além disso, um dos componentes fascista é justamente o nacionalismo espraiado entre os indivíduos, entre as massas – principalmente aos trabalhadores, que pela solidariedade podem, como o fizeram em dados momentos, e poderiam muito bem naquela Europa serem uma forte resistência às campanhas nazifascistas.<sup>77</sup>

Voltando a matéria do *JS*, se para Romualdo no comparativo das obras de estádio estávamos em pé de igualdade com os italianos – embora contestado pelo fato de a capacidade do *Stadio del Partito Nazionale Fascista* ter abrigado na final do campeonato mundial 73.000 (Baggio, 2013), o número aparece de forma contraditória já que o jornal italiano *La Repubblica*, na matéria publicada em 17 de fevereiro de 1988 (Dal 1911 ad oggi tutti gli stadi di Roma) menciona a capacidade total do estádio em cerca de 30.000 espectadores, e após as reformas de 1927 aparecem números na casa dos 55 mil lugares –, no quesito de um possível legado daquele evento de 1950, ficaria talvez o “arrependimento de um século”. Também mostra uma certa rixa entre a Prefeitura do Rio de Janeiro e a CBD, levando a desentendimentos que além de atrasar procedimentos necessários à conclusão da obra, também prejudicavam outros aspectos da cidade. Romualdo Silva coloca suas críticas afora do aspecto antinacionalista ou

---

<sup>76</sup> Para um estudo detalhado sobre os fascismos e as relações com a psicologia de massas ver Reich (2001).

<sup>77</sup> Não entraremos aqui no debate. Ele exigiria por si só, um capítulo extra que fosse capaz de levantar temas como os já citado nacionalismo, trabalhismo, sindicalismo, identidade, dentre outros. Temas por demais extensos, complexos e de uma bibliografia vasta. Servimos de alguns pontos isolados durante o trabalho, visto que os momentos históricos e as simpatias dos governos brasileiros a alguns pontos utilizados pelo nazi-fascismo se cruzam.

“antipatriótico” projetado àqueles críticos à forma como vinha sendo construído o Estádio Municipal e também aos que se mostravam contra a realização do campeonato mundial em terras brasileiras – como já mencionado. A sua visita a Europa serviu para que o mesmo detectasse uma curiosidade em relação ao Brasil, muito pelo fato da “alta propaganda que o *football* tem feito de todas nossas coisas, de todos nossos homens e de todas nossas belezas.”

No seu retorno ao Brasil é que surge sua crítica. Crítica aos dirigentes “o Brasil-Governo, o Brasil-Oficial, para o Brasil-palaciano, (a quem) esse Campeonato do Mundo que aí vem nem parece existir”, que estimavam a Copa do Mundo como um “rotineiro Rio-São Paulo [...] senão na melhor das hipóteses de um sul-americano”, crítica também ao que não seria encontrado pelos estrangeiros que aqui viessem para o campeonato mundial e sua possível decepção ao não ver superados os eventos realizados na Europa, como as próprias Copas e as Olimpíadas de Londres e Berlim. O risco de se perderem pelos locais dos jogos, como “os suecos perdidos em Bonsucesso” ou “uma delegação em peso, andando de caminhão daqui para ali”, mencionando, pois, o fato de muitas das vezes o selecionado brasileiro ser assim transportado pela CBD.

O jornalista ressalta a crítica vindoura do “inglês, o francês, o italiano, o suíço, o espanhol, o português”

quando eles verificarem que nada o que supunham encontrar no Brasil lhes foi proporcionado, hotel, facilidade de transporte, etc. – seremos duramente criticados. Aí então iremos nos revoltar. Iremos nos sentir fundamentalmente ofendidos. Ofendidíssimos. E de bolsos vazios.... Como é infalível, entretanto – nem pode deixar de ser assim – que um dia haveremos de nos arrepender, embora tardiamente, o arrependimento que durará fatalmente um século, por não termos sabido aproveitar melhor a ocasião.

A crítica de que a *oportunidade* de realizar um evento grandioso escapou à mão e teria sido diferente se

houvesse cabeças mais assentadas, mais experiência e menos falatório; mais técnicos e menos “comissionados”, o Campeonato do Mundo de 50, constituir-se-ia em maravilhosa fonte de renda para os cofres públicos. Fosse por quem de direito, orientado e assistido, acabaria inteligentemente transformado em lucrativa fonte de turismo. Quer dizer: em rendoso meio de propaganda como foi para a Itália em 34; como foi para a França o de 38; e como foram para Berlim e Londres os Jogos Olímpicos de 36 e 48.

Diferente, na opinião do jornalista, a ponto de superar a marca dos

20 mil atletas estrangeiros e mais de dois milhões de turistas, gente que se abalou dos quatro lados da terra para assistir as competições e deixar no *Reich* (grifo nosso) biliões de marcos!

Itália e França fizeram projetos semelhantes. E nós o que fizemos, além do Estádio Municipal – base da propaganda da “Copa do Mundo” de 50 – um Estádio que muitos combatem por nele não haverem acreditado desde o princípio, ou por não compreender que alguém possa acreditar nele sinceramente e sem “marmita”?

Romualdo Silva chegou a França e aproveitando a ocasião entrevistou Jules Rimet, então presidente da FIFA. Este ressaltou que “o Brasil precisa entender que um Campeonato do Mundo é feito para o mundo, e não exclusivamente para aquele que o patrocina.” A fala de Jules Rimet ao repórter brasileiro vai no sentido de uma Copa não internada em seu próprio espaço ou de realizações que também, e arriscamos dizer, prioritariamente, satisfizessem as expectativas de turistas e/ou das nações participantes. O legado – ainda que essa palavra não tenha sido usual àquele evento – não poderia ser somente um estádio, como inclusive mencionava o jornalista em sua escrita. Mas chamamos atenção para a reportagem acima, por drasticamente contrastar com o que até aquele momento vinha aparecendo nas páginas do *Jornal dos Sports*. O intenso otimismo praticado por Mário Filho e outros editores naquele espaço, ganhava nos primeiros dias de 1950 uma crítica “realista” de uma determinada situação ausente nas capas e no interior do *JS*. Aparentemente, o jornal que de tudo fizera para emplacar junto à população as benesses de uma Copa do Mundo no Brasil, inclusive mencionando a própria “vontade geral” e a ajuda do povo possuía agora entre os seus uma voz dissonante, “após uma viagem ao estrangeiro”.

Mas as campanhas pró Estádio possuíam mais força e na edição de 6270 de 28 de janeiro de 1950 já dava uma data para a inauguração do Estádio Municipal. Seria o dia 25 de maio. Pouco menos de quatro meses o estádio deveria ser entregue à cidade e a edição seguinte, do dia 29, mostrava ainda as estruturas de sustentação do que viriam a ser uma das maiores marcas de identificação do *Colosso do Derby*, a marquise do Estádio. Em suas estruturas e posteriormente, nas próprias, várias foram as imagens feitas das mais “ilustres” personalidades políticas e esportivas. Em quase todas a presença de Mário Filho era certa. Ao lado do prefeito, engenheiros, chefes de construção, outros jornalistas... em cada oportunidade o diretor do *JS* se fazia notar. E quanto mais se aproximava a conclusão das obras do Estádio Municipal e a chegada do Campeonato Mundial, mais o jornalista era presente tanto nas matérias quanto nas fotografias das obras. A 26 de março – edição 6.316 – uma foto feita por um avião mostrava

aos leitores uma “magnífica visão do Estádio Municipal” já com boa parte da marquise instalada, arquibancadas construídas e uma grande obra ao redor. Com um editorial que chamava a atenção para o local onde seria disputada a Copa do Mundo, “o maior certame de football de todos os tempos” o *JS* finalizava pontuando o que faltava ainda da obra do “gigante do Derby Club” e reafirmando que dentro de pouco tempo ela seria concluída “diante da dedicação que os operários estão atacando a obra”; uma “obra da engenharia patrícia, que constitue verdadeiro orgulho para todos os brasileiros.”

“A mais impressionante fotografia do Derby” surgia na capa do *JS* em pleno abril (edição 6.326, 7 de abril de 1950) em foto de Angelo Gomes – fotógrafo oficial do jornal. O que se via era uma imagem aérea do Estádio Municipal, com grande parte das placas de concreto, que formariam as marquises, já colocadas. Como a imagem foi feita de maneira aberta, flagra-se os arredores do estádio, para além das obras também no entorno. As casas ainda baixas, a linha férrea da Central do Brasil, a avenida Maracanã, o quartel do Corpo de Bombeiros, marcavam a “obra magnífica, para o presente e para a posteridade”. A imagem fora encomendada pelo *JS* e programada para ser feita em horário específico. Às 16:15h, segundo o jornal “no horário previsto” de início dos jogos. O jornal faz a menção à posição que o sol chega ao estádio nesse turno, de modo a

não perturbar a visão dos jogadores e dos torcedores. Dessa maneira a obra esportiva que serviu para consagrar a administração do General Angelo de Moraes à frente dos destinos da Metrópole (grifo nosso), oferece aí um aspecto de arte e beleza conjugadas. E assim o desporto brasileiro fica possuindo a maior praça de esportes do mundo.

Propositado nosso grifo, pois, segundo o “Diário de Maior Circulação da América do Sul”, o empreendimento e a dedicação de Angelo Mendes de Moraes faziam parte de um projeto de cidade. Para alguns, principalmente os adversários políticos, era ousadia, mas para os defensores da Copa e da construção do Estádio Municipal a cidade não seria a mesma após a grandiosa obra. Nas análises do jornal nos parece que a construção do Estádio era o primeiro plano e a Copa do Mundo de Futebol um pano de fundo. Não à toa a ênfase no campeonato mundial se inicia em meados de abril de 1950, quando ganha um pouco mais de destaque na capa do periódico. As reportagens se concentram, contudo, nas seleções que viriam ao Brasil e nos ocasos, desistências, ameaças de não comparecimento; e claro, sempre como pequena nota de que o *Colosso do Derby* era erguido. A prefeitura do Rio de Janeiro dava total apoio à

competição, o jornal mencionava sempre os esforços do prefeito em fazer parte do mundial acontecer e que a cidade fosse o palco principal e a cidade de maior destaque. Isso de fato ocorreu. Chamava atenção de muitos a construção, tanto que as constantes visitas ocorreriam de forma ainda mais intensa cada vez que se aproximava a conclusão da obra. O gigantismo do Estádio Municipal era apreciado, inclusive, internacionalmente e isso se refletia nessas próprias visitas, como a de pilotos da *Scandinaviam Air Lines* e de membros da colônia sueca, que juntamente ao cônsul Per Sodeberg, estiveram nas dependências da construção em 25 de abril de 1950, segundo a edição 6.340 do dia seguinte.

Se por um lado a importância do jornalista Mario Filho na campanha para a construção do Estádio Municipal era notória, outra figura também ganhou muito destaque nas páginas do periódico *Jornal dos Sports*. Durante toda a “Batalha do Estádio” a pessoa de Angelo Mendes de , o general-de-divisão que também era prefeito do Rio de Janeiro, indicado por Eurico Gaspar Dutra em 1946, Mendes de permaneceu até 1951 no Executivo. Em muitas das edições do *JS*, quando se trata da construção do estádio à figura do prefeito são tecidas loas. Como na edição de 11 de junho (6.380), que talvez tenha sido a maior “homenagem (...) que os esportes coletivamente prestarão ao prefeito”. Segundo a reportagem, o general Angelo Mendes de fora “um administrador público que soube cativar as simpatias gerais dos desportistas, pelo seu trabalho eficiente, esforçado e desinteressado em favor das causas do esporte.” Além disso, reforçava o administrador como um dos principais vencedores da “Batalha do Estádio”. Mas o principal destaque era de fato a fotografia do busto do prefeito, que segundo o jornal, como homenagem ficaria na entrada do Estádio Municipal e inaugurado juntamente ao Colosso do *Derby*.

A inauguração oficial ocorreu numa sexta-feira, 16 de junho de 1950, com grande cobertura da imprensa. O *Jornal do Brasil* publicou nas páginas dedicadas aos esportes do número 139, uma planta baixa “de modo claro e preciso o acesso ao Estádio Municipal”, assinalando as arquibancadas e o acesso a geral. Mas de certo o maior destaque ficou por conta do *JS*.

A capa da edição de número 6.384, saída poucas horas antes à inauguração do Estádio, era totalmente dedicada ao evento, que se iniciaria às 9h, “com a chegada de S. Excia. O Senhor Presidente da República e corte da fita simbólica no portão da avenida Maracanã.” O título “entrega do maior estádio do mundo ao povo! O Colosso!” Vinha acompanhado de várias charges bem-humoradas e satíricas em relação ao estádio – “a Copa do Mundo será no Brasil.

Só se for no quintal lá de casa”. Conversavam, dois personagens –, representavam aqueles que não acreditavam nas obras, mas também algumas fotos das importantes personalidades que haviam sido decisivas na Batalha do Estádio. Mario Filho – além de fotografado foi representado como um soldado, de arma em punho e charuto na boca em meio aos estampidos de bombas e a legenda “o primeiro soldado da Batalha do Estádio” –, Herculano Gomes e Angelo de Morais estavam presentes. Bem como a foto de um “operário brasileiro [que] demonstrou o valor da sua cooperação.” Este era apontado por um personagem saído de dentro do estádio, portando um violão na mão direita e exclamando: “e neste estádio haveremos de ser campeões do mundo.” Além da foto de uma parte do Estádio mostrando arquibancadas, geral e um pedaço da obra ainda a ser realizada. Por toda a edição, notícias e matérias especiais demonstravam de alguma maneira um determinado aspecto do Estádio Municipal. Do quadro de energia, responsável pela alimentação do estádio até uma coluna assinada pelo engenheiro Mario Bacellar Rodrigues, um dos responsáveis pela obra, na qual o mesmo ressaltava a “vitória do povo brasileiro [...] de dotar sua Capital de um estádio condigno com sua categoria de uma das mais belas cidades do mundo” o Estádio estava retratado. O profissional também mencionava, citando apenas uma empresa, a Sika LTDA., o “comprometimento” (grifo nosso) das mesmas em realizar a entrega de determinados materiais para a construção “sem prazo certo para o pagamento”, recusando, assim “os conselhos que lhes foram dados, de que tal procedimento lhes iria redundar em total prejuízo”. Ou seja, segundo o mesmo, houve problemas na organização para uma construção de grande porte que durou menos de três anos e foi inaugurada ainda inacabada. Porém, o mesmo otimismo que esteve presente nas primeiras capas do *JS* mencionando o início da “Batalha do Estádio” se fazia notável também naquele momento de conclusão e entrega das obras à sociedade. Em matéria do também engenheiro Fernando Magalhães e dono da empresa homônima, há a descrição de uma “obra feita com o coração”, em que “a construção trouxe a confiança a uns, a indiferença a outros e a desconfiança a muitos”, porém o respectivo empresário diz só ter aceitado a empreitada por “muito ter acreditado na construção” encabeçada pelo “Prefeito do distrito, muito interessado em dar à Metrópole do Brasil uma obra digna de sua *civilização e cultura* (grifo nosso) desportiva.” A famosa coluna “Bolas na Lagoa”, escrita por Pedro Nunes sob o título de “O soldado conhecido”, classificava o periódico como uma “barricada” pela construção do estádio. Também rendia muitas homenagens a Mário Filho, mencionando-o, assim como a ilustração presente na capa da respectiva edição, como um soldado, “mais operoso dos obreiros do gigante

que hoje se ergue majestoso no Maracanã, realização que impulsiona cem anos de desenvolvimento na vida esportiva da nação.” Por fim, a edição dedicava em sua página 6 um histórico de todo o processo de construção do Estádio. Desde a tramitação dos processos burocráticos e políticos na Câmara dos Vereadores, a construção iniciada em agosto de 1948, até aquele dia da entrega do Estádio Municipal, além dos esforços e das descrenças no processo. A reportagem também afirmava o compromisso no qual o *JS* se empenhara, o de lutar pelo estádio e a

cada nova etapa iniciada era sempre comemorada com grande júbilo pelo JORNAL DOS SPORTS, que assim manifestava a intensa alegria que ia se apoderando de todo o povo do Rio, de todo o povo brasileiro, à medida que iam sendo vencidas as etapas da construção.

Mas a “cereja do bolo” da edição que encerrava um empenho histórico na campanha de construção do Estádio Municipal – talvez uma “cruzada” não mais repetida na imprensa brasileira em relação a um aparelho esportivo –, fosse o artigo escrito pelo próprio Mário Filho à página 9 do periódico dirigido pelo próprio. Ao lê-lo à vontade era a de transcrevê-lo na íntegra para esta dissertação. O que daria muito trabalho a adaptá-la às estéticas normativas e acadêmicas. No entanto, o jornalista brinda o encerramento de uma jornada, em detalhes que nos permitem avaliar o que foi, para o próprio a vitória na *Batalha do Estádio*.

Venho esperando o dia de hoje há um bocado de tempo. O dia de hoje, a princípio, não tinha data. Não era propriamente um dia, era uma visão. Eu via o estádio pronto: bastava fechar os olhos para vê-lo [...]. Eu não via o dia, via o estádio. [...] O estádio é um milagre, um milagre na expressão mais pura porque é obra de fé [...]. É uma massa de ferro e cimento que desafia o tempo. Honrando o trabalho do homem. No caso, o homem brasileiro [...]. Eu me orgulho de ter acreditado no estádio, de ter lutado por ele, mas me orgulho também de ser brasileiro. Foi o brasileiro que realizou esta obra que nas palavras do engenheiro Barassi, *honra a humanidade* (grifo nosso).

Assim, o texto de Mario Filho expressava de um sentimentalismo para com o estádio, a expectativa de ver realizada a grande obra pela qual se empenhou, tanto diante de políticos e autoridades quanto diante da população carioca. Também lembrava que durante a “Batalha do Estádio” houve várias sub-batalhas, “a batalha dos projetos” se referindo aos projetos arquitetônicos para a viabilidade financeira e de espaço da obra, “a batalha do terreno” – onde construir o Estádio Municipal? E por que construi-lo? Foram algumas questões ligadas a essa

batalha. Lembremos, pois, de todo o debate entre os políticos que envolviam tal ponto -, “a batalha do dinheiro”, aliás, a princípio as verbas não poderiam sair totalmente dos cofres do município, após toda a campanha de financiamento “popular” do estádio e do comprometimento da esfera federal a maior parte dos investimentos ficaram, inevitavelmente, ainda por parte da prefeitura do Rio de Janeiro, cerca de 80% do valor empregado. Em 12 de setembro de 1947, o jornal *O Globo* à página 12, em letras chamativas: “*João Lyra Filho esmagou os detratores do estádio.*” “Nenhuma das 24 perguntas formuladas por Carlos Lacerda deixou de ser satisfatoriamente respondida.” Lyra Filho, na posição de secretário de finanças da prefeitura foi questionado sobre vários pontos da constituição do estádio. A reportagem questionava a postura dos membros da câmara municipal, principalmente da “bancada comunista” por tornarem o ambiente tumultuado várias vezes e mencionava um subtítulo “pergunta ou julgamento?”. Os questionamentos dos vereadores traziam a cabo questões da urbanização da cidade. Não só nos arredores dos terrenos avaliados como também em vias de acesso ao mesmo. A serviço da prefeitura e defensor do projeto do estádio, João Lyra Filho, fora arguido sobre:

Da avaliação dos Terrenos

- a) quais os termos do laudo técnico dos terrenos do Derby Club e do Jockey Club a serem permutados?

Solução para os problemas das inundações da Zona Norte

- b) Quais os projetos de urbanização das áreas adjacentes ao Derby Club, inclusive da Avenida Radial Oeste e o Canal Interceptor?

20 milhões de cruzeiros o total das desapropriações

- c) Quantos prédios e terrenos serão desapropriados para a realização das obras projetadas especialmente na Avenida Radial Oeste, até o Mangue, na altura da Escola Epitácio Pessoa, esquina da Avenida Paulo de Frontin até o Derby Club?

114 prédios serão demolidos

- d) Quanto prédios serão demolidos e qual o número de habitações desses prédios?

200 milhões de cruzeiros o orçamento geral

- e) Qual o orçamento provável das despesas relativas à construção do Estádio Municipal e quais os autores das plantas, especificações e estimativas do referido orçamento?

126 milhões de cruzeiros custarão as obras de urbanização do estádio

f) Qual o orçamento provável da despesa a ser efetuada com a efetivação das desapropriações e a realização dos projetos de urbanização das áreas adjacentes aos terrenos do Derby Club?

Ao final a matéria terminava por assinalar que todas as perguntas foram respondidas e o secretário dado dos questionamentos de conta de forma “sensacional”.

Mario Filho recordava que um estádio do porte do Estádio Municipal estava cotado desde 1941, ainda sobre a administração de Gustavo Capanema, “que chegou a ter cinquenta mil contos arrecadados especialmente para a construção”. No entanto, a obra sempre fora adiada, talvez, esperassem as autoridades por um motivo extra para realiza-la, a Copa, por exemplo – como já vimos, a Grande Guerra foi uma dessas razões de adiamentos. Dizia Mario Filho que 1948 não era um dos momentos mais propícios para a construção do Estádio Municipal. Para ele, “em quarenta e um (1941) era mais fácil que em 45 (1945) e em quarenta e cinco era mais fácil que quarenta e oito (1948) ”. No dia 15 de julho de 1948 *O Globo* anunciava em sua capa, o sinal verde da comissão executiva do estádio municipal às “firmas construtoras” e a “chamada dos trabalhadores” para o início das obras

da monumental praça de esportes em que será disputado o campeonato do mundo. Uma empreitada da amplitude de um estádio (o maior do mundo), como o que se erguerá nos terrenos do antigo Derby envolve uma série de medidas preliminares, cuja complexidade escapa certamente ao grande público. De qualquer maneira todos aqueles que desejam ver o Rio dotado de um estádio à altura de seu desenvolvimento e renome de seu *football* ficarão satisfeitos ao saber que se vai ser proceder à mobilização dos operários para o começo das obras. [...] Vale dizer que, dentro do período previsto, isto é, até meados de 1949, estará o estádio em condições de ser utilizado para os jogos de *football*.

Ainda assim àquele momento, mesmo com recursos escassos e a necessidade de se fazer extensas campanhas de apoio à construção, na qual “escrevia o mínimo de dois artigos por dia a favor do estádio”, não haveria de desacreditar aquilo que era “a maior obra do povo brasileiro”. Lembrava também aquilo que o predecessor de Ângelo de Moraes, o outrora prefeito Hildebrando de Góis, mencionara anos depois, já com a possibilidade de escolher pelo lugar do Derby Club: “havia o projeto, havia o terreno e o dinheiro se arranjaria. ” Não especificara, contudo, a forma de como se arranjaria o dinheiro, mas com a chegada de Mendes de Moraes a promessa se tornara compromisso deste, para com Mario Filho, mas também com a cidade do

Rio de Janeiro e com os brasileiros, em geral. “Todos que o precederam na Batalha do Estádio, aceitavam o menor pretexto para o recuo.” E na verdade quando Mendes de Moraes assumiu seu cargo, não havia projeto, terreno, muito menos o dinheiro. O diretor do periódico narra a segunda vez em que vira o General-prefeito e este lhe dissera que a construção não era uma promessa, mas um compromisso assumido e que de tudo faria para sua realização, sem voltar atrás. “Olhe bem: não é uma promessa, é um compromisso. Eu nunca faltei, nem faltarei com um compromisso assumido.” Teria dito, Ângelo Mendes de Moraes a Mario Filho nesse encontro citado. Talvez, por essa empatia e por acreditar de fato no empenho do prefeito, o que realmente aconteceu, o jornalista tece tamanhas congratulações e elogios a grandiosidade do Estádio Municipal, mas também e principalmente – no caso deste artigo – ao prefeito Ângelo Mendes de Moraes. Nas linhas desse artigo, escritas por Mario Filho, surge pela primeira vez a sugestão do nome do Estádio Municipal ser justamente Mendes de Moraes, “o nome de um homem como ficou gravado na memória do povo”. E findava dizendo que a homenagem era pertinente por se tratar de “um homem que acreditou em si mesmo. Que acreditou no Brasil.”

Por fim, à página 10, a fotografia destacada dos três grandes responsáveis pela construção do Estádio, segundo o *JS*. O prefeito ao centro ladeado pelo responsável técnico e diretor das obras, Coronel Herculano Gomes e pelo diretor técnico do Estádio, Paulo Guedes, a quem ficou incumbido a direção da ADEM. Na mesma página vê-se duas fotografias internas do Estádio municipal, onde vê-se “parte do campo, o fosso, *as populares*, local das cadeiras cativas, arquibancadas e refletores.” As últimas páginas foram dedicadas a menções honrosas às empresas que de alguma forma auxiliaram na construção do estádio ou no fornecimento de algum tipo de material e/ou objeto. Por exemplo a Copral LTDA, ovacionada por realizar os revestimentos em pinturas, pisos e azulejos, onde necessário – no vestiário dos atletas, por exemplo. Também a empresa que confeccionou as cadeiras cativas – Estamparia Nogueira – fora lembrada nas páginas da edição especial de inauguração do Estádio Municipal.

No dia seguinte, 17 de junho, o “batismo do estádio” ficou por conta do enfrentamento entre paulistas e cariocas, com ingressos disponíveis ao público geral. Numa “atração digna do estádio” como reportou *O Globo* o selecionado paulista venceu os cariocas pelo placar de 3x1, sendo este o primeiro jogo no campo do Estádio Municipal. No dia anterior, na inauguração oficial, compareceram as autoridades políticas e religiosas do país, como o Cardeal D. Jaime de Barros Câmara, o Presidente Eurico Gaspar Dutra, o Prefeito Mendes de Moraes, dentre outros. Mas o espetáculo primeiro foi retratado na edição de 6.386 de 18 de junho, do *JS*. A

primeira vez que o Estádio Municipal recebeu um público “do seu tamanho”. Os números para a construção do estádio eram, de fato, estratosféricos.

464.950 sacos de cimento, 45.757 metros cúbicos de areia e quase 55.000 de macadame – Mais de 10 milhões de quilos de ferro, 193.000 de pregos e quase um milhão de tijolos. Uma praça de esportes com capacidade para 30.000 pessoas em pé, com arquibancadas que comportassem 93.500 pessoas rodeado por... 30.000 cadeiras cativas e 1.500 camarotes.<sup>78</sup>

O texto de *O Globo*, na mesma edição acima, que apresentava a conclusão do período de espera, pois as obras ainda rolavam em pontos específicos do estádio, citava de maneira efusiva, o fim de uma

grande lacuna do *football* nacional. [...] Ou como disseram outros, agora com um estádio à altura do *football* nacional. [...] O Rio não poderia prescindir por mais tempo de um estádio que superasse o do Vasco quando mais não fosse, pois a Copa do Mundo estava próxima. [...] Um problema que não era da cidade, mas do Brasil, por que a Copa do Mundo afinal de contas não pertence só ao Rio, mas ao Brasil.

Números gigantescos na construção, números gigantescos “em romarias intermináveis dentro e fora”. Cerca de 150.000 espectadores, foram conhecer

“o estádio que zombou da ‘Terra Seca’ – [...] efetivamente o maior do mundo, um colosso de cimento que tem surpreendido a todos.”<sup>79</sup>

Foram acompanhar paulistas contra cariocas, por entre restos de madeiramento e restos de obra que ainda se encontravam nas arquibancadas e como sustentação das marquises; um lugar

que não se resume, apensa num campo com duas balizas, mas é a dependência da Administração, a tribuna de honra, restaurante, instalações sanitárias, alojamento para 130 atletas, vestiário e serviço médico, cabines para imprensa e rádio, 58 bares destinados ao público, 98 dependências sanitárias, 300 camarotes, 90 varejos para cigarros, 45 bombonières, 240 bilheterias, 15 “guichets” e etc.<sup>80</sup>

---

<sup>78</sup> *O Globo*, 15 jun. 50.

<sup>79</sup> Idem

<sup>80</sup> Ibidem

A capa do *JS*, datada da inauguração do estádio, trazia a chamada “Sem precedentes, na vida esportiva do país, a abertura dos portões do *gigante do Maracanã* (grifo nosso). A cidade invadiu o estádio! ” A segunda vez que o estádio é associado ao nome da avenida paralela a ele e com o qual seria conhecido popularmente *a posteriori*. Também pela primeira vez apareciam as arquibancadas cheias de torcedores, em uma fotografia de Angelo Gomes – o fotógrafo oficial do periódico. O número, já citado acima, foi considerado a partir de estimativas, visto que à época o controle das entradas não era eficiente. Tanto por ser a primeira vez em se abria o recém construído estádio para uma partida e até mesmo pela falta de controle tecnológico para o controle das entradas no estádio. Porém, o que vale mencionar é que desde os primeiros momentos do Estádio Municipal, ele de fato serviu como um dos locais de lazer e entretenimento de grande parte da população carioca. Do primeiro jogo, até grande parte da década de 2000 ele foi ponto de encontro de torcedores e apreciadores do futebol carioca e brasileiro. Substituindo em grande parte outros esportes que até então tinham grande popularidade na cidade do Rio de Janeiro.

#### 1.4 A Copa do Mundo de 1950. O primeiro evento do Gigante.

##### 1.4.1 A derrocada de um projeto nacional ou o surgimento do “país do futebol”?

Com sua inauguração, a esperança era a de que o selecionado nacional pudesse surpreender com resultados positivos. Vogel (1982) afirmou num dos primeiros trabalhos de Sociologia e Antropologia do futebol brasileiro que naquela conjuntura “o Estádio Municipal tinha sido edificado em um prazo curtíssimo”, como vimos que, de fato o foi. Menos de três anos e o terreno do *Derby Club* fora transformado no maior estádio de futebol do mundo. O objetivo era fornecer ao futebol brasileiro um palco digno para sua afirmação épica.

Todo o país tem sua atenção voltada para a composição técnica do selecionado nacional, e a despeito dos resultados negativos até agora colhidos, todos aguardamos que, neste período final, encontrem os *cracks* o caminho da perfeição conjuntiva, armando-se em articulação e harmonia de suas linhas para tranquilizar as grandes esperanças nutridas pelos brasileiros nos *defensores do renome do football de nossa pátria*<sup>81</sup>. (grifo nosso).

---

<sup>81</sup> O Globo, 14jun, 1950, p.9

Sobre o campo a população em geral tinha uma esperança ressabiada devido aos resultados nas três competições anteriores. Tanto na competição 1930 quanto na de 1934 a seleção, composta basicamente de jogadores do eixo Rio-São Paulo, havia sido eliminada ainda nas fases iniciais. Mas na última Copa (1938 – França) antes de eclodir a Segunda Grande Guerra, a organização entre jogadores e comissão técnica possibilitou um terceiro lugar ao vencer a Suécia por 4x2. Ainda assim, seria necessário mais para garantir o sucesso e consequentemente a confiança diante dos torcedores, e uma competição “em casa” seria o momento oportuno de tal afirmação.

Antes da grande final contra o Uruguai a campanha brasileira foi de resultados ascendentes, chegando a finalíssima o clima de festa e de confiança já havia ganhado as ruas, os bares e a imprensa. Ao contrário dos platinos que obtiveram um desempenho mediano, cheios de empates ao longo do torneio, mas suficientes para fazê-los disputar a final sem nenhuma vantagem; esta era brasileira, pois bastava um empate para a seleção se sagrar campeã mundial pela primeira vez. O que só ocorreria em 1958 na Suécia. O prefeito Ângelo Mendes de Moraes – homenageado com seu nome e um busto no estádio – chegou a declarar aos jornais da época que

o governo municipal cumpriu seu dever, construindo o estádio que aí está.  
Agora, jogadores do Brasil, cumprí o vosso! <sup>82</sup>

Ficava claro nos discursos que a grande responsabilidade estava sob os ombros dos jogadores e que se a vitória naquele jogo era a própria representação de um projeto vitorioso, a derrota igualmente seria “a derrota de uma raça”, foi justamente o segundo evento o que ocorreu em 16 de julho de 1950. Naquele ano em que o mundo se encontrou no Maracanã,<sup>83</sup> o país sede parecia ter se perdido nos seus próprios projetos de construção do *ethos* vencedor. Para Galeano (2012) “o Maracanã continua a chorar a derrota brasileira”.

Dos muitos eventos vindouros, este seria, portanto, o primeiro fato impresso na memória do indivíduo brasileiro na construção histórica da representação sobre o Maracanã. Uma

---

<sup>82</sup> In Placar nº623, 30 de abril de 1982. Citado em Vogel (1982, p.89)

<sup>83</sup> Para Vogel o mundo se reuniu no estádio Mario Filho a partir das representações simbólicas das bandeiras nacionais expostas ao longo da competição.

“tragédia” como reportaram os jornalistas daquele tempo, o *Maracanazo* como a ela se referiram os uruguaios.

Toda a concepção da derrota histórica para a “celeste olímpica”, colocou em xeque a proposta confeccionada e defendida a ferro e fogo pelos nacionalistas. Principalmente por fortemente terem se associado ao pensamento desenvolvimentista. Portanto, a derrota da seleção pareceu a muitos a derrota de um povo. Se por um lado o “homem brasileiro” era capaz de construir um estádio da magnitude arquitetônica do *Colosso do Derby* – como defendera Mario Filho nas colunas do *JS* – ele ainda se mostrava atrasado e apegado ao seu complexo de “vira-latas” de Nelson Rodrigues. A locomotiva do desenvolvimento estacionara naquele momento em que Alcides Ghiggia avançara pela lateral, vencendo Bigode, até fulminar o goleiro Barbosa em um chute na diagonal e assim marcar o segundo gol uruguai. *O Globo* de 16 de julho de 1950<sup>84</sup> bombardeava o *scratch*: “Os brasileiros se esqueceram que estavam disputando uma Copa do Mundo” e dava o tom da derrota como uma “injustiça que precisa ser reparada”.

O “moço do samba”, personagem do chargista Otelo<sup>85</sup>, no *JS*, parecia ter perdido toda a sua “alegria, vibração, entusiasmo” (Moura, 1998)<sup>86</sup>. Ele que fora criado no início de 1950 para representar toda diferença do futebol brasileiro em relação ao praticado pelo resto do mundo, perdia seu sentido. Calaram “as cuícas, os pandeiros, os reco-recos e os violões que nunca (tinham) se afastado dos nossos campos de *football*”. A personagem de Otelo, contudo, seria contrariada pela situação que se viu naquele 16 de julho de 1950. Dizia ele:

não somos um povo que vai para as praças desportivas chorar. Somos alegres até na hora da derrota. Seguimos à risca o velho lema – “Malandro não estrila”.

O que se viu, porém, após aquele evento foi desolação, um abatimento, quase que um luto fúnebre pelo fracasso de um escrete dos mais qualificados no futebol mundial da época. Mas

---

<sup>84</sup> Vide imagem 24.

<sup>85</sup> Otelo – vide imagem 25 –, foi um dos principais chargistas do *Jornal dos Sports* desenhando também para *O Globo Sportivo* e o *O Globo*. O “moço do samba” foi o representante de seus traços na Copa de 1950. A edição 06362 de 21, mai. 50 apresentava Otelo como “o desenhista que mais ‘charges’ têm feito sobre o futebol carioca. Criou as figuras do ‘Corvo’, ‘Bariri’ (símbolo do Olaria), ‘Miss Lanterna’, ‘Tufão da Colina’ (Vasco da Gama), ‘Fantasma do Subúrbio’ (Bangu) e agora o ‘Moço do Samba’, símbolo do *football* brasileiro na Copa do Mundo.

<sup>86</sup> Não entraremos aqui nos preparativos dessa partida. Tanto na preparação dos desportistas quanto na expectativa de uma parte considerável da população. O estudo de Gisella de Araújo Moura, já citado outras vezes e agora - respectivamente, merece ser lido e consultado para um detalhamento maior.

“os deuses do futebol” tinham outros planos. E neles o selecionado brasileiro não era o protagonista. Estima-se um público na casa das 200 mil pessoas naquela tarde de 1950 no Estádio Municipal; segundo o IBGE<sup>87</sup> a população recenseada no “município da Capital”, então Distrito Federal da República foi de 186.309; enquanto no estado do Rio de Janeiro naquele ano, foram contabilizadas de 2.297.194. Ou seja, quase 10% da população do estado estava no Estádio Municipal para ver Brasil x Uruguai.

Os números do público presente são contraditórios. Contabiliza-se 173.850 pagantes. Sabe-se que foram ofertados 120 mil ingressos nas arquibancadas e 14 mil para as numeradas. Além disso, haviam as cadeiras cativas, adquiridas antecipadamente, como já vimos. Em torno de 5 mil cadeiras vendidas. Também a Geral, onde a contabilização dos presentes era dificultada pela capacidade de um inúmero de torcedores obrigatoriamente em pé. Contudo, os dados dos presentes no dia da final são imprecisos, mas é consenso que beirava os 200 mil, podendo mesmo ter ultrapassado essa cifra.

Foi ali, forjado a partir de uma derrota<sup>88</sup>, que outra tradição começou a ser construída e consolidada nas décadas seguintes. A de que o Brasil era o “país do futebol”. De fato, ao sediar um evento como a Copa do Mundo, o país entrava numa rota de reconhecimento esportivo perante a muitos outros países do globo. As tecnologias informacionais se concentravam entre o rádio e o jornal e o tempo de disseminação da informação era reconhecidamente maior. A partir dali os talentos individuais começaram a surgir e a acentuação do processo de profissionalização dos jogadores também beneficiariam o reconhecimento das gerações futuras perante o universo do futebol. São muitos os fatores contribuintes para essa tradição que menciona o Brasil como um dos principais países do futebol. Um deles, citado subjetivamente no capítulo anterior, é o fato de as capitais serem propícias a prática esportiva. Mas nos atentemos à questão da Copa perdida e toda sua influência nesse processo. Historicamente as políticas de Estado para o futebol foram, e ainda são, poucas e com baixo investimento financeiro. Vide a própria construção do Estádio Municipal. Quase sempre dependente de investimentos privados, no caso do futebol através dos próprios clubes os jogadores devem se responsabilizar pela construção de sua carreira até conseguir sobreviver de seu trabalho no

---

<sup>87</sup> Dados da tabela “População nos Censos Demográficos, segundo os municípios das Capitais – 1872-2010”. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/cultura-recreacao-e-esporte/25089-censo-1991-6.html?edicao=25091>> Acesso em: 30 out. 2022

<sup>88</sup> Paulo Perdigão faz um apanhado de entrevistas e análises e monta em seu *Anatomia de uma Derrota* (2000) a crônica de 1950 e sua herança para o futebol brasileiro.

esporte. Àquela época a situação era ainda mais difícil, tanto que muitos jogadores com ascendência europeia, desde a década de 1930, optavam por jogar nos países do velho mundo, principalmente com a abertura desse mercado aos latinos, como aconteceu de maneira extensa com a seleção italiana, que permitia vários *oriundi* – ou seja, estrangeiros com ascendência italiana – em seus quadros. Do Brasil Amphilóquio Guarisi Marques, o Filó Guarisi, jogador do Corinthians Paulista e descendente de italianos, foi o pioneiro em optar por defender a *squadra azzurri*, sendo campeão mundial em 1934. Acontece que posteriormente a Copa de 1950 o investimento, inclusive na construção de outros estádios comparáveis ao Estádio Municipal carioca, foram se intensificando, assim como a criação de campeonatos com maior integração de times das diferentes partes do país e não só no eixo Rio-São Paulo-Minas. Além disso as excursões dos próprios times brasileiros por outros continentes, mas principalmente na Europa, também serviriam como publicidade ao futebol jogado no Brasil. Após a derrota na Copa de 1954 para Hungria de Puskas, o que viria a seguir seria o bicampeonato consecutivo – 1958 e 1962, na Suécia e Chile, respectivamente – e a consagração internacional com o título de 1970. Ali houve uma maior junção da figura festiva, carnavalesca, do futebol brasileiro com o talento individual. Garrincha e Pelé já haviam encantado os europeus com suas maneiras de jogar. O drible, a astúcia, o molejo ao conduzir a bola. Tanto que, muitos associam essa maneira de jogar, dando dribles e passes que mais se assemelham a uma dança, à ginga das músicas típicas brasileiras, o samba por exemplo. Entretanto, é preciso tomar cuidado, com essa comparação. Visto que a naturalização desses processos culturais como inerentes a um determinado povo, sociedade, grupo de pessoas e etc. tende a contradizer os aspectos que os próprios estudos sócio antropológicos demonstram. Ainda que possa haver uma certa influência de um determinado item cultural, a dança – por exemplo, em um outro aspecto também da cultura, aqui o futebol, ele é antes de tudo explicável através dos processos sociais e mesmo culturais que um indivíduo pode passar. Aliás, nenhum indivíduo tem em sua genética, “no seu sangue”, uma partícula de samba, de futebol ou de qualquer outro esporte. São os incentivos na relação ambiente-espaco que propiciam a construção do gosto e as habilidades em uma determinada esfera. Contudo, de fato, a maneira de jogar de muitos brasileiros conquistou tanto um público nativo como também apreciadores internacionais. Mas aquela derrota de 1950 ficaria marcada na vida esportiva de cada um daqueles jogadores que estavam em campo, mas também das gerações posteriores de futebolistas. Também ficaria permanente na história do *Colosso do Derby*. O *Maracanazzo* jamais seria esquecido e a tentativa de ao vencer a Copa,

para a qual o Estádio Municipal fora preparado, “ingressar no bloco dos países desenvolvidos” (Moura, 1998) por um lado, talvez o mais esperado, não ocorrerá. Mas a consagração como uma das principais seleções de futebol do mundo era só uma questão de tempo de campeonatos mundiais disputados. O Estádio Municipal, entretanto, teria os seus dias de glória iniciados ali, naquele 16 de julho, um dia em que aparentemente o fracasso reinou por entre um mar de gente, blocos de concreto e restos de uma obra inacabada.

## CAPÍTULO II

### UM TEMPO TÉCNICO EM CAMPO. OU O (NECRO)FUTEBOL PANDÊMICO E AS ESTRUTURAS DO PODER.

Não é uma experiência agradável a supressão sonora da ausência torcedora em um estádio. O silêncio sepulcral tomava as armações de concreto e descoloria o mais verde gramado. Pareciam - jogadores e comissões técnicas, além dos burocratas da Federação Carioca de Futebol (FERJ) - à beira do gramado como fúnebres executivos engravatados, empalados em impecáveis paletós – bonecos de “totó” enclausurados em uma redoma de vidro reverberante de palavrões e instruções cirúrgicas, ouvidas inclusive pelos adversários.

No Brasil, diversos clubes cogitaram a retomada dos estaduais, primeiramente sem público, ainda quando pouco se falava em controles vacinais e enfrentamento por meios farmacêuticos da SARS-COV 2<sup>89</sup>. Alguns times iniciavam suas atividades nos centros de treinamento, com apoio e incentivo explícito de uma parcela de torcedores, cartolagem burocrática e com a imparcialidade das federações estaduais. O discurso da saturação pelo confinamento social, foi levado a cabo não só por essa parcela diversa de agentes ligados ao universo do futebol, mas também apoiados por dignitários públicos do poder Executivo Federal e Estadual. À luz da psicanálise, Dunker (2022) traz uma interpretação sobre a gestão pública dos eventos pandêmicos<sup>90</sup>, sob a construção teórica da *biopolítica* de Foucault (1989) e da *necropolítica* (Mbembe, 2011) – quando das políticas de distanciamento, isolamento e posteriormente de vacinação – como intromissões “direta do Estado em nossos corpos” (Dunker, 2022). Para ele, a atuação da liderança maior do poder político no Brasil, privilegiou na sua forma de governo a tragédia como reforço da maneira autoritária e paternal, diante do caos, a fim de se fortalecer em seu capital político, perante as incertezas do infortúnio e dos próprios tratamentos que, à toque de caixa e contra o relógio, eram desenvolvidos por pesquisadores e pela indústria da saúde. O “recusar-se a saber” (idem), modo de tratamento da

---

<sup>89</sup> A suspensão da vida como um todo e da vida esportiva em si se iniciou, com alguns atrasos ou adiantamentos, em março do ano de 2020. Entre retornos esporádicos e liberações momentâneas os eventos e a circulação de pessoas foi sendo controlada e restringida a partir da curva de casos da doença, ora em ascendência, ora decrescente.

<sup>90</sup> Para muitos, houve falta de gestão pública por diversos setores do Executivo e membros do Legislativo. Preferimos nos filiar àqueles e àquelas que interpretam a falta de política ou um *laissez-faire*, como uma maneira de operacionalizar o capital político e seus símbolos subjetivos em poder constituído e constitutivo.

política de negação ante o real, potencializou uma já exacerbada situação traumática na sociedade em geral e principalmente naqueles que estiveram em contato com as situações diretas do caos sanitário pós-2019; entre elas o luto pandêmico.

O caso notório no campeonato estadual do Rio de Janeiro opôs o Clube de Regatas do Flamengo, juntamente com o Clube de Regatas Vasco da Gama, a Botafogo e Fluminense. Estes, contrários ao retorno da competição, dois meses após sua suspensão oficial. O Botafogo de Futebol e Regatas (BFR), após algumas reuniões entre clubes, Federação e Prefeitura, foi arrefecendo sua postura, se aproximando das políticas de abertura e afrouxamento do distanciamento social e do retorno dos atletas para treinos e condicionamentos físicos<sup>91</sup>. Contudo, manteve a opinião de que os jogos só deveriam retornar no mês de julho. Mesma posição da presidência do Fluminense.

Maio de 2020 contava com os índices mais altos de internações no estado. No dia 26 daquele mês, o presidente do Clube de Regatas do Flamengo, Rodolfo Landim, declarava ao jornal *O Globo* que se seguidos os protocolos e a atividade fosse considerada segura, “por que, não? Só porque a curva está ascendente? ”. As marcas iam sendo superadas a cada dia e as ocupações no mês ultrapassavam os nove mil leitos, regulares e improvisados, sendo os casos em Unidade de Terapia Intensiva (UTI) mantendo-se acima dos setores de Enfermaria<sup>92</sup>. No dia anterior à publicação da citada reportagem, haviam sido contabilizadas 112 mortes e mais 39 mil casos no município do Rio de Janeiro. O que demonstrava a gravidade da doença que rapidamente se alastrava tanto pela capital, como pelo interior. Inviabilizando a realização dos jogos em qualquer localidade. Ainda assim o clube cruzmaltino autorizava o retorno de seus atletas para treinamentos em São Januário. Segundo protocolos de testagem de atletas e familiares, e orientação do departamento médico-científico o clube publicou uma nota mencionando a legalidade de suas ações. Marcos Teixeira, chefe do departamento médico, explanava em nome da entidade:

“Só vamos fazer o que está permitido pelas autoridades. Faremos exames médicos, avaliação da fisioterapia e fisiológica. Não haverá treino

---

<sup>91</sup> O alvinegro se viu numa posição complicada, como demonstra a figura 27. Reportagem de *O Globo*. O time de General Severiano possuía infectados em seu plantel.

<sup>92</sup> Os dados estão em <<https://www.data.rio/apps/painel-rio-covid-19/explore>>Acesso em 15 out. 2021.

propriamente dito, porque vamos seguir exatamente o que está autorizado pela Prefeitura e pelos órgãos que regulam as atividades<sup>93</sup>.”

Logo nas primeiras testagens foram diagnosticados dezesseis atletas infectados. A partir dessa amostragem epidemiológica o clube promovia a intervenção, inclusive no ambiente domiciliar do esportista, de acordo com as orientações de isolamento. No rival rubro-negro, naquela mesma semana de 31 de maio, nenhum atleta havia sido detectado com a doença. Na contramão da postura diretiva do Clube de Regatas do Vasco da Gama, uma de suas principais torcidas organizadas, a Força Jovem do Vasco, assinava uma nota oficial juntamente com outras torcidas associadas a ANATORG (Associação Nacional das Torcidas Organizadas do Brasil).

A torcida, Fla Mangueça, do rubro-negro carioca, também se juntava ao coro de vascaínos para dizer: “as torcidas calam suas arquibancadas e juntas batem palmas para homenagear os brasileiros que bravamente lutaram. Nossos pêsames a todas as famílias.”<sup>94</sup> Lamentavam assim a triste marca de vinte mil vidas perdidas por decorrência do novo Coronavírus, atingida em vinte um de maio. O número de vítimas iria subir vertiginosamente nos meses subsequentes. E os protestos contra a política *laissez faire*, assumida pelo Governo Federal para tratar a pandemia, bem como as homenagens pelas vítimas da doença sairiam da esfera virtual para ganhar as ruas<sup>95</sup>.

Não seria a primeira vez que os quatro grandes clubes da cidade do Rio de Janeiro se rivalizariam fora das quatro linhas. O clube da Gávea, manteve sua postura ao longo de todos os encontros que debatiam os retornos, suspensões, previsão de público no estádio e etc. Os dirigentes defenderam o retorno de 30% de público dentro dos estádios. O que gerou mais de uma vez, crises entre os burocratas dos clubes, representantes jurídicos dos mesmos e uma federação de futebol que optou pela neutralidade diante dos embates cartolecos. Quase um ano depois – o que comprova o alinhamento político da diretoria rubro-negra com o *modus operandi-vivendi* do Governo Federal diante da maior epidemia do tempo presente – o dirigente Luiz Eduardo Baptista, à época responsável pelo setor de relações externas do clube, chegou a afirmar em entrevista que:

---

<sup>93</sup> Vasco TV. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Jx4W5ZqnmKs>> Acesso em 10 dez 2021.

<sup>94</sup> Vide Imagem 29.

<sup>95</sup> A atuação das torcidas no que ficou conhecido como movimentos antifascismo será tratada mais a frente.

“O Flamengo é a favor da volta do público aos estádios. Covid não se pega somente em estádio de futebol. Eu entendo que a Covid é um processo natural que todos nós vamos ter. A vacina não é uma garantia de que a pessoa não vai contrair o vírus.”<sup>96</sup>

O Clube de Regatas do Flamengo chegou a ser multado pela administração sanitária da cidade do Rio, por violar a determinação dos órgãos técnicos, que proibia a presença público nas arquibancadas de qualquer estádio da cidade. No dia quinze de maio, diante de um público de cento e quarenta e oito presentes, convidados dos gestores do clube, o rubro-negro carioca empatou com o arquirrival tricolor, no estádio do Maracanã. Levou para o segundo jogo daquela final de campeonato estadual a vantagem de um novo embate para se sagrar campeão carioca e a notificação de mais de R\$ 14 mil reais a serem debitados dos seus cofres. O Flamengo se sagraria campeão carioca, vencendo o segundo jogo por 3x1. A bem-sucedida campanha rubro-negra naquele ano foi reiniciada num polêmico jogo contra o Bangu Atlético Clube.

Autorizado o retorno do campeonato pelos órgãos responsáveis, o então prefeito Marcelo Crivella anunciou a flexibilização das medidas que restringiam os eventos esportivos, dentre outros<sup>97</sup>. Mantinha a obrigatoriedade de portões fechados, ou seja, sem torcedores. Porém, o prefeito da cidade do Rio de Janeiro convidou o então presidente da República para acompanhar o tento. “Não vai ser (estádio) vazio, não. O presidente vai estar lá vendo o jogo.”<sup>98</sup>

O placar de 3x0 contra o time do subúrbio carioca, aconteceu após a pausa sanitária imposta pelos órgãos públicos da cidade do Rio de Janeiro, devido à alta de casos de Covid. Ainda assim, as partidas de futebol voltariam a ocorrer. Para aquele jogo entre o alvirrubro, representante dos “arrabaldes da cidade” (SANTOS JR, 2013, p.2)<sup>99</sup> e o rubro-negro da Zona Sul – que já fora um clássico do futebol carioca nos anos 1980 – a Secretaria Municipal de

---

<sup>96</sup> Entrevista ao jornalista Venê Casagrande em 10 de junho de 2021. Disponível em <<https://extra.globo.com/esporte/flamengo/dirigente-diz-que-flamengo-a-favor-da-volta-do-publico-aos-estadios-covid-algo-natural-que-todos-vamos-pegar-25055023.html>> Acesso em 15 out. 2021.

<sup>97</sup> Vide imagem 30 de *O Globo* (17 de jun. 20)

<sup>98</sup> *O Globo*, 17 jun, 20.

<sup>99</sup> SANTOS JR. Utiliza o conceito de “arrabalde da cidade” como um princípio geográfico não estrito à compreensão física-estrutural do espaço. Para ele, essa localidade estaria além do que se convencionou chamar de “subúrbio”. Sua inovação está em incorporar a essa distância geométrica do grande centro da cidade, tanto uma vida própria dos processos culturais, quanto a presença-ausência das políticas públicas do Estado.

Saúde preparou uma “preleção” diferente das que os jogadores estão habituados a ouvir de sua equipe técnica, antes de entrarem em campo. Nela, Ana Beatriz Busch, à frente do departamento público, explicitou os protocolos elaborados pela Prefeitura para minimizar os riscos de contágio, bem como as diretrizes protocolares implementadas pela FERJ, através do plano “Jogo Seguro”, que orientava desinfecções de ambientes, distanciamentos nos bancos de reservas, disposição de recipientes de álcool em gel em vestiários e corredores dos estádios.

A imprensa esportiva chamava atenção para o estranho acontecimento que se tornou aquele *match* realizado no estádio do Maracanã, no dia dezoito do mês de junho e que definiria o Flamengo como semifinalista da Taça Rio. É que o “anticlímax” que tomou conta do jogo se dava pelo fato de ao lado do ex-maior do mundo, estar instalado um dos hospitais de campanha para tratamento de pacientes com Covid<sup>100</sup>.

O jornalismo esportivo tratou o caso do retorno do futebol de forma não consensual. Nas “mesas redondas” virtuais e nos canais de YouTube os profissionais da comunicação levantavam tanto a bandeira pelo retorno quanto do não retorno. Dois jornalistas de referência crítica nos programas de futebol como Paulo Vinícius Coelho - o PVC -, dos canais SporTV e Mauro Cézar Pereira, de atuação independente, possuíam visões antagônicas sobre o caso. O primeiro, defendia o não retorno imediato, o segundo, o retorno ponderado, sob vigilância e orientação às atividades. Aos que defendiam a volta da prática esportiva, cabia o argumento de que muitos trabalhadores do entorno do esporte seriam os principais afetados com a longa suspensão das atividades laborais. E toda essa cadeia precisava do retorno, bem como protocolos rígidos de controle para prevenção e tratamento de contaminados. Por outro lado, havia os que não acreditavam que rígidos protocolos dariam cabo ao controle de uma doença infecciosa ao extremo, mesmo por que não haveria por parte do clube o controle de seus atletas e funcionários para além das instalações de treinamento e jogo. Fora do Maracanã, alguns pequenos grupos de torcedores, que segundo relato de um participante e membro de uma das principais organizadas do clube, “respeitavam o distanciamento social, só estavam ali porque a gente não queria concordar com aquilo”, mencionou que colocaram fotos de algumas pessoas conhecidas,

---

<sup>100</sup> Vide imagem 31.

pegamos também algumas daquele site do *Fantástico*<sup>101</sup>, colocamos a faixa da torcida – aí teve que tirar porque o diretor [da torcida] não concordou e me ligou”, tinha uns amigos, poucos, da antifascista junto. Aí a polícia mandou tirar e guardar senão ia apreender. Tinha uns ‘Fora Bolsonaro’, também. Mas eram poucos. A gente também tava preocupado. Mas o Flamengo jogar naquela situação era um crime.

Numa iniciativa do Governo do Estado “de aumentar a capacidade da rede estadual para atender a população com dignidade”<sup>102</sup> a implementação contou com as parcerias do Município do Rio e da rede privada de gerenciamento de saúde, D`Or. No Maracanã foram dispostos 400 leitos, sendo 160 de UTI. Porém, eles foram entregues parcialmente.

Com aquela conjuntura, o presidente do Fluminense Football Club, Mário Bittencourt demonstrava sua discordância com o retorno do campeonato e mais diretamente com a realização da partida no Estádio Jornalista Mário Filho. Numa entrevista ao programa televisivo *Troca de Passes*, do canal SporTV, o cartola tricolor afirmava:

Acho que não deveria ser marcado jogo no Maracanã. É um desrespeito ter jogo no Maracanã, que tem um hospital de campanha do lado. Se retornarmos em julho, sob protesto, nós vamos pedir à Federação para jogar no Nilton Santos ou em São Januário. Lá na frente, quando voltar o Brasileiro, talvez a gente tenha que jogar para cumprir um contrato[...]. Em nenhum lugar do mundo, o futebol voltou antes de 40 dias após o pico da pandemia. O Fluminense se mantém contra o retorno do futebol por entender que não há segurança das decisões no estado.

Somou-se ao mandatário tricolor, a direção do Botafogo Futebol e Regatas, e ambas instituições engrossaram o coro dos descontentes acionarem no âmbito da Justiça Desportiva o adiamento do retorno das atividades futebolísticas naquela ocasião. A solicitação foi indeferida pelo então presidente do Tribunal de Justiça Desportiva do Estado do Rio de Janeiro (TJD/RJ), alegando ser

notório que passamos por uma situação nunca antes vivida ou imaginada. A pandemia que assola o mundo afetou diretamente a vida profissional e até mesmo pessoal da maioria dos brasileiros e obviamente, por não estar em uma ilha, o esporte também está sofrendo muito com os efeitos do COVID-19. Os fundamentos jurídicos lançados pelos clubes requerentes são absolutamente

---

<sup>101</sup> Referência ao projeto *Inumeráveis*, em que visava dar visibilidade às vítimas da pandemia e que ganhou notoriedade num quadro no jornal dominical.

<sup>102</sup> Afirmava o então governado do Estado, Wilson Witzel, à sociedade por meios do Painel Coronavírus, quando da implantação de uma rede de hospitais como o do Maracanã. Também foram montados leitos hospitalares Lagoa-Barra, no Leblon, e no Parque dos Atletas.

razoáveis, mas se postos em uma balança conjuntamente com a soberana vontade da maioria, não podem pesar mais.

Por fim os campeonatos retornaram, no Brasil e no mundo. E o noticiário jornalístico dividia seus espaços entre os gols da rodada e o explosivo gráfico com número de casos e óbitos semanais.

Durante os momentos mais tensos da conjuntura pandêmica, enquanto a balbúrdia se acentuava numa ponta da corda, na outra, se concentravam – em um esforço supra-humano para ir além das fronteiras virtuais disponíveis – vozes e mentes lúcidas a enfrentar a pandemia do novo Coronavírus e a endemia da velha política brasileira; por momentos travestida de *anti-establishment*, ora com vestes reluzentes da masculinidade autoritária de sarjeta, ora profanando os mais diversos mantos sagrados do futebol brasileiro – ao menos para seus os torcedores – em nome de uma forma política de aproximação com a “linguagem popular”. A *necropolítica* dava as mãos à *necrocartolagem*. Num movimento funesto de aplicação dos interesses financeiros em detrimento de uma política pública de preservação da vida e proteção socioeconômica, numa dança em que “condições práticas se exerce[u] o direito de expor à morte” (Mbembe, 2010, p.123).

Poderíamos mencionar que o esporte passou por três momentos marcantes nesse período de pandemia. A pausa, o retorno-pausa parcial e a retomada das atividades. Em cada período, as atuações passaram por transformações e momentos de maior ou menor intensidade, consequentemente uma maior ou menor discussão inflamada. Como suscitou o debate na mídia esportiva, brevemente relatado acima, sobre as condições do retorno da prática futebolística durante os períodos mais tensos da pandemia.

Se o futebol é via de explicação do mundo, dos conflitos em escala micro e macro aos processos sociais caóticos inferidos por uma pandemia, diga-se de passagem, a ele também é resguardada a possibilidade de ser instrumentália de posicionamento social e político. Numa via de mão dupla nele também se imbricam múltiplas sociabilidades. Encontra-se nele aquele poder oculto, em quase eclipse, do simbólico. As estruturas das relações em futebol – da paixão ao clube que por inúmeras vezes doma as críticas da razão ao realismo das puras negociatas, onde o poder financeiro tende a ditar as melhores compras no mercado de pés de obra e os melhores planteis a disputar campeonatos – o poder se mostra e se esconde. Aqui nos valemos de Pierre Bourdieu (2010, p.8), inclusive, que explicita a invisibilidade das práticas do poder, “exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe são sujeitos”, para

retratar as relações entre torcedores e dirigentes em seus interesses; distintos nas práticas, mas que caminham na intencionalidade do sucesso do time através de títulos. Quando colhemos, por exemplo, a fala de torcedores que justificam as práticas de diretorias dos seus clubes que operam de acordo com a lógica da produção de resultados, independente das formas de se alcançá-lo, por exemplo, estabelecendo parcerias deficitárias para a instituição em busca de campanhas exitosas, ou mantendo relações empresariais na esfera política pública a fim de alcançar capital simbólico e redes de influência que beneficiem a entidade clubística.

Essa via estruturante e estruturada da unidade de poder que é o futebol, demonstrada nas relações entre seus agentes, sofre as pressões de outra estrutura de poder que são as torcidas visto que os interesses de poder permeiam ambos os grupos (clube-time e torcida). Hollanda (2010) dedica uma parte de sua vultuosa obra sobre torcedores e representação clubística para compreender essas relações de poder a partir de uma figura primordial no entendimento da construção das torcidas organizadas. O chefe de torcida. Uma entidade – *persona* – dentro de outra entidade – associação – que sofre nuances, o “torcedor profissional” – por exemplo – na sua existência histórica e umas dessas nuance diz respeito, justamente, às aproximações com o núcleo de poder de um clube de futebol, os diretores clubísticos, também conhecidos historicamente como *cartolas* e mais recentemente rebatizados de *CEO* (*Chief Executive Officer*) ou *Managers*, à título de conferir-lhes a casaca do moderno aparato do empreendedorismo racional, enxuto e de resultados, do capitalismo contemporâneo.

As relações entre as entidades que compõe o campo de atuação do futebol são muitas. Vastíssimas como as próprias combinações de jogadas do esporte, em si. Porém, se no desenrolar de um jogo, as ações do imponderável é traço marcante a forma de atuação de uma torcida é previsível. A ritualística da festa, dos encontros, dos deslocamentos e etc. são esperados, aguardados por outros torcedores dentro do próprio estádio, nos arredores, nas chegadas, enfrentamentos e partidas. Todo esse aspecto *carnavália* que é o torcer se demonstrou imprevisível com a pandemia do novo Coronavírus, como já descrito acima. O *Sobrenatural de Almeida*<sup>103</sup> deu as caras no campo de futebol e as bandeiras desceram das arquibancadas e

---

<sup>103</sup> *Sobrenatural de Almeida* foi uma das personagens das crônicas esportivas do dramaturgo recifense, radicado no Rio de Janeiro, Nelson Rodrigues. Torcedor efusivo do *Fluminense Football Club*, Nelson era frequentador assíduo das arquibancadas. Para acalantar as derrotas do tricolor e enaltecer suas vitórias criou juntamente a *Sobrenatural*, seu antagônico, a quem nomeou, *Gravatinha*. Este era protetor do clube das Laranjeiras, responsável pelos êxitos em campo. Frequentava em espírito os estádios acompanhando o clube, após morrer na onda de gripe espanhola que a cidade enfrentou em 1918, quase uma ironia com o momento pandêmico contemporâneo. Já aquele, surgia no imponderável. Atuava de forma fantasmagórica contra o *pó-de-arroz*, inclusive, manipulando

repousaram por um longo período. Porém, com as dinâmicas do retorno das atividades a vida futebolística voltou a funcionar. Como mencionamos acima, primeiro sem público e gradualmente com a permissão de uma população reduzida nos estádios.

## 2.1 Rola a bola. Alteração do *modus* do torcer ?

No mesmo estádio, Jornalista Mário Filho – o Colosso do Derby, o Gigante do Maraca, outrora o Maior do Mundo, por ora *New Maracanã* –, encravado no bairro do Maracanã, circundado por uma das mais importantes universidades públicas do país, a UERJ, uma das favelas mais famosas do país, a Mangueira, e o bairro da Tijuca, o clube rubro-negro da Gávea enfrentou nessas respectivas datas dois clubes de grande relevância do futebol paulista. O *São Paulo Futebol Clube* e a *Sociedade Esportiva Palmeiras*. Este último tem travado uma recente rivalidade com o *Clube de Regatas do Flamengo*, já que ambos os times figuram nos últimos anos como principais potências nacionais, disputando títulos de campeonatos no Brasil e na América do Sul. Foi nesses dias – 17 de abril de 2022 e 20 de abril de 2022, respectivamente – que programei minha ida à cidade do Rio de Janeiro com o intuito de realizar entrevistas e observações, literalmente, em campo.

Não houvesse, ainda, o resquício do tempo pandêmico que nos cercava, meu deslocamento se daria por trem<sup>104</sup>. Sou residente na região Sul Fluminense e tenho a predileção por “descer” até a capital utilizando dois meios de transporte. Automóvel até a cidade de Paracambi e de lá até a Central do Brasil, me valendo do famoso “Trem da Central”, ou o trem da *SuperVia*<sup>105</sup> ou ainda Estrada de Ferro D. Pedro II. Que relevante parte dos processos de grande para a dispersão da cidade, para as zonas mais distantes do centro da capital, a partir de construção desses ramos férreos, ainda nos XIX; ela inicia seu trajeto na antiga Tairetá

---

resultados e machucando jogadores. O fantasma agourento surge no escrito de Nelson Rodrigues após uma derrota do Fluminense. Num bilhete, lhe manda o seguinte recado: “Caro Nelson, não é verdade que o sobrenatural esteja a fazer qualquer perseguição. Aliás, até garanto que no próximo jogo o ‘tricolor’ vai vencer. Sobrenatural de Almeida.” As obras de Nelson Rodrigues têm sido condensadas em coletâneas diversas. Na parte esportiva destacamos *A Pátria de chuteiras* (2013), *O berro impresso das manchetes* (2007), *Brasil em campo* (2012).

<sup>104</sup> Como explicitado brevemente na introdução, daqui em diante detalhado com mais detalhes, a cada incursão no campo a partir deste meio de transporte.

<sup>105</sup> Incorporada ao grupo GUMI (*Guarana Urban Mobility Incorporate*) em 2019, a empresa administra o transporte público por trens urbanos. São de sua responsabilidade 5 ramais, que se ligam em 3 extensões e 104 estações de embarque, desembarque e baldeações em 270 km de linha férrea.

(Paracambi), faz uma baldeação no Belém – hoje Japeri – e segue cortando a região da Baixada Fluminense<sup>106</sup>. São exatas vinte estações de parada até o desembarque definitivo na plataforma de número oito (Plat. 8 – linha azul), em que o fluxo intenso de passageiros se mescla ao de comerciantes dos mais variados produtos do mercado informal fluminense. Eis um campo móvel de variados temas de pesquisa. Trânsito de pessoas, mercadorias, além de temas, assuntos, situações econômicas e sociais. Por diversas experiências de consumo, não por métodos e índices econômicos, podemos conferir que ali é um dos locais onde a inflação menos atingiu o preço final dos produtos. Ainda assim, quem frequenta o trem também sente as variações econômicas recentes. Principalmente as dificuldades posteriores à pandemia do Coronavírus. Uma sorte de produtos e serviços são ofertados por um sem números de ambulantes viários. O famoso chocolate *Suflair*, outrora vendido por R\$1,00 no mercado informal do trem, já chegou a marca dos R\$2,50, R\$ 3,50 no horário de muita movimentação. Nas últimas estações e com um público escasso nos últimos trajetos da noite, o preço retorna à perspectiva da barganha e da negociação direta. Em uma desses deslocamentos, encontrei Adão. O ambulante possuía uma tatuagem desbotada, em tom esverdeado na pele queimada de sol. Uma ave sombreada de vermelho e preto que imaginei ser o urubu rubro-negro na altura do antebraço. Na mão, uma caixinha com mini chocolates. Adquiri um e comecei uma conversa informal. A lotação não lhe facilitava a mobilidade interna e ele parecia se dar por satisfeito naquele “carro”. Perguntei se ele costumava fazer suas vendas naquela linha e se era Flamengo.

Sou Flamengo. Sou Flamengo. Campeão. Campeão. Tá enjoado. Aí né, não?

[conversando com outro passageiro que riu timidamente e concordou].

Tá ruim de aturar o Mengão. [risos]. Eu baldeio aqui, na [linha] 1. Arreio minha mercadoria aí tudo.

[E essa tatuagem] Eu fiz quando me trancaram [prisão]. Fiz lá dentro. Tinha um tatuador lá que dava moral pra geral lá. Aí desenrolei essa tatoo. Maneira! Maneira!

Concordei e perguntei se ele tinha o costume de ir ao Maracanã ver o Flamengo.

Já fui muito tempo. Depois que saí não. Vou pegar uma grana aí e levar meu garoto. Mas ele mora em Magé com a mãe. Aí tenho que acertar umas coisas aí [nesse momento, com a cabeça ele acena para o pé e mostra uma

---

<sup>106</sup> Parte da área metropolitana do Rio de Janeiro, a Baixada é composta por treze municípios e é circundada pela Serra do Mar e pela Rodovia Presidente Dutra, principal eixo rodoviário entre o polo Rio-São Paulo.

tornozeleira eletrônica] e trazer ele. Pra ver o Gabigol. Ele meteu um cabelo igual. Acredita? Moleque é enjoado. [risos].

Estar no trem é uma das formas de mergulhar no fazer da vida do subúrbio, de muitos arrabaldes, como menciona Santos (2013). Longe de ser uma visão romântica, idealizada, diz sobre as inserções em deslocamentos necessários para o (sobre)viver – desde o labor até a diversão. Diz sobre trajetórias divididas bem como a territórios partidos, como subtração socioeconômica e o repartir do que se tem para se sobressair à escassez – de Estado, por exemplo. Mostra as dinâmicas do fazer de uma cidade que se faz várias, ou as várias que formam essa uma. A dinâmica do poder, em seu fazer político. Das suas teias culturais que acessam e contestam esses emaranhados territoriais, mas que em muitos casos a eles se conformam. Diz sobre a atualidade dos mercados de produtos consumíveis, mas também da própria classe trabalhadora, periférica como mão de obra na relação entre a capital e suas regiões circundantes<sup>107</sup>, para além dos subúrbios da capital. Em poucos momentos uma conversa também informal sobre a vida, o trabalhar no comércio informal, as disputas por espaço no universo do trabalho, dominado por estruturas de poderes também informais e às vezes ilegais transforma-se numa entrevista não formatada em padrões do *survey*. Do mercado informal...

Diz também, quando o assunto é futebol, da possibilidade de captar com várias histórias ligadas ao tema. Das dificuldades de se frequentar o estádio, das formas de torcer nos bares e esquinas dos subúrbios, fazendo ali seu *lócus* do torcer, seja na disputa dos corpos e das significações do espaço; do trabalho e da renda extra em dias de grandes jogos – quando o fluxo do trem se acentua, das últimas viagens como às primeiras do dia, em que lota o trem de torcedores e desses próprios trabalhadores do entorno. Que brotam das fímbrias sociais para as margens do espetáculo. Enfim, deslocar-se ao Rio de Janeiro, fazendo o caminho do trem da Central é a possibilidade de enriquecer as análises do campo sócio antropológico.

Porventura, ao contrário do caminho feito por trem e do literal calor humano do transporte coletivo em sua mais extravagante forma, as viagens de ônibus intermunicipal – Volta Redonda/Rio de Janeiro – reservam ao transeunte uma solidão invernal. Na maior parte

---

<sup>107</sup> Para uma melhor compreensão sócio histórica dessa “região” e seus processos constitutivos, recomendamos a obra de José Cláudio de Souza Alves, *Dos barões ao extermínio: uma história da violência na Baixada Fluminense*. Relançada em 2019 de forma revista e atualizada pela Editora Consequência.

das vezes acompanhada por uma leitura, um fone de ouvido e na maior parte delas pelo ninar do balanço na estrada e as temperaturas baixíssimas do aparelho condicionador de ar. Mas esta foi a opção recorrente nos dois traslados. Já que a questão sanitária viral, em surtos mistos entre a racionalidade e as emoções vestiginosas da doença, ainda atordoavam a cabeça desde pesquisador. Em termos comparativos, se em direção aos estádios de futebol da cidade do Rio de Janeiro, os torcedores vão se encontrando nos vagões do trem e colorindo o mesmo com sua heterogeneidade e suas provocações, no interior do ônibus a situação é diferente. Aqui, contudo, vale uma ressalta. Não é em todos os jogos que a estrutura da festa, como descrita, agora torna-se potente. Em muitos casos, torcedores tímidos e de aspecto comportamental mais “recatado” fazem do ambiente do trem uma forma mais usual. Dependendo, inclusive, do rumo que o mesmo toma. Se assemelhando mais a metrô em direção às zonas mais abastadas da cidade. A aparência de seus ocupantes está diretamente relacionada às vestimentas formais de um dia de trabalho semanal e quando do fim de semana, o retorno ao domicílio depois de dois dias de folga na *Cidade do Aço* e vice-versa. É tentador, ao observar e estar imerso nos dois modos de deslocar-se, querer traçar um paralelo entre ambos a as interpretações de Marc Augé em sua “antropologia da supermodernidade”, quando analisa uma teoria da relação e das sociabilidades entre os indivíduos e os lugares nos quais se constroem raízes e entre estes e as estruturas e mobilidades.

O “não-lugar” é, em termos rasteiros e em resumo, a frieza da experiência do “estar”. Não se constrói relações e sociabilidades por dentro do estatuto da presença. Ele, além de fluxo contínuo, não torna o indivíduo parte de, ser, sua estrutura. Que, estruturada na liquidez da passagem, retira, inclusive a possibilidade dos rastros e lastros nem se quer deixados pela presença. A principal característica desse ambiente é a necessidade de comprovação da identificação legal para o seguir em frente, como articula Augé (2012, p. 94). Embora, ambos sejam espaços que interseccionam características, diferem, principalmente, em nosso ponto de vista, nas “marcas” que cada um pode levar consigo ou deixar impressas subjetivamente no (do) lugar.

Enquanto a relação “indivíduo-não-lugar” é líquida, fluida, e extremamente objetiva. Onde a finalidade passa pelo “estar em, para ir a” – tendendo a ser majoritariamente, uma rede vazia de conexões –, o indivíduo com o espaço do lugar, torna-se uma sociabilidade vivida pelas características da presença e o fazer do ambiente pelo mesmo. O traço da presença, está

por diversos fatores, posta na relação com o mesmo e com indivíduo num sentido da evidência do fazer-se, que no não-lugar é presença ausente.

Então, no início da tarde de 17 de abril, chegando ao Rio de Janeiro para acompanhar a partida, me dirigi diretamente para a região da Tijuca. O entorno dos estádios é outra parte do campo onde se pode perceber as dinâmicas do torcer, mas também as dinâmicas da própria cidade. As chegadas de levas de torcedores, as aglomerações em pontos comerciais, bares, lanchonetes e botequins. Um ar estranho de normalidade, embora estivéssemos em um período ainda de pandemia. Mas poucas máscaras de proteção respiratória circulavam nas faces alegres de rubro-negros e são paulinos que enchiam as ruas do lugar. Como não estava identificado com nenhuma camisa dos clubes, tinha a liberdade de circular por entre as torcidas sem correr o risco de ser provocado pela rivalidade adversária. Porém, por questões de objetivo me concentrei entre os flamenguistas<sup>108</sup>. Após esses fatídicos anos e muitos períodos intercalados e subsequentes de isolamentos e reclusões, cada inserção no campo de pesquisa era banhada de misto de efusiva felicidade por estar novamente ali junto a um certo pânico daquela movimentação de pessoas e potenciais transmissões do vírus que ainda circula pela aí. Contudo, havia a vontade aliada a extrema necessidade de dar sequência ao imenso trabalho que é escrever uma tese, acrescentada a dificuldade da mesma ter de ser construída em meio a, até então, maior crise sanitária mundial do século XXI, como já dito anteriormente. Enfim, era preciso voltar a “estar ali” e para isso, alguns cuidados higiênicos – embora com pouco distanciamento social, é verdade – e a cobertura vacinal eram adotados constantemente, entre um contato e outro com os torcedores que ali se faziam presentes. Tenho a nítida sensação e portanto, hei de fazer *mea culpa* que estava tomado, inequivocado de uma boa sensação de alegria em ver todos aqueles corpos de volta ao *habitat* natural de um torcedor de futebol. E isso tenha deixado de lado aquilo que eu pretendia, num primeiro momento, de elaborar uma pesquisa mais formal naquele dia. As ruas pulsantes no entorno do estádio do Maracanã, alguns bares abertos com copos a tilintar e em pleno movimento, os sons dos trens chegando nas estações Mangueira-Maracanã, o grande movimento de torcedores descendo a “rampa da UERJ”, um número diverso de ambulantes – credenciados por marcas e produtos, ou não –, e até mesmo o

---

<sup>108</sup> Embora o termo seja utilizado para identificar a massa de torcedores do Clube de Regatas do Flamengo, nem sempre teve um sentido positivo. Ao menos para alguns torcedores mais “ilustres”, como José Lins do Rêgo que em suas crônicas, o significava como forma pejorativa de tratar a torcida rubro-negra, “que não se devia dizer. (Como não se diz fluminensista) ”. (COUTINHO, 1991, p.48).

caótico trânsito nos arredores compunha um cenário típico dos dias de jogos no outrora “maior do mundo”. Isso fez com que minha formalidade se transformasse numa observação participativa daquele momento. Era preciso deixar-se levar por aquela massa e por aquelas emoções.

Em uma rua de acesso ao estádio, um grupo de torcedores paramentados com camisas rubro-negras bebericava algumas cervejas, enquanto entre a rua cheia de automóveis e as calçadas com algumas mesas ocupadas se movimentavam outros tantos. Com meu celular, um gravador reserva e um caderno de anotações a tira colo, ia me movimentando junto ao fluxo, tentando encontrar algum grupo de torcedores que me chamassem a atenção para realizar uma entrevista sobre o retorno aos estádios e etc. Mas essa técnica logo foi abortada. Decidi fazer uma abordagem menos formal. Ao pedir uma água ao vendedor ambulante de sorvetes, perguntei como as pausas laborais ocasionadas pela pandemia tinham afetado sua vida e o que estava achando daquele retorno. Sr. Gutemberg retratou brevemente as dificuldades compartilhadas por muitos trabalhadores informais de se conseguir renda mediante as impossibilidades de trabalhar. Morador da Vila da Penha, nos períodos de maior isolamento tornou-se cuidador de uma idosa conhecida, vizinha à sua casa, já que os filhos da mesma não podiam visitá-la devido ao risco de contaminação. Disse também ter recebido “o dinheiro do Governo” e que “já estava normalizando a situação”. “Quando é Flamengo vende mais”, revelou o vendedor, que torcedor rubro-negro não “liga muito para time e futebol”. Ao menos, naquele dia o movimento para o próprio estava bom, em sentido financeiro. Ao comprar minha água e pagar com uma nota de R\$10, retirou de sua pochete um volume vultuoso de outras tantas notas dobradas e me retornou o troco. Segui em direção a principal entrada do estádio, na avenida Maracanã. A famosa “Estátua do Belini” (leste) além de servir de localização e ponto de encontro das torcidas, também concentra outros tantos vendedores. De camisas, bandeiras – não oficiais – a bebidas, sorvetes e lanches, há um mercado não oficial gravitando aquele espaço. Algumas ocasiões agentes de segurança do Estado – polícia militar e guardas municipais – tentam repreender atitudes mais exaltadas de vendas. Mas basta observar por mais tempo a dinâmica do convívio que se conclui haver uma pacificidade e um trato subjetivo para que ambos realizem seu trabalho. Um apressado vendedor de bandeiras rubro-negras recusou meu contato, quando me ofereceu seu produto. Que te pronto também recusei, mas tentei prosseguir a conversa. “Dá não parceiro. Vai querer? ” Foi direto ao termo e seguiu para um grupo de torcedoras mais à frente que estavam tirando um *selfie* enquadradas com o nome do

estádio Mario Filho ao fundo. O clima de festa era tamanho. Como grande parte dos jogos em que o time vai bem e a torcida é levada por esse sentimento da vitória. O jogo era grande. Como se diz no vocábulo do *métier* futebolístico. Mais de 54.000 torcedores coloriram ruas e arquibancadas do Maracanã e ao fim e ao cabo viram o “mais querido” vencer “o soberano” pelo placar de 3x1. Os governos do estado e município, na ocasião ainda cobravam o passaporte vacinal para acesso aos eventos. Nas arquibancadas as duas torcidas, são paulinos em menor quantidade – mas com uma imensa presença no Setor Sul – realizaram uma festa que remeteu aos períodos mais carnavalescos do futebol carioca, que se repetiria dali a poucos dias, quando o alviverde paulista visitaria o rubro-negro carioca. A imprensa esportiva tratou ambos os jogos, considerados clássicos do futebol brasileiro, como um momento de consagração da escalada de público nos estádios nacionais. Havia a promessa desse crescimento, desde o ano de 2019<sup>109</sup>, quando a marca que era do ano de 1983 foi rompida. Porém, a pandemia pausou bruscamente esse processo, retomado após a permissão da totalidade de público nos estádios.

Às dezenove horas e trinta minutos, em plena quarta-feira – dia de futebol, diga-se de passagem – o Maracanã recebia exatos 69.997 presentes<sup>110</sup>. Por imbróglios entre as duas agremiações, a partida foi realizada com torcida única. Ou seja, presume-se que todos naquelas arquibancadas eram torcedores do Clube de Regatas do Flamengo. A marca de 70.000 pessoas presentes no “*Gigante do Maraca*”, só não foi batida por conta de alguns indivíduos, torcedores rubro-negros ou não que ficaram fora do espetáculo. Faço a segunda *mea culpa* do texto por não ter contribuído com o arredondamento numérico de presentes. Por questões de economia decidi me deslocar até o estádio, mas não adquiri um ingresso para a partida. E mesmo com a constante oferta a preços razoáveis, após o início do jogo, por comerciantes não autorizados, fiz a opção de assistir ao mesmo junto a um grupo de espectadores em um bar próximo. Dois deles, motoristas de aplicativo que tiveram seus poucos minutos de folga interrompidos pela chamada de corridas.

---

<sup>109</sup> Os dados compilados pela *RSSSF Brasil (The Rec.Sport.Soccer Statistics Foundation)* estão disponíveis em: <https://rsssfbrasil.com/historical.htm>. Acesso em: 2 mai. 2022. Também aparecem na reportagem de Guilherme Maniaudet, Leandro Silva e Plácido Berci. Disponível em: <https://ge.globo.com/numerologos/noticia/brasileiro-2019-tem-a-segunda-maior-media-de-publico-da-historia-atras-da-edicao-de-1983.ghhtml>. Acesso em: 2 mai. 2022.

<sup>110</sup> De acordo com o *Boletim Financeiro do Jogo* registrado pela Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro (*FERJ*). Disponível em: <https://conteudo.cbf.com.br/sumulas/2022/14232b.pdf> Acesso em: 25 abr. 2022.

Naquela noite, diferentemente do jogo do domingo, a mobilidade no Rio de Janeiro era bem mais complexa. Para não dizer bem pior. Aquele jogo era um adiantamento de rodada futura e precedia alguns feriados nacionais e da cidade além da nova data do Carnaval ou para alguns somente um desfile das escolas de samba. Embora não tenha sofrido em relação a chegada ao estádio, observava a constante reclamação daqueles que por um motivo ou por outro se atrasavam na tentativa de chegar em um bom horário para não perder sequer um momento daquele que prometia ser “um jogão”, como afirmou um torcedor que tomava um latão de cerveja a esperar “a rapaziada”, na esquina da Avenida Maracanã com a Eurico Rabelo. Com uma camisa preta onde se estampava um taque de guerra camouflado em vermelho e preto, três canhões parecendo mirar a quem estiver à sua frente, lia-se sobre o peito “*Torcida Jovem*” e abaixo “*o exército rubro-negro.*” Perguntei se era membro da “*Jovem*”, e notando uma certa desconfiança por sua parte, recebi do mesmo uma negativa, dizendo apenas que a camisa era “presente”. Vale aqui uma observação. Nas relações entre as torcidas organizadas existem muitas variáveis sobre o capital simbólico do torcer. São disputas que desaguam naquilo que poderíamos chamar de uma representação “legítima” ou “verdadeira” do “melhor torcer” para o seu clube. Temas e termos levantados pelos próprios membros de torcida em várias entrevistas feitas ao longo da minha pesquisa na pós-graduação. Tais imbricações vão desde o canto mais forte nas arquibancadas, as maiores bandeiras, a maior organização da festa dentro do estádio, até as cobranças de um determinado grupo de torcedores para a diretoria, jogadores e treinadores. Nessa dinâmica do torcer gravitam temas como o poder de influência desses grupos dentro da política interna dos clubes, bem como a proximidade desses grupos com a estrutura direta do clube em si. Ou seja, quem é mais representante do clube, quem “guarda” o capital simbólico que o clube representa perante seus adversários. Sendo assim, é óbvio que as disputas entre esses grupos suplantam, em muitos casos, a representação do próprio clube num efeito guarda-chuva sob as suas torcidas. Pesquisar em meio a torcedores de futebol requer, por muitas vezes apurar o senso da importunação, que pode se virar para conosco. Nesse caso, sentindo os ares de um mal-estar rondando nossa presença, desejei “bom jogo a nós” e continuei a caminhada em direção a “rampa da UERJ”. Há uma forma poética ao adentrar o Maracanã subindo suas rampas e se deparar com as torcidas opostas e seus espetáculos. Às vezes um certo desencanto, quando mais vazias que cheias estão as agora cadeiras amarelas e azuis que formam um efeito visual embaralhado, comum a essas novas “arenas” (sic) esportivas construídas em

“padrão FIFA”. Há também uma relevante poesia em observar, e fazer parte, do movimentar de torcedores pela “rampa da UERJ”.

O mosaico de cores em camisas e bandeiras do time, juntamente com parte do Morro da Mangueira ao fundo parece trazer vida ao serpentear do concreto armado sobre a Radial Oeste, ligando a estação de trem até às largas calçadas que circundam o “Acesso A” (oeste) do estádio carioca. Essa representação, assumidamente romântica, contraria o esforço político e mambembe de se fazer do futebol um ambiente onde a economia do poder aquisitivo financeiro seja o fio condutor de autorização na participação do espaço. Sim, o valor dos ingressos é proibitivo<sup>111</sup> para a frequência ao estádio enquanto costume. Também os programas de “sócio torcedor” afastam uma parcela significativa e importante desse espaço do torcer. Mas digo mambembe, pois, apesar de todos processos sociais e econômicos gerados pelos grandes eventos na cidade – a gentrificação, por exemplo – a promessa da modernização capitalista em *lato sensu*, não está totalmente explicitada na cidade. O Rio de Janeiro não se transformou em uma Barcelona ou Londres. Cidades “inspiradoras” para os planos políticos daqueles que “trouxeram” os grandes eventos para o Brasil. É perceptível, porém, que no apagar dos holofotes olímpicos, onde floresceria o “legado dos jogos”, a cidade aprofundou o fosso sócio econômico entre suas classes, viu sua mobilidade urbana manter os mesmos vícios e problemas. Ainda que revitalizações, museus e espaços de entretenimento estivessem em destaque como novos cartões postais urbanos. Evidente, também, que existe uma agenda, uma forma de se participar desse espetáculo e a prova – se assim convém chamar – estava naquele dia, na massa rubro-negra presente no *New Maracanã*.

Foi justamente no “pé” da rampa da UERJ que abordei um grupo de torcedores. Dois deles vestidos com a camisa do Flamengo, onde no lugar do escudo do clube havia um símbolo estilizado. Um punho a segurar uma bandeira branca e os dizeres “Fla Antifa”<sup>112</sup>. Conversamos sobre o ambiente de festa que tomava conta dos arredores do estádio e que já vinha no trem, segundo os mesmos. “A torcida do Flamengo é o seu maior patrimônio! ” Afirmou um deles, ao questionar a política dos dirigentes do clube para com os torcedores. “Isso aqui era pra ser sempre assim. Mas os caras querem se misturar com a pior política pra vender o Flamengo igual

---

<sup>111</sup> Vide tabela 2

<sup>112</sup> Brevemente citado anteriormente, não entraremos aqui nas análises sobre os movimentos de coletivos derivados “antifascistas”. Apenas assinalamos sua evidência como uma forma de atuação ativa e questionadora de diversos temas que orbitam o universo do esporte em geral e no futebol em particular; principalmente em temáticas contra o autoritarismo de Estado em matéria de políticas públicas do atual Governo Federal.

marca.” Seu relato vai ao encontro do fenômeno que tem ocorrido no futebol brasileiro recentemente. Uma política de valorização e venda dos clubes de futebol para agentes financeiros que operam em outros ramos do mercado financeiro. Adquirem times com o intuito de potencializar seus ganhos financeiros transformando a administração dos recursos à partir de uma lógica das grandes corporações empresariais. Não é esse o caso do Flamengo. Mas, se por um lado, o rubro-negro carioca não está à venda, as relações de seus dirigentes com os núcleos duros do alto escalão da política governamental são evidentes. Basta ler, cotidianamente os jornais de notícias. Dialogamos mais sobre esse aspecto festivo do torcer, como ele auxiliava o clube em campo, o torcer “de agora”, “o torcer de antigamente”. E foi com a frase desse torcedor que fiz um sinal positivo com a cabeça, me despedindo e encerrando nossa conversa. Com o pensamento tomado de afirmação, vaguei um pouco mais pelo entorno do Maracanã em meio aos gritos de torcedores, aos sons que reverberando por dentro do estádio chegava às suas calçadas. Embora já distantes e olhando em sintonia admirável por todo aquele complexo entorno refleti e concordei com eles e comigo mesmo. Meu objeto de pesquisa e seu “fio condutor” valiam a pena, mesmo com muitos percalços e de uma pandemia em meio aos estudos. Um torcedor rubro-negro ao falar sobre seu time e sua cidade – relação que será explorada mais à frente – me lembrou do samba que diz: “Brasil, sua cara ainda é o Rio de Janeiro. Três por quatro na foto e o teu corpo inteiro<sup>113</sup>” Também o Rio de Janeiro é a torcida do Flamengo e “A torcida do Flamengo é o Rio de Janeiro. Um Rio que ainda sorri!”

### 3. O Maracanã antes dos megaeventos. “Tempos áureos” (?)

Antes de passar por grandes reformulações o Estádio Municipal ainda receberia grandes públicos, um modo interativo de torcer, sem contar em um inúmeros de shows e celebridades e jogos de outros esportes – como retratado no primeiro capítulo. Também batizado com nome do prefeito Mendes de Moraes, logo após sua inauguração, recebeu com o tempo, informalmente, o nome da Avenida que está ao seu lado. Maracanã foi o nome que a população majoritariamente atribuiu ao estádio que oficialmente se chama Mario Filho – como já citado.

No ano de 1969 o Brasil possuía uma “safra” de jogadores de grande qualidade técnica atuando pelos campeonatos estaduais e regionais. Um deles era Pelé e este estava prestes a fazer história no futebol ao ter a possibilidade de chegar a marca de mil gols. A oportunidade

---

<sup>113</sup> Saudades da Guanabara (Aldir Blanc Mendes / Moacyr Da Luz Silva / Paulo Cesar Francisco Pinheiro).

ocorreria justamente no Estádio do Maracanã, em um jogo contra o Vasco da Gama no dia 19 de novembro. A expectativa da população era grande, pois, o jogador era considerado um dos maiores e mais habilidosos do futebol brasileiro. Já possuía o *status* de ídolo desde 1958, quando estreou na Copa do Mundo da Suécia e “foi chamado de *Rei* pela imprensa francesa.” Repleto de torcedores – 65.157 presentes –, que mais torciam pelo feito de Pelé do que pela vitória de um dos times em campo, “a maioria dos espectadores abandonou o estádio após a marcação do gol histórico”, aos 34 minutos do segundo tempo, quando o jogador do Santos F.C foi substituído. Deixaram, no entanto, uma renda de NCr\$ 253.275,25 “em um jogo sem importância na classificação”, como mencionava a edição 194 do *Jornal do Brasil* (20/11/1969), que dedicou a capa e matérias especiais no seu *Caderno de Esportes* para aquele feito ocorrido no Maracanã.

Uma das situações mais inusitadas ocorridas no estádio se deu na fase semifinal do Campeonato Brasileiro de 1976. Uma ocasião impensável atualmente – ao menos em se tratando de clubes –, dias de intenso controle de torcedores, divisão minoritária de ingresso para a torcida visitante, redução da capacidade física dos estádios, violência abrupta entre organizadas rivais, dentre outras variantes. Um dos jogos da fase “mata-mata” foi entre Fluminense e Corinthians. No domingo 5 de dezembro o Maracanã recebeu um público de 176 mil espectadores, com 146 mil pagantes. Desses, cerca 50 mil eram torcedores corintianos. Os alvinegros paulistas também receberam o reforço de rivais do tricolor carioca. Inúmeros foram os torcedores alvirrubros, alvinegros cariocas, cruzmaltinos e rubro-negros a compor a torcida do Sport Club Corinthians Paulista naquela partida. Entretanto o destaque realmente ficou a cargos das caravanias de São Paulo que lotaram a cidade do Rio de Janeiro. O time corintiano vinha mal naquele campeonato, mas após cinco vitórias consecutivas a torcida começava a acreditar no possível. Somado a isso o presidente tricolor à época, Francisco Horta, havia declarado aos jornalistas, dias antes daquele jogo que “se a torcida do Corinthians é mesmo tão fiel como apregoam quero ver se ela irá ao Rio incentivar seu time na partida contra o Fluminense.” A provocação foi comprada como missão a ser cumprida pela torcida corintiana. Naquele 5 de dezembro se daria “uma impensável loucura coletiva.” (Neves, 2009).

O *Jornal do Brasil* em edição do dia seguinte (nº 242 de 6 de dezembro) estampou em sua capa uma fotografia da praia de Copacabana com grande lotação e a legenda “Cariocas foram maioria. Os paulistas saíram cedo.” Logicamente em direção ao Maracanã. Juntamente com essa imagem, aparece outra, das arquibancadas superiores mostrando “o entusiasmo da

torcida do *Corinthians*, que ocupou meio Maracanã, e empurra o time para a frente, na vitória sobre o Flu.” À página 11 o jornal exibia uma charge do cartunista Ziraldo na qual a imagem do Cristo Redentor, com as mãos ao pé do ouvido ouvia o ecoar de “Curinnn-tcha” vindo do chão, numa menção ao grito dos torcedores corintianos. Além de outra, também de Ziraldo, na página 20 em que um anjo sorridente ordena a torcedores alvinegros, que se encontram comemorando aos gritos de “curinnn-tcha”, “vivas” e risadas, que voltem pra casa “sem morrer, hem! Sem morrer”. Numa menção à invasão corintiana à cidade do Rio de Janeiro – como o evento ficou conhecido –, vê-se vários ônibus e aviões seguindo uma placa indicativa que mostra o caminho de São Paulo. Também e muito propiciamente o *Caderno de Esportes* daquele dia foi basicamente dedicado a partida entre o time paulista e o carioca. Em sua primeira página o destaque para o goleiro dos paulistas, Tobias, que defendeu dois penais. Abaixo, a legenda “Corinthians, a vitória de uma paixão.” Também uma imagem de torcedores nas arquibancadas com uma faixa onde se lê: “a maior torcida do mundo, *no maior estádio do mundo* (grifo nosso).” João Saldanha também assina uma coluna sobre a partida, que segundo ele fora “mais ou menos. Excessivamente medroso de ambas as partes”, mas ressalta nas primeiras linhas, o fenômeno ocorrido no Maracanã e na cidade do Rio de Janeiro, a “torcida do Corinthians que veio apoiar o time.” O jornal mostra também as ocorrências policiais pela cidade do Rio naquele dia. Como a movimentação de torcedores foi muito intensa a Secretaria de Segurança recomendou aos policiais de plantão a resolução *in loco* dos casos menos graves que envolvessem violência, brigas, tumultos. As prisões e averiguações nas delegacias ficariam por conta de roubos, furtos ou casos que apresentasse lesões corporais. A 13ª Delegacia de Polícia, localizada em Copacabana “atendeu várias brigas de torcedores que se agrediram, inclusive, com garrafadas.” Mas o jornal reitera que nenhum evento mais grave ocorreu. Os paulistas se dirigiram cedo ao estádio, por volta das 13h, passando antes pela praia, já os cariocas permaneceram mais tempo “aproveitando o mar e o dia ensolarado” o quanto puderam, antes de se direcionarem ao Maracanã. O relato da reportagem demonstra a inserção do estádio na vida da cidade do Rio de Janeiro. Aproveitar a paisagem natural e depois ir para o estádio era parte do entretenimento comum da cidade. As caravanias paulistas contaram com 100 ônibus só da *Fiel Jovem Torcida – Camisa 12*. Cada corintiano que contou com os serviços da organizada – cerca de 3 mil – pagou à época Cr\$ 150 para se deslocar de São Paulo ao Rio de Janeiro. De fato, os relatos trazidos por aquela edição do *JB*, mostravam a maior caravana de

torcedores dentro território nacional. Relatava o “chefão das caravanas”, Cláudio Faria Romero, de 22 anos, ao jornalista José Nêumanne Pinto:

Esta é uma viagem especial, meu caro. Nunca houve uma caravana tão grande. A média de ônibus quando o Corinthians viaja ao Rio é de 12. Agora temos que organizar a torcida em 100 ônibus. Nunca vi nada igual.

A cidade do Rio de Janeiro só veria uma nova “invasão” após trinta e oito anos daquela mobilização de paulistas pela cidade. Referimo-nos à final entre Argentina e Alemanha. Mas esse evento veremos um pouco mais a frente.

Também o jornal *O Globo* dedicou uma página da sua edição de segunda feira, 8 de dezembro de 1976 ao “Carnaval paulista do Rio.” As charges de Otelo, deram o tom do que foi mais a invasão dos “maiores desperdiçadores de gasolina com suas viagens e o vaivém pelas ruas do Rio”, do que propriamente pelo desempenho dos times no clássico em si,<sup>114</sup> que terminou sendo decidido nos penais após um “amarrado 0x0 e 1x1 na prorrogação. Aí foi pros pênaltis e eu não lembro de nada.” Essa é a fala Tuca. Que esteve presente no jogo reforçando o pedido de um amigo paulista para engrossar as fileiras de corintianos no Maracanã.

Eu sou Flamengo. Mas tinha um padrinho de casamento que era policial civil em São Paulo. Mas era daqui do Rio. Ele ligou da delegacia falando que tava vindo de viatura pro Rio ver o Corinthians. Eu falei, você é maluco. Mas não que veio mesmo? Ficou na porta da minha casa, um Corcel vermelho, bonito. Bem arrumado. E eu fui com ele pro Maracanã. Vou te dizer, tinha muito corintiano, mas a torcida do Flamengo foi em peso. Uns amigos da minha rua que eram Flamengo também, vascaíno. Não era só corinthiano ali, não. Foi uma diversão. Jogo ruim. Mas uma diversão. Eu fiquei até a madrugada com ele bebendo. Aí ele dormiu um pouco e entrou na viatura com o cara que tinha vindo também e foram pra São Paulo. A cidade ficou cheia de ônibus, sim. Tinha gente dormindo ali na calçada, em Copacabana. Paulista acampado no Leblon, Ipanema. Foi bom.

Para muitos torcedores entrevistados notamos uma tendência em citar as décadas de 1970 e 1980 como se essas fossem os bons tempos do Estádio do Maracanã. Os de mais idade, se apegam na “áurea do Maracanã”, como mencionou o Sr. Marco Andrade, em uma tarde, em que eu havia marcado uma entrevista num bar próximo ao Maracanã e o pronto de encontro seria na entrada do Maracanãzinho. Enquanto não encontrava meu contato, abordei o Morador da Tijuca. Ele fazia sua caminhada matinal nos arredores do Maracanã, próximo à bilheteria 3.

---

<sup>114</sup> Vide imagens 33 e 34.

Chamou-me a atenção por vestir uma antiga camisa do Bangu A.C. e caminhar devagar, o que me permitiu uma aproximação e explicação das minhas intenções.

Questionei qual a importância do estádio para a cidade do Rio de Janeiro e na sequência se ele era um torcedor do Bangu que frequentava tanto o Maracanã, quanto “Moça Bonita”, o estádio de seu alvirrubro.

Lá eu não vou mais, mas ainda venho aqui (Maracanã) porque moro bem perto. Gosto muito de futebol, embora essas “peladas” de hoje estejam duras de mais de se ver. Mas venho.

O Maracanã é o símbolo dessa cidade, não é! É bonito, tem charme, tem história. Quando viajo, eu viajo muito, e falo que sou do Rio e moro ao lado do Maracanã todo mundo admira. É realmente um privilégio. Já foi mais, mas ainda hoje é. Nada se compara ao Maracanã. Os grandes jogos lá de trás, os grandes jogadores do Brasil passaram aí. Todo mundo gostava de vir naqueles tempos. Criança, mulher, casais. Era muita gente. Até pra ver jogo que não valia nada. Hoje não tem ninguém em qualquer jogo. Só quando já vai sendo campeão que eu vejo ele (Maracanã) cheio. Antigamente não. No começo e no meio tinha torcida. Pra decidir, nem se fala. Era gente pra tudo que é lado. Mas hoje está bonito também. É e sempre será o “Maraca”!

Perguntei se ele achava que a razão de não ter público era o preço do ingresso e Sr. Marco não titubeou. Mencionou que

realmente R\$ 50, R\$ 70 para ver Bangu e Vasco é muito dinheiro. Eu ainda não pago, mas você paga, meus filhos pagam. Aí eles – tenho 3 homens – querem ir lá em São Januário. Pra dois eu ainda tenho que pagar porque estudam, mas pagam meia. Mais transporte, porque não vou de carro pra lá. Aí fica caro. Realmente é um ou outro.

Já pela hora do almoço me dirigi a um bar bem em frente ao setor C do estádio, na rua Prof. Eurico Rabelo, visto que minha espera aumentava. Na mesa dois homens discutiam justamente sobre futebol. Pedi licença me apresentando e adentrei à conversa perguntando se ambos poderiam participar de uma pesquisa. Um se mostrou mais solícito, embora ressalvado que não queria ser gravado e que tinha compromisso há poucos minutos. Guardei o gravador e num caderno pequeno fui traçando anotando alguns pontos que já havia pré-determinado no questionário, como relatado na introdução desse trabalho, sempre andava com esse caderno para eventuais recusas ou demonstrações de incômodo dos entrevistados perante meu gravador.

- Ivan, torcedor do Vasco, morador do Andaraí, autônomo, 52 anos.

Assim, diretamente se identificou. Seu colega só falou: “Julinho”. Como notei um certo estranhamento preferi começar informalmente perguntando da crítica situação do Vasco da Gama naquele campeonato de 2015.

É ‘rapá’, já era.

Tive a sensação de que seria uma entrevista perdida, mas logo em seguida me surpreenderia, justamente com o membro da mesa mais calado. Julinho perguntou meu time, sentindo-me incerto se deveria responder, desconversei dizendo morar no interior do estado do Rio e torcer pelo Volta Redonda F.C o que de fato é verdade, mas aquela não era minha primeira opção como torcedor. Mas foi justamente ali que a conversa abriu e então pude realizar meu trabalho.

-É em 2005 você tava aí, então, contra a gente. Naquele monte de ônibus de Volta Redonda.

Mencionava a final do Campeonato Carioca de 2005, quando o Volta Redonda chegou às finais contra o Fluminense e saiu derrotado com lances polêmicos. Respondi que infelizmente não pude vir, mas que havia acompanhado o jogo em casa com o coração dividido, pois também torcia para o Fluminense. Naquele ano a prefeitura de Volta Redonda, motivada pela ótima campanha que o time havia feito – vencendo inclusive o primeiro jogo das finais pelo placar de 4x3 – fretou vários ônibus com empresas de transporte da cidade para deslocar cerca de 8.000 pessoas da “Cidade do Aço” para a “Cidade Maravilhosa”.

-Aquele jogo foi bom, o time do Voltaço era ‘certinho’, quase perdemos.

Então lembrei que aquele fora o último campeonato carioca antes das reformas para o Pan de 2007. O último jogo ocorreu em 17 de março e já no mês seguinte o estádio fechara as portas para atividades até janeiro de 2006 a fim de ter o campo rebaixado, cadeiras colocadas em todos os setores. Acabava naquele ano a “geral”. Julinho mencionara que a partir dali o Maracanã nunca mais foi o mesmo. E estava diferente. - Pra melhor ou pior? Questionei.

Não sei. Diferente. Pra quem viveu ali dentro é estranho entrar hoje. Mas ainda é o Maracanã. Tem magia ainda. Só não *pulsa mais* (grifo nosso).

- Mas que faz o estádio e o time pulsarem são os torcedores. Você acha que mudaram os torcedores também? Questionei.

Acho que mudou tudo. Não sei dizer. Porque quando a gente vai, ainda rola aquela emoção, aquele aperto de ganhar perder. Mas hoje até a chegada é diferente. Antes vinha “de mulão”, ‘né’ não “Nem”? Assim se dirigia a Ivan. O bonde! Chegava aqui a estação tremia. Mas hoje a galera vem na bagunça, mas é mais na deles.

Perguntei até quando o estádio era como ele narrava.

Até noventa e pouco. Não, 2000 ainda era assim. Aquela final mesmo tava cheia, tava bonita. Mas já não vinha muita gente por causa das brigas. “Tô” com 42 anos. Desde moleque que eu venho. Era muito melhor. Era barato, dava pra pular por cima, entrar por baixo. Sempre tinha um que torcia também e aliviava. Então todo mundo vinha. Agora não. Tem polícia, segurança, os caras do colete, câmera, cachorro... tudo vigiando. Se pisar errado o cara de “garfa”.

Quando me preparava para mais perguntas. Ivan se levantou e foi pagar a conta no balcão. Deime por satisfeito, me despedi agradecendo e me retirei. Deixando os dois de pé próximo ao caixa. Notei, portanto, que valorização dos “outros tempos” era notória e talvez algo a explorar melhor nas próximas entrevistas.

Ao caminhar pelas redondezas do estádio, repara-se muitas camisas de times. Tantas nacionais, como internacionais. O redor do estádio é praticamente uma pista para a prática de atividades físicas como caminhadas, corridas, patinação e etc.. Portanto, mesmo em dias sem jogos, não deixa de servir a cariocas e turistas. Nesse dia, após um lanche rápido abordei um casal de rubro-negros que identificados pelas as camisas do clube se inseriram no rol dos entrevistados. Ambos moradores do Rio de Janeiro, torcem pelo Flamengo, “eu comecei por conta dele. Sempre fui, mas com ele vou mais aos jogos, acompanho mais.” Cristiano, um bancário e Natalia, autônoma, são torcedores de classe média. Ele sócio-torcedor desde 2015. Ela, não. Segundo ele, ser associado ao clube traz mais vantagens do que ser um torcedor que “todo jogo tem que ficar buscando ingresso. Aí eu me associei por que gosto mesmo. Já facilita”. Embora, Cristiano e Natalia, tenham ressaltado que o valor do ingresso tem encarecido com o passar dos anos. “O próprio sócio, não ficou mais caro? Você pagava menos.” Dirigindo-

se a ele. “É. Mas hoje se não for sócio<sup>115</sup>, dependendo do jogo, sem chance de conseguir. Fica tudo pela internet mesmo.”

Outro abordado, foi Jandir. Garçom de um importante bar das redondezas. Serviu-me uma bebida e uma porção, já no final do meu expediente ali no Rio. Como muitos personagens que fazem essa cidade. Veio da Paraíba no início dos anos 2000. Torcedor do Flamengo, “desde menino”. O garçom que esperava o movimento aumentar no estabelecimento para fazer um extra nas gorjetas; “se chegar gente eu tenho eu parar, patrão” Nunca foi ao Maracanã ver seu time. “Não nunca. Dia de jogo é dia de batente. Um ‘faz me rir’ melhor, né?! Pode ir pra zorra, não. Tem que trabalhar pra garantir a meninada, né! Um aluguelzinho mlehor, né?! ” Quando chegou ao Rio morou na Cidade de Deus, trabalhando de “limpador” numa loja de carros na Freguesia. Conseguiu um emprego com salário melhor de jardineiro num condomínio da Barra da Tijuca e mudou-se para Gardênia Azul. “Aí depois eu comecei a trabalhar de garçom e hoje estou aqui e consegui um predinho melhor pra família no Cachambi. Agora ta bem.”

Jandir estava comentando que ouve muito os torcedores que frequentam o bar onde trabalha que o preço de hoje é caro. “Por isso que eu nem tenho. Mas aqui, eu sou pobre. O povo que vem aqui é mais avantajado, né. Não tem um eu aqui, não.” A visão de Jandir, garçom, sobre o futebol que se pratica na cidade do Rio e em grande parte das praças esportivas do Brasil e do mundo, não é tão única. De fato, os valores praticados pelos clubes, seja nos programas de sócio, seja em ingressos avulsos é acima da média que um trabalhador médio consegue pagar para manter uma frequência no estádio de futebol. Esse movimento tende a ser um dos processos capazes de tornar um torcedor, cada vez mais, como um “teletorcedor” (Simões, 2022, p.165), afastando-o assim das vivências sociais que é o torcer no *lócus*. Muitos interesses econômicos estão por trás de tamanha mudança da realidade do futebol. Embora, não seja essa uma prática nova, ela é recente e cada vez mais se aprimora e é regida pelos interesses mercadológicos que se amalgamam entre o mercado, as entidades organizadoras do futebol e os clubes.

O torcedor Jeferson, fez parte de uma organizada do Flamengo entre 1996 e 2001 e para ela há uma dinâmica nas torcidas que fazem com que elas percam

o sentido de luta para que foram criadas. Cara, foram cinco anos dando a vida. Mas um dia eu cansei. Hoje sou só torcedor. Sou bom torcedor. Flamengo é paixão e gosto do futebol. Meu pai me ensinou a gostar de futebol.

---

<sup>115</sup> Algumas questões sobre a política associativa para jogos de futebol do CRF serão dialogadas mais à frente.

Mais do Flamengo. Torcida eu fui depois, aquela coisa de moleque. Se juntar a um bando. É muita ‘passassão’ de perna e o lance da camaradagem, da *brotheragem* fica muitas vezes de fora. Eu saí e não sinto a menor falta. É bonito ver a torcida na arquibancada? É. Mas só isso. Agora, eu queria saber o quê. Uma torcida pra lutar contra essa estrutura de poder. Se tiver que ser na porrada, vamos dar porrada na polícia, nos dirigentes, vamos pra porta da CBF cobrar ingresso barato, justo. Vamos quebrar o [Eduardo] Paes, o Sérgio Cabral... Do que adianta esmurrar o vascaíno. Matar o tricolor. Ir ali pro Meier quebrar o pessoal da Young? De que? Brigar é maneiro. Mas vai resolver o que? O futebol vai permanecer pra elite. Sabe o discurso do *rap* sobre a gente andar aí drogado? Então, tem que ser pro futebol. Preto não pode se matar. Torcedor organizado é pobre. Vai matar pobre, o rico vira e fala assim: a lá ó. Não sabe se comportar, tira do estádio, ou traz a polícia. E aí a gente fica nessa de se bater e ninguém consegue pagar pra ver o Flamengo. Só os podres da diretoria que ganham ingresso.

## CAPÍTULO 3

### MODERNIZAÇÕES (?) NO ESTÁDIO: O RETORNO A TERRA SECA E A ERA DOS MEGAEVENTOS.

O estádio passara ao longo de sua história por algumas modificações. Nos concentraremos nas que mais impactaram o formato especial interior, em nosso ponto de vista impactando, consequentemente no comportamento, ou melhor, na forma de torcer dentro do estádio.

Em 1992 o “maior do mundo” começou a passar por uma segunda modificação, mais invasiva, em sua história contemporânea. No ano de 1985 o estádio passou por uma considerável reforma. A “Geral” foi elevada, permitindo melhor visualização do jogo pelos *geraldinos*. Também as marquises foram reformadas. Contendo infiltrações e rachaduras. Em 1989 a FIFA realizou vistorias a fim de liberar o estádio para utilização numa possível Copa do Mundo no Brasil, no ano de 1994. O estádio foi reprovado<sup>116</sup>. Devido a um grave acidente na grade da arquibancada superior três pessoas morreram e oficialmente oitenta e sete receberam atendimento hospitalar. A grade se rompeu e os torcedores caíram de uma altura de quase quatro metros sobre as cadeiras do antigo setor 4. O jogo era entre Flamengo e Botafogo pela final do campeonato brasileiro e o Maracanã estava repleto, mais de 145 mil torcedores, a maioria de rubro-negros. O *Jornal do Brasil* (nº 103, 20/07/1992) do dia seguinte à tragédia mostrava o relato de alguns torcedores que diziam ter iniciado um tumulto em meio a

facção Raça Rubro-Negra. Os torcedores tentando escapar da confusão – alguns afirmam que houve uma briga, com tiros -, desceram correndo os degraus e pressionaram a grade, que não resistiu.

E de que estava tão cheio que

uma hora antes do jogo começar já não se via lugar na arquibancada. [...] torcedores se aglomeravam nos túneis de acesso às arquibancadas. Até a

---

<sup>116</sup> Vide imagem 40.

torcida alvi-negra, condessada num quinto do estádio, era uma cabeça atrás da outra.

Um torcedor relatava, “vim precavido, com um banquinho, mas a polícia me tirou na entrada” e a reportagem dizia: “mesmo na ponta dos pés não viu nada.” O “macete” de alguns torcedores era acompanhar o balanço da marquise. Caso de Norimar Rosa que trabalhava no Maracanã e sabia como identificar os resultados. “Se vier aqui da direita eu sei que foi gol do Flamengo. Se vier da esquerda é do Botafogo. E se vier do meio? É briga.”

O jornal menciona alguns fatores daquela tragédia. A superlotação no setor superior, a má conservação do alumínio da grade, o despreparo de policiais do estádio, bem como a falta de material para primeiros socorros, uma completa “falta de um sistema de atendimento ao torcedor”. Além disso, “a Televisão deveria transmitir o jogo para todo país, (por isso) os times entraram em campo com o estádio vivendo o tumulto.” Entretanto, o Maracanã mostrou que vive da alegria do futebol, se dependesse da estrutura jamais será o melhor do mundo.” Assim todo o problema do estádio em relação a estrutura física era posto à tona e exigia da Suderj, como a seu presidente Marcio Braga<sup>117</sup>, a resolução para prevenir situações como aquela.

Miguel dos Anjos era dentista, torcedor do Flamengo, especialista em trauma e dono de uma cadeira cativa.

Na verdade, é da família, não é? Era do meu pai, eu e meu irmão usávamos. E sobre esse jogo, eu me lembro que estive de plantão no Souza Aguiar. E o jogo era à tarde. Eu passei no consultório, na casa da minha mãe e ia ao Maracanã. Por algum motivo eu não fui e fiquei descansando na minha mãe, acompanhando pelo rádio, dormi um pouco. Quando eram umas 18h, 19h da noite meu *beep* começou. Aí que eu ouvi no rádio que tinha tido uma queda no Maracanã. Voltei pro hospital e concertei muita boca aquele dia. De criança, jovem, de tudo. Foi feio.

O pentacampeonato rubro-negro dividiria as atenções no jornal *O Globo* onde se mencionava as “grades podres”, “o descaso dos responsáveis pelo estádio”, “e um arrastão de pivetes dentro do campo” (*O Globo*, 20 jul. 1992). No interior do Cadernos dos Esportes, do mesmo jornal, uma página trazia tanto o acompanhamento jornalístico daquela tragédia, quanto as questões que afligiam a estrutura do estádio. “O quarentão Maracanã nunca esteve tão abandonado.”, “um desleixo criminoso”.

---

<sup>117</sup> À época, Marcio Braga também ocupava cargos na diretoria do Flamengo e na secretaria de Esportes do Município, sob a gestão de César Maia.

Também chama atenção na edição citado do *JB* uma pequena reportagem sobre os moradores e o entorno do estádio. Àquela época mencionavam assaltos, confusões e dias de jogo, tiroteios entre torcidas e o barulho de dentro do estádio. Mas havia também os entusiastas por habitarem próximo ao “maior do mundo.”

Todas essas questões não eram exclusividade do Maracanã. Mesmo os outros estádios do país lidavam com problemas parecidos e até os estádios europeus também sofriam com toda essa falta de preparo e estrutura de bem-estar do torcedor. Todo esse processo só seria alterado, não sem custo, com início no fim dos anos 1980 e entre as décadas de 1990 e 2000. No caso do Maracanã, esse evento trágico fez com que em sete meses algumas reformas fossem providenciadas como a troca de todo o sistema de gradeamento que servia como parapeito aos torcedores das arquibancadas superiores. O valor da obra foi estimada em Cr\$ 50 milhões. Também os festivais extraesportivos e shows particulares, arcavam com pequenas melhorias ou reparações de danos antes ou após seus eventos. Caso, do festival *Rock in Rio* de 1991. Porém foi somente nos anos 2000 que uma outra grande modificação providenciou a colocação de cadeiras no anel superior e inferior das arquibancadas, substituindo o concreto armado. Assim, as arquibancadas com “ares de obra inacabada”, dava lugar a cadeiras plásticas amarelas e verdes visando um maior conforto e segurança para os torcedores. Lembrando que com a cadeira a tendência era a de poder controlar melhor a quantidade de indivíduos nas arquibancadas, além de prevenir as antigas concentrações desordenadas. Ainda se manteve o espaço da “geral”, onde não havia cadeiras, assento ou algo parecido. Manteve-se também o fosso de separação entre torcida e campo. Começava ali em pequenos passos, uma política que fora acentuada nos anos vindouro, se valendo do exemplo dos estádios europeus, principalmente os estádios ingleses.

Os corpos brutalizados e a docilidade no torcer era a política cada vez mais desejada e implantada como forma de receptividade aos torcedores de futebol. A política liberal era a cartilha magna para a suplantação de um atraso obsoleto tanto nas estruturas geoespaciais dos estádios quanto da presença de determinado tipo de indivíduos indesejáveis. Num lado da ponta estava a criminalização das organizações torcedoras, de outro, a política de “modernização” dos espaços, esta trazendo à reboque a política de preços de ingressos e a longo prazo os programas de associação ao clube na modalidade torcedor de futebol. No Brasil, o corte que deu início a

este processo de forma mais abrupta ficou conhecido como a “Guerra do Pacaembu”<sup>118</sup>. Se antes era apenas desejo de uma elite puramente menganilizante e uma crônica esportiva que destilava preconceitos em enredos e discursos criminalizadores sobre as torcidas organizadas, ali havia fato material e consumado para a ação. Claro que aqui não desejamos fugir dos problemas que acercam o esporte do passado distante às questões mais relevantes do presente. Porém, válido é decantar a cultura popular do esporte em questão de seus defeitos e benesses para a sociedade.

### 3.1 O Pan-Americano de 2007 e a primeira reforma substancial.

As principais modificações no início dos anos 2000 foram intensificadas entre 2005 e 2006. Visto que a cidade receberia os Jogos Pan-Americanos de 2007. Ao candidatar-se em 2000 e ser anunciada em 2003 como sede, a questão dos megaeventos estava colocada, bem como todo seu debate com prós e contras. Nos aterremos brevemente à temática do Estádio Municipal Mario Filho, embora compreendamos que outras questões relevantes estão, por si só relacionadas, pois é nesse momento que o botão de *start* é acionado na cidade do Rio de Janeiro, chamando a atenção de autoridades políticas, figuras públicas, movimentos sociais, empresários, moradores dos locais afetados pelos jogos, enfim de um sem número de grupos direta ou indiretamente interessados. Claro, que não se inicia aí a discussão sobre os planos modernos de cidade e de estádio. Tais temática vinham sendo colocadas em eventos esporádicos e ocasionais. Mas eis aqui um corte.

Em 17 de dezembro de 2006, *O Globo*, abria as páginas do seu caderno de Esportes para a apresentar não um, mas três projetos para o estádio do Maracanã<sup>119</sup>. Entre modernosas redomas de vidro transparente presas em estruturas metálicas a circundar o estádio da marquise ao chão, novas passarelas para ginásios adjacentes, palcos retráteis para torna-lo multiuso, até projetos mais conservadores e preservacionistas, o Maracanã foi debatido por profissionais da arquitetura e urbanismo. Entre breves considerações sobre a localização do estádio, sua malha rodoviária e ferroviária ao redor, até os sentidos e significados para possíveis demolições e adequações foram expostas, assim como o simbolismo do estádio para a cidade. O arquiteto

---

<sup>118</sup> Toledo (1996-97) faz um estudo referencial do caso abordando-o a partir das concepções socioantropológicas, mas também de alguém que parece viver o campo.

<sup>119</sup> Vide imagens 36.

comunista Oscar Niemeyer fora também entrevistado para a matéria. Assumiu que seu projeto de 1948 realizado à ocasião da construção do estádio “era ruim.”

Com o horizonte dos jogos pan-americanos no horizonte, são postos no cerne da questão as temáticas como mobilidade urbana, direito à moradia, programas sociais de incentivo ao esporte, saneamento básico, questões ambientais – a despoluição da Baía de Guanabara, por exemplo –, segurança pública e outros temas. A palavra que começa a ser utilizada naquele momento para tratar o *posteriori* ao Pan é *legado* (grifo nosso). Qual seria o legado não só simbólico, mas físico, material, para a cidade do Rio de Janeiro?

Na revista ACAD Brasil, 2004, o então prefeito César Maia registrava: Preparamos uma ampla agenda de compromissos sociais a serem implementados, prioritariamente nas comunidades com o IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) mais baixo. Vamos ampliar o Programa Favela-Bairro, com investimentos de US\$ 1 bilhão, o que vai melhorar a vida de um milhão de pessoas... expansão do Sistema de Saúde da Família, aumento na proporção de alunos que concluem a 8<sup>a</sup> série, redução da mortalidade infantil, complementação de renda, integração social da população de rua e muito mais... com os novos equipamentos que serão construídos para o Pan, vamos poder atender 750 mil crianças. (Comitê Popular da Copa e das Olimpíadas, 2011)

Os Comitês Populares de eventos foram criados em várias capitais brasileiras. No Rio de Janeiro não seria diferente. Um relatório construído desde 2004 e lançado em 2011 pelo Comitê Popular da Copa e das Olimpíadas demonstra vários dados referentes aos investimentos e promessas feitas em relação às temáticas já expostas acima. O mesmo estudo demonstra que à época a estimativa de gastos na casa dos R\$ 3,5 bilhões veio a se confirmar no relatório do Tribunal de Contas da União (TCU). Orçado em R\$ 128,6 milhões, a princípio, quando a candidatura fora anunciada, o valor inflou mais de 444% em 2006 e seguiu crescendo até o evento. Enquanto isso no Pan de 2011, em Guadalajara no México, não chegava a R\$ 2,5 bilhões.

A sociedade civil, porém, questionou através de suas instituições o “legado” de tamanho investimento. Visto que grande parte das obras tiveram que ser refeitas para eventos posteriores, como o velódromo de Jacarepaguá – desmontado e construído outro – ou foram abandonadas com o tempo levando a completa deterioração das instalações. Além disso é sabido pela experiência posterior e também pela literatura acadêmica<sup>120</sup> que a especulação imobiliária se

---

<sup>120</sup> Ver por exemplo Magalhães, 2013.

utiliza de um suposto legado material para a hipervalorização de áreas próximas e mesmo as construídas para o evento.

O Parque Aquático Julio Delamare, o Estádio Mario Filho e o Maracanãzinho custaram cerca de R\$ 304 milhões aos cofres públicos e parcerias privadas. A primeira estimativa era que a reforma do Maracanã atenderia às exigências vindouras, em caso de outros megaeventos. Visto que desde 1996 o Brasil cogitava candidaturas para a Copa do Mundo de Futebol e a para os Jogos Olímpicos. Entretanto, não foi isso o que ocorreu. O estádio seria fechado e reformado novamente. Para o Pan-Americano, como já mencionado acima, as cadeiras numeradas ocuparam o lugar da antiga “geral”, o gramado foi rebaixado em 1,40m para propiciar uma melhor visão do jogo, outras duas rampas de acesso foram adicionadas, os acessos às arquibancadas foram aumentados na largura, telões de alta definição foram instalados em cada canto na parte superior, a redução de capacidade de público. Tudo isso para que pudesse receber as cerimônias de abertura e encerramento dos jogos mais importantes do continente americano. Com os constantes fechamentos os jogos dos clubes cariocas, principalmente Flamengo, Fluminense e Botafogo – que além de ter seu estádio cedido ao COI e também passou por reformas estruturais por ocasião de uma fenda na estrutura de ferro de sustentação –, foram espraiados para outros locais, como o interior do estado do Rio de Janeiro e em outros estados da federação. Porém ressaltamos aqui que as reformas do Estádio do Maracanã serviram pouco a pouco para alterar toda a estrutura espacial interna e mesmo externa. As novas rampas construídas visando maior mobilidade e fluidez no acesso ao seu interior e até a marquise, que tombada pelo IPHAN, posteriormente daria lugar a uma lona visando a cobertura de uma área maior de cadeiras, as próprias cadeiras no lugar das arquibancadas. Enfim todo um processo de descaracterização da obra inicial visando o conforto e a segurança dos torcedores. A antiga lógica de cidade esportiva dava lugar a cidade dos megaeventos, cada vez mais com um determinado nicho da população excluída dos processos de decisão e mesmo do que se convencionou chamar de legado.

### 3.2 A Copa do Mundo de Futebol e o *New Maracanã*

Construído para a Copa do Mundo passados exatos 64 anos daquele evento o estádio municipal Mário Filho<sup>121</sup>, ou Maracanã, o seu segundo campeonato mundial de futebol. Após

---

<sup>121</sup> A mudança de nome do homenageado ocorreria em 1966, após a morte do jornalista e irmão do dramaturgo Nelson Rodrigues, como uma forma de lhe tecer a honra pelo estádio que se empenhou em apoiar.

todos esses anos, muitos já eram os grandes estádios brasileiros, praticamente um por estado da federação e após diversas reformas arquitetônicas o estádio carioca já não poderia mais ser chamado de “o maior do mundo”. Sua capacidade foi sendo reduzida desde 2005 e muitos dos seus espaços, antes considerados clássicos, foram extintos em defesa da segurança dos torcedores e do conforto a ser proporcionado aos mesmos.

O anúncio de que o Brasil seria a sede da Copa de 2014 se deu sete anos antes. A 30 de outubro de 2007 a *Fédération Internationale de Football Association* tornou real a oficialização do evento esportivo. Não sem antes submeter a sua avaliação, ao dossiê de candidatura do país que

dadas as exigências da FIFA em termos de infraestrutura, o Brasil seria o país cuja economia teria condições de suportar, sem maiores sobressaltos, os investimentos demandados, além de ser um país no qual o futebol é o esporte hegemônico, sem contar o seu potencial turístico e sua reputação de hospitalidade. (Damo, 2013)

As exigências da FIFA englobavam muitos quesitos com finalidades exteriores ao universo do futebol. Desde tópicos como o fluxo urbano, melhorias de saneamento básico e outros aportes benéficos às cidades sede até, obviamente, a modernização das praças onde os jogos são realizados. Daí a ideia deste megaevento, bem como as Olimpíadas, ganharam a alcunha da “oportunidade” (grifo nosso) e não do fardo (Damo, 2013). Oportunidade de melhorar a qualidade de vida dos indivíduos, de atração do capital empresarial para investir tanto em comércio, como em lazer e infraestrutura urbana, exploração do capital turístico, enfim, um sem números de ações capazes de “revitalizar” os locais das cidades e o seu próprio *modus vivendi*.

Vale dizer que os jornais davam a notícia num misto de discurso comemorativo e apreensivo. *O Globo* questionava a infraestrutura que deveria ser preparada para o evento, mas também trazia uma página com a taça coroada ao centro do Maracanã repousando numa espécie de trono, a seus pés um tapete verde e amarelo com os anos aparecendo numa espécie de contagem regressiva. Menos otimista com a situação era o jornalista que dedicou à realidade torcedora no Maracanã algumas linhas de seu raciocínio em 28 de julho de 2006. Flamengo e Vasco decidiram, um dia antes, a Copa do Brasil. Acima de sua matéria, uma foto onde um policial movimenta um cassetete em direção a pernas de torcedores rubro-negros imprensados entre a ação da polícia e o muro da escola municipal Friedenreich. Em suas linhas elencava um

sem números de problemas e defeitos que o estádio possuía. “Xixi pinga em quem passa debaixo das arquibancadas e das cadeiras especiais”, comparava a experiência de jornalistas e torcedores que haviam estado na “Arena de Munique” com “o segundo maior ponto de visita de turista no Rio (...) um lixo”, descrevia que o estádio não tinha

a menor condição de sediar alguma partida da provável Copa do Mundo no Brasil (...). O Maracanã não tem solução, só será estádio decente no dia em que for devolvido ao torcedor do Rio de Janeiro. E para isso, só há uma saída: cedê-lo à iniciativa privada, vendido ou por concessão, para ser gerido de forma profissional e não como cabide de emprego de políticos que é hoje.

Era preciso não só modificar o aparelho esportivo, mas preparar, adequar a cidade. A inspiração maior da chamada “oportunidade” ao se realizar um megaevento talvez seja Barcelona, ou melhor, Barcelona 1992<sup>122</sup>. A construção desse discurso, inclusive por autoridades políticas, vive graças a revitalização promovida na cidade catalã. Limonad (2005) demonstra uma realidade para fora do *senso comum* de cidade exemplo. Se por um lado a concretude do surgimento de uma “outra” Barcelona a partir de 1992 é verdade que a mesma apresentou uma

larga trajetória espaço-temporal [...] rumo à globalização e a uma gradual degradação e fragmentação da cidade, bem como a uma alienação de seu uso e apropriação por parte de seus habitantes.

Logo infere-se do argumento da geógrafa e arquiteta que a cidade possuiu processos que também deixaram de lado uma parte da população, contrariando assim o discurso construído de um modelo único e “saudável” no refazimento da cidade de Barcelona. Limonad ainda demonstra uma amplitude de diversidade em diversos pontos daquele local. Não só a cultura se diversificara, mas também os modos de se operar e viver nos processos culturais. Barcelona, como muitas grandes cidades é múltipla, existindo e coexistindo “múltiplas Barcelonas”. Como Barcelona, o Rio de Janeiro também é “tal qual um mosaico de Gaudí”.

---

<sup>122</sup> Nos ateremos brevemente nesse ponto, visto que uma explanação mais longa poderia nos fazer desviar do intuito principal. Para mais detalhes sobre a cidade de Barcelona ver Limonad (2005).

O “modelo Barcelona”<sup>123</sup> foi muito citado quando se iniciou, ainda em 2007, o “momento Rio”. Com a estimativa da realização de todos os megaeventos mais populares no Brasil, tendo a cidade do Rio de Janeiro figurando como uma das principais sedes desses eventos, a “oportunidade” de mudanças na vida urbana, bem como ressurgimento dos próprios espaços, revitalizando-os, estava posta em voga. Para tanto, muitos locais consagrados da vida carioca seriam reconstruídos, revitalizados, modernizados, aproveitando a “oportunidade” dos megaeventos. E após o Pan-Americano de 2007, o momento era do futebol. Era a vez da Copa do Mundo do esporte mais popular do planeta. Era a vez do Estádio Municipal Angelo Mendes de Moraes, digo Mário Filho; ou melhor, Maracanã.

As progressivas reformas no estádio do Maracanã que se iniciaram antes de 2002, num período preparatório para os jogos Pan-Americanos e culminaram na Copa do Mundo de 2014 e Jogos Olímpicos de 2016 modificaram abruptamente as estruturas do estádio. De grande valor simbólico e também físico arquitetônico, sua famosa marquise, representante máxima do seu gigantismo, foi posta ao chão. O estádio do Maracanã fora tombado pelo Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) como patrimônio material registrado no Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico recebendo sua inscrição nos anos 2000<sup>124</sup>. O mesmo Iphan que, amparado por relatórios técnicos da Empresa de Obras Públicas (EMOP), consentiu, a contraprova do Ministério Público Federal (MPF), com a demolição da estrutura, rompendo assim as suas diretrizes quanto a conservação de bens tombados. Alegados, à época, riscos estruturais e incapacidade temporal para reparos em prol da realização da Copa do Mundo de 2014 os argumentos em que pesariam o patrimônio histórico e cultural sucumbiram diante aos elementos técnicos, baseados principalmente nas exigências e recomendações da FIFA para padronização de estádios ao redor do mundo.

A imprensa esportiva demonstrou o debate entre os interessados, atuando de forma a defender a preservação da originalidade do estádio ou algo do mais próximo a ela. Também diversos setores da sociedade se postaram a se organizar e argumentar sobre as várias intervenções na cidade do Rio de Janeiro. Das diversas audiências públicas sobre o assunto, os conselheiros e técnicos dos órgãos já citados acima se reuniram em 2011 para tratar o tema.

---

<sup>123</sup> O conceito de “modelo Barcelona” aparece de passagem na obra de Limonad (2005). Para mais detalhes ver a crítica de Borja (2005).

<sup>124</sup> IPHAN, Número do processo: 1094 T 1983 – Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico: Inscrição 125, de 26 dez. 2020.

Desse encontro gerou-se a Ata 68, em que os comentários pertinentes surgiram na pauta sobre a “revitalização do Estádio Mário Filho (Maracanã)”. Neste encontro os representantes técnicos da EMOP, à pedido do então governador Sérgio Cabral Filho, se dispunham a demonstrar que toda alteração seguiu primeiramente as especificações técnicas exigidas e/ou recomendadas pela FIFA em seu caderno técnico. Somente depois de verificar a incompatibilidade do que era o estádio do Maracanã e o que deveria ser, para caber nas especificações da entidade máxima do futebol mundial é que as decisões haviam sido tomadas. Com isso, Ícaro Moreno Junior, então presidente da EMOP dissertou sobre as recomendações da FIFA argumentando que o plano era o de trabalhar no limite das recomendações do caderno técnico para não descharacterizar o Maracanã. Contudo, destacava não haver

de forma nenhuma (...) alguma crítica ao caderno, tendo em vista que agrega valores após cada Copa. Então, penso que no Brasil, talvez no mundo, não existe nada assim tão específico, tão especial quanto aos grandes estádios de futebol do mundo.

Traça diretrizes técnicas, normas e define ações principalmente em relação à segurança, à questão da acessibilidade, à questão do conforto. (2011, p.25)

Apontava também algumas “falhas” nas estruturas do estádio. Falhas estas que justificariam as intervenções que já produzidas e ainda as que viriam a ocorrer nas adaptações seguintes ao projeto. De acordo com Moreno Junior

várias intervenções físicas foram propostas basicamente na questão da arquibancada, na questão da cobertura (...). Ele se tomará um prédio inteligente, automatizado, e com certificação ambiental, nos moldes da certificação ambiental americana. Enfim, dentro desse contexto, preparamos o projeto de arquitetura para esse estádio de futebol do qual temos muito orgulho, um ícone. Se o Brasil tem um ícone de esporte é o futebol; e no futebol é o Maracanã.

As argumentações dos profissionais da construção – arquitetos e engenheiros – que participavam do debate, foram sempre no sentido de que a deterioração da estrutura principal como um todo e principalmente da marquise do estádio e com menor impacto, mas não menos

importante, as armações internas das arquibancadas eram irreversíveis. E o ideal a prosseguir seria seu total refazimento. Como argumentou o Prof. Énio Pazzini<sup>125</sup>

A desejável garantia de segurança do usuário, bem como a importância do Estádio do Maracanã para os eventos internacionais a serem realizados nos próximos anos, levaram à conclusão de que a melhor solução para a marquise seria a sua demolição. A marquise está num processo de corrosão avançado, que compromete a segurança da estrutura e a dos espectadores que se colocarem sob ela, porque é possível o desprendimento de pedaços da parte interior da mesma, e se apresenta um quadro de opções. Dentro desse quadro, a opção que oferece durabilidade maior que dez anos é a demolição da marquise.

Alguns conselheiros do Iphan colocaram-se em desacordo com a maneira como se deu o processo de reforma de um bem tombado pelo instituto. Para eles o processo ocorreu em desacordo com as políticas de tombamento e com as leis do patrimônio histórico nacional. Afora todas recomendações estéticas, bem como a argumentação técnica, como mencionou Ícaro Moreno, “o Maracanã tinha muitos pontos negros, ou seja, locais de onde ninguém conseguiria olhar o jogo confortavelmente”, para os membros do instituto violara-se o tombamento de um bem material.

Conheço poucas coisas mais materiais que o Maracanã, talvez os Andes, a Mantiqueira, alguma coisa assim, seja mais material que o Maracanã. Para mim ele faz parte da paisagem urbana, física e cultural, do Rio. Paisagem urbana que entendemos como paisagem cultural, isto é paisagem feita pelo homem. O Maracanã, da mesma forma que o Cristo Redentor (...) é um objeto emblemático.

Para estes, ao se permitir a alteração de um bem que deveria seguir intocado, sem alterações, as próprias políticas de tombamento foram violadas. Os mesmos defenderam o projeto do Maracanã em sua totalidade. Para eles tanto internamente como externamente não deveria ter sido alterado o projeto clássico do Maracanã. Ou no mínimo, sua estrutura gigantesca. Nos dizeres do conselheiro do Iphan e historiador Ulpiano Bezerra de Meneses (p.34)

---

<sup>125</sup> Professor da Universidade Federal de Goiás (UFG) e especialista em concreto. Docentes de outras universidades nacionais e internacionais também foram incorporados a grupos de estudos de caso para as intervenções nos estádios.

O Maracanã não é só imagem externa. É também imagem interna. Um bem, tanto internamente quanto externamente, é uma obra de arte por si só.

Ressalte-se que ali já não era o mesmo estádio das décadas passadas. As intervenções anteriores já haviam, em parte, descaracterizado o projeto original dos anos 1950. Mas as estruturas e as proporções grandiosas do estádio Mario Filho ainda faziam dele “o gigante do Maraca”.

Após os anos 1980, os esportes de massa em geral, principalmente na escala do alto rendimento, assumem uma proximidade com os planos econômicos de um liberalismo atualizado. O futebol entra nesse rol após os eventos na Inglaterra, concomitantes com as posturas de Margaret Thatcher para com as classes populares. Na terra da Rainha o esporte bretão, mais popular do mundo começa a traçar seus ares de exclusivismo.

As geo-espacialidades arquitetônicas entraram no veio do que Holanda (2002, p.73) definiu como “abordagem funcional do espaço”. Ou seja, as relações entre indivíduos e coletividades com os seus locais de estar vão para além do simples fato da presença no *lócus*; seguem os princípios da otimização do espaço para fora das finalidades últimas. O comercialismo do espaço e a mercantilização do lugar se sobrepõe ao voluntarismo da presença para torcer. Em se tratando, por exemplo, das arquibancadas, ao ato de torcer, enquanto gesto emocional, soma-se a otimizada capacidade de pessoas no mesmo espaço e o conforto das mesmas. O argumento da mercantilização do espaço é aprofundado na direção de uma transformação objetiva e simbólica do indivíduo em seu bem-estar contemplativo. Ou seja, como argumenta Santos (2022) em seu denso trabalho sobre as modificações mercadológicas do futebol, o torcedor se transforma em cliente de um produto esmeraldeado para essa categoria em detrimento àquela. Sobram a esses, pequenas partes de um latifúndio, em que as finanças comandam um esporte que se tornou, ao longo de sua existência, próximo das camadas mais populares em seu fazimento e menos em sua espetacularização. Quer-se com esse processo contemporâneo afastar as categorias rotuladas como indesejáveis, os corpos “brutos” e enrijecidos, seja no arquétipo do cenário idealista do capital, seja em seu próprio fim como política financista. Soma-se a isso uma sobreposição da categoria dos desejáveis no espaço, sob “vários processos de produção [desse] espaço artificial são considerados sob o ponto de vista das relações de poder produzidas e reproduzidas dentro e por meio desses processos.” (Holanda, idem).

No início desse trabalho, brevemente dedicado ao estádio vimos que o seu surgimento nasce no seio de um debate político nacional-desenvolvimentista. Um dos pontos dessa esfera é justamente o setor público, por isso o estádio foi construído pelo e para o município. O grande fomentador dessa política era justamente o Estado, seu grande incentivador os jornais impressos, a crônica esportiva especializada em futebol. Com o retorno da Copa do Mundo ao Brasil em 2014 a situação já era bem diferente daquela conjuntura dos anos 1950. No universo do futebol o setor privado já angariara para si os modelos eficazes de administração e gestão – o modelo liberal, empreendedor e de superação de um suposto atraso estatal. Embora haja nuances e variáveis regionais em todo o globo terrestre, alguns lugares com “mais capitalismo” outros com menos, a mercantilização do esporte na contemporaneidade é tão notável em qualquer extremo do planisfério.

Em se tratando de observar os estádios de futebol, bem como as torcidas que nele compõe parte do espetáculo tendemos a apontar as transformações ocorridas de modo geral nesses espaços de emoção. Os primeiros modelos de gestão dos estádios se concentravam ou na propriedade de um clube ou na administração estatal. São Januário, Laranjeiras, no Rio de Janeiro, o antigo Parque Antártica em São Paulo são exemplos do primeiro modelo. Pacaembu e Maracanã, no segundo. Se por um lado os estádios pertencentes aos clubes, em tese são privados, na prática os donos desses locais são justamente os sócios, por ora surge um fenômeno, ainda não consolidado na prática clubística brasileira, as SAF, não é nosso objeto nesses espaços. No entanto, o que temos visto no futebol, em se tratando dos estádios, é um processo que ocorre nos Estados Unidos desde os anos 1980 em outros esportes, mas mais significativamente na *National Basketball Association* (NBA). A mais rica liga de basquete do mundo incentivou suas franquias a conceder a administração de seus ginásios à iniciativa privada, isentando os clubes de alocar recursos às custosas manutenções nas dependências permitindo que os interesses se voltem para outras áreas. O que vemos então, são nomes de empresas aéreas, multinacionais de fast-food, empresas de telefonia, redes bancárias e etc. estampados *on the floor* das quadras que por ora são chamadas *arenas*. Seguindo esse caminho alguns times europeus de futebol deram esses passos ainda nos anos 1990. Mas foi nos anos 2000 que essa forma de administração se disseminou mais fortemente. No Brasil esse processo é ainda primitivo e não se tem apontamentos que vingará. Ainda oscila a depender dos clubes onde é implantado.

As empresas não criaram grandes parcerias com os clubes para promover tais obras. Podemos apontar dois motivos, o primeiro deles diz respeito diretamente à publicidade das marcas que tendem a ser estampadas nas camisas dos clubes, diferentemente da NBA, com investimentos que podem variar de acordo com o valor do clube, estimativa de torcedores e mesmo do resultado em campo. Outro caso e o que muito nos importa nesse momento é que as empresas que se associaram na construção de estádios tiveram preferência por parcerias com os setores públicos, por vários motivos, mas por se mostrar mais rentável e de retorno certo, visto que se por um lado a burocracia estatal compromete a celeridade de determinados processos, por outro ela é a garantia mais que exata de retorno financeiro e prevenção a determinados tipos de calote. Foi exatamente dessa forma e na conjuntura de um grande evento que o Estádio Mario Filho passou à administração privada, após sua reforma. Uma das cláusulas entre a Prefeitura do Rio de Janeiro e a construtora Odebrecht S.A era justamente a exploração do espaço e dos serviços por essa última em troca de um pagamento mensal ao poder público. Uma espécie de Parceria-Público-Privada, também conhecidas como PPP`s.

Com a escolha do Brasil como sede da Copa de 2014 o argumento da “oportunidade” foi logo escolhido e defendido pelo poder público e também por parte do grande nicho do setor privado, principalmente os dedicados ao turismo e a construção civil. A sociedade brasileira no geral se mostrou passiva no início do processo. Em 2007, quando da escolha, o Brasil contava com o governo de Luiz Inácio Lula da Silva (Partido dos Trabalhadores), um entusiasta do evento e apreciador de futebol, principalmente do Corinthians. Damo (2013) demonstra as aproximações do Governo Federal e do poder público com a entidade máxima do futebol mundial através da própria Confederação Brasileira de Futebol, traçando, assim toda uma rede de contatos e benefícios para ambas as partes no caso da escolha do Brasil (Damo, 2012). Alguns setores que poderiam se mostrar contrários a todo aquele processo estava de certa maneira apaziguado com a liderança de um governo historicamente defensor de causas sociais e até com uma inclinação política à esquerda. Isso mudaria com o passar dos anos, principalmente quando as contradições começaram a assolar o Partido dos Trabalhadores em se tratando das obras para a Copa e dos reais benefícios para as populações das cidades. Assim, grande parte dos movimentos sociais acharam respaldo em uma parcela significativa da população e da mídia. Era comum durante os anos próximos ao evento, reportagens sobre os “atingidos pela Copa”, em várias cidades. No Rio de Janeiro não seria diferente.

Voltando ao Maracanã a proposta inicial de reforma também comprometia suas estruturas anexas. A Escola Municipal Friedenreich seria demolida no projeto inicial para dar lugar a quadras e o Museu do Índio em uma ampliação de vagas de estacionamento. Mas a pressão popular forçou as esferas públicas a recuar. Contudo, visando atender as especificações da FIFA o que ainda restava do antigo Estádio Municipal foi posto abaixo. O Maracanã fora praticamente destruído e um “novo” estádio erguido em seu lugar. Como se pode atestar nas comparações das plantas baixas com os modelos de 1950 e 2014<sup>126</sup>.

Ao custo final de R\$ 1,5 bilhões, dados divulgados pelo próprio Governo Federal, o *New Maracanã* teve a capacidade reduzida para 78,8 mil pessoas. Possui quatro telões de alta definição, cerca de 230 banheiros e 60 bares/lanchonetes, camarotes e áreas *Vip* e cadeiras numeradas.

O relatório apresentado em abril de 2011 e aprovado pelo próprio Tribunal de Contas da União colocava a posto alguns itens a serem observados. No próprio ficava isento qualquer irregularidade na firmação do contrato entre as partes interessadas; de um lado o Estado, do outro a construtora Odebrecht. Também estipulava as cláusulas observadas entre o chamado *Consórcio Maracanã* que a posteriori seria a administradora do estádio no lugar da antiga Suderj. Colocava a par o relatório, em sua página 2, os itens abaixo:

6. Características do Projeto:

6.2. Por meio da Concorrência 045/2010/SEOBRAS, foi selecionada empresa para a elaboração do projeto executivo e execução de obras de reforma e adequação do complexo Maracanã. *O vencedor foi o Consórcio Maracanã, liderado pela Empresa Odebrecht Serviços de Engenharia e Construção S/A com a proposta de R\$ 705.589.143,72;*

6.3. *O projeto contempla a modernização geométrica e espacial do complexo do Maracanã, para adequá-lo ao padrão internacional de arenas esportivas, e atender às exigências da FIFA, previstas para a realização da Copa do Mundo de 2014.*

6.4. Capacidade: 76.525, com *restrição da capacidade para 75.027 espectadores durante os jogos da Copa do Mundo;*

---

<sup>126</sup> Vide imagem 38.

6.5. Custo do projeto: R\$ 705.589.143,00, referentes a estudos e projetos, obras civis, montagens e instalações (automação), móveis e utensílios (cadeiras) e BDI (16%);

6.6. Fontes dos recursos (quadro de usos e fontes do Relatório de análise):

i. R\$ 400.000.000,00 captados pelo Governo do Estado do Rio de Janeiro junto ao BNDES; e ii. R\$ 305.589.143,72 constituídos por recursos próprios do Tesouro Estadual. 6.7. Garantias para o financiamento junto ao BNDES: *será fornecida pela União;* (Todos grifos nossos)

Ressalte-se o valor da obra, bem como a garantia dos recursos através do poder público. Além disso chamamos atenção para a reforma e readequação de todo o Complexo do Maracanã e não só do estádio. Também chamamos atenção para os interesses em torno do próprio Complexo. À época, vinculou-se nos principais jornais do país o interesse de se construir ao lado do Maracanã um Shopping Center, além de diversas lojas, um verdadeiro complexo de entretenimento que não teria o futebol como protagonista e muito menos a população em geral. Como já dissemos, projetos foram logo abortados pela pressão popular que se exerceu sobre as esferas públicas.

O relatório do TCU também apontava um estudo – a partir dos dados da própria Suderj – em que se concluía que a administração do estádio era deficitária e isso parecia um entrave para a realização das obras. Tanto que o TCU sugere a liberação de 20% a mais do valor para a melhoria da gestão e administração do espaço, considerada ainda no relatório que o espaço seria administrado pelo Estado na figura de sua Superintendência e não a passagem do Complexo do Maracanã à iniciativa privada. À pagina 3 tais questões eram postas, sendo inclusive uma crítica dura à forma como os dados foram apresentados pelo Governo do Estado a fim de “mitigar o risco de má gestão do complexo esportivo.”

9.2. Estudo de viabilidade econômica da arena, com foco na sustentabilidade financeira no longo prazo e na solução de gestão (arenas): o Governo do Estado do Rio de Janeiro apresentou o estudo preliminar de viabilidade econômico-financeira do Estádio do Maracanã, elaborado pela Secretaria Estadual de Obras. Embora o referido estudo aponte viabilidade operacional da arena, o BNDES ressalvou [...] que, segundo dados da SUDERJ, de 2007 a 2009, o complexo do Maracanã é deficitário, tendo como uma de suas principais receitas o aporte de recursos do Tesouro Estadual. Nesse sentido, e considerando que a projeção de superávit do estudo de viabilidade econômica está embasada em premissas agressivas, como forma de mitigar o risco de má gestão do complexo esportivo e a consequente continuidade de dependência

de recursos do Tesouro Estadual, o BNDES condicionou a liberação de parcela superior a 20% do crédito à contratação de estudo que conte cole a elaboração de um plano de melhoria de gestão, governança e transparência para a Superintendência de Desportos do Estado do Rio de Janeiro (SUDERJ), entidade que administra o estádio, bem como para o complexo esportivo do Maracanã.

Afora algumas irregularidades o TCU foi unanime em votar pela aprovação dos recursos, ressalvando insistente mente a necessidade de acompanhamento da alocação de recursos pelos órgãos competentes da Banco Nacional do Desenvolvimento Social (BNDES) e da Caixa Econômica Federal, visto que os recursos sairiam diretamente desses bancos estatais.

Para a realização, como já visto, necessitava-se da adequação dos estádios brasileiros – agora nomeados de *arena* – aos padrões detalhados pela FIFA em seu *Estádios de futebol. Recomendações e requisitos técnicos*. Um documento reatualizado no ano de 2011 pela entidade máxima do futebol. De uma extensão considerável, suas 217 páginas mencionam cada detalhe na padronização dos estádios que são escolhidos para sediar os jogos em qualquer fase da competição. São doze itens que elencam os padrões a serem apresentados a Comissão Técnica da entidade em avaliações constantes durante todo o processo de adequação e um parecer positivo pouco antes do evento. São tais pontos: 1 – decisões na fase de pré-construção; 2 – Segurança física e patrimonial; 3 - Orientação e estacionamento; 4 – Área de jogo; 5 – Jogadores e árbitros; 6 – Espectadores; 7 – Hospitalidade; 8 – Mídia; 9 – Iluminação e energia; 10 – Comunicação e áreas adicionais; 11 – Futsal e futebol de areia e 12 – Instalações temporárias. Estes se subdividem em vários outros itens, que por questão de espaço não serão tratados aqui. Chamamos atenção, contudo, para o ponto 6, que trata dos “espectadores”. A própria conceituação parece tratar de seres passivos dentro de um estádio de futebol. Mas como bem sabemos e sugeriremos mais à frente o próprio futebol se reinventa a cada nova etapa que a ele é imposta. Quando tratarmos do relato dos torcedores durante a Copa do mundo em jogos no Rio de Janeiro exporemos mais nossa interpretação.

Ocorre que o item citado acima, à página 109, especifica o nível mínimo de conforto para os espectadores que “devem ficar sentados. Os assentos devem ser individuais e fixados à estrutura, confortáveis e com encostos com altura mínima de 30 cm para fornecer apoio”. A padronização do espaço parece influenciar também o comportamento de cada torcedor. Mas o item também menciona que “é importante que todo o processo de entrada não seja estressante ou desnecessariamente demorado” a fim de não tumultuar o processo de entrada no estádio, evitando confrontos e conflitos entre torcedores.

Com a construção do novo estádio as antigas cadeiras cativas, aquelas das intensas campanhas do *Jornal do Sport* tiveram sua titularidade questionada pelo consórcio que administraria o estádio. Um conflito a ser resolvido pelas novas administrações do novo espaço que seria o *New Maracanã*. Quando souberam que poderiam ter um direito extinto, muitos donos das cativas perpétuas entraram em contato com a Suderj – que a princípio não sabia como resolver o imbróglio, já que não seria ela a administradora, mas o consórcio. A Justiça foi acionada e garantiu o direito aos interessados em permanecer com as cadeiras. Após a construção e passagem do estádio à iniciativa privada houve a intenção de cobrança de uma nova “*tasa administrativa*” dos titulares e/ou herdeiros das cativas, o que foi derrubado em Tribunal. A administradora do estádio juntamente a Suderj realizou um recadastramento das cadeiras, modificando através de sorteio, inclusive os locais das mesmas. No antigo Maracanã as cadeiras eram reservadas nos locais: quadras A e B; e setores 1, 2 e 3. Com o novo desenho interno do Maracanã elas foram relocadas nos Setores A, B, C, D e E, como compara a imagem 9. Ao todo foram recadastradas 4.968 titularidades de 5.000 constantes no cadastro oficial. Por um fio toda aquela campanha feita em 1950 que ajudou inclusive a financiar o Estádio Municipal não seria posta abaixo pelo novo modelo de gestão do novo estádio.

Várias foram as denúncias de corrupção feitas por políticos e empresários que ligavam a construtora responsável pela obra do Maracanã em escândalos. A mídia esportiva veiculava, tempos antes, sobre uma possível devolução da administração do estádio a Prefeitura do Rio de Janeiro. O Consórcio Maracanã – inicialmente formado por Odebrecht S.A, IMX e ASG – vencera a licitação pública para administrar o estádio por trinta e cinco anos, pagando por isso uma quantia de R\$ 181,5 milhões, divididos em parcelas anuais de R\$ 5,5 milhões. Um valor muito abaixo dos recursos empregados pelo Estado na construção. Após menos de dois anos de administração o Consórcio Maracanã anunciou a devolução do estádio à iniciativa pública. Já quando houve a impossibilidade de se construir o almejado complexo de entretenimento no lugar do Complexo do Maracanã, os executivos do Consórcio Maracanã – que atualmente não conta mais com a IMG –, alegaram que a mudança no projeto original inviabilizaria a continuação da parceria, pois a renda só com os eventos no estádio seria deficitária para o conglomerado de empresas. A situação se agravou nos primeiros meses de 2016 com a prisão dos principais executivos da Odebrecht acusados de corrupção e superfaturamento em licitações públicas. Estes chegaram a delatar o ex-governador do Estado, Sérgio Cabral, por cobrar propinas na reconstrução do Maracanã e nas obras do metrô na cidade do Rio, como mostra o

*Valor Econômico* (28/06/2016). O Tribunal de Contas do Estado (TCE-RJ) também solicitou ao Ministério Público Estadual a devolução de cerca de R\$ 93 milhões, pagos indevidamente a construtoras. Segundo o TCE os valores contavam de propinas e materiais supervalorizados para a reconstrução do Estádio, como bem noticiou *O Globo* (23/03/2016). Conclui-se que o Estádio que teve o aumento de orçamento no valor inicial até o custo final devido a essas manobras entre o setor público e o privado numa relação de reciprocidade e existência. O capital de fato necessita do Estado!

Todo o estádio do Maracanã, como os outros que também foram sede de jogos, se adequaram a essa padronização. Todo o interior foi modernizado a partir das especificações do documento citado. Cadeiras, que já existiam, instalações sanitárias, estacionamentos, também o entorno, tudo fora modificado no estádio. Isso gerou vários debates em meio aos torcedores e também no meio acadêmico. Poderia essa modernização afetar a forma de torcer? Seria ela um caminho para a “elitização” dos espaços torcedores? Questionamentos que motivaram esse trabalho, numa tentativa de buscar o mínimo de respostas e encontrar determinados apontamentos. Quem poderia responder tais problemas? Muito provavelmente os próprios torcedores, aqueles que estavam ou que estiveram um dia dentro daquele que fora chamado pela imprensa como o “*Colosso do Derby*”, o “Gigante do Maracanã” ou “O maior do mundo”. Alcunha que nos idos de 2014 já não poderia ser direcionada àquele novo estádio construído às margens da avenida homônima. Diferentemente do erguido entre 1947 e 1950, o de 2014 também era rodeado por uma Universidade, pelo morro de Mangueira, pela estação do trem, mas já não apresentava a imponência interna dos grandes estádios construídos no século passado. A ponto de em uma entrevista ouvir,

tanto faz entrar no Maracanã, no Mineirão, no de Brasília (Mané Garrincha). Só muda a cor das cadeiras. É bonito, tem conforto, mas se eu fosse jogador não sentiria medo do outro time por jogar na casa dele. São campos como outros quaisquer.

Passado todo esse tempo o Rio de Janeiro viu um dos seus principais cartões postais perder sua essência, mas seriam capazes os torcedores de reinventá-lo, reestruturando suas formas e maneiras de torcer em um estádio que pouco lembra o monumento de outrora?

As relações dos torcedores no espaço do Maracanã em alguns casos se mostram bem diferentes das épocas, como demonstra o depoimento de Reinaldo Oliveira Filho. Torcedor

“enlouquecido pelo Flamengo”, como se denomina, e morador de Bento Ribeiro - subúrbio carioca -, aos 72 anos já perdeu as contas de quantas vezes foi ao Maracanã. Sr. Reinaldo me recebeu em sua casa no bairro “onde se toca samba o ano inteiro”, como dizia o samba *Depois de Madureira*. O conheci através de seu filho, Reinaldo Júnior, também rubro-negro, a quem entrevistei no Maracanã. Ele quem me indicou seu pai. Disse-me: “Ele tem histórias de lá. Mas vai ter que ir lá em casa.”<sup>127</sup> Logo me prontifiquei para alguns dias depois. E chegando fomos a entrevista.

Ia muito. Era acordar, almoçar, brincar com as crianças e ia pro bar. Dali pegava o trem e ia. Antes do trem era a condução mesmo. Vi de tudo naquele lugar. Ganhar, perder... mas, mais ganhar do que perder. É Flamengo, não é! Tive tristezas medonhas como o pênalti que o Tita perdeu [Vasco x Flamengo em 1977] e algumas pro Casal 20 [referência a Assis e Washington do Fluminense], negros desgraçados! Mas vi Zagallo, Tita, Adílio, Galinho de Quintino [Zico], Júnior, muita gente boa. – Você viu seu time campeão do mundo, meu filho? Eu vi o meu!

Indaguei sobre quais lugares que ele frequentava no Maracanã.

Ah! Em tudo! Já vi jogo dentro do campo! Tinha um sujeito que trabalhava lá e ele punha uma *cambada* pra dentro. Se fosse jogo sem importância, desses aí contra Americano, Olaria a gente via de pertinho. Mas ia muito pra geral mesmo, perto do fosso, ali era barato, isso quando pagava e ficava gritando e com o radinho no ouvido.

Sobre hoje Sr. Reinaldo diz que não vai mais por causa da saúde.

Meu filho vai. Diz que é bonito. Eu só vejo na Globo né. Agora tem a pirata também [tv a cabo sem assinatura oficial] aí passa tudo.

Outro personagem cujos depoimentos foram interessantes, responde pelo apelido de *Tri*. João Augusto de Castro Rangel advém de uma família de botafoguenses. E graças ao pai foi jogador da base do clube. Com exatos 60 anos e residente em Niterói, onde nos encontramos, diz não ter filhos mas incentiva os sobrinhos a seguir torcendo pelo Botafogo.

---

<sup>127</sup> O senhor Reinaldo faleceu em 2021. Seu filho, me concedeu outra entrevista que será tratada no próximo capítulo.

De vez em quando eu vou ao estádio. Hoje o pique é outro e tem a violência também. A torcida do Botafogo ficou muito barra pesada. Na época do *Russão* a briga ficava entre eles e era mão na mão. Hoje os caras vêm armados e machucam criança, adolescente, pai, mãe... Evito. Mas as crianças quando estão aqui querem ver o Flamengo! Eu acabo indo! Crianças, não é!"

Não poderia ser diferente, cresci no Botafogo. Meu pai viu o tetra carioca! Somos solitários até nisso. Os únicos a ter 4 consecutivos [de 1932 a 1935]. Eu não gostava muito de esportes, mas de futebol de botão. Até que meu pai me levou pro campo do Botafogo e falou com o pessoal. Ele vai treinar aqui e jogar bola no clube. Meu pai conhecia todo mundo lá. Tive um tio no remo. Entre 68 e 70 eu jogava lá. Até que um dia fomos jogar no Maracanã contra o juniores do Bangu. Quando entrei e vi a torcida eu fingei amarrar as chuteiras e comecei a chorar. Eu queria ir pra casa. Correr dali. Tinha muita gente porque depois o time principal jogaria. Minhas pernas bambearam tanto que não conseguia correr. O técnico me substituiu com 5 minutos. Nunca mais joguei bola, mas nunca deixei de torcer pelo Botafogo. Sempre que estava no Rio ou em Niterói eu ia. Ia muito pra arquibancada mesmo, mas não gostava de ficar com as charangas ou jovens [torcidas organizadas jovens], gostava do meu cantinho atrás de um gol e ficava lá com meu pai. Mas era bonita aquela torcida.

Sr. Reinaldo por sua condição social frequentava prioritariamente os locais mais baratos, a geral, por exemplo. Enquanto *Tri*<sup>128</sup> possuía outra relação com o estádio, pois foi jogador e possuía uma condição financeira melhor, frequentava as arquibancadas. Entretanto, mostrou-se tolhido pela grandiosidade do estádio, ao atuar pela primeira vez em um jogo naquele lugar.

Analisando as memórias do jornalista Oldemário Touguinhó, o mesmo revela a importância dada a determinados setores do estádio. Locais mencionados como espaços de distinção, onde somente determinados indivíduos teriam a prioridade de estar. Um desses locais privilegiados era a Tribuna de Honra. Para nela adentrar eram necessárias vestimentas consideradas “adequadas”. Aos homens somente de paletó e gravata. Mas Oldemário menciona a vulgarização do espaço que era “frequentado por reis e príncipes. A Rainha Elizabeth, por exemplo”. E continua em tom de decepção a falar sobre uma possível vulgarização e abertura deste setor a pessoas comuns, ou sem reconhecimento social que as torne gabaritadas a frequentar o espaço e assim valorizá-lo.

---

<sup>128</sup> Mantive contato com João, o Tri. O qual me concedeu algumas entrevistas, sempre bem-humoradas e cheias de detalhes sobre como era ser jogador de futebol. Mas seu assunto principal é o Botafogo, tentava buscar algumas coisas sobre o Maracanã ele fazia questão de rememorar o alvinegro, bem como suas experiências em de Niterói.

Hoje pode entrar com qualquer roupa e futuramente vão acabar permitindo bermuda. (...) A Tribuna deixou de ser austera (...) hoje qualquer bundão pode acabar na Tribuna de Honra.

Os espaços, para o respectivo jornalista, perderam importância diante da perda de identidade do estádio. Ao aceitar qualquer um a Tribuna perderia sua principal função, a de manter as honrarias e a distinção social a quem nela estivesse. Em contrapartida há em sua obra sobre o Maracanã o reconhecimento do espaço popular, a geral. Para Touguinhó ela “sempre foi uma das grandes atrações do Maracanã, porque seu torcedor era um tipo especial no futebol, com personalidade marcante.” Ele reconhece e menciona a carnavaлизação daquelas personagens. “Uns se pintavam, se fantasiavam ou inventavam tipos. Era um dos melhores lugares para se ter emoção.” Talvez pela proximidade com o campo, outrora separado apenas pelo fosso de três metros de profundidade por três de largura. “Ali era o local onde os jogadores lançavam suas camisas após uma vitória ou um gol emocionante”, lembra *Tri*. Para Oldemário Touguinhó que escreveu suas memórias em 1998 e não viu as últimas reformas

a geral foi fechada muito mais pelo interesse comercial das placas de anúncios instaladas à beira do campo, que tiraram definitivamente a visão do torcedor, que por recomendação da FIFA, que só permite jogo com torcedor sentado.

Os depoimentos mostram algumas das relações de proximidade com o estádio, como um lugar de emoção, de relações entre pessoas e seus clubes, relações de reconhecimento e pertencimento. No próximo capítulo daremos tratamento às entrevistas pretendendo confrontar os pontos de vistas sobre o espaço a fim de se verificar como as pessoas lidam/lidavam afetivamente com os espaços do Maracanã. Se estas relações foram alteradas a partir das determinadas reformas bem como se uma nova forma de torcer vem sendo verificada é o que pretendíamos no início das pesquisas. No próximo capítulo observaremos como esse emaranhado de modificações afetou (?) o modus do torcer a partir dos torcedores rubro-negros.

A pandemia do Coronavírus que acometeu o mundo em meados de 2020 suspendeu várias formas de convivência das sociedades. Além disso, reorganizou forçosamente diversos processos na dinâmica social dos indivíduos. Com o futebol não foi diferente, já que é parte e espelho refletido das sociedades onde está localizado. Em suas diversas frentes de atuação o

esporte mais popular do mundo passou por várias nuances adaptativas em meio a tal flagelo humanitário.

As reformas urbanas, os megaeventos, as reestruturações da vida à partir das proibições práticas, simbólicas, subjetivas e objetivas devem ser consideradas no plano de um esporte tão popular como o futebol. Esse trabalho é parte de uma jornada ainda em início de desenvolvimento, não um fim. Por isso, encerramos esse tempo já saudando o próximo tempo: alô, torcida do Flamengo.

## CAPÍTULO 4

### “ALÔ, TORCIDA DO FLAMENGO...” VIVÊNCIAS E MEMÓRIAS NO MARACANÃ. ENTRE O “VELHO” E O NEW.

Este capítulo trata da produção das narrativas e dos discursos de torcedores comuns, denominados de “povão”, em seu *lócus* do torcer, no caminho de ida e volta para o mesmo, nas intersecções, apêndices e adjacências deste monumento da cidade do Rio de Janeiro. As falas pessoais dizem sobre o período social em que esse mesmo espaço foi transmutado em outro. A perspectiva da construção da memória a partir das lembranças no estádio do Maracanã visa perceber como os aspectos geo-espaciais alteraram as formas do torcer, mas também a possibilidade de presença de uma determinada categoria no espaço e seu direito aos espaços da cidade no tocante a participação em suas dinâmicas e vivências.

Se por um lado vemos na história recente recordes de público jogos após jogos, campeonatos após campeonatos, por outro lado nos questionamos: quem compõe este mosaico de indivíduos integrantes de uma massa que se visualiza ao mesmo tempo una e diversa? Esses e essas, denominados torcedores e torcedoras, membros dessa composição prismática e difusa de gentes, mas levada a um direcionamento único que se quer identificada com um clube. Quais são suas relações com essa instituição, esse time, razão final de um encontro entre um e tantos, entre tantos e uma entidade? Esta que, sendo capaz de representar o racional e o ilógico no esporte traduz as relações de sociabilidade da vida público-privada do indivíduo. Quais as relações destes indivíduos no espaço da cidade, com esse aparelho esportivo encravado na *urbe* do Rio de Janeiro? Este espaço reconhecido por uns, desfigurado para outros. O estádio do Maracanã tem variadas representações para públicos distintos, seja nas características geracionais da composição torcedora, seja na visão de mundo político, se considerarmos os fatores ideológicos e mesmo econômicos dos nossos personagens. Múltiplas visões e interpretações, um mesmo lugar; quantos estádios? Quantas formas de emoção? Quantas formas de exclusão? Quantas novas participações?

Nosso objetivo inicial no campo era perceber muito mais as ausências do que as presenças. Era a falta de determinado público torcedor, que poderia nos indicar o caminho que

o dito “futebol moderno” tomou no Rio de Janeiro, a partir da “modernização”<sup>129</sup> de seu principal aparelho esportivo, o estádio do Maracanã. Ressaltamos que o esporte é por si e em si um item considerado de alto grau modernizante. As práticas esportivas foram incentivadas muita das vezes como política de saúde e desenvolvimento social, como pretensa forma de tornar uma determinada sociedade, ou uma categoria dela, mais “desenvolvida” que as demais. “Jatos de civilização”, como dizia Norbert Elias (1992, p. 92) a fim de se alcançar os parâmetros daquelas sociedades “evoluídas” e de hábitos civilizados. As práticas esportivas insipientes numa época trazem a reboque determinadas transformações urbanas. Em nossos objetos de observação é fragrante tal processo. Os antagonismos entre o velho e o novo, entre o antigo e o moderno podem pairar mais do que conceitos sociais, mas concepções aplicadas a cidade, ao estádio e ao seu público frequentador. O plano político que construiu um novo estádio no lugar do velho estádio no Maracanã foi abarcado na compreensão do par antigo-moderno. A promessa de um novo aparelho esportivo, justamente moderno e atualizado junto às novas formas da arquitetura e da tecnologia do século XXI faria parte de uma cidade também moderna e tecnológica. Além de tudo conectada para os parâmetros das novas e grandes metrópoles mundiais.

Como já exposto anteriormente, a promessa da cidade moderna passava pela realização do evento esportivo de maior capital simbólico capaz de representar o conceito de modernidade, os Jogos Olímpicos. Por si só, na era moderna desde o Barão de Coubertin a concepção esportiva em termos dos jogos se organiza trazendo tais concepções. No tempo presente esses valores foram capitaneados pelas instituições organizadoras trazendo para si a ética do capitalismo de maneira a que o espírito do congraçamento pela competição ter sido colocada em segundo plano. Porém, é no aproveitamento desse *ethos* em que o argumento velho-novo ganha uma vida para além dos cífrões. A modernização e o desenvolvimento são termos postos de forma a convencer a sociedade que ela viverá uma oportunidade única para alterar sua comunidade, seu espaço. Goff (2003 p. 173) relaciona os

antigos [como] defensores das *tradições*, enquanto os ‘modernos’ se pronunciam pela *inovação*. (...) O ponto de vista dos ‘modernos’ manifesta-se acima de tudo no campo da ideologia econômica, na construção da modernização, isto é, do desenvolvimento.

---

<sup>129</sup> Para averiguar as várias concepções esportivas da cidade do Rio de Janeiro ver os já citados Melo (2022) e Pereira (2000).

Em termos políticos, por visão de mundo e ideologia, e econômicos – pelo liberalismo – aquilo que se pretende modernizar no aparato das sociedades está em contraposição ao obsoleto e ineficaz e justamente este, encontra-se do lado do estado. E o estado é essa esfera megalômana incapaz de administrar os recursos financeiros com responsabilidade, eficiência e modernidade. Tais expressões do *moderno* guardam em si determinados contrassensos sócio históricos. Porém, têm sido utilizadas como conceitos capazes de determinar não só o período contemporâneo na história do esporte, mas também o *modus operandi* de um liberalismo econômico atualizado, em que pese as atuações deste plano político econômico para os campos da cultura em que se acentua a mercantilização extrema sobre o mesmo. Logo, por tudo fazer mercadoria, o *ethos* é o de até mesmo os processos de vivência no esporte também se tornarem mercantilizados. Como consequência, os processos históricos do passado – mesmo um passado recente – são relegados às formas *modernas* para uma vivência mais eficaz e mais espetacular do evento em questão, a famosa e mal explicada experiência. É nessa seara liberal de transformação do esporte, da cidade, que se inserem os torcedores e as reformas do estádio do Maracanã.

#### 4.1 Vivências pela cidade. Breves considerações sobre a memória e a história

Primeiramente fazemos aqui uma explicação. É fato que as categorizações da construção da memória e da história pertencem a sociedade como um todo. O futebol como instrumento social, sofre do espelhamento das variadas comunidades da qual faz parte. Quando dizemos do universo do futebol, não se trata, portanto de um universo paralelo, nem tampouco de um elemento estranho, inserido como um objeto naquela sociedade. O futebol tem representação dialógica na sociedade e em muitos casos esboça mesmo um comportamento dialético com temáticas que emergem na mesma. Consequentemente, os projetos para consolidação de sua história-memória numa parcela de um grupo como todo ou na comunidade em geral são da ordem de uma disputa ativa no campo social, no universo do futebol não é diferente.

As narrativas que modelam o discurso dos torcedores se costuram como retalhos a partir das lembranças vividas. Em certos casos nota-se que tais lembranças são embebidas de emoções e por muitas vezes, talvez por conta disso, constroem um discurso de imprecisas e de difíceis constatações. Pois

a memória (...) é uma reconstrução psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, um passado que nunca é aquele de um

indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional.<sup>130</sup>

Os recortes que se seguem, mesmo quando surgidas de um processo difuso de lembranças ainda são capazes de dizer muito. Em nosso caso, da cidade do Rio de Janeiro, do clube de futebol e de outros tantos traços da tessitura urbana carioca. A história também está no não dito, nas entrelinhas, no esquecimento – seja no plano individual ou como projeto político institucional –, no jogo de palavras, na imprecisão. Quando uma entrevistada disse a princípio “não tenho uma lembrança clara da minha primeira vez no Maracanã”, mas demonstrava lembrar de jogos, placares, jogadores – inclusive os adversários – com certa facilidade, parecia haver algo de incômodo naquele evento narrado. O que se confirmou posteriormente, quando ela relatou um caso de importunação sexual aos 16 anos no banheiro feminino do estádio, que demonstra a quem aquele velho Maracanã se destinava. “Eu corri e contei pro meu irmão que estava na saída da rampa. Mas a gente não sabia o que fazer. Não foi nada sério, mas...”<sup>131</sup>. Pensar sobre a própria trajetória demonstra certos traumas, não só em termos do esporte, mas da cidade, da vivência nela e das (in) exclusões que a mesma produz. Muitas metáforas e terceirizações de fatos narrados, diziam mais sobre os próprios agentes que sobre os personagens que surgiam criados diante das conversas para narrar um acontecimento.

“Eu não vou mais ao Maracanã porque não tenho tempo. Trabalho muito. Mas tenho muitos amigos aí que não vão mais porque não tem dinheiro. Porque ficou caro, né não? Mas eu nem sei o quanto vale pra ir. Tô sempre na correria.”<sup>132</sup>

---

<sup>130</sup> Roussos (2006, p. 95) trata, porém, de mencionar que se a memória individual possui características evidentes do processo coletivo de construção de memória incorporadas a ela, a própria existência de uma memória coletiva coesa e unificada, “compartilhadas nos mesmos termos por toda uma coletividade” é problemática e merece considerações. Aceita-se, porém, em termos teóricos e metodológicos que se considere uma memória coletiva, respeitando os recortes de representações de uma determinada época e aceitação dessas representações em um “grupo significativo” bem como “um caráter recorrente e repetitivo” que permita considerar marcos de identificação e representação do grupo – num processo exterior e pelo grupo, nas situações interiores ao mesmo.

<sup>131</sup> Entrevista de Sandra Coelho (ex integrante da Raça Rubro Negra).

<sup>132</sup> Entrevista realizada no trem de Japeri com o vendedor ambulante de nome Jean. O mesmo vestia uma camisa do Flamengo e um calção do time. Com um microfone “de cabeça” anunciava pelo trem, dentre outros produtos, uma capa de celular inovadora por ser anti impacto a R\$ 25. Para demonstrar o sucesso da mesma, jogava um celular encapado da altura do ombro no chão do trem.

Essa relação da presença-ausência nos demonstrava mais que trajetórias nesse prisma que é a torcida de futebol, propriamente a torcida rubro-negra em nosso caso, nossos personagens *stricto sensu*. As relações da cidade com os seus indivíduos, as sociabilidades que ela produz ou deixa de produzir em determinadas épocas e lugares. As dinâmicas que os próprios lugares produzem com outros tantos. Os subúrbios em relação aos centros da cidade e na própria relação entre si, as formas de deslocamento e direito de participação num determinado ponto. Todo esse caleidoscópio de gentes, instituições e poderes permeiam o universo do esporte e fazem para além dele a construção daquilo que compreendemos como a história e a memória do Rio de Janeiro.

#### 4.2 Vivências pela cidade, vivências no estádio. Dos anos 1990 ao tempo presente.

É possível identificar o antagonismo entre o novo e o velho estádio do Maracanã. Obviamente, como já exposto, as reformas e as (re) construções de sua geoespacialidade identificam duas plataformas arquitetônicas que muito pouco se relacionam. Todavia, está encravada no mesmo lugar de sempre, o que poderia nos levar a crer em relações simplificadas do aparelho esportivo com o público e mesmo com o lugar ou relações cristalizadas por um determinado tempo, por justamente terem sido importantes numa época. Mas a própria cidade se alterou, o próprio entorno também se modificou. As modificações tanto no estádio como no seu redor transbordam para além deles mesmos. Elas, as modificações espaciais, reorganizam os processos da cultura do lugar, e nesse caso a cultura futebolística, que traz consigo reconfiguradas as culturas econômicas, as culturas de sociabilidades, enfim, as práticas e estratégias das condições do lugar, as práticas e estratégias das vivências do (no) lugar. Portanto, falamos de duas cidades, de dois espaços distintos ainda que sejam os mesmos. A quiçá de determinações, um tanto simplista diga-se de passagem, um moderno e desenvolvido; outro histórico, mas ultrapassado.

Aparecem em nossa pesquisa muitos agentes que rememoram o passado a partir de uma categorização da saudade. Uma nostalgia de um tempo e um espaço da cidade “irreversíveis”<sup>133</sup> que já não existe mais. Uma devastação de um modelo *sentimental* de vida. Em alguns desses casos há em sua argumentação, a culpa de um suposto progresso degradante daquela vida de antes. Suposto, pois, a caracterização de uma melhora das condições econômicas e sociais de

---

<sup>133</sup> (Berliner 2005, p.21)

um determinado espaço de fato também não chegaram com o advento do moderno. Por exemplo, se a vida de outrora nos subúrbios guardava um tanto de *proximidade, confiança, comunidade, segurança, reciprocidade, prestatividade e tranquilidade* – categorias levantadas pelos entrevistados –, hoje se fala num distanciamento entre os indivíduos e a perca do senso de um modelo de bairro, comunidade e categorias afins que permitam identificar uma certa coesão, ou melhor, uma identificação de grupo entre si e com o seu local. Talvez o mais adequado seria falar de pertencimento individual e coletivo, tanto dos membros de determinados bairros em si, quanto desses moradores em relação aos centros comerciais e econômicos da cidade. Ressaltemos que a noção de centro urbano, suburbanização de regiões e etc. são amplamente debatidos nas Ciências Sociais. Devemos manter atento o olhar que considere a riqueza da vida social e econômica de regiões classificadas como distantes geograficamente de um determinado ponto, geralmente um ponto de poder. Consideremos o já citado termo “arrabalde” (Santos Jr.) que traz centralidade política, econômica e cultural para o bairro de Bangu, Zona Oeste do Rio de Janeiro.<sup>134</sup>

Em um dia ensolarado entrevistei presencialmente Carlos Pontes, nas redondezas de Xerém, conhecido como Zé da Ponte. Carlinhos já havia me concedido uma entrevista por meio digital e combinamos de um encontro presencialmente assim que a pandemia nos permitisse o contato<sup>135</sup>. Quem me indicou Carlinhos foi um amigo de Xerém. Músico, tricolor e dono de uma padaria no distrito, André, conhece muitas pessoas na cidade por conta do seu negócio. Uma das padarias mais antigas da região que passou de pai para os filhos. A primeira entrevista que fiz com Carlinhos ocorreu no estúdio musical doméstico de André, que recebeu o rubro-negro em um ambiente que permitia o distanciamento social necessário na ocasião. A padaria funcionava com restrições de público e o estúdio musical, acessado por um corredor paralelo a loja, estava vazio por conta das questões sanitárias.

Carlinhos se definia como neto do primeiro rubro-negro da Baixada. Que por sinal,

não devia se chamar de Baixada Fluminense, mas Baixada do Flamengo. Sabe porque? Porque? Porque Flamengo é o povo. Baixada é povo. Povo. Baixada

---

<sup>134</sup> Castells (1972) explicita que grande parte dessa classificação geográfica – o que se pretende por centro, periferia, margem etc. – é uma representação construída a partir da lógica de hierarquização das categorias sociais. Podemos pô-la em perspectiva ao processo de gentrificação que leva à formação de regiões populacionais em localidades inhabitadas anteriormente.

tem pouco rico. Aqui você olha e vê o povo. E Flamengo é povão. Olha lá na praça [de Xerém]. Qualquer hora você vai ver o povo passando ali.

E retruquei: mas e os torcedores e Fluminense, do Botafogo da Baixada?

Ah. É minoria. Eu to falando da massa. Sabe qual é? Você não entende, professor. Tá vendo de fora. Vou repetir. Flamengo é povo, rapaz. Só quem é Flamengo vai entender o poder de ser Flamengo. Não é a toa o Flamengo até morrer. O Flamengo não desgruda da gente. Você pode ficar tiririca com o time. Mas o amor é alguma coisa dentro de você. De você, não, porque você não é Flamengo.

Segundo ele, seu pai, Antônio, não ligava para futebol. Gostava de carteado e cachaça. Trabalhava muito, como construtor, chegava em casa e gostava de ficar na rua. Mas não ligava para futebol. Foi o avô que, apaixonado pelo Flamengo fez da maioria dos filhos rubro-negros. “Quem não virou Flamengo é porque não gostava mesmo de futebol.”

A gente cresceu tudo aqui em Xerém. Eu gosto daquela música assim: “moro na roça ia ia. Nunca morei na cidade. Compro o jornal da manhã pra saber da novidade.”<sup>136</sup> Mas depois de jovem eu frequentei muito os bailes em Nova Iguaçu, Duque de Caxias, lá em Vigário [Geral]. E futebol direto. Onde tinha pelada, eu ia.

Torcer para o Flamengo foi influência do meu avô mesmo. Ele levava todo mundo pro Maracanã, já mais velho. A gente pegava de carroça lá no alto dessa rua aqui, descia e tinha um caminhãozinho que a gente ia pro centro de Nova Iguaçu pegar o trem. Mas só podia ir nos jogos cedo. Noite ele não levava, não. Eu comecei a ir sozinho quando tinha uns 18, 20 anos. Por aí. Nos anos 80.

Conversávamos sobre suas experiências no estádio e procurava abordar pontos que o mesmo ressaltava em suas falas, tornando assim, a conversa, uma entrevista aberta e fluida. Mas duas questões apareciam com frequência: a relação “paterna” com o avô e uma devoção

---

<sup>136</sup> “Moro na Roça” é um samba composto Xangô da Mangueira e Zagaia foi gravado por Clementina de Jesus em 1973 no álbum Marinheiro. A canção traz um aspecto rural de muitas localidades do estado do Rio de Janeiro e Xerém é uma dessas localidades. Persona frequente no distrito, o sambista Zeca Pagodinho ao regravar o mesmo samba (2003) parece ter recriado a identificação do lugar com a antiga composição. Em diversas entrevistas o artista cita a tranquilidade e a calmaria do distrito de Duque de Caxias além da possibilidade de levar uma vida “normal”, longe do estrelato da fama, como se fosse um morador comum.

acentuada pelo clube. O que levou ambos os dois a muitas experiências no caminho do Maracanã.

Como te disse eu ia muito com o vovô ver o Flamengo. Ônibus, trem, carona, até em carro de bombeiro já fui pro Maracanã. Vou te contar essa. Meu pai serviu exército com o falecido seu Pedro Santinho. Que Deus o tenha! Esse sujeito virou bombeiro no Rio e numa quarta feira veio rebocar um corpo na Cerquinha [cachoeira em Xerém]. Aí passaram o dia aqui. Acho que era de tarde. Aí eles passaram aqui perto, ver os amigos, comer, tomaram um capilé com a gente no botequim e o corpo lá dentro do rabecão. Aí tinha um jogo do Flamengo e o vovô perguntou se não podiam dar uma carona até a pista. Aí a gente foi apertadinho no furgão do cata defunto. Mas o infeliz lá atrás e a gente quatro na cabina. O Seu Santinho no volante o bombeiro ajudante de reboque e nós dois. (muitos risos). Aí quando chegou na pista o Seu Santinho perguntou onde a gente queria saltar e meu avô deu uma de esperto: no Maracanã, meu amigo! E não é que eles deixaram a gente perto mesmo. Acho que a gente parou perto de um IML ali na Tijuca. Não, na Cidade Nova. Fomos mesmo pro Maracanã num carro de bombeiro com um defunto atrás. Olha a história de maluco.

-E o jogo?

Rapaz. Eu não lembro direito, não. Vô comprou uma garrafa de cachaça ali no caminho, limão. A gente foi andando e bebendo. Entramos na geral bebendo e vendo a coisa acontecer. (risos).

-E como era a geral do Maracanã?

Rapaz era bom. Uma bagunça. (risos). Tinha de tudo. Eu só ia de geral porque era onde o dinheiro dava pra colocar todo mundo. Ia os meninos junto com os homens da família. O vô só levava a gente de geral. Teve uma vez que foi uns 20 com ele num caminhão de um amigo aqui de Caxias. Foi uma garotada. Era um jogo de comemoração no natal? Ah, não. Foi a chegada do papai Noel. Isso mesmo. Era Natal e ele levou todo mundo pra ver o papai Noel no helicóptero.

Zé da Ponte relatou também as constantes brigas em que se meteu por conta de futebol. O contexto, segundo ele, era a rivalidade que existia entre as cidades da Baixada Fluminense entre si mesmo e também entre essa região e alguns grupos da capital. Para ele a “Baixada sempre foi desprezada pela turma do dinheiro” - referindo-se aos cariocas. Alves (2020) demonstra em sua clássica obra sobre a violência neste território, que esse extenso local sofre com dois processos sociais. De um lado a real barbárie instalada por grupos armados amedronta aqueles indivíduos inseridos na vivência cotidiana do lugar. Por outro lado, há uma estigmatização de certos grupos que se identificam como não pertencentes e não afeitos a estes lugares. Categorias como *pobres* e *mal-educados*, não são apenas adjetivos descolados de uma visão imagética para um determinado lugar. Além de uma visão construída pela imagem-linguagem é também – às vezes ilusório e às vezes, real – posicionamento em uma categoria de

classe social, em que o *suburbano*, o *periférico* é classificado e tratado como alguém menor em uma escala hierárquica. Essa escala leva em consideração não só o indivíduo em si, mas também o local em que ele mora.

Zé trabalhou no Rio de Janeiro entre o final dos anos 1980 até 1997. Quando tirou uma licença médica e perdeu o emprego de mecânico de refrigeração na capital ao retornar da mesma. Para ele,

o trabalhador nunca pode sofrer. Se sofrer, ficar doente, tiver uma morte na família ele é punido. Ô rapaz, ô rapaz. Eu tô te falando, morou. Ninguém gostava de dar trabalho pra quem era daqui e daqui ainda era pior. Porque uma coisa é você chegar em Caxias. Outra coisa é Xerém. É longe não é mesmo? Eu sei que é. Mas como que ia morar em outro lugar? Aí quando eu voltei, “vapo”. Me cortaram. Mas ficou suave, porque aí eu não tinha que acordar três e meia da manhã pra tá no trabalho às 7h. Ta entendendo. O diabo tira, Deus dá. Mas vamos falar de coisa positiva. Essa época ruí o osso, mas já passou. Agora, uma coisa foi ruim. Bem ruim. Perdi a facilidade de ver o Mengo. (risos).

-Porquê, Zé?

Ué. Trabalhava rodando a cidade, mas tinha jogo rapidinho eu tava no Maracanã. Vi muito jogo assim, e no desenrolado. Desenrolava o trabalho sem enrolar e caia pro campo pra ver o Mengão. Eu não te falei mas pra mim são duas paixões. Três, três. Bota aí que é três. Flamengo, a Beija-Flor e minha filha em primeiro lugar. Era minha santa mãe. Mas ela já ta do lado de Deus, então não considero.

Mas eu tava te falando. Ninguém gosta de suburbano. Ninguém, não. Os ricos lá da Zona Sul, da Barra. Os que se acham né! Porque o rico, rico mesmo te trata bem. Assim, alguns, meio distantes. Não te olha direito, mas o cara que é podre de rico até te da uma moral, te ajuda. O foda é o cara que mora num apartamento menor que minha casa. Porque minha casa é simples, mas é um terrenão, uma casa grande. Aí o cara fala, você mora onde? Vai chegar no horário pra colocar meu ar? Se atrasar eu reclamo, hein. A você vira e sim, senhor, não senhora. Foda né.

- Beija-Flor de Nilópolis.

É. Aí. Vai dizer que a Baixada é escrota? Pobre? Olha o que a gente tem. Uma escola de samba grande. Graças ao doutor.

- Que doutor?

Doutor Anísio, rapaz. Ih. Ta precisando estudar mais professor (risos).

Daquela entrevista presencial em Xerém me desloquei para o Rio de Janeiro no dia seguinte onde havia agendado uma outra entrevista em Laranjeiras ou São Conrado. Dependia da confirmação do local de minha entrevistada. Para tanto, meu deslocamento foi de automóvel até a cidade de Paracambi, onde por hábito, deixo o carro estacionado e me desloco até a capital da forma já citada anteriormente, via trem. Naquela manhã me juntei a um sem número de pessoas em direção a Central do Brasil pelo ramal Paracambi-Japeri / Japeri-Central. Fora de

horário de jogo, seja no Maracanã ou Engenhão, as pessoas com camisas de time e nesse caso, do Flamengo sempre viravam um “alvo” para mim. Mas aquele dia, devido a lotação do vagão no qual eu me espremia junto a muitos outros e outras, não consegui chegar a um torcedor que se encontrava no lado oposto com a camisa comemorativa do título mundial de 1981. Poderia haver uma abordagem, mas era impossível. Descemos juntos na Central e eu rapidamente me aproximei e comentei que aquela camisa era a mais bonita do Flamengo. Desconfiado ele sorriu rapidamente e concordou. Notando uma tatuagem em meu braço ele comentou: “você é flamengo mesmo. Tem até um São Jorge!”. O comentário me confundiu, pois, embora haja uma certa – ou mínima – identificação de uma parte de rubro-negros – ou seria de cariocas? – com o santo em questão, a identificação de flamenguistas é com o santo católico São Judas Tadeu e não com São Jorge. Este mais ligado ao Corinthians Paulista, rival nacional do CRF. Mas sorri, também timidamente e com a brecha perguntei para onde ele se dirigia. “Trabalho num café na Rio Branco”. Respondi, estou com tempo, vou lá tomar um café contigo. Pode ser? Ele disse que trabalharia dali a quarenta minutos. Mas que, enquanto isso, ia fazer hora e podíamos conversar.

Comecei então uma entrevista com Renato sentado na cafeteria que o mesmo trabalhava. Barista, 28 anos, morador de Queimados e obviamente, flamenguista, Renato não se identifica como um torcedor fanático.

“Eu não sou fanático, sou bem racional e realista com o meu clube. Sou crítico. Não gosto dessas últimas diretorias. Nem mesmo do Bandeira de Melo. Tá. Fez um trabalho de saneamento. Mas... Tenho críticas. Olha como o Flamengo tratou o caso dos meninos do Ninho. Isso é justo? Não. Não é. Eu aprendi com meu pai que ser Flamengo é ter o Zico como modelo. Modelo de jogo. Modelo de homem. De pessoa na verdade. Meu pai pensa isso. Meu pai tem três camisas autografadas pelo Zico. Frequentou a Gávea nos anos ruins do Flamengo. Ele conta tudo. Tem fotos. Você é muito interessado pelo Flamengo, tem que conhecer meu pai e meu tio. Eles são irracionais pelo Flamengo. Eram também pela seleção, mas já não ligam tanto mais.

- Seu pai e tio vinham muito ao Maracanã? De trem?

Sempre. Meu pai vinha muito. Trem, carro, caravana. Ele conta muito dos times. Minha mãe sofria com ele. No bom sentido. Ele não era de aprontar. Mas gostava de curtir o Rio, reunir os amigos em casa. Hoje, quando ele está no Rio ele vê os jogos em casa. Não vai mais como antes. Mas eu trouxe ele algumas vezes ano passado, depois da pandemia. Ele era do social do Flamengo. Mas cancelou o título.

- E ele te conta algumas histórias sobre os jogos, o Maracanã, a cidade. Ah, sim. Mas vou deixar pra ele. Você vai conhecer. Velho gosta de falar. (risos).

Todo esse diálogo surgiu depois de certo estranhamento por parte do entrevistado. Principalmente quando eu disse que “pesquisar o Flamengo não me fazia Flamengo”. Uma atitude perigosa e pouco recomendada pelo caráter metodológico. Mas para alguns casos eu me permitia tal liberdade, até mesmo para ganhar confiança de um determinado personagem ou grupo. Mas conversando mais com Renato perguntei se poderíamos marcar de conversar com seu pai e seu tio. “Meu tio é de Queimados. Meu pai tem ficado mais em Búzios. Aposentou.” Trocamos contatos e deixei amarrado uma nova oportunidade de continuar a conversa dali a duas ou três semanas, tínhamos compromissos imediatos. Ele com o trabalho, eu com uma entrevista que ocorreria em São Conrado. Me desloquei pelo metrô até a estação Rocinha-São Conrado. Chegando me dirigi ao ponto de encontro combinado. Mila, ainda não havia chegado e demorava um pouco a visualizar ou responder minhas mensagens no celular. Após 30 minutos entrei em contato por ligação. E ela respondeu que estava descendo, só aguardar mais um pouco. O pouco demorou mais longos vinte e cinco minutos e eu receava que aquela entrevista não acontecesse. Ela chegou trajando a camisa rubro-negra. “Vim a caráter, desculpa a demora. Você se importa de conversarmos andando? Hoje eu não estou muito calma.” Perguntei se ela não preferia conversar num outro dia, ou em outro momento. “Não, não. Já te deixei esperando. Relaxa. Diz aí. Que que tu manda de Flamengo?”

Mila é o apelido de Milania Neves. Uma professora de geografia do Rio de Janeiro. Que me foi apresentada por um torcedor rubro-negro, também professor, que fez toda a mediação e contatos iniciais. Antes de nos encontrarmos pessoalmente, trocamos mensagens sobre os temas em torno do futebol, principalmente assuntos referentes ao feminino e aos feminismos<sup>137</sup> no universo esportivo. Mila tem “pouco mais de cinquenta anos” e segundo ela “não aparente”. De fato, sua forma muito espontânea carrega consigo a jovialidade<sup>138</sup>.

---

<sup>137</sup> Falchi (2023, p.8) constrói a seguinte distinção entre o futebol feminino e feminista: fútbol femenino refiere a la práctica de este deporte por parte de mujeres, entendido generalmente desde espacios de práctica formal - profesionalizada o no-, en contraposición al fútbol masculino que es aquel practicado por varones. Estas categorías responden a los estereotipos de género presentes en nuestras sociedades y suelen partir del binarismo de género que no contempla identidades más allá de mujer cis / varón cis. Pero la realidad muestra un escenario diferente, “muchos de los cuerpos que juegan fútbol femenino no se identifican con esta caracterización y prefieren sus expresiones incluso masculinas” e el fútbol feminista surge como resistencia a este fútbol binario y presenta la “oportunidad de que no tengamos miedo de nombrar nuestros cuerpos fuera de las reglas del género, tan funcionales al hetero cis capitalismo patriarcal” (Schwartz apud Falchi)

<sup>138</sup> Bourdieu (1983) questiona a construção social do que se comprehende como *jovem* e sua relação com o tempo de vida de um indivíduo.

Sou uma mulher preta, emancipada na vida, bonita por natureza, não tenho filhos, torcedora do Flamengo desde o útero preto de minha mãe, fã da Sandra de Sá, umbandista, favelada, professora. Não deixo nada passar barato. Se pisar no meu calo, eu esfrego a pessoa no chão.

-Até se falar do Flamengo?

Aí piora (risos). Flamengo é paixão. Quando tu falou que era pra falar do Flamengo eu fiquei animada, mas eu sempre fico bolada também.

As definições para si mesma que ela me apresentou logo de cara, como cartão de visitas, me soaram como uma demarcação social de alguns limites e temas mais sensíveis que eu poderia ou não explorar naquela conversa. Também, e isso fica nítido, de suas construções, representações e identidades no mundo. Para quebrar um pouco as camadas que estavam evidentes entre nós eu disse que gostaria de ter o poder de me definir como ela fez consigo mesma e que eu achava aquilo forte, belo e poético. “As definições vêm das indefinições dos outros. Sabe como é? Tu é professor de história. Tu sabe o quanto as minhas definições me fizeram sofrer nessa sociedade.” Começamos uma bela conversa sobre muitas dessas questões, nos quais certos marcadores sociais trazem um sofrimento ao indivíduo e sua coletividade, bem como as lutas que ela possivelmente enfrentou ao longo do tempo.

Vou te falar. Assim, levou muito tempo pra eu ter essa consciência. Do lugar, do que sou. Da minha história, História dos meus ancestrais. Nem a faculdade trouxe isso. Foi um namorado meu que me ascendeu essa luz. Tá?! E hoje eu luto pelos meus, mesmo. Não quero que ninguém sofra. Mas é difícil. Preto, favelado, macumbeiro. É visto como?

Obviamente, as minhas chaves de leitura daqueles tantos temas passavam por outros percursos, por uma outra trajetória, que os de Mila. Mesmo sendo sensível à temática e aos problemas sociais as vivências que ela trazia saiam dos próprios processos sociais nos quais ela estava inserida. A sugestão da entrevistada em conversar caminhando era pela mesma sofrer com transtorno de ansiedade. Adquirida, segundo ela, após a pandemia do Coronavírus.

Perdi muita gente querida. Foi uma luta imensa nas favelas e em vários lugares. Na Rocinha foi tensão. Mas não quero falar disso. “Estamos aí pro que der e vier!” Mas vamos falar do Flamengo ou não vamos? A gente é professor, se deixar a gente fala de tudo.

-Não se importe. Eu estou no seu tempo. O quanto você tiver de tempo pra dispor. Mas vamos falar de Flamengo.

A sugestão imperativa de Mila de caminhar me soou muito imprópria. Mas somente a mim. Necessária a ela, tornou-se agradabilíssima depois começar. Minha insegurança estava não com riscos materiais, mas com o risco iminente da distração impedir a obtenção de informações, enfim. Do meu objetivo que era compreender as suas relações com o clube, no estádio do Maracanã, nos anos 1990. Suas vivências nesse recorte foram me informadas um tempo antes. Logo, me chamaram atenção. Caminhamos pelas Avenidas Niemeyer e Prefeito Mendes de Moraes, até chegarmos de frente a Praia de São Conrado. “Você sabia que essa avenida tem o nome do prefeito que construiu o Maracanã?”. Perguntei. “É. Não sabia”. Fomos conversando sobre a cidade do Rio de Janeiro, sua relação com a cidade, com o futebol e como ela tinha vivido a cidade nos anos 1990.

Olha Rafael. Vou te dizer o seguinte. No geral foi a época mais feliz e mais infeliz da minha vida. Tudo junto e misturado. Não vou mentir, não. Foi difícil pra caralho.

- Você trabalhava?

Eu trabalho desde criança. Morei na CDD [Cidade de Deus] e lá ajudava uma cozinheira. Aí vim direto pra Rocinha e to aqui. Ajudei minha irmã a criar meus sobrinhos e ela que pagou minha faculdade. Hoje eu retribuo e pago uma escola e uma faculdade de Educação Física.

- E é melhor a Rocinha ou CDD?

Eu acho a CDD pior. Por que é longe e eu achava muito violenta quando era criança. Mas o Rio é violento. O Rio é bom e ruim. Eu gosto de música. Tu já reparou, né não? Da um deixa eu meto uma música. Sou filha de Iemanjá. Tem canção no mar. To falando porque é aquela música da Fernanda [Abreu] cidade maravilha, purgatório da beleza e do caos.

- E como você se divertia e aproveitava o Rio?

Praia, futebol e baile.

E era caro frequentar esses lugares.

Não. Praia e baile não se paga. Hoje a praia é loteada. É quase uma especulação imobiliária da areia. Mas não é diferente com o que é o Rio. Tu sabe. Mas o pobre, o favelado, a classe baixa vai na praia como? Leva suas coisas. Seu sanduíche, sua cerveja, caipirinha já pronta, o refrigerante das crianças. Não tem essa parada de ficar na barraca, quiosque. É surfista da areia. Hoje eu gosto de sentar num quiosque, de vez em quando, com uns amigos. Conversar um pouco mais tranquilo. Hoje eu posso fazer isso. Trabalho, mas na época não dava. Era duro. Você perguntou dos jogos. Era isso. Guardava o dinheiro pra ir pro Maracanã e não podia gastar com outra coisa. Se gastasse o dinheiro, tinha que entrar na malandragem.

As múltiplas dinâmicas da cidade parecem estar presentes no relato de Mila. Os fenômenos da territorialidade dos espaços da praia, por exemplo, refletem as dinâmicas do

poder e resistência<sup>139</sup> a ele por uma parcela da população, que assume para si o espaço como bem público e social diante de uma utilização que se quer privada. E ao se fazer presente nesses espaços, juridicamente públicos, mas pelo poder privatizados – ainda que simbolicamente pelo julgamento –, acessam de uma determinada forma a esfera do debate sobre o “espaço civil e a noção de cidadania” (Paoli, 1982, p.55)<sup>140</sup>. Não gratuitamente e de maneira passiva, mas para que a mesma ocorra faz-se necessária a garantia e possibilidade mínima de reivindicação e contestação, para que as pessoas tenham uma “condição subjetiva comum de se apropriarem da esfera pública controlada normativamente pela autoridade e a transformarem” (*ibdem*). Parece, em determinadas proporções, um espelhamento daquilo que ocorre em diversos outros pontos da cidade e que a entrevistada faz parte como uma pequena amostragem.

Em consonância com o que Mila nos relata sobre seu processo de deslocamento pela cidade com a família, do complexo da Cidade de Deus para a Rocinha<sup>141</sup>, Maricato (2008, p.155) nos mostra que o processo de urbanização no Brasil é uma máquina de produção de favelas e cortiços e a cidade do Rio de Janeiro um imenso e (des) privilegiado laboratório para pensar e observar tal fenômeno. Umbilicalmente ligado a esse processo advém as produções de violências pela cidade. Levantada por Milania em falas como, “o Rio é violento”, “a CDD era muito violenta” podemos situar aí quais as formas de surgimento, produção e perpetuação dessas violências. Muitas delas têm sua concepção ligada a regulação discriminatória da população trabalhadora e de baixa renda. Ermínia Maricato comprehende que a violência mais brutal se encontra nas periferias e subúrbios da cidade. Uma violência dupla, pois ocorre tanto

---

<sup>139</sup> Nos valemos aqui da concepção de Michel Foucault (2009) sobre as relações de poder e resistência ao mesmo. Em sua análise, onde se encontram existentes relações de poder há, concomitantemente, força de resistência. A qual “nunca se encontra em posição de exterioridade em relação ao poder” (p. 105).

<sup>140</sup> Para a socióloga, “o espaço civil se situa a meio caminho (...) da noção de cidadania, igualdade jurídica, e ação política, estratégias organizadas de reivindicações coletivas”. Dessa conexão se legitimaria o espaço civil, onde as experiências coletivas, também legitimadas, dariam conta das “regras culturais [capazes] de organizar a reprodução da vida cotidiana, ‘cultura popular’” (*idem*).

<sup>141</sup> A construção de ambas as comunidades no Rio de Janeiro se deu de maneira distinta. Enquanto a Cidade de Deus (CDD) foi organizada na década de 1960 como um conjunto habitacional em uma perspectiva política remocionista, o que gerou “o deslocamento para áreas distantes dos locais de trabalho, a deficiente oferta de transportes, a ruptura dos laços de sociabilidade desenvolvidos na favela de origem e a péssima qualidade das casas oferecidas” (Burgos, 2006, p.34) à Rocinha foi reservada uma atuação governamental voltada para a cooptação da população e do espaço a partir de ações urbanizadoras.

do ponto de vista interno, no tocante aos conflitos do lugar, quanto de uma forma externa, geralmente pela mão do Estado – tanto em uma forma de presença, quanto nos projetos políticos que levam a ausência do mesmo. Conclui assim que “não é nos bairros de mais alta renda que a violência mostra sua face mais cruel. Ali ganham mais importância os crimes contra o patrimônio” (p.157).

Não é, porém, um fenômeno particular ao Rio de Janeiro. A cidade possui sim singularidades em sua trajetória. Seu processo de formação territorial guarda especificidades históricas capazes de traçar uma linha que atravessa o Atlântico. Dos remodelamentos arquitetônicos que aspiravam sua transformação numa Paris dos trópicos (Azevedo, 2016) as suas transmutações espaciais, que a cada fase acentuavam ainda mais os muitos de seus espaços já empobrecidos economicamente (Campos, 2007).

Tais processos estão inscritos nas mais diversas metrópoles do mundo, em que opera a lógica capitalista desde as *descentralagens-recentralagens* do capital global (Braudel, 1987) até os processos liberais de administração dos espaços urbanos pelo capital financista liberal como lembra David Harvey (2006).

Gostaríamos de abrir a questão da consideração econômica sobre os locais da cidade. É preciso considerar uma descentralidade no processo de produção de riqueza urbana. Ao ponto de perceber a relevância primordial de localidades e territórios considerados de “menor valor” para a *alta economia*. Das produções ligadas a arte e a cultura – no caso do Rio de Janeiro, o samba e o carnaval, são bons exemplos – a produção de bens e comércio as regiões distanciadas dos centros – lugares estes interpretados como coração econômico da urbe – são também grandes bolsões econômicos, de importância local e também para a cidade como um todo. Obviamente que essa consideração é um tanto quanto genérica. Haveríamos de dedicar um tempo para tal estudo, com dados empíricos e de maior profundidade teórica. Contudo, negligenciaríamos a crítica de nosso trabalho se não apontarmos que o que se julga empobrecido só o é por um longo projeto político de cidade que histórico, se adequou no tempo sob as mais diversas orientações teóricas em economia e política, mas que não foi capaz de combater a ausência da capacidade estatal e de economias privadas de acabar com a situação de misérias de determinados territórios. Pelo contrário, trabalhou com acentuações das desigualdades entre os arrabaldes da cidade e os “centros” e também com minimizações, à sua vontade liberal, desses processos, levando com isso também as criminalizações dos espaços e de sua cultura

local. Porém, como todo poder tem diante de si a resistência Zaluar e Alvito (2006, p.7) nos mostram, por exemplo, que

[Na] cidade do Rio de Janeiro (...) entrecortada por interesses e conflitos regionais profundos (...) as favelas tornaram-se uma marca da capital federal, em decorrência (não intencional) das tentativas dos republicanos radicais e dos teóricos do embranquecimento – incluindo-se aí os membros de várias oligarquias regionais para torná-la uma cidade europeia. E a [outrora] capital federal nunca se tornou europeia, graças à força que continuaram a ter nela a capoeira (...) as festas populares que ainda reuniam pessoas de diferentes classes sociais e raças, as diversas formas e gêneros musicais que uniam o erudito e o popular, especialmente o samba.

Em 1991 o município do Rio de Janeiro possuía 5.336.179 habitantes<sup>142</sup> e 537 favelas registradas<sup>143</sup>. O crescimento da população empobrecida era considerável desde as décadas anteriores e sua participação na composição da população urbana carioca era da ordem de 17,6%.<sup>144</sup> Campos admite haver um debate sobre “a confrontação dos dados e seus diferentes resultados” em torno da quantização, tanto dos considerados *favelados* quanto da existência do número de favelas na cidade. Considera, porém, que tal “imprecisão” diz muito mais sobre “uma questão política entre a posição do Poder Público e dos segmentos sociais mais atuantes pela distribuição de recursos orçamentários.” Dessa maneira, deduz-se um problema de gestão burocrática, mais que social. Ou seja, da existência ou não de uma massa marginalizada na cidade.

Foi no futebol que uma parte significativa de indivíduos escanteados no campo da vida pública ganharam representação, voz, direito ao espaço urbano e ao ser. Não pretendemos destilar análises frias e juízos de valor, se nossa escrita souu assim em páginas passadas não foi por intenção. Também não querermos fazer tábula rasa sob o manto de categorias como *bom* e *ruim* em relação aos nossos objetos de estudo e personagens. Nossa objetivo era o de deixar falar as vozes desses atores, pela memória. Memória daqueles e daquelas que estiveram lá e vivenciaram a experiência de um lugar. Sabíamos, porém, como nos adverte Halbwachs (2006,

---

<sup>142</sup> Dados do censo demográfico do IBGE realizado naquele ano.

<sup>143</sup> Valla apud Campos (2007, p. 80).

<sup>144</sup> (idem).

p. 95), que “muitas de nossas lembranças remontam a períodos em que, por falta de maturidade, de experiência ou de atenção, o sentido de mais de um fato, a natureza de mais de um objeto ou de uma pessoa” podem escapar. Ainda assim, a construção da memória social de um espaço surgiria, se não como um quebra-cabeça perfeitamente encaixado e sem nenhuma falta de peças, uma pintura em tela onde sempre será possível um novo traço, uma nova intervenção. E essa construção só seria possível com a busca de seus personagens principais.

Em se considerando o universo do futebol como um amplo *lócus* de potencial participação, ele também é um lugar de orientação resistente ao aparato dominante da cidade. As vozes resistentes se fazem resistência seja pela presença de seus corpos “brutos” – os quais necessitam de vigilância –, seja também por ressoarem alta e diretamente quanto as injustiças travestidas de políticas públicas e saltos de modernidade pelos poderes operantes e entidades e instituições. Essas vozes, nem sempre ouvidas, soaram durante a Copa do Mundo de 2014 e na antiga *Geral do Maracanã*. Mila, nossa entrevistada, foi parte do Comitê Popular de Atingidos pela Copa e Olimpíadas<sup>145</sup>. Segundo ela, “uma luta necessária, mais pelos outros do que por mim mesma. Mas futebol é resistir. Futebol é a poesia do suor. E luta é suor.” Além disso, Mila era presença constante no estádio do Maracanã, “desde antes de se falar em Copa. Eu era uma ‘jovem geraldina alucinada’.

Como dizem os meninos lá do morro: pega a visão. Tu perguntou sobre as diferenças no “novo” estádio. Algo assim. Não é?

É. Eu brinco com meus alunos que na geografia um lugar nunca é o mesmo hoje do que foi ontem e nem vai ser o de amanhã. O Maracanã foi implodido. Aquele Maracanã que eu cresci não existe mais. Concorda?

Um dia desses eu ouvi um podcast ou um programa de televisão de um jornalista falando que os estádios no Brasil perderam a alma. Tipo assim, pega a visão. Eu não concordo, não. Vou te levar pras pirâmides do Egito, pra Muralha da China. Aquilo tem alma? Não. Mas tem história. Que é diferente de pegar uma estação de trem de Nova Iorque, aqui da Central, São Paulo. Aí sim tem alma.

- Porquê?

Por que é lugar usado. As pessoas usam. Ninguém usa a tumba do Faraó. Ninguém usa... Me fala um monumento histórico aí.

-Taj Mahal, Torre Eiffel, Cristo?

---

<sup>145</sup> Os Comitês Populares da Copa e Olimpíadas surgiram na sociedade civil articulando várias frentes da política. Foi “composto por movimentos sociais urbanos, organizações não-governamentais, sindicatos, mandatos parlamentares, entidades de pesquisa, organizações comunitárias e pessoas sem vínculo institucional.” (Tanaka, 2014, p. 208). Com atuação nas 12 cidades sedes da Copa do Mundo, os comitês também sem articularam no apoio mútuo e na troca de informações sobre os atingidos pelos megaeventos. O resultado foi a produção de um Dossiê publicado em 2011 pela Fundação Heinrich Böll e revisto em novembro de 2014, pós Copa do Mundo.

É. Mas tu ta entendendo onde eu quero chegar? O que eu quero dizer é que alma é permanência. Aí. Um estádio de futebol tem alma. Qualquer que seja. Rico ou pobre, branco ou preto. Do macumbeiro ao crente. Então é bobagem. E mais, digo mesmo. É papo de burguês branco. Pode ver. Isso é meio quilo de besteira de intelectual que lê livro em francês e quer aplicar ao Brasil.

Eu tive um professor de geografia que falava isso. Então o cara é lá do seu lugar de fala simplório e resolve os problemas do mundo com uma coisa que ele acha. Tu vai ao Maracanã. Vai dizer que não tem alma ali? Tu vira uma criança lá dentro. Maluco, irracional. Um dia eu encontrei um aluno e ele veio com essa. Ué professora, tomando cerveja? Eu no meio da rua mandei pra ele: se até na missa se bebe vinho, no jogo de futebol eu vou tomar água de coco? Então, tem que achar uma outra fala. Porque não te fere? Me fere. Uma parte da visão equivocada dele me fere. Sou torcedora, pô.

Fala a verdade, Rafael. Você vai ao Maracanã, já fomos juntos. Você é mais quieto. Mas você viu a turma toda. Vai dizer que não é importante dizer, fazer a crítica, mas de outra forma. Eu sei o que as viúvas do Maracanã querem dizer. Eu apoio. Concordo. Mas acho que tem coisa aí. Entendeu. Tem coisa. O estádio tá melhor. Mas aí que vem a parada. Ta melhor pra todo mundo. Pega a visão. Mas todo mundo tá lá? Faz o Z do Zorro, agora, meu chapa. Então, uma coisa é uma coisa. Outra coisa, é outra coisa. Enquanto a gente ficar nessa crítica maluca a gente não vai construir a crítica. Pegou?

A crítica feita pela entrevistada diz sobre um certo poder exercido pelos agentes em construir uma resistência diante do enrijecimento de um objeto, quando este lhes apresenta uma certa dureza aparente. Seu discurso não se apresenta com argumentos nostálgicos em relação às vivências do Maracanã. Contudo, se demonstra crítica ao “novo” estádio. Fica, portanto, notório, que o sentido da existência do aparelho esportivo é a capacidade das pessoas que estão dentro dele de avivar estes espaços com as suas sociabilidades e conflitos criados pelos vínculos estabelecidos tanto nas confluências quanto nas rupturas. Se torna, por assim dizer, um “lugar antropológico”, “um espaço de relações, de memória e de identificações relativamente estabilizadas” (Augé apud Agier, 2011, p. 112). Dos vários pontos citados, a questão de o Maracanã ter ficado melhor para todos traz o questionamento se todos “podem” estar lá se beneficiando do melhor. Essa visão crítica traz à tona o direito à participação na cidade. E nesse ponto uma parcela de torcedores e analistas do futebol contemporâneo refazem duras críticas ao processo pelo qual o esporte vem passando. Alijando uma parcela da população dos “espaços de emoção”.

Nessa seara está o argumento de “Cabide”. “O estádio moderno é uma prisão inversa. Onde os ricos e a classe média se esconde para aproveitar a vida e os pobres são murados do lado de fora.” Cabide é o apelido de Élcio. Um ex-taxista, morador da Freguesia de Jacarepaguá, e atualmente “empresário da alimentação. Tenho duas padarias. Mas sou um empresário com consciência social.” Segundo ele, foi por ter estudado no Colégio Pedro II que

sua “cabeça se abriu para o marxismo” e ali o ponto chave para enxergar as injustiças da cidade e das relações com as pessoas ao redor, “inclusive com meus pais”.

Eu passava pelo Maracanã em um sábado para o fim da tarde, o Flamengo enfrentaria o Bragantino (*Red Bull Bragantino*), quando me deparei com um torcedor vestindo uma camisa preta com a face do combatente comunista Ernesto “Che” Guevara em vermelho<sup>146</sup>. Não me parecia um torcedor com os arquétipos de um membro jovem de torcida, mas um homem que apparentava estar na faixa de seu cinquentenário, um físico avantajado perante aqueles que o acompanhavam. Minha atenção a eles, no momento, se tornou desatenção ao recorte do “tipo de torcedor” que eu buscava. Pois, encarados daquele jeito, com aquele modelo de camisa, tinham tudo para serem torcedores organizados. Fato, que ao me aproximar, me apresentar a primeira pergunta saiu natural: vocês são membros da Jovem? “Não, Não. Torcida organizada, não! ” Sentenciou um dos acompanhantes de Élcio. Perguntei se eles teriam um tempo para participar da pesquisa e que seria rápido. Dois se esquivaram, mas o ex-taxista indagou se não poderia ser no bar para onde eles se dirigiam. Mais uma vez o local seria o Bar dos Chicos. Concordei com a condição de não atrapalhar o tempo de convivência entre os três amigos rubro-negros. Mas ambos os três, concordaram que não ia atrapalhar. “Já vamos assistir ao jogo juntos. Pode ir com a gente. Tá bom”. Eu os acompanhei observando a conversa entre eles. Basicamente falavam, no caminho, sobre o time daquele momento. Chegando ao bar, que estava relativamente vazio, escolheram uma mesa de 8 lugares. Perguntei se esperavam mais alguém. “Sempre tem um perdido por aqui”. Começamos dialogando um pouco sobre as questões financeiras dos clubes brasileiros e como o Flamengo havia começado a se desvincilar de alguns dos seus problemas estruturais nas gestões do presidente Bandeira de Mello<sup>147</sup>. Como Élcio se mostrava o mais espontâneo, confirmei que seria a ele a quem deveria me dirigir, embora perguntasse no plural, para que todos pudesse interagir, caso desejassesem. Comecei perguntando sobre qual a experiência mais marcante que ambos tiveram no Maracanã.

---

<sup>146</sup> A Torcida do Jovem do Flamengo tem como hábito a utilização de símbolos ligados às resistências históricas. De bandeiras a camisas surgem figuras como o já citado “Che”, o aiatolá Khomeini, Yaser Arafat e os simbolismos da causa palestina.

<sup>147</sup> Eduardo Bandeira de Mello, um administrador de formação, foi presidente do Clube de Regatas do Flamengo em duas gestões, 2013-2015 e 2016-2018. Ficou conhecido por equilibrar as contas do rubro-negro, proporcionando títulos nos anos posteriores.

Todas as três narrativas contavam com títulos do rubro-negro. Dois disseram do campeonato brasileiro de 1992, “com o Júnior já velho. Aquilo foi inacreditável. Eu não acreditei.” “Foi ali que nasceu o deixou chegar.” O campeonato brasileiro de 2009, sobre o Grêmio. Pedi que me narrassem o porquê de cada menção. Assim, eu pretendia construir uma linha de raciocínio que me permitisse compreender a relação entre torcida e estádio. Élcio e Marcelo começaram dizendo das experiências de 1992.

Eu só fui no segundo jogo contra o Botafogo. (F)

Eu fui no primeiro e teve aquele acidente com a grade. Aquilo foi superlotação, não foi, não? (E)

-Podemos falar desses jogos? Como estava o Maracanã?

Lotado. Eu quase não cheguei porque eu tava em Cascadura. Peguei o Acari e o ônibus quebrou. Eu não lembro até onde. Mas fui a pé. E peguei um até a Tijuca. (E)

O Maracanã cheio mesmo. Foi superlotação. (E)

-E como era o Maracanã dessa época.

Pô, camarada. Tenho boas lembranças. Mas você quer saber da festa, da gente não é? Acho que o que define é festa. E festa sabe como é, não é? Tem Alegria e bagunça. Pô, eu fui muito feliz naquele estádio. Nesse jogo teve essa catástrofe, mas eu soube depois. Na hora aquela correria lá do outro lado. Teve um aviso da Suderj que ninguém ouviu direito. Aí polícia correndo no campo. Mas eu acompanhei de longe.

O jogo foi normal. Não foi normal de jogar mal. Mas foi como se a bola rolasse normal.

Ambos retrataram no seguir do diálogo um estádio mais festivo que no período posterior às reformas que definiram o novo padrão do estádio. Ao serem perguntados sobre as experiências após as reformas, mencionam que até o começo dos anos 2000 ainda havia uma “forma diferente de curtir o Maracanã, porque a cidade era diferente”. Élcio relembraria sua trajetória antes de embarcar no assunto futebol:

Eu comecei no táxi em 89, 90 era um outro Rio de Janeiro. Pô, uma outra cidade. Outro tudo. Eu rodava qualquer canto. Não qualquer. Qualquer é modo de dizer. Tinha lugar que só entrava na necessidade, mas mesmo assim o sujeito ainda tinha respeito contigo. E taxista foi uma categoria respeitada no Rio. Depois virou bandalha. Quando qualquer um começou a comprar o ponto.

- E você conseguiu o seu como?

Meu falecido pai era sócio do meu ponto em Jacarepaguá e um em Botafogo que meu tio comandava. Quando meu pai cansou quis passar pro meu irmão e eu queria pegar também. Mas meu irmão era mais velho e eu ia com eles pro ponto. Enquanto não pintava passageiro eu ficava encostado no carro. Daí meu apelido. Ficava encostado meio de lado assim no carro e os taxistas colegas

do meu pai ficavam falando: olha o cabide ali. Aí Geraldo, seu filho é um cabide de carro.

Mas demorou uns anos pra pegar o carro do meu irmão. Fiquei um período só dando apoio, estudando. Aí ralei, e peguei. Fiquei um tempo. 28 anos. Depois coloquei um colega no meu ponto e comprei a padaria. A vida é assim, não é? Vai mudando, melhorando, piorando. É igual futebol, não é? Um ano o time está uma merda. No outro está pior. Aí melhora. É campeão.

Mas então. Você perguntou sobre?

-As experiências no Maracanã nos anos 90 e agora.

É, então. Hoje eu escolho o jogo pra ir. Não é só dinheiro, não. Mas hoje o estádio moderno é uma prisão inversa. Onde os ricos e a classe média se esconde para aproveitar a vida e os pobres são murados do lado de fora.

-É uma boa frase hein!

É ué! Gostou? Eu estudei camarada, notou a camisa? Eu estudei. Desde o Pedro II que eu penso. Eu tenho opinião. Então, futebol pra mim é pensar também. Eu poderia até ter sido jogador. Mas não ia conseguir jogar em outro time. Só Flamengo. Aí daria ruim.

Mas hoje como é o estádio? Tem aquela festa de antes? Não. É diferente. É todo mundo retraído. Ta entendendo? É todo mundo cantando quieto. Falando pra dentro. Ver a torcida do Flamengo hoje me dá tristeza. É bonito e tem festa porque é Flamengo. Mas não dá. A gente é maior em tudo. Mas não dá pra ser assim. Com esse preço de ingresso, com esse sócio torcedor. Eu não sou. Aí é mais uma coisa que impede o flamenguista pobre de vir ao estádio. Então, naquela época entrava todo mundo. Gente sem ingresso, com ingresso. A gente ta falando de uma outra época. Mas não tinha controle e ninguém se matava.

Essa coisa do Flamengo ser uma massa opressora. Que falam aí, vem dali. Era muita gente e gente de todo tipo. Daí que ninguém segurava nem a torcida nem o time. A gente engolia geral.

-Mas e hoje? Essa torcida ainda mete medo nas adversárias. Medo no sentido do número, não falo de violência.

Eu acho que não. Mas assim, ainda somos a maioria. Mas uma outra maioria em um outro estádio. Já te falararam isso? Antigamente no Maracanã se você sozinho desse um grito já parecia uma manada de elefante. Imagina uma manada de elefante berrando ensandecida? A torcida do Flamengo era isso. Um canto na torcida organizada aquilo ia ecoando, percorrendo o estádio e ia engolindo todo mundo. Tem jogador que fala que tremia jogando contra o Flamengo. Mas era por conta da torcida.

A geografia do espaço conduz a maneira com que os corpos se comportam, agem, reagem em um determinado fenômeno. Foucault (2007, p. 121) concluía que “a disciplina procede em primeiro lugar à distribuição dos indivíduos no espaço.” As constantes reformas e adequações do estádio do Maracanã a padrões internacionais visavam a uma dita modernização do espaço, já mostrada anteriormente. Tal processo, o de superação do atraso e do obsoleto, traz consigo o maior controle dos corpos no seu interior a partir dessa lógica do controle espacial. Enquanto até os anos 2000 – ainda que com todas as intervenções que já haviam sido feitas – tínhamos um espaço mais fluido dentro do estádio, as reformas exclusivas para a Copa de 2014

e e concomitantemente às Olimpíadas de 2016 deixaram o interior do estádio mais controlável<sup>148</sup>. As duas intervenções consideradas mais violentas ao não só ao patrimônio público – como mostramos os debates no Iphan – como ao *modus* torcedor e a presença de uma determinada quantidade e categorias de público no estádio, dizem respeito à supressão dos espaços populares – *Geral do Maracanã* – e a própria marquise do estádio. A lógica aplicada pelas entidades responsáveis por gerir os projetos dos estádios modernos do futebol, também pode ser compreendida em Foucault. A base dos projetos que se pretendem modernos, ao redor do mundo, à partir dos anos 1990 se inicia na Inglaterra após o fatídico caso em Hillsborough. O evento trágico ocorrido em 1989 no estádio de Hillsborough, em Sheffield (Inglaterra), é dado pela literatura esportiva como um marco, um estopim, para a intervenção estatal de cunho liberal nas políticas para o futebol. Essas políticas direcionadas ao esporte espelhavam o que já ocorria nas classes trabalhadoras do Reino Unido desde o fim dos anos 1970, quando Margaret Thatcher assume como primeira-ministra do Parlamento.<sup>149</sup> Dali em diante as políticas para os espaços do futebol seguem a lógica de um espaço celular e de clausura, um

princípio da localização imediata ou do *quadriculamento*. Cada indivíduo no seu lugar; e em cada lugar, um indivíduo. Evitar as distribuições por grupos; decompor as implantações coletivas (...) A disciplina organiza um espaço analítico. Lugares determinados se definem para satisfazer não só à necessidade de vigiar, de romper as comunicações perigosas, mas também de criar um espaço útil. (Idem, p.123)

O estádio General Raulino de Oliveira, em Volta Redonda, foi um dos primeiros estádios brasileiros a receber uma estrutura chamada de moderna pela análise esportiva. Em 2004 em um projeto de transformação completa, inspirada nas modificações ocorridas entre 1998 e 1999 no *Camp Nou*, Barcelona (Espanha), o estádio da *Cidade do Aço*, teve suas antigas arquibancadas de madeira, parafusadas em estruturas tubulares de metal, substituídas pelo

---

<sup>148</sup> Nas imagens 38 e 39 é possível comparar a fluidez que havia e que foi suprimida em ambos os casos, em se tratando das geoespacialidades no estádio.

<sup>149</sup> Existe uma grande produção de livros e filmes e documentários para os assuntos. Sobre o desastre de Hillsborough ver Gordon (2006). E um relevante estudo sobre as consequências da intervenção estatal no futebol inglês e a privatização de grande parte da cadeia funcional em torno do esporte está nos estudos de Pearson (2022), no qual o professor da Escola de Ciências Sociais de Manchester (Inglaterra) une psicologia, sociologia e direito para estudar as consequências sociais das ações governamentais para o futebol em si e para os torcedores.

concreto armado e por cadeiras numeradas em todos os seus 20 mil lugares de capacidade nominal. Tal “inspiração” veio após uma viagem a Catalunha realizada pelos engenheiros donos da empresa que realizou a obra de reforma. A empresa era especialista em grandes construções a partir de estruturas metálicas. Material que da sustentação ao prédio e é aparente a quem observa o estádio já ao longe.

Em sua página na internet, a prefeitura municipal traz descrições de todos os serviços encontrados pela população na estrutura do estádio. Sim, o projeto político do governo à época estendeu a utilidade do espaço para além do futebol, alocando no seu interior polos universitários públicos, clínicas de saúde pública e academias de ginástica e fisioterapia, batizando o mesmo de *Estádio da Cidadania*<sup>150</sup>.

Além de ter toda estrutura interna, contando com roletas eletrônicas de acesso, o estádio foi pioneiro no controle de público a partir da instalação de câmeras de monitoramento e segurança, tanto internamente quanto externamente. À época, os torcedores na cidade diziam que mesmo as vozes eram captadas pelas câmeras, não só no nas arquibancadas, como também nos corredores do estádio, violando assim, uma política de privacidade dos indivíduos. Embora nunca tenha havido um parecer sobre a utilização de tal recurso na vigilância interna sabe-se que tal tecnologia é perfeitamente real, do ponto de vista de sua existência. Porém, a própria estrutura traz os seguintes itens utilizados e discriminados na parte de segurança e controle:

#### 1.4 Segurança

Para garantir a segurança do público durante as competições o estádio contará com um circuito fechado de televisão composto de:

Duas câmeras na parte externa do estádio;

Duas câmeras posicionadas na cobertura do estádio;

25 câmeras fixas com “zoom” ajustáveis para monitorar as entradas e imediações das bilheterias;

Sala de segurança e monitoramento com quatro monitores coloridos de 27” de alta resolução e dois gravadores de vídeo com tecnologia digital.

#### 1.5 Controle de entrada de público (ingresso magnético)

24 catracas digitais configuradas via “software”, permitindo acesso *somente* [grifo nosso] aos setores pré-estabelecidos com comunicação “on-line”.<sup>151</sup>

---

<sup>150</sup> Não entraremos em pormenores sobre a história do estádio e nem tão pouco nas questões política em torno do mesmo. Enquanto escrevemos essa tese um trabalho vem sendo esboçado sobre a relação da política municipal com o clube Volta Redonda e o refazimento desse estádio ao longo do tempo.

<sup>151</sup> Disponível em <[www2.voltaredonda.rj.gov.br/estadiodacidadania/estrutura/visao-geral](http://www2.voltaredonda.rj.gov.br/estadiodacidadania/estrutura/visao-geral)> Acesso em: 3 mar. 2022.

As formas de segurança e controle de torcedores por monitoramento hoje em dia já estão novamente atualizadas. A Guarda Municipal da cidade (GMVR) em dias de jogos, atua com um *drone* pela área interior e exterior do estádio, auxiliando assim as forças policiais do Batalhão de Policiamento em Estádios da PM (BEPE-PMERJ). Se olhando para o projeto instaurado em 2004 com os olhos do momento presente, os instrumentos de monitoramento parecem usuais e comuns a quem frequenta grandes estádios de futebol. Porém, vale lembrar que Volta Redonda é uma cidade de porte médio do interior do Sul Fluminense e possui um time de futebol de média expressão no cenário estadual, mas baixíssima quando analisamos seu desempenho em termos nacionais. Também uma torcida fluida, por muitos rotulada “de aluguel”, que só encontra seus principais devotos numa faixa etária acima dos 50, 60 anos de idade<sup>152</sup>. Um dos grupos de fiéis torcedores conhecidos é o Esquadrão da Vila. Senhores com a idade acima dos 60 anos, na maioria aposentados, que se encontravam diariamente em um banco de madeira em uma esquina do bairro Vila Santa Cecília. Acima do banco uma bandeira com as cores amarelo, preto e branco, o escudo do clube e os dizeres “*O Maior do Sul do Estado*”, em letras garrafais. Sendo que a maior parte de “torcedores” do *tricolor de aço* são na verdade – pelo menos nos valendo da tipificação do torcedor como alguém inserido na categoria da paixão – simpatizantes secundários do time da cidade; pois, grande parte torce mesmo é para os clubes da capital. Atualmente, por se tratar de um centro comercial da cidade, o banco foi retirado e os torcedores ainda não definiram um local para reagrupamento. O lugar onde recostavam seu banquinho de madeira e sua bandeira está em obras. Um complexo comercial será instalado, contando com a expansão de um shopping center e a implantação de um megamercado.

Já o projeto original do *New Maracanã*, como vimos anteriormente, apresentado para a Copa do Mundo de 2014, sofreu significativas alterações, restando o que hoje conhecemos. Para muitos torcedores, assim como grande parte da imprensa esportiva, as alterações do projeto

---

<sup>152</sup> Este não é um dado empírico. Surgido de uma etnografia ou uma estatística do grupo em questão. Mas fruto da observação tanto na condição de “passante” pelo local onde se agrupam, quanto da de torcedor “de aluguel” quando do frequentar os jogos no estádio em questão, desde os anos 1990.

foram fruto da mobilização e da resistência que se implantou frente àquele projeto político, o qual prometia a superação de uma determinada obsolescência em detrimento de toda uma estrutura histórica que perfazia o entorno do estádio, assim como seu interior. Os sacrifícios necessários da (supra) modernidade liberal em nome do progresso e do desenvolvimento.

Dizer da resistência torcedora é localizar as trajetórias individuais e coletivas frente às movimentações políticas em nome de uma causa, uma luta. Em termos do Maracanã, já citamos Mila. Participante ativa durante os protestos pré-2014. Outro entrevistado que “batalhou para que não houvesse Copa” foi Ramom. Um jovem velho rubro-negro, como se auto intitulou, o qual tive conhecimento em um encontro interno da Anatorg com lideranças comunitárias regionais, organizações torcedoras, membros do Judiciário estadual e sociedade civil em geral<sup>153</sup>. Segundo ele, suas principais lembranças do estádio não foram as que ele vivenciou presencialmente. Mas aquelas contadas, transmitidas pela família de sempre que se encontravam em festas e eventos. Vindo de um núcleo familiar de flamenguistas e somente um tio tricolor, de seis, Ramom diz ter aprendido a magia do futebol com uma tia que “era, ainda é, não morreu, a mais fanática pelo Flamengo” e o tio Silva “ele era doente. Eu reconheço. Muito doente [pelo Flamengo]. Além desse encantamento pelo clube rubro-negro, Ramom, diz que a família lhe ensinou a ser “combativo”. Não só pelo futebol, mas na vida política. “Minha família sempre foi metida com a política. Era associação de bairro, condomínio, sindicato.” As organizações torcedoras, porém, nunca lhe encantaram, pois em sua casa sempre houveram discussões sobre as violências que as torcidas organizadas realizavam. Embora em sua narrativa não aparenta haver um discurso criminalizante para com esses grupos torcedores. Muito por causa da sua vivência nos estádios de futebol do estado, incluídos os campos do interior.

Lá em casa muitos dos meus tios e primos eram envolvidos com a micropolítica. Aquela do cotidiano. Quando eu era criança, um tio se candidatou em Caxias. Mas eu não lembro. Agora, condomínio, clube de bairro, associação de moradores, representante. Isso é comum. A política sempre foi importante e meus pais incentivaram. Tanto que fui fazer Filosofia porque meus pais diziam que seria bom para. Meu pai brincava: não é bom para o bolso, mas é bom para o cérebro. Mas não concluí. Optei por Administração para ter mais estabilidade no serviço público e me inserir mais rápido na vida.

- E as torcidas organizadas, não são uma forma de fazer política?

---

<sup>153</sup> O encontro ocorreu em 2022 por meio remoto. O tema principal era o papel desempenhado por organizações civis, dentre elas, as torcidas organizadas no enfrentamento da pandemia de Covid e prevenção de novos casos do Coronavírus.

Talvez sejam, eu não acho que tenha essa finalidade. Nunca me encantou muito. Essa discussão tive em casa também. Quando teve uma época que eu e um primo queríamos entrar para a organizada. Meu tio Romildo foi de uma torcida do Flamengo nos anos 70, 80. Ele foi terminantemente contra. Conversou sério com meu pai, falando do que as torcidas tinham se tornado depois dos anos 80. Essas coisas das drogas, das brigas. Ele contava uma história todo churrasco, igual velho, “no meu tempo desentendimento era no soco e só. Ninguém matava ninguém. Brigava com o Cláudio<sup>154</sup>. E olha que era chefe de torcida. No máximo alguém puxava um casco [de cerveja] jogava no chão e era isso. Mas ninguém se matava. Era só ameaça, um empurrão, uns arranhões e ficava nisso.

Aí, minha mãe que não liga muito pra futebol. É Flamengo, mas não liga. Já falou que não deixaria. Também não fiquei pensando nisso direto, não. Eu gosto da torcida é a festa externa. O estádio, a arquibancada. A organização em si mesma não é uma coisa que costuma me chamar. Só acho essencial no estádio. Mas reconheço a importância da história delas. De cada uma delas. Acompanho nas redes sociais, ao longe.

- Você disse que um dos assuntos na sua casa eram as histórias do Flamengo. É. Meus tios sempre contavam. Sabe aquela coisa da mesa de café, mesa de almoço, mesa de bar. O assunto lá em casa sempre foi muito futebol, política... Era o Flamengo, e o presidente da vez. Lembro do Lula e do Flamengo, quando mais jovem. Aí quando eu era bem novinho, minha mãe dizia que era o Flamengo e o Brizola. Mas sempre tinha o Flamengo no meio. Eu tenho um vizinho Fluminense que toda vez que alguém passava por ele no fim de semana com a camisa que tinha Lubrax e depois a Petrobrás, ele ficava: olha aí o time do governo. Já abasteceu hoje? [risos].

Para Ramom, o estádio do Maracanã e o Flamengo foram amalgamas capazes de unir sua família em direcionamentos e posições sociais muito parecidas. As sociabilidades que construíam junto a sua rede de vizinhos também giravam em torno do futebol. Morador de Belford Roxo o senso de comunidade sempre esteve presente, segundo ele, nas suas vivências desde a primeira infância. Os cuidados com as crianças “da rua” muita das vezes eram praticados por moradores que “eram quase da família, da família da rua.” Um dos costumes de consumo da época era o famoso “colocar no prego”. A prática de obter um produto e pagar posteriormente. Com o advento das tecnologias financeiras, essa forma de crédito baseada na confiança e na palavra e principalmente nas relações sociais do lugar, deu vez a moedas magnéticas de plástico e os possíveis conflitos pela não quitação da dívida ou por seu atraso passaram a ser resolvidas por entidades de cobrança.

---

<sup>154</sup> Ramom não soube dizer se o referido Cláudio é Cláudio Cruz. Um dos fundadores da Torcida Organizada Raça Rubro Negra e ex membro da Flamor.

Como eu lhe disse, a minha rua em Belford Roxo, principalmente a primeira que eu morei, até meus pais ganharem um pouco melhor e nos mudarmos, foi uma rua solidária.

- Pode me dizer como que isso tem a ver com futebol e o Flamengo?

Quando alguém não ia ao Maracanã a turma do meu tio fazia um churrasco na rua pra ouvir o jogo ou ver. E foi nessa rua que houve uma formação de torcedores do Flamengo. O meu vizinho tricolor, que era um tio emprestado também perdeu dois filhos dele pro Flamengo. O Roberto, mais velho que eu, ficou um tempo sem falar com o pai por conta de futebol. [risos]. Aquela rua era o Maracanã da molecada. Quando estava tendo jogo, tinha a turma do botequim, os mais velhos e os garotos na rua com chinelo e bola. Eu não lembro quem, se foi um tio meu, se foi algum vizinho e comprou no Rio umas camisas vermelhas que tinha um nome de supermercado escrito de amarelo na frente e o número preto atrás, eu lembro exatamente da sensação de colocar aquela camisa e formar o time na rua pra jogar bola. E todo mundo falava que queria ser o Zico. Eu não lembro de ver o Zico, mas como todos os adultos falavam do Zico, as crianças iam atrás. Um dos meus melhores amigos de rua, até hoje, gostava mais do Junior. Ele conta que foi pelo título de 1992 que ele viu do Maracanã. Como ele é mais velho ele viu. É uma boa pessoa pra entrevistar. Mas hoje ele é procurador no Paraná. Acho que ele tem foto com Junior, com o Zico. Com o Peixe Frito [Leandro]. Nós fomos muito ao Maracanã quando começamos a estudar no Rio. Mas depois ele entrou no cursinho pra diplomacia e focou nos estudos. Deixou o futebol meio de lado. Acho que assim como pertencíamos ao bairro, tinha um sentimento de ser do estádio. O que hoje não acontece mais. Eu não me sinto parte do estádio. Eu nunca fui ao Maracanã de Geral. Meus tios sim. Mas a gente ia muito de arquibancada. Hoje você assiste a vídeos da torcida e era aquilo mesmo. Meus tios contavam que teve uma briga na torcida que alguém acusou o outro de mexer com a namorada surgiu em vez da turma do “deixa disso”, a turma do “joga ele”. Queriam jogar o indivíduo lá de cima [da arquibancada] pra Geral, como forma de correção. Meu tio fala que o cara tava meio alterado e partiram pra cima, tiraram a camisa, roubaram a camisa e começaram a pendurar o cara na grade pra jogar. Meus tios correram pra segurar e não deixar acontecer, tinha mais gente também. Olha isso, que loucura. Você imagina acontecer uma coisa dessas hoje em dia? Vai todo mundo preso.

Rubem é um dos tios rubro-negros de Ramom. Nós fomos apresentados de modo virtual e levamos algum tempo para ter a intimidade necessária para iniciar a entrevista. De primeira mão, ele se sentia “ressabiado” por não estar acostumado com “essas conversas em computador”. Mas não era só isso. Nitidamente havia um desconforto em conversar com um estranho e também por que Ramom já lhe havia adiantado que me interessava pelas histórias particulares da família, quando algo do universo do futebol estivesse presente. “Mas tu não prefere vir aqui e a gente marca uma cerveja? ” Me indagou. Respondi que sem dúvida eu preferiria, mas algumas questões de tempo me impediam naquelas semanas e ainda devo uma visita *in loco* para tal encontro. Continuamos conversando com a intermediação de Ramom. E a chave para uma abertura foi quando disse de onde eu era. “Ah. A cidade do aço. Eu estive aí

na greve de 1988. Eu era da JOC<sup>155</sup> de Nova Iguaçu. Eu conheci o Waldyr nas assembleias na praça. ” Dali em diante houve um relaxamento daquela tensão de sua parte, que de certa forma já me atingia. Passamos algum tempo falando sobre a atuação dos operários, da Igreja Católica, dos Batalhões do Exército que cercaram a Usina Presidente Vargas e alguns pontos da cidade. Contei das experiências de ouvir meu pai e seus amigos se reunirem na minha casa e falar daquela greve. Meu pai havia sido metalúrgico de uma subsidiária da CSN, a FEM (Fábrica de Estruturas Metálicas), e havia ficado preso e escondido nas tubulações próximas ao Auto Forno 1, quando o Exército deu voz de comando e invasão das dependências da fábrica, assim nenhum trabalhador poderia sair e nem mesmo entrar até segunda ordem. O assunto parecia fascinar Rubem, trazer às suas lembranças uma época de ação jovial. Ele relatará que fora operário em uma gráfica da Baixada Fluminense e depois transferido para o Rio. Ali teve contato mais forte com a juventude estudantil, mas já frequentava os grupos jovens da Baixada e tinha muito “apreço pela luta contra a injustiça. Coisa vinda de família”. As relações familiares, de fato, sempre eram enfatizadas por ele e por Ramom. A valorização do papel dos avós na educação de todos, dos mais velhos aos netos – crianças à época –, a proximidade dos vizinhos em laços para além dos sanguíneos tanto nas sociabilidades quanto na solidariedade da vivência diária. Quando lhe pedi uma descrição sua ele foi direto: “Rubem, 63 anos dedicados à família, a Igreja e também ao PT [Partido dos Trabalhadores] e a torcer pelo Flamengo.” Hoje morador de Del Castilho, passa alguns dias em Belford Roxo onde cuida dos pais, num revezamento com duas irmãs. Já morou em Laranjeiras e Catete até se aposentar na Petrobras e não se manteve no Rio por conta da saúde dos pais, mas também pelos custos de moradia naquelas localidades. “Quando estava na gráfica comecei a pensar que queria um futuro certo pra mim e casar. Comecei a pensar no concurso público, na época não era tão concorrido.” Depois de aposentado diz ter se dedicado menos às instituições que o formaram. Dentre as quais o rubro-negro da Gávea.

---

<sup>155</sup> A Juventude Operária Católica (JOC) foi um movimento de grupos jovens afiliados às Comunidades Eclesiais de Base (CEB`s) da Igreja Católica. Uma forma de organizar as paróquias católicas no Brasil e em grande parte da América Latina, à partir de orientações inspiradas na Teologia da Libertação. A teologia que se pautava pela aproximação dos clérigos das camadas trabalhadoras e mais pobres da sociedade. Foi taxada de uma corrente teológica socialista. Em Volta Redonda, seu principal expoente foi Dom Waldyr Calheiros, um dos quatro “bispos vermelhos”, como classificou o jornal *O Globo*. Para mais sobre a atuação política desse líder religioso, consultar Mangea (2017).

Eu sempre fui um ativista. Aprendi com papai. Papai foi do sindicato dos rodoviários, do DNER e sempre ensinou os filhos a não suportar as injustiças da vida. Nem com você mesmo, nem com os outros.

Aí a gente fala do futebol. O futebol fala da vida. Te ensina a perder, vencer, ser humilde, ter uma soberba boa. Lá em casa, muita coisa de papai veio do futebol. Papai era Flamengo e Tio Lúcio Olaria. Os dois torciam muito para cada agremiação. Então, ensinaram muito a gente. Até as meninas [irmãs]. A devoção, a derrota, o seguir em frente.

Isso nós ainda passamos aos mais novos. O Ramonzinho pegou isso aí. Os primos. Pelo menos vemos que muitos deles aprenderam. Olha aí, um bom caminho.

-O Ramom me disse que muitas histórias do Maracanã, ou as principais dele, ele se lembra porque são histórias de vocês. Poderia me falar alguma?

Camarada, eu tenho muitas histórias. São muitos anos. “Respeita os meus cabelos brancos.” Você quer saber sobre as histórias no Maracanã. O Maracanã, já disse, era um espaço do povo. Ou melhor, de todos. Povo, você pode interpretar de um jeito, eu de outro. Mas assim, o campo era uma espécie de baile de fim de semana. Pelo menos pra uma turma. Aí você perguntou de comparar. Acho que isso hoje acabou. Era um lugar pra não se fazer nada ou pra ver um jogo. Eu sou do tempo que você podia marcar de namorar no Maracanã. Era pra se divertir, passar o tempo, fazer prova [referência aos vestibulares realizados no interior do estádio]. Hoje tu vai para qualquer estádio para assistir o jogo. Antigamente era isso também, mas não só isso. Eu ouvi o Ramonzinho falando pra você da extensão do estádio, do Maracanã ser a cidade do Rio. Sabe que eu li alguma coisa assim na época da Copa e é isso mesmo. Era um lugar a mais da cidade, pra você viver e sofrer e olha que nessa cidade já se sofre.

- Mas e as experiências nesse lugar que parece importante? Camarada eu fiz de tudo lá. O Maracanã antigamente era um espaço livre. Eu fui a uns anos atrás e fica um brutamonte te olhando [segurança particular do estádio]. Parece que se você se mexer ele vai te encher de bolacha. Antigamente não tinha isso, não. Quem quisesse brigar, brigava. Encher a caveira, enchia. Namorar, namorava. Tinha espaço pra tudo. O Ramom você se lembra do Silvinho aquele de Cascadura? Ele traia a mulher no Maracanã. É, rapaz.

Esse colega tinha uma gambiarra na Tijuca. Aí às vezes ele ia pro Maracanã e nada de ver o jogo. E a menina era uma graça. Ele também era um sujeito com porte. Mas veja você. O Maracanã era esse espaço pra tudo.

- E esse espaço eram todos os espaços, Geral, Arquibancada?

A cada um ia onde gostava mais.

Eu nunca gostei muito da Geral. Fui pouco. Mais de arquibancada. Claro, reconheço que era porque eu tinha uma condição melhor. O ingresso não era caro, não. Mas nem todo mundo conseguia pagar mesmo assim. Mas assim uma turma entrava sem pagar. Sempre teve isso. Mas a Geral era o espaço do povo. Vou falar assim, eu sou povo. Você é povo. Tá bom? Mas eu gosto muito de futebol. Gostava muito de ver o Flamengo. Ainda gosto. Mas aquilo era horroroso pra ver uma partida. Você via a canela do jogador. Parece que teve uma reforma nos anos 70 que melhorou um pouco. Mas era ruim. Bem ruim. Vamos dizer assim, era bom porque colocava todo mundo pra dentro. Mas em termos de qualidade. Uma porcaria. Alguém nas entrevistas te disse que era bom? Mentira! É o negócio, era barato, era popular. Mas péssimo. Tinha aqueles personagens. Das poucas vezes que fui só vi maluquice. Isso era divertido. Certa vez tinha uma menina louca. Do nada ela levantou a blusa

num gol do Flamengo. Aí, já viu. Uma turma falando pra tirar o resto, um grupo chamando de piranha. Mas ninguém pôs a mão. A turma gritava, xingava, mexia, mas respeitava.

Tinha uma senhora, na época deveria ter seus quarenta anos, que ficava ameaçando mijar nos outros e quando via uma criança corria atrás. Ela correu atrás do filho de um jogador do Olaria. Eu fiquei sabendo porque a família dele era de Belford Roxo, perto da minha irmã e contou. Só podia ser ela. O garoto traumatizou [risos]. Se tinha o velho do saco, aquela era a velha da Geral.

Lembro do Alcir Beijoqueiro. Ele vinha no trem pedindo beijo. Um figuraça. Usava uma camisa do Flamengo e ficava mostrando o escudo. Segundo ele tinha um autógrafo do Zico por dentro. Aí você perguntava, o Alcir deixa eu ver o autógrafo. Só se der um beijinho. Eu deixo. [risos] Andava saltitando ali em volta. Um cara bom. Para você ver. Não fazia mal a ninguém. Não te pegava. Era um figura. Hoje esse sujeito seria esmurrado, chamado de tarado, pedófilo. Então, assim, o estádio mudou. Mas a sociedade mudou. Ao mesmo tempo que antigamente era conservador, o povo, né. Tinha espaço pra uma gente assim. Que hoje em dia não sobrevive no estádio nem em lugar nenhum da cidade. Olha isso, precisa de vagão feminino porque vagabundo não respeita. Onde já se viu? No Maracanã você podia ouvir palavrão, um xingamento a mulher. Mas se colocasse a mão ou fizesse gracinha, levava uma imprensa da turma. Pelo menos da turma que eu via. Eu nunca vi um caso mais abusivo.

- Você trouxe histórias com presenças de mulheres na arquibancada, no Maracanã. Havia muitas mais entre as torcidas, nas torcidas do Flamengo?  
Não muitas. Acho que era raleado. Mas tinha algumas. Minhas irmãs já foram algumas vezes. Gostam. Mas sentiam certo medo. Eu até encorajei. Mas sabe como é. Pensando que assim, no geral era meio pesado ficar aquele monte de homem ali em cima, falando palavrão. Era coisa mais de homem mesmo. Ir ao banheiro sozinha. Não sei. Acho que o estádio assustava. E vou te dizer uma coisa pensando aqui. O Maracanã não era bonito. Era bonito o campo. Mas tu subia a rampa estreita, com torcedor do outro time ali colado, aquele concreto sujo. É, acho que assustava a mulherada. Mas vou te dizer, nunca vi nenhum caso de chateação lá.

É notório que a presença feminina é constante nos relatos de Rubem. Como um homem de seu tempo, seu discurso ponderado ainda reflete as estruturas de suas vivências nas conjunturas de outrora. Em contrapartida, conversando com Ramom, seu sobrinho, após as entrevistas o discurso já possui as nuances representativas do tempo presente. Os relatos de Rubem dizem sobre o universo do futebol que embrenhado de representações do masculino tolhiam a presença maciça do público feminino. Porém, há agendas para o aparecimento tanto de personagens representativas como Tia Helena na organização da torcida rubro-negra (Hollanda, 2010) como de figuras anônimas, caso dos relatos acima.

Desloquei-me até o Rio de Janeiro por meio do trem Japeri-Central. Ao chegar na estação Presidente Juscelino, logo após Nova Iguaçu, houve um problema técnico no ramal.

Assim informado pelos autofalantes. O aviso considerava uma estimativa de quarenta minutos para o prosseguimento. Alguns dos presentes logo começaram uma alvoroçada reclamação. Palavras como descaso, falta de respeito, vergonha, de novo, começaram a surgir entre os passageiros. Também um tanto de deboche daquela situação. Principalmente por parte de alguns ambulantes, que aparentavam estar habituados com a situação. Como o trem não estava tão cheio comecei a andar por entre os vagões à frente. Avistei um senhor com um adolescente a tira colo. O rapaz, portador de alguma síndrome motora vestia uma camisa rubro-negra. Cumprimentei a ambos com uma “saudação” e a pergunta, na verdade uma afirmação: rubro-negros, não? “Graças a Deus”, me respondeu Nestor, que levava Alexandre para uma sessão de fisioterapia. Nestor me disse das dificuldades de locomoção com o filho. Mas que fazia de tudo para deixar o rapaz da melhor forma possível. Moradores de Lages, na Baixada Fluminense, faziam aquele trajeto no mínimo três vezes na semana. “Às vezes a mãe leva, quando estou na oficina.” Nestor é mecânico, autônomo e trabalha na própria casa. “Eu não tenho carro. Já viu isso? Mecânico sem carro. Mas também é caro e longe. Já levei ele de caro quando era numa APAE em Caxias. Mais perto.” Perguntei a Nestor sobre como a cidade está, ou não, preparada para dar suporte às necessidades do rubro-negro Alexandre. “Tá nada. Tem que se virar como pode e como não pode pra dar conta.” Essa cidade que não dá o suporte necessário aos que a utilizam também priva uma parcela da população de entretenimento. Nestor nunca foi ao Maracanã. “Já passe em frente algumas vezes, mas nunca fui a jogo, não. Só na televisão.” Questionei o motivo e o primeiro fator foi a distância, Paracambi não está tão distante da cidade do Rio de Janeiro, mas é importante destacar as questões financeiras de uma parcela de desassistidos sociais que fazem se voltar para as necessidades mais básicas de forma prioritária. O outro fator é contíguo e diz respeito aos valores desembolsados para assistir a uma partida de futebol *in loco*. “O dinheiro eu coloco para ele [Alexandre] e fico em casa cuidando. Aí pra ver o Flamengo, quando posso coloco um churrasquinho, uma cervejinha.” Quando ia encerrar aquela micro entrevista e ir adiante, Nestor me pediu uma “ajuda auxiliar” para a “passagem do retorno ou um lanche”. Após, fui a outro vagão onde um vendedor ambulante realizava uma “promoção relâmpago só até o trem voltar a circular”. Comprei dois chocolates e perguntei por seu nome e quanto tempo trabalhava no trem e depois seu time de coração. Por ser cruzmaltino, o vendedor “Guaru” estava fora do meu campo de pesquisa. Mas o assunto girou em torno do futebol e descambou para o rubro-negro. Guaru tentou a carreira de profissional no futebol, realizou “peneiras” para o Madureira, Goytacaz, Vasco e Flamengo. Como não teve êxito,

afirma não ter tentado mais. Atua no trem desde 1998. “Saio, volto, arrumo um bico mais certo, cango, volto pra cá. Aqui sou livre. Faço meu horário.” Para ele a informalidade é uma vantagem. Guaru diz que é só ter “meta e cabeça no lugar.” Perguntei como? “Aqui tem dias e dias. Tem dia quente, fervo. Duas da tarde a mão tá assim de dinheiro.” Mostrou um bloco de várias notas dobradas ao meio. Questionei se ele não tinha receio de mostrar aquela vultuosa quantia assim, no meio do trem. “Não, pô. Aqui é tudo nosso. Aqui tem dono. Se tiver qualquer coisa o ‘caveira’ passa a régua.” Continuou então sua explicação sobre sua visão das finanças. “O mané faz muito [dinheiro] e aí acha que ganhou a vida e ‘mete o pé’ pra casa. Tem que fazer o pé de meia. Nessas horas o malandro tem que se dedicar. Aqui dá dinheiro.” Perguntei a ele se também atuava em jogos no Maracanã. Ao que ele disse que no

redor não porque da muito b.o [referência a Boletim de Ocorrência]. Mas eu fico no trem. Lá é cerveja e comida. Dia de jogo do Flamengo é o que mais eu ‘arreio’ mercadoria. Vendo bem. Vasco também. Mas flamenguista compra mais. Dava mais feliz ultimamente. Aí torcedor feliz compra. Mas da pra tirar uma grana bacana também. Mas é vez ou outra. Aqui no trem tem muita gente, mas tem muita linha. De vez em quando da umas tretas, mas como é fatiado rapidinho acaba. Tem quem pare. Lá tem os coletes, a prefeitura meio linha dura, PM [Polícia Militar], dá mais ruim que aqui.

Em nosso trabalho de campo, principalmente nos dias em que realizávamos observações participativas eram flagrantes a presença das forças coercitivas do estado, as quais se referiu o ambulante Guaru. Com funções diferentes umas das outras, mas com o objetivo único de “manter a ordem e o funcionamento das coisas” – como me disse um desses agentes do município – os fiscais da prefeitura do Rio de Janeiro – vigilância sanitária, fiscais de receita – , a Polícia Militar do Estado – em seus diversos regimentos e batalhões especializados – e Guarda Municipal são os agentes que em meio a torcedores e ambulantes imprimem a organização espacial e financeira do entorno do Maracanã. No dia 11 de junho de 2022 realizamos um trabalho de campo nesse sentido no jogo entre Flamengo x Grêmio pelo Campeonato Brasileiro. Nos postamos entre os setores Leste (Belini) e Norte. Estávamos com dois torcedores rubro-negros do Sul do estado, com os quais me locomovi até o Rio de Janeiro de automóvel. Eles conversavam fora do estádio, já que em breve entrariam para assistir a peleja. Eu, permaneceria fora. Na calçada em frente à entrada norte do Maracanã muitos vendedores ambulantes colocavam suas mercadorias entre o passeio e o degrau que faz o recuo para a parada de veículos. Constantemente um fiscal de colete verde fluorescente, que a

princípio não soube identificar como sendo do estádio ou do estado, passava solicitando cordialmente que eles não “fechassem o caminho.” Foram quatro reprimendas a alguns reincidentes e outros novatos naquela espacialidade. Após quase meia hora o mesmo agente surgiu acompanhado de um colega todo vestido de preto, músculos à tona e um olhar nada amigável, ele portava um crachá em que a logomarca azul da prefeitura era bem visível, também dois guardas municipais o acompanhavam de longe, posicionados alguns metros atrás dos dois agentes. O agente “novo no pedaço” sacou de um megafone e avisou aos presentes que mercadorias ilegais ou que estivessem atrapalhando os torcedores seriam tomados pela guarda municipal dali em diante e se preciso as forças policiais seriam empregadas. Uma viatura dessa mesma polícia, por ora citada, estava estacionado sobre a calçada próximo a uma bilheteria. Compunha essa paisagem dois policiais do lado de fora do veículo. Com o aviso, que me pareceu ameaçador, os ambulantes se retiraram calmamente. Nenhuma correria, nenhum alvoroço. Diferentemente de outras ocasiões presenciadas anteriormente. Os outros membros daquela “força tarefa” se retiraram, ficando somente o primeiro fiscal, presumivelmente responsável pela ordem naquele setor. Depois de alguns poucos minutos da ocorrência, me aproximei do agente, identifiquei-me como pesquisador e perguntei se poderia lhe fazer algumas perguntas. “Deixa o torcedor entrar que fico tranquilo.” Com a possibilidade de uma entrevista concretizada, me posicionei num raio próximo, para não o perder de vista. Os ambulantes continuaram passando pela calçada levando e trazendo bonés, chapéus, camisas “falsi”, comestíveis e bebidas em caixas e carrinhos de isopor. Algum desavisado à aquela ordem do megafone vez ou outra estacionava sua mercadoria, mais uma repreensão. Próximo ao início da partida raleou a quantidade de torcedores no entorno. Aproximei e fui perguntando se aquele procedimento de chamar alguém era padrão. “Não. O cara já tava me enchendo o saco no rádio. Eu falei pra ele vir aqui resolver. Não faço mágica, não.” Roberto me disse que há uma central de monitoramento e que quando um ponto fica crítico os funcionários são avisados por rádio. Perguntei a ele se haviam muitos conflitos entre sua equipe e os ambulantes. “De vez em quando um se engranya, mas no geral da pra conversar, tem sempre um mais chato, que quer bater o pé. Cheio de razão. Só chamar a GM.”. Depois que conversamos um pouco avistei um dos ambulantes que estava no momento relatado anteriormente. Cidão é morador do morro de Mangueira e trabalha no bar aos pés do morro. Quando tem jogo vai pro estádio reforçar as vendas de bebida com o estoque do bar. “Dia de jogo é dia de dar um gás extra, fazer um reforço.” Perguntei sobre a situação que havia ocorrido e se de alguma forma aquilo prejudicava os

seus negócios, suas vendas. “Tamo acostumado. Só mudar de lugar, continuar seguindo o fluxo, ta tudo certo.” Segundo ele só em jogos nacionais que têm permissão de trabalhar. O Flamengo também se encontrava na Copa Libertadores da América. “Mas vem mesmo assim. Chega cedo, antes de fechar a rua. Esconde aqui, ali. Vende no cantinho. Quando é assim eu fico na estação [trem].”

Segundo Cidão o futebol deixou de ser uma coisa alegre. “Eu agora não acompanho mais. Ainda torço. Mas ganhou, ganhou. Perdeu, perdeu. Quando ganha eu comemoro. Mas não ligo.” Conversamos sobre o que ele já viu do estádio. Nascido e criado em Mangueira aos quarenta e cinco anos diz ter frequentado muito nos anos 1990. “Maracanã era quintal pra gente. Quem cresceu em Mangueira, Maracanã era quintal. O Cartola não cantou que Mangueira era sala de recepção? Maracanã era quintal.” [risos]. Aproximei de outro vendedor ambulante, que levava à mão uma “arara móvel” onde estavam penduradas camisas e cavalinhos rubro-negros. O mesmo também vestia uma camisa do Flamengo e estava encostado perto das grades de circulação, postas de uma forma a organizar corredores de passagem até o acesso ao estádio. Perguntei seu nome, me identifiquei e começamos a conversar. Eu não aparentava ser alguém ameaçador. Estava de bermuda, uma camisa preta de banda de *rock* e uma mochila. Mesmo assim, Marcos Vinícius perguntou se eu era do “rapa”. Questionei se o “rapa” já lhe trouxera alguns problemas. “Algumas perdas”. Marcos Vinicius não torce pelo Flamengo. É Botafogo. Mas “assim é mais fácil vender. Isso aqui é *marketing*” [ risos]. Morador da Maré, reforça a renda da família vendendo “artigos esportivos” em dias de jogo. Em dias normais trabalha como lavador de carros de modo itinerante pela cidade. Segundo ele a fiscalização aperta de tempos em tempos. “Acho que quando o governo precisa de dinheiro ele apreende nossas coisas. Aí quando ta de boa, deixa mais livre.” Enquanto conversávamos um pai com uma menina de aproximadamente 9 anos comprou um cavalinho do Flamengo. O policial deixou sua viatura, perguntou o preço da camisa infantil, mas não levou.

Entre autorizações formais e relações de condescendência, há nítidos processos de tolerância por parte das autoridades responsáveis pela “garantia da ordem”. Porém, mais que as questões dos legalismos e dos ilegalismos praticados ante uma face do poder estatal e suas instituições – forças policiais e coercitivas, como as guardas municipais e fiscalizações fiscais –, e também o setor privado – vigilantes de segurança e agentes organizadores –, o que salta aos olhos são os processos de sociabilidade e conflitos, nem sempre nítidos e bem definidos,

entre esses agentes de cada parte. Representantes dos interesses privados, de instituições e de seus interesses no exercício de seu ganha pão.

Esse jogo no qual tantos personagens se imiscuem formam uma rede complexa de relacionamentos de poder. “Um dia a GM leva tuas coisas. No outro, eles compram uma bala de você”, como relatou o ambulante “Dé”, 43 anos, vendedor de “tudo que tem” e atuante no trem e nas estações da linha Japeri-Central e também de outros ramais da *Super-Via*. Foi em um retorno do Rio para Paracambi que conversamos a primeira vez. Dé tinha um chaveiro do Flamengo pendurado no topo da alça de ferro e protegido por uma fita transparente. Como possuía meus olhos atentos a muitos artefatos que remetessem ao rubro-negro e que por isso poderiam se tornar potenciais entrevistados, fui até o mesmo e comprei três chocolates por R\$ 5. Era um meio de tarde de uma terça-feira e havia ido ao Rio para uma pesquisa em periódicos na Biblioteca Nacional que não foi possível ser realizada naquele dia. Por compromissos decidi voltar o quanto antes, inclusive para não pegar o trem de retorno em horários de grande movimentação.

O referido ambulante me entregou a mercadoria e já ia saindo, eu não ia conseguir realizar uma interlocução, quando uma poltrona à sua frente vagou. Ele se sentou rapidamente e reclamou do cansaço. Aproveitei a deixa: “mas ainda é terça-feira, rubro-negro! ” Dé, sem nenhuma expressão de felicidade disse que estava trabalhando desde a semana anterior “sem uma folguinha.” Me apresentei rapidamente, os diálogos e entrevistas nos trens, exigem certa rapidez, objetividade e precisão, ao menos para se estabelecer a possibilidade de uma conversa mais longa. Perguntei porque ele trabalhava sem parar. “Meu pai ta vindo morar lá em casa. Vou arrumar um cômodo lá em casa.” Em meio a uma variedade de guloseimas, caixas de carregadores de celular, alguns *kits* de costura, disse a ele para me passar mais três chocolates. “Vou contribuir um pouco mais com o seu pai.” “Aí tu fortaleceu!” Perguntei quanto tempo ele atuava como ambulante e onde ele residia. Se era Baixada Fluminense ou no Rio, capital e logicamente se ele, rubro-negro, gostava de frequentar os jogos do seu time no Maracanã. “Rapaz acho que eu vou pra casa descansar. Tu mora onde, não quer tomar uma cerveja, não? Vou saltar em Edson Passos.” Quando a pesquisa chama, não se deve recusar. Não é todo dia que eventos assim, acontecem. Perguntei de novo onde ele morava, precisava rapidamente calcular o tempo e a depender da localidade como retornar. “Tu falou do Flamengo, eu moro perto do América. Edson Passos ali.” Assim que ele disse a localidade, num salto confirmei a “cerveja”. “Mas você tem tempo, não vou lhe atrapalhar? ”, perguntei. “Vamo lá tomar uma

cervejinha. Tem dois botequins do lado da estação.” Confirmada que a incursão ao Rio não seria invalida, saltamos cerca de 6 estações após.

Edson Passos é estação localizada já na cidade de Mesquita, Baixada Fluminense. Sempre que passava de trem pela localidade, procurava observar, ao longe, uma parte do estádio Giulite Coutinho, onde o histórico clube carioca América manda seus jogos<sup>156</sup>. Também pela rodovia Presidente Dutra é possível observar as placas e até um mínimo pedaço do estádio. Aquele dia foi me reservado ver o estádio, pelo lado de fora, por algum tempo. Saltamos do trem subimos e descemos escadas até sairmos da referida estação. Um amplo calçadão margeando a mesma, uma avenida principal com trânsito volumoso e já estávamos em uma ruela, onde na esquina uma “venda onde da pra beber aqui, se você quiser.” Perguntei se poderíamos só passar pelo estádio antes e depois voltávamos. “Vamo lá”. Entramos por uma ruela com diversas casas bem próximas da rua, outro botequim; “aqui também”. Dé parecia querer muito uma cerveja. Ao passarmos por uma servidão, ele fez sinal com a cabeça, “moro aqui. Vou lá desarrrear isso e volto. Espera aí.” Enquanto ele, em passos rápidos adentrava a servidão, eu observava cada espaço daquele.

Cosmorama é o nome daquele bairro. De um dos lados do estádio, por onde entramos, casas simples, com paredes ainda no tijolo, várias vielas e becos, onde as casas possuem uma arquitetura não planejada, mas de maneira mais espontânea e improvisada. Por falta, talvez de uma política pública municipal de habitação para a localidade as casas são simples. Algumas delas possuem um comércio contíguo. À frente, uma loja de produtos de limpeza, no cômodo ao lado, a cozinha. Um bar na varanda de casa e pela janela da sala vem as bebidas. Um sentimento de solidariedade entre os que se conhecem, bem como, novamente, um sentido de pertencimento à localidade e às vezes à microlocalidade; ou seja, à rua, ao beco, à viela. Já à frente da entrada principal do estádio, o primeiro lugar que Dé me levou ao retornar, possui alguns condomínios particulares, além de uma escola e um hospital público do município. Dé mencionou que aquele lado do bairro “é da grana”, de fato, um espaço onde se nota um planejamento espacial. Sentamos então em um bar. Dé pediu nossa cerveja e uma porção de linguiça. Eu uma agua com gás.

---

<sup>156</sup> O América Football Club parece ter gravada em sua história a vocação ao nomadismo. Fora fundado no bairro da Saúde, Zona Central do Rio, em 1904. Incorporou o Haddock Lobo Football Club e com isso firmou-se na Tijuca, bairro da Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro onde ainda mantém sua sede social e desde os anos 2000 manda seus jogos na Baixada Fluminense num estádio próprio com capacidade para mais de 13.000 torcedores.

Dé é apelido de Adelso. 43 anos. Nasceu em Minas. Na divisa com o Rio de Janeiro. Ainda jovem morou em Campos dos Goitacazes, Itaperuna, e Rio de Janeiro. Seus pais continuaram em João Monlevade (MG), até o falecimento da mãe em 2019.

Meu irmão que cuida do velho. Mas ele tá sem paciência. Tô trazendo o velho pra cá. Eu tomo conta, minha mulher toma conta, os netos ajudam.

Eu to nessa luta aí já faz um tempo. Oxi. Tem tempo. Quando eu vim pra cá eu trabalhei no caminhão do gás.

Eu to nessa batalha aí a um tempinho. Quando vim pra cá acho que 2002, 2003, eu montei um barzinho também, lá na outra rua. Mas não vingou, não. Minha mulher fez um salão também. Ela deu mais certo que eu. Mas depois desistiu. Aí eu comecei de vagarzinho vender um negócio alí no trem. Parava só na estação, descia até o Rio.

- Como é trabalhar no trem?

Trabalhar no trem é bom. Ó onde eu tô. Tomando uma. Agora. Mas não é todo dia que é essa folga, não. Tem dia que é até onze da noite. Acorda cedo no outro dia pra pegar mercadoria que não tem. Acorda às 4h da manhã pra embalar bala, embalar mercadoria. E não é certo, né? Tem dia que ninguém quer comprar nada. Tem época que a guarda do trem ta em cima, de leva tudo. Mas mais lá pra cima. Aqui embaixo ninguém mexe, não. Lá em cima tem que ter arrego.

- Você já passou alguma situação com a polícia, a guarda, seguranças?

Oxi. Vou falar de todo mundo, não. Mas é tudo ladrão. Num dia a GM leva tuas coisas, no outro compram bala de você. Tu se lembra quando quebraram as barracas na rodoviária? Eu tava lá. Eu vi. Os homens da prefeitura pegando tudo e ficando pra eles. Bateram em ambulante. Eu vi. E ali todo mundo trabalhador. Todo mundo certo. Aí você me pergunta porquê disso? Pergunta? Eu te repondo. Porque tem algum político que é dono de tudo e quer colocar os dele pra trabalhar e dar mais dinheiro pra ele. Olha lá a Urugiana. A Urugiana é de um monte de gente rica. Vou eu lá, falar que vou montar uma barraquinha de bala. Vou tomar um pau. Tem dono.

- Como são essas relações pra trabalhar ali?

Difícil.

- Você trabalha em jogos no Maracanã?

Muito pouco. Em jogo grande eu fico saltando ramal. Aí você pega mais gente. Não fico só na 8 [Japeri-Central]. Tem que medir como está o movimento. A 12 [Saracuruna-Central] é pior ainda. Mas durante a Copa, por exemplo, eu não podia trabalhar no Maracanã e até no trem tava tendo linha dura [fiscalização]. Já ali na Edson Passos tava ruim também. Difícil. Tinha uns caras de olho em muita estação. Não me levaram nada, não. Mas não podia dar mole.

- E quanto a ver o Flamengo jogar? Você frequenta ou frequentou o Maracanã?

Não vou, não vou. Ô, mineiro, eu gosto de ver o Flamengo. Mas não tenho dinheiro de sobra aí. Já fui. Acho que a última vez foi aquele Flamengo campeão brasileiro de 1999 contra o Inter [Grêmio]. Isso, Grêmio. Eu fui em alguns jogos. Nessa Libertadores eu queria ter ido. Mas é caro demais. Muito caro. Pobre não consegue ir. Bem que o Flamengo podia jogar aqui no América. Ia ser mais perto e mais barato.

Mas sabe como é. Pra ser campeão time grande tem que cobrar caro mesmo, não é. Não vive. Olha lá o Palmeiras, olha o estádio. Tu vê pela televisão, coisa de outro mundo. Imagina aqueles Flamengo de Zé Roberto, Juan, Clemer, Romário. Só jogador internacional. Na época bons. Não é igual hoje. Jogador fim de carreira que volta pro Brasil. Imagina esse Flamengo cobrando caro e fazendo um estádio igual ao Palmeiras. Eu falei desse Flamengo porque foi a época que mais vi o Flamengo.

Lá em Minas a gente ouvia pelo rádio. Teve um jogo do Flamengo que ficou no alto falante da Igreja. A narração de não sei quem, foi pra cidade inteira. Eu não lembro de jogo na televisão. Só depois que fui pro Rio. Aí a gente ouvia. Eu pequeno, lembro do rádio.

Quando eu fui pro Rio aí eu ia mais no jogo. Tinha um treino na Gávea que podia entrar. Eu vi o Romário de perto. Com cara de sono. Sei lá sono. O Flamengo nessa época estava sem dinheiro. Fui num banheiro assim, ó, tinha uma poça de (excrementos) no chão, vazada assim do vaso. Lembro de ficar vendo o time treinar no campo assim ó, de pertinho e o campo todo quebrado. Um moço virou pra trás e comentou: esses jogadores são bons mesmo, porque esse campo é o pior do mundo.

- Nessa época você ia ao Maracanã. Você gostava de ver o jogo de onde?

Eu ficava na Geral. Já tentei entrar na arquibancada. Mas tinha medo da polícia pegar ou tinha uns caras mal-encarados da torcida. Dava medo também. Aí na Geral eu podia pagar. Pagava e não daria problema. O que a gente paga, a gente pega. É nosso. Mas imagina, tu lá na arquibancada e o policial me olha e eu to errado, to preso. Lá vou eu em cana com problema.

- Durante esse tempo todo no trem você acha que tem mais gente gostando de futebol, no Rio.

Ah, tem sim. Na verdade, eu acho que futebol sempre tem gente. Aqui no América eu vejo um gato pingado. Mas é o time que vai mal desde sempre. Eu já fui a uns vinte jogos aí. Aqui da pra ir. É R\$5, R\$10, de graça. Mas aqui é ruim de ver o jogo. São ruins demais. Não dá pra acreditar que é jogador profissional. Ó, e ganha tá. Ganha bem e trabalha mal.

- Mas você vê mais mulheres e crianças usando o trem para ir aos jogos do Flamengo, por exemplo?

É mais homem mesmo. O pai levando o filho. Mas tem mulher também. Tem umas mulheres bonitas, isso melhorou. Mas tu entrar no vagão delas é mais complicado.

- Por quê?

Eu dou preferência pras vendedoras venderem lá. Aí a gente deixa as meninas fazerem o caixa do vagão feminino e a gente faz no misto.

- Existe algum acerto entre vocês?

Tem. Tem. Mas não é obrigatório cumprir e nem todo mundo respeita, quer. Já deu muita confusão, aí é melhor não mexer com isso.

- Confusão nas vendas?

É. Também. Já teve de tudo. Mas no meu caso, não foi comigo. O que eu sei é que teve um caso sério de uma piadinha. Falaram que era assédio. A passageira denunciou na polícia, no outro dia tava no Fachel [Bom Dia Rio]<sup>157</sup>.

Aí já viu! E o pior é que o cara ainda levou um imprensa do patrão.

- Patrão? Mas você não disse ser seu patrão?

---

<sup>157</sup> Telejornal semanal da rede Globo, que vai ao ar nas primeiras horas da manhã trazendo as principais notícias da cidade, apresentado majoritariamente pelos jornalistas Flávio Fachel e Silvana Ramiro.

No meu caso sou. Mas esse infeliz trabalhava com um cicrano aí. Dono da área. Aí o cara não quer sujeira com nome dele. Se não vai prestar conta ou suja pra todo mundo.

- Não entendi.

Assim, o cicrano compra a mercadoria e põe na sua mão. Vai vender de Guapi [mirim] a Penha. 10% é seu. Entendeu? Mas se não entendeu deixa pra lá.

Nesse momento voltamos a falar da família de Dé. Um assunto menos complexo e mais arejado. Já que ele havia se mostrado um tanto quanto incomodado com aquelas questões citadas anteriormente sobre sua atuação profissional; que por sinal não era um tema central pra mim, mas como me circundava de diversas maneiras, quando surgiam, fazia questão de deixar que fluísse até seus limites. Que naquele momento parecia ter chegado.

Falamos sobre como ele planejava a hospedagem do pai em sua casa. “Vou ter de trabalhar um bocado a mais para cuidar do velho. Mas minha mulher vai ajudar e meu irmão também.” Conversamos novamente sobre o Flamengo dos anos 1990. Dé, disse que o título perdido em 1995, com o gol de barriga de Renato Gaúcho foi um enorme sofrimento. “Eu parei de ver o Flamengo por um ano. Um ano sem acompanhar nada.” E como desforra comemorou como título o rebaixamento do tricolor das Laranjeiras no ano seguinte. “O rebaixamento foi praga de urubu e a praga foi tão forte que venho uma para cada gol que o Fluminense fez na gente naquele jogo, sabia?” Dé se referia aos três rebaixamentos sofridos pelo rival – 1996, 1997, 1998 – e o placar de 3x2 para o tricolor na final do campeonato carioca de 1995.

Já ensaiava minha retirada, quando Dé pediu mais uma cerveja, trocou o copo jogando o restante de bebida na calçada e disse: “Não leva a mal eu não querer te dizer direito, te explica ali o negócio.” Respondi que não havia problema algum, que não se incomodasse com isso, que aquela gentileza de conversar comigo assuntos tão importantes pra mim como o futebol era o mais importante, assim como me dar a oportunidade de conhecer uma localidade na qual eu me senti muito à vontade, como aquela. Eu comprehendia seus limites e que aquele assunto não era parte relevante da minha pesquisa, também que trocaríamos contatos para “num dia vermos juntos o América no Giulite Coutinho e quem sabe não vamos juntos a um Fla-Flu?” Mas antes que eu me pusesse em movimento e mesmo que o freiasse e disse:

É assim, você comanda a 1 [linha], pega as mercadorias e põe na mão de 10 [pessoas]. Cada um ganha 10% do que vender no dia. Ou, eu sou o meu linha de frente [patrão], pago “tanto” pra poder trabalhar tranquilo ou mais “tanto de tanto” pra rodar livre em qualquer ramal. Circulo em qualquer lugar. Ganho mais. Pago mais. Entendeu, mineiro?

O que nosso entrevistado demonstra é uma forma de fatiamento, entre lideranças e seus grupos, do trabalho informal em algumas localidades da cidade. Ela traz, porém, algumas características na concretização da mesma. Se por um lado fica evidente uma relação de poder entre a produção da mão de obra e uma liderança, há também a criação de uma rede desses trabalhadores informais para a realização de seu trabalho ao longo da malha ferroviária e suas adjacências. Miyasaka (2016, p. 21) ao observar as dinâmicas de populações trabalhadores e suburbanas no Rio de Janeiro afirma que “ao serem obrigados a encontrar um outro local de moradia tiveram que rearticular redes de relacionamento, formas de lazer e práticas associativas.” Muitas dessas práticas são surgidas de uma “insegurança estrutural” (Savage apud Miyakasa), que por sua vez tem origem nos processos de remoções e gentrificações produzidos pelo Estado ao longo do tempo. Processos sociais os quais afetaram prioritariamente as populações menos favorecidas. Das muitas práticas associativas, as formas do trabalho que se classificam como ilegais, informais, não regulamentadas por um poder estatal e etc., presentes e oriundas nos subúrbios cariocas merecem um olhar atento e sensível pois são “mecanismos criados pelos trabalhadores para enfrentar problemas outros” (idem) e tem a demonstrar para além das “estratégias de vida atualizadas nos bairros urbanos e nos lares quanto para o processo de trabalho em si mesmo” (ibdem).

As organizações das rotinas de trabalho de uma população também dizem respeito a organização desse mesmo tempo para o lazer, o entretenimento, o ócio. Mas, mais que um processo simplista e individual da organização do próprio tempo, como o quer as teorias do administrativismo da vida privada, o tempo disponível e empregado nas categorias acima, não está fora do próprio universo do trabalho e das relações sociais também advindas dele. Se transformam em possibilidades – concedidas, conquistadas ou negadas – dentro da lógica do próprio tempo “improdutivo”, ocioso, a ser empregado em um espaço. E são vários espaços em que não se tem garantido o acesso de uma categoria social. Classificadas em estereótipos sociais ou por sua (in) capacidade material-econômica no acesso a. Nesse ínterim, um estádio como o atual Maracanã é um objeto da cidade inacessível para muitas populações de trabalhadores suburbanos, periféricos. Enquanto, os estádios do próprio subúrbio se tornam mais acessíveis. Porém, não é via de regra a inserção de um público nesse aparelho. A principal causa, não é nele que se insere uma política de valorização do esporte na periferia, muito menos é ali que está todo o aparato do futebol espetáculo.

Dias após eu voltaria ao Rio de Janeiro para realizar uma entrevista que havia sido frustrada anteriormente. Combinada para ocorrer no Shopping Leblon ou no bairro da Gávea, próximo a sede social do Flamengo e ao comércio do entrevistado, que era um suposto ex-integrante de uma organizada do clube, que segundo um contato prévio, também havia sido membro de um conselho do clube social. Cheguei a ele por intermédio de um membro da Torcida Jovem Fla do Sul Fluminense. Segundo, este, ele era muito ativo no interior do clube, tinha contatos e etc. Como minha estratégia de pesquisa não contava com esse perfil de torcedor, não previa desenhar os membros do interior do clube, só me chamou atenção o fato de o primeiro sujeito afirmar que este segundo havia frequentado muito o estádio desde os anos 1980. Obtive o contato e fizemos uma primeira troca de mensagens. Em muitas vezes dava a opção por fazer vídeo chamadas, ou envio de áudio com questões. Mas, segundo ele, era melhor pessoalmente. Se descreveu como lojista e por isso, possuía um horário mais flexível. “Pode ser o dia que quiser. Te falo tudo. Inclusive como o Flamengo funciona.” Era uma situação bem chamativa e por duas vezes agendamos uma conversa pessoalmente. A primeira desmarcada, a segunda sem apresentação de justificativas e só com uma mensagem de “ok” ao confirmar de minha parte que estava a caminho. Algumas horas foram gastos esperando e sem nenhum contato comecei a refazer os planos para evitar que mais aquele dia fosse algo perdido. Caminhei pela Avenida Borges de Medeiros até a Avenida Gilberto Cardoso, circundando a sede do Clube de Regatas do Flamengo. Entrei pela Ministro Raul Machado, passando por baixo das arquibancadas do campo. Desaguei na Rua Mario Ribeiro, em paralelo com o *Jockey Club Brasileiro*. Após circular por todo redor daquela sede de muros enfeitados em rubro-negro, me bateu uma dúvida do que fazer. Era o caso de aceitar a derrota, fazer alguma refeição e fazer todo o trajeto de retorno para a cidade do aço. Cheguei a ficar na porta do Clube para tentar alguma entrevista, mas não me senti à vontade na abordagem. Não tinha traçado essa estratégia e talvez a própria situação de estar diante da sede de poder do clube me trouxe uma certa dúvida, um certo desconforto.

Decidi então almoçar no Shopping Leblon e ao caminhar em direção ao mesmo, passando novamente pela loja oficial do clube e entrando pela Rua Afrânio de Melo Franco, me lembrei de um samba de Bezerra da Silva<sup>158</sup> e consequentemente da Cruzada São

---

<sup>158</sup> “A querida cruzada São Sebastião - antiga Praia do Pinto que deu o Adílio um grande campeão.” Saudação às favelas (Pedro Butina e Sergio Fernandes), 1985.

Sebastião<sup>159</sup>, ou foi inconscientemente o inverso. Em “Saudação às Favelas”, o sambista pernambucano, erradicado no Morro do Cantagalo, Zona Sul Carioca, saúda as favelas do Rio de Janeiro ao versar quando cita a antiga Praia do Pinto – atual Cruzada – menciona também, indiretamente, o rubro-negro da Gávea, de quem era torcedor, na figura de Adílio, jogador do Flamengo, grande campeão pelo clube nos anos 1980 e oriundo daquela favela. O jornalista, historiador e rubro-negro Lício de Castro também construiu um interessante documentário sobre essa localidade do Rio de Janeiro e as disputas territoriais em torno da mesma. Moradores da CSS de um lado, associações de moradores do Leblon e o alto empresariado da construção civil do outro, bem como o avanço da especulação imobiliária sobre o conjunto habitacional de caráter popular encravado num bairro de classe média alta, onde se situa um dos maiores *pib* da cidade. Lançado originalmente no ano de 2011 pela emissora esportiva SporTV, o documentário encontra-se disponível pela internet e conta com depoimentos de vários moradores, à época, e de figuras oriundas da Cruzada, como o também jogador rubro-negro Júlio César, o Uri Geller.

Eu havia conhecido um torcedor do Flamengo, morador da Cruzada São Sebastião, em 2015, numa pesquisa de campo no Maracanã. À época, sua entrevista havia ficado em segundo plano, justamente porque o assunto àquela ocasião era mais o Maracanã e menos o seu clube de coração. Indo em direção ao shopping passei pela CSS observando a movimentação entre seus diversos prédios. A paisagem urbana se compunha de pessoas debruçadas sobre as janelas laterais, alguns transeuntes no vão dos prédios de coluna vermelha assim como automóveis emparelhados entre a Humberto Campos e a AABB (Associação Atlética do Banco do Brasil).

Realizando minha refeição a metros dali, tive a ideia de convidar um amigo rubro-negro, morador do Catete, para ir até a Cruzada me fazendo companhia. Eu não teria uma aproximação exitosa naquele campo sem nenhum contato à disposição e nem mesmo credenciais que me possibilitasse me apresentar uma maneira de aproximação ou mediação. A bem da verdade, eu tentava sem muita técnica prévia encontrar um rubro-negro e assim elaborar uma entrevista espontânea, pois este era meu objetivo primeiro. Mas meu entrevistado, que a *priori*, possuiria tanto a informar e dizer, sequer apareceu ou deu uma justificativa para a ausência. Nem mesmo um apelo visual eu possuía naquela ocasião. Nem uma camisa, um boné do Flamengo. Da forma como eu estava necessitaria mesmo de um intermediador que pudesse causar uma

---

<sup>159</sup> Disponível no Youtube.

sensibilização, fosse o caso, ao realizar uma abordagem. Daí que este amigo é recrutado. Ele também advindo da História e das Ciências Sociais soube bem o que eu havia lhe pedido. Prometeu se arrumar a caráter e em torno de quarenta minutos me encontraria no Jardim de Alá, próximo a Cruzada São Sebastião. Após mais de uma hora eis que ele chega ao local marcado. De *dreadlocks* volumosamente arrumado e escorrido pelas costas, uma camisa rubro-negra listrada sem patrocínios, bermudão e tênis de skatista e a testa a escorrer suor. “A caminho do Maracanã? ” Perguntei em tom de brincadeira. No calor modo estufa que estava aquele dia na cidade maravilhosa, minha camisa cinza já havia mudado de tonalidade, a mochila com livros e um caderno me pesava os ombros e uma certa irritação pelas frustrações anteriores cansava a mente. Imaginava o sofrimento do caro companheiro a me salvar. O “sacrifício” de ter sido retirado do seu ar condicionado, o aconchego de suas tarefas no *home office* para participar de uma tentativa de trabalho de campo que poderia não dar em nada.

Entreguei a ele um mini caderno, uma caneta e partimos para as entradas da Cruzada São Sebastião. Passando uma por uma observando, caminhamos até o fim da rua, próximo a Igreja Dom Helder Câmara<sup>160</sup>. Algumas pessoas transitavam por aquele caminho, algumas senhoras paradas na segunda portaria, mas ninguém que pudéssemos conversar sobre futebol, sobre o Flamengo. Caminhamos de volta, sentido a Borges de Medeiros sem muito êxito. Decidimos nos separar. Ele ficaria naquela região. Eu daria mais uma volta e também passando pela frente do Shopping Leblon. Numa carrocinha móvel, estilo carrinho de picolé, na esquina da Cruzada estava anunciado “Refresco R\$ 4”. Comprei dois sucos de laranja, um para mim, outro para meu companheiro, e perguntei ao vendedor se ele morava pelas redondezas ou na CSS. Ele respondeu positivamente. Então comecei a conversar despretensiosamente sobre o futebol carioca. Os times do Rio, o bom elenco do Flamengo. Márcio, falou pouco sobre o tema que me interessaria. Disse ser torcedor do Fluminense, mas que achava o elenco rubro-negro muito superior a qualquer time brasileiro. Como o assunto não estava para render, agradeci e fui a caminho de encontrar meu parceiro naquela empreitada e lhe ofertar o refresco como agradecimento. Voltei a caminhar na rua lateral e não o encontrei de princípio. Fui até o final e voltei e para minha surpresa ele se encontrava nas dependências da segunda portaria com uma mulher à sua frente. De cabeça baixa ele escrevia alguma coisa segurando o mini caderno nas

---

<sup>160</sup> O renomado padre da Igreja Católica foi um dos responsáveis pelo surgimento dos primeiros prédios do conjunto habitacional que daria origem a CSS. Sua memória permanece viva para a história do lugar, assim como para os moradores mais antigos.

mãos. Entrei um tanto desconfiado, por não saber se poderia adentrar ao espaço sem uma solicitação prévia. Fui em direção a ambos, pedi licença e coloquei a garrafinha plástica de suco na mureta de um jardim de chão. Ofereci o meu à mulher, que foi recusado, e me retirei. A minha vontade era de parar ao lado e participar daquele momento. Mas o trabalho sócio antropológico, naquele instante, era dele. A entrevista abaixo é uma transcrição daquilo que ele ouviu, perguntou e produziu.

- Qual o nome da Senhora e quantos anos a Senhora tem?

Carmem e 56 anos.

- Eu perguntei para a Senhora se a Senhora gostava de futebol e a Senhora disse que torce para o Flamengo.

Sim. Isso mesmo.

- A Senhora mora na Cruzada desde quando.

Acho que 1992. Ou 1993.

- A Senhora já fez parte de alguma torcida organizada do Flamengo ?  
Não. Acho perigoso.

- A Senhora já foi ao Maracanã?

Muito. Quando mudei para aqui, eu ia muito. Eu, meu falecido marido, a Dora, o marido dela e os filhos.

- E a Senhora ainda vai ao Maracanã?

Não. A última vez foi na Copa. Mas não foi pra ver o Brasil. Vi a Argentina e uma seleção lá dos lados de lá. Tudo muito bonito.

- A Senhora não se lembra qual foi o jogo?

Era uma seleção dessas lá da Rússia [Presume-se que o jogo tenha sido Argentina x Bósnia-Herzegovina]

- E o que a Senhora pensa desse futebol de hoje? Preço dos ingressos, o campo?

Acho que é pra rico. Eu só fui na Copa porque ganhei um ingresso de uma amiga da minha filha que ganhou numa promoção.

- A Cruzada São Sebastião já teve problemas pra se manter aqui no Leblon?  
Muitos. Tem até hoje. A gente luta muito pra ficar aqui. Querem sempre tirar a gente. Esse shopping sempre quer.

- O que vocês fazem para continuar aqui?

A gente briga. Só isso.

Enquanto meu parceiro de campo realizava sua entrevista eu me aloquei numa barraca ambulante perto a portaria central da CSS. Entre as várias mercadorias ali expostas passavam moradores do local e dos arredores, além de frequentadores do clube do Banco do Brasil. Um senhor trajando um uniforme cinza saiu da AABB e caminhou em direção a barraquinha. “Ô garoto, vou pegar uma vassoura aqui. Põe na conta do patrão.” Virou-se para mim e perguntou: “Tu trabalha aí? O Renato vai vim pagar depois.” Eu disse que não trabalhava, só estava esperando algum rubro-negro para conversar. “Flamenguista? Fala comigo!” Ele estava no horário de trabalho e perguntou se poderia ser rápida a conversa. Disse que entregaria a vassoura

adquirida na barraca e voltaria até o portal de entrada da Associação. “Não suja pra você? ” Perguntei. “Se sujar, a gente limpa. ”

Cosme é auxiliar de serviços gerais e morador da Cruzada São Sebastião. Segundo ele, tem o privilégio de trabalhar ao lado de onde mora. Mas nem sempre foi assim. “Morei no Batan, Andaraí, Borel, Vila do João e tem dez anos que estou aqui. ” Além de auxiliar de serviços gerais, em seus últimos empregos foi “vigia”, porteiro, manobrista, auxiliar técnico de eletricista predial. Segundo ele morar na Zona Sul tem suas vantagens e desvantagens.

Tudo é muito mais caro. Mas tu consegue trabalho mais rápido. Se não ficar de corpo mole, sempre tem um prédio precisando de porteiro, uma limpeza. Então, tem esse lado.

- Você mora na Cruzada e torce para o Flamengo, certo? A Cruzada já deu ao Flamengo dois jogadores. Você chegou a ver algum deles jogar no Maracanã? Sim. Foi aquele clássico do Flamengo. Campeão de tudo. O Adílio morou aqui mesmo.

- Você ia muito ao Maracanã ver o Flamengo?

O Flamengo e o Botafogo. Eu tinha um tio que morava no São Cristóvão e era Botafogo doente. Muito jogo do Botafogo eu ia com ele. Eu vi o Botafogo campeão.

- E esses jogos, tem algum especial?

Muita coisa eu nem lembro mais. Meu tio gostava de um marafo. Teve um jogo do Amériquinha e Guarani. Que ele bebeu todas e dormiu na arquibancada. E pra acordar o homem? E ele era grandalhão, magrelão, pesado. Meu amigo, pra ressuscitar o morto. Eu penei.

- E o jogo?

Nem lembro, nem sei. Eu fiquei andando ali na Geral. Estava vazio. Mas eu lembro da camisa do Guarani que era um verde muito bonito. Me lembrava uma camisa que eu tinha no colégio. Pra você ver a lembrança.

- E o Flamengo no Maracanã?

Também fui muito. Vi aquele time pesado do Zico, Andrade, Junior, Raul. Tu falou do Uri Geller, do Julio. Vi muito ele jogar. Entortava geral em campo. Cascudo. Magro.

- E quando você ia no Maracanã, você frequentava qual espaço?

Sempre pela Geral. Era onde dava pra ir.

- Dizem que a Geral era desconfortável, era ruim de ver o jogo.

Não achava. Dependia do lugar. Eu gostava de ir na Geral. Só tinha que tomar cuidado com mijão. Às vezes alguém ficava puto da vida com o time e jogava uma bolsinha. Ou, encostava escondido e mijava ali mesmo. Se não ficasse esperto pisava no mijão.

- Pra encerrar, você vai ao Maracanã hoje em dia ver o Flamengo? Não.

- Por que não?

Não tenho ânimo, nem dinheiro. Deixa essas coisas de estádio pra vocês que são jovens. Mas ainda vejo na televisão. Quando to trabalhando à noite, ouço no rádio. Mas no campo não tenho mais idade, não. Já foi.

Assim me despedi de Cosme e voltei a procurar por meu parceiro de empreitada. O flamenguista, trabalhador que recém entrevistara deram algumas pistas de como era ser um trabalhador na cidade do Rio de Janeiro. Em seu caso, o êxito de habitar próximo ao local de trabalho havia demorado a chegar em sua vida. Antes disso, rodara por diversos bairros do subúrbio carioca, realizando seu ganha pão em trabalhos onde a baixa exigência de qualificação profissional, possivelmente, também lhe garantia uma remuneração aquém das necessidades humanas. Sua situação, embora, aparentemente mais confortável na ocasião, ainda parecia lhe privar da aquisição de bens materiais e culturais. Não saberia julgar se o cansaço ao qual lhe referia dizia respeito a somente a estafa física do exercício da profissão, ou se também seria um álibi para as outras prioridades financeiras; e neste caso o lazer e o entretenimento não estaria na lista.

A Cruzada São Sebastião é um retrato fiel da cidade do Rio de Janeiro como um todo. Não queremos com isso, usar de generalizações. Poderíamos incorrer num discurso sedutor, mas empobrecedor das possíveis análises de cientistas humanos e sociais que possuem chaves de leituras e especializações elaboradas para analisar cada fenômeno presente nas relações urbanas e as dinâmicas de seu grupo em caráter micro. Porém, ao passar uma tarde naquele microuniverso social poderíamos apontar vários fenômenos que tanto seus moradores – em termos individuais – quanto a coletividade – a Cruzada em si mesma –, passa no dia a dia. Enquanto entrevistava Cosme, recostado no muro da AABB, não foi raro ver alguns associados passarem rápido pela portaria e olhando com certa desconfiança para os prédios do conjunto habitacional. Como também não foi raro o certo olhar de estranhamento de alguns passantes da Avenida Central ao olhar para o lado da CSS. Bastou ficar na esquina da Humberto de Campos com a Borges de Medeiros e perceber os olhares dos motoristas que dobravam a avenida para o outro lado do bairro. Aquele não era – e não é – meu objeto de estudo. Mas naquele momento, o incomodo me fez pensar em alguma forma de atrelar os temas Flamengo, Futebol, Rio de Janeiro, Cruzada São Sebastião, para ouvir o outro lado. O lado daqueles que não estão na CSS. Bastava continuar na rua. Aquele mesmo Shopping no qual eu almocei. Ali, notadamente, a visão seria outra. Ou não? Combinei algumas perguntas e fomos, em direção ao lado mais rico daquela localidade.

A metros dali, entre apartamentos de classe média, estava o Shopping Leblon. Eram mais de duzentas lojas espalhadas num complexo comercial que abrigava paralelamente

escritórios e salas individuais. Tudo no padrão *shopping center*, não sendo demonstrando nada de inovador em termos de arquitetura ou coisa que o valha.

Direcionamos nossa abordagem a dois públicos: o primeiro seria o de funcionários do *shopping*. Pessoas da limpeza e segurança. Não funcionários de estabelecimentos comerciais. Julgamos que estes não teriam tempo, em meio a sua atividade, para nos responder. Como forma de aproximação dos referidos funcionários nos valíamos de duas perguntas a serem usadas de acordo com o critério momentâneo: a localização de um sanitário masculino para uso ou a localização de uma loja esportiva. As perguntas seriam usadas como padrão, mas havendo a possibilidade de iniciar uma conversa prévia, isso deveria ser utilizado, visto que é com a conversa que a aproximação se torna mais sensibilizada. Uma pergunta, às vezes, como forma de aproximação, incorre numa objetividade bloqueante entre os agentes. O segundo perfil de público a ser abordado seria o de clientes. Abordados fora das lojas e nunca nas praças de alimentação.

As questões básicas seriam duas, podendo a nosso critério e do tempo disponível da pessoa entrevistada se desenrolar em outras. Começamos então pelos funcionários. Na entrada do prédio, um manobrista – função que se estava determinada no crachá de identificação – organizava a entrada de automóveis no estacionamento do prédio. “Estou fazendo uma pesquisa, poderia responder duas perguntas? ” “For rápido, sim. ” “O senhor conhece a Cruzada São Sebastião? ”

“Conheço. ” “Concorda com uma política pública de revitalização do conjunto habitacional para seus moradores? ” “Não. Não tem que gastar dinheiro público ali. ” A segunda pergunta era hipotética. Eu desconhecia qualquer política pública municipal para a localidade. Mas queria, através desse questionamento, descobrir como cada entrevistado (a) pensava sobre aquele território. Posso lhe fazer uma última pergunta? Após parar um grupo de pessoas sob um lado da calçada, retirar o cone da entrada do estacionamento para que dois carros passassem ao interior do estabelecimento, voltar com o cone e permitir o tráfego de pedestre Antônio me voltou a atenção. “A Cruzada São Sebastião deveria ser revitalizada como um condomínio privado que a integre melhor ao Leblon? ” “Com certeza. Deixar mais apresentável. ” “O senhor mora em qual bairro? ” “Maria da Graça. ” Com essas informações agradeci, terminei minhas anotações e adentrei ao *shopping*.

Já na primeira abordagem ficava evidente que muitas contradições do julgamento social apareceriam naquelas consultas. O antagonismo na opinião do entrevistado ao perceber as

diferenças de finalidade e intervenções que se queriam, das categorias público e privado, travestidos nas sentenças por palavras como *conjunto habitacional* e *condomínio*, estava notoriamente lido e expressado oralmente em sua visão de mundo. O setor público não deveria empregar seus recursos para fazer do local, um local mais digno e integrado na dinâmica urbana da cidade, do bairro de classe média. Já, ao setor privado, representado por seu tentáculo imobiliário, este seria capaz de melhorar o desenho urbano do *lócus*.

Nessa esteira, das quarenta e três abordagens em geral, realizamos vinte e oito de forma exitosa. Sendo, sete entrevistas de funcionários e vinte e três de clientes. Não dividimos por gênero, tampouco por faixa etária; todas entrevistas, porém, com adultos. Dessa forma, as respostas às questões se apresentaram da seguinte maneira:

1. Você conhece a Cruzada São Sebastião?

Os sete funcionários do *shopping Leblon* abordados responderam, *sim*.

Dezesseis pessoas responderam *afirmativamente*. Sete pessoas responderam *não*. Sendo a essas explicado rapidamente do que se tratava a Cruzada São Sebastião. Duas delas não moradoras do Rio e que justificaram não terem opinião sobre. Logo, descartadas das questões que se seguiam.

2. Concorda com uma política pública de revitalização do conjunto habitacional para seus moradores?

Os sete funcionários do *shopping Leblon* abordados responderam concordar.

Doze pessoas responderam concordar. Seis pessoas não souberam opinar. Cinco pessoas responderam *não* concordar.

3. A Cruzada São Sebastião deveria ser revitalizada como um condomínio privado que a integre melhor ao Leblon?

Cinco funcionários do *shopping Leblon* disseram *não*. Um funcionário respondeu *sim*. Outro funcionário disse não saber.

Três pessoas disseram *não*. Vinte pessoas disseram sim. Duas ponderaram ressalvas. Caso os moradores fossem mantidos e ou tivessem prioridade.

A Cruzada São Sebastião era conhecida na localidade. Ambos os grupos abordados tinham total conhecimento da sua existência. O que poderia nos levar a crer que o local de

circulação dos entrevistados era aquela região da Zona Sul carioca. Sobre as questões 2 e 3, onde há, em certa medida, a existência de temas mais sensíveis ao modo de existência do lugar, as opiniões em sua maioria, concorda com processos de revitalizações e um redesenho, ao menos arquitetônico da localidade. Porém, as pessoas entrevistadas, que funcionalmente correspondem aos estratos menos abonados no universo do trabalho possuem uma sensibilidade maior ao tema. Talvez por se reconhecerem na comunidade. Outros e outras entrevistadas não conseguiríamos fazer tal leitura. Somente realizamos uma crítica do julgamento a partir da opinião exposta em sua forma.

Transcreveremos aqui alguns casos que surgiram nessa empreitada de uma micro pesquisa sobre esse lugar. A começar. Após algumas poucas horas rodando entre os andares, um dos seguranças do segundo andar estava perceptivelmente nos acompanhando. Antecipei-me ao que possivelmente seria uma abordagem antipática e rude. Apresentando-me de cara como um pesquisador da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, disse estar em um trabalho de campo sobre o futebol. Que estava realizando uma observação e brevemente contataria algumas pessoas. “Mas você tem autorização da administração do shopping pra fazer? ”. Argumentei que não, pois na página do shopping na internet não havia nenhuma informação de que fosse necessária. Mas, caso, precisasse, poderia falar com a administradora era só ele me levar até ela. “Não. Tranquilo. É só não parar entre escadas, elevadores, na porta de loja...” “Beleza. Você torce pra que time? ” “Flamengo. ” Então, depois posso falar com você? “Agora não. Tenho que ficar no posto, ali. ” Agradeci e para não deixar qualquer problema naquele andar, subi ao próximo.

Avistamos um grupo de oito pessoas próximas a um restaurante. Todas elas paramentadas com camisas rubro-negras. Quatro adultos e três crianças, me aproximei apresentando-me e dizendo das minhas intenções de pesquisa. Aquele grupo familiar, originário de Coronel Fabriciano, no estado de Minas Gerais, estava em visita ao Rio de Janeiro pela primeira vez juntos e naquele dia conheciam a sede do Flamengo, também o Cristo Redentor e o tour no Maracanã. “Espero que dê tempo”, disse Rafaela, que junto a seu esposo Hiago, os pais e as crianças estavam hospedados no Leblon e demonstravam o encantamento com a cidade. Com grande receptividade na conversa procurei direcionar o tema ao futebol em si e como começaram sua visível paixão pelo rubro-negro carioca. Não é fato novo um grupo de

mineiros torcerem para times do Rio de Janeiro ou mesmo de São Paulo. O pai de Rafaela, Sr. Sebastião, falou que ouvia muito pelo rádio<sup>161</sup> o time do Flamengo.

Gostei do Flamengo pelo rádio. Ouvia jogo e a Voz do Brasil, ainda hoje eu escuto. Tinha mais jogo do Rio no rádio do que do Cruzeiro e do Atlético. Eu também torço pro Cruzeiro. Mas eu torço mesmo é pro Flamengo.

Perguntei se quando os dois se enfrentavam a torcida pendia para qual clube. Rafaela interrompeu: “Uai! Ele vai falar que é pro Flamengo! ” Confirmando a opinião da filha, “quem ganhar tá bom. Mas eu prefiro que o Flamengo ganhe. ”

O rádio e o futebol possuem uma relação simbiótica. E as ondas sonoras das rádios de Rio de Janeiro e São Paulo foram capazes de cooptar torcedores para as agremiações dessas cidades em muitos rincões do país. Esse sistema de comunicação em massa “estabeleceu-se a partir de uma dupla determinação: um veículo de comunicação privado, portanto subordinado às regras do mercado, mas, ao mesmo tempo controlado pelo Estado” (Calabre, 2004, p.12). Nesse ínterim que em 1939 – durante a ditadura do Estado Novo de Getúlio Vargas – que seu Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) irradia por todo o Brasil o programa a Hora do Brasil (idem, p. 20); o qual mais tarde se tornaria A Voz do Brasil, programa citado por Sr. Sebastião.

Otávio Correa nos mostra que “em Minas Geraes em 1932 (...) os jogos entre Vasco (RJ) e Athletico Mineiro eram transmitidos pela Rádio Mineira, a primeira de Belo Horizonte, e retransmitidos por algumas rádios do Rio de Janeiro, como a Rádio Guanabara. ” Com isso demonstra-se a incipiente circularidade da notícia-informação que, instalada na década anterior, se ancora à partir dos anos 1930 e se expande nos períodos seguintes; a tal ponto que, com o avanço das tecnologias, se torna um hábito nas arquibancadas nacionais o torcedor e seu rádio de pilha.

Já Rafaela e Hiago – um jovem casal, na faixa dos trinta anos de idade – se tornaram rubro-negros sem a influência do rádio, mas da televisão. Contaram que viam todos os jogos juntos e acompanhados de amigos. Perguntei se já tinham ido ao Maracanã acompanhar alguma peleja do rubro-negro. “Ele já. Eu tentei, mas não tive como deixar as crianças. ” “É., Mas eu cheguei vi o jogo e fui embora no outro dia cedinho. ” Questionei se era muito longe, não conhecia as distâncias do Rio até a cidade onde moravam. “Trabalho em Belo Horizonte. Vim

---

<sup>161</sup> (2021, p. 342).

de avião. Ô bobo, ônibus dava pra vim, não. Dia de semana, sô. ” Segundo seus pais e seu marido, Rafaela é a mais empolgada com o Flamengo. Seus pais disseram que “ela é mais torcedora que nós dois juntos e olha que gostamos muito, mas essa aí é doente no Flamengo. Ela queria ir pra aquele jogo lá na Arábia [Catar]”; referindo-se a final do Mundial de Clubes contra o Liverpool (Inglaterra). “Doente, não. ” Retrucou. “Apaixonada! ” Após um pouco mais de conversa descontraída começaram a me interpelar sobre a cidade do Rio de Janeiro. Qual o melhor meio de se locomover, sobre violência e etc. Dei algumas recomendações, algumas dicas gastronômicas e alguns pontos turísticos que não estavam no roteiro por eles me informado e me despedi desejando que aproveitassem bastante a cidade, na qual eu também era um forasteiro.

Dona Maria Alves é uma das auxiliares de limpeza do shopping. Moradora da Rocinha, ela respondeu as nossas indagações sempre de forma empática à CSS. Disse também conhecer um pouquinho da história de algumas comunidades do Rio. Isso porque foi aluna de um curso de Jovens e Adultos (EJA) em sua comunidade, onde conclui seu ensino médio. E lá, vários professores “ensinam um pouco da nossa história”, se referindo especificamente a história dos negros no Rio de Janeiro e a história da própria cidade. Perguntei sobre algum fato aprendido por ela que lhe chamara atenção. A mesma citou sobre o Cais do Valongo<sup>162</sup> e sobre as reformas urbanas que buscaram retirar “pobre e preto do centro da cidade. ” “Eu nunca imaginei que ali era onde chegava o navio dos escravos. ” Maria Alves, também afirmou a importância da luta das pessoas pobres por condições melhores de moradia, de vida.

Pobre sofre muito nesse lugar. O que eu já passei. Criei três filhos, praticamente sozinha. Pra colocar pra escola, pra dar de comer. Muita ajuda. Mas graças a Deus passou. Hoje sou muito agradecida. Mas não foi fácil. Tive que apertar o cinto.

Perguntei a ela se gostava de futebol e Dona Maria respondeu negativamente. Pois, “como não tinha tempo para diversão, nunca ligou muito. ” Mas nesse momento, Dona Maria Alves em um tom melancólico relatou ter sido vítima de uma tragédia familiar e dos problemas

---

<sup>162</sup> Segundo o IPHAN, o hoje sítio arqueológico Cais do Valongo foi “revelado, em 2011, durante as obras do Porto Maravilha, que abrange uma área de cinco milhões de metros quadrados, o Cais foi construído em 1811 pela Intendência Geral de Polícia da Corte do Rio de Janeiro. O objetivo era retirar da Rua Direita, atual Rua Primeiro de Março, o desembarque e comércio de africanos escravizados que eram levados para as plantações de café, fumo e açúcar do interior do Estado e de outras regiões do Brasil. Os que ficavam na capital, geralmente eram os escravos domésticos ou aqueles usados como força de trabalho nas obras públicas. ”

relacionados à violência, a segurança pública e a alta mortandade de jovens pobres, negros e consequentemente periféricos na cidade do Rio de Janeiro. Segundo ela, o filho do meio gostava muito de futebol. Sendo torcedor do Vasco da Gama. “Ele se envolveu com o que não devia. Queria sair, mas já estava muito envolvido. Aí, Deus levou.” Ofereci a ela os possíveis confortos e um chocolate que trazia na mochila. Também agradeci imensamente suas opiniões na pesquisa e aquela conversa, que fora tão rápida, mas que devido as circunstâncias, tão intensa. O campo nos revela dentre as inesperadas surpresas, também as dores dos arquivos pessoais que são as pessoas.

Uma terceira situação aconteceu com meu parceiro ao abordar de forma aleatória uma mulher. Taís, de 28 anos, moradora do bairro do Flamengo e torcedora do clube homônimo, estava com uma companheira e identificada com uma camisa branca do seu time. Meu companheiro de pesquisa também estava com sua camisa rubro-negra e logo a aproximação foi sensibilizada para responder também sobre o futebol. Taís se mostrou contrária às questões sobre a Cruzada São Sebastião. Para ela, o melhor seriam boas casas para os moradores atuais do lugar e até mesmo “alguns poderiam ter um imóvel melhor, mas em preços mais acessíveis ou financiamentos” e a transformação da Cruzada em prédios ainda maiores com o aumento da capacidade de moradia e prédios mais rentáveis. Para ela “não é nada contra as pessoas que estão lá. Mas uma forma de melhorar para todos”. A Cruzada São Sebastião foi formada após um incêndio suspeito que reduziu à cinzas a antiga Praia do Pinto, que ficava próximo ao que se tornou a CSS. A lógica da especulação imobiliária da época, parece ter sobrevivido e atua ainda hoje de modo a renegar o direito à moradia digna e suplantar a lógica do lucro geospacial. Nossa entrevistada em questão concordava com essa premissa. Em termos de futebol ela relatou a seguinte visão:

- Por favor, qual seu nome, idade e se possível o bairro onde mora?

Taís, 28 anos, moro no Flamengo.

Você é Flamengo desde quando?

Desde sempre. “Uma vez Flamengo, sempre Flamengo”

Meu pai é Flamengo e tenho primos Flamengo.

Você vai ao Maracanã?

Quase todos os jogos. Sou sócio torcedora.

Qual foi o jogo mais marcante pra você?

Mais marcante? Cara, são vários. Mas acho que foi a primeira vez que fui ao Maracanã. Meu pai me levou no primeiro jogo da final da Copa do Brasil, contra o Vasco. Eu ia fazer 12 anos. Foi mágico. Lembro do Maracanã lotado, muita gente. E o legal foi que a gente chegou super cedo. Tipo, meu pai com

medo de dar porrada. Aí ficamos sentados assim, vendo a torcida chegar. Lembro das luzes assim arquibancada.

- E tem outro dia?

Muitos cara. Tu é Flamengo. 2009, a apresentação do Ronaldinho na Gávea.

- Agora, pelo que está dizendo, você frequenta muito o estádio. Você viu boa parte do processo de reforma do Maracanã até chegar a como está hoje. Qual Maracanã é melhor de torcer?

Sem dúvida o de hoje. Assim. Eu não lembro de muita coisa. Acho que as arquibancadas ficaram melhores, o espaço interno, mas é meio apertado, às vezes. Mas assim, não era ruim, não. Meu pai fala que era um lixo no tempo dele jovem. Que eles iam. Mas era super ruim. Sujo. Uma bagunça. Eu não lembro de pegar algo assim. Mas tipo, tem muito o que melhorar, ainda. Tipo uma certa variedade de cardápio, umas cervejas diferentes. Eu já fui a Londres e Manchester. Outra coisa.

- O que é melhor?

Cara. O estádio é um parque de diversão. Não. É um mega shopping pra quem gosta de futebol. E o torcedor é tratado como um rei lá dentro. Tudo é para o torcedor. No Brasil, tudo é para o clube. Acho mais. Tudo é para os políticos. Os políticos do clube, os políticos políticos. O bom torcedor, fica pra lá.

- Mas o que é diferente lá?

Cara, é uma experiência. Ir ao estádio é uma experiência. Da cerveja até sentar na arquibancada.

- Você falou de ser um bom torcedor. O que é um bom torcedor? Quem vai pro estádio torcer. Sem bagunça. Pular, cantar. Sem briga.

- Quando você vai ao Maracanã em qual setor você prefere ficar?

Depende. Quando vou com meu pai vamos de Norte. Com meus amigos, Leste Inferior. Mas assim. Às vezes em outros lugares também.

- O que você melhoraria no Maracanã?

Essa parte da experiência para o torcedor. Você já viu NBA [National Basketball League], já foi? Então. Eu fui em um jogo dos Bulls. Cara, é um espetáculo. Um espetáculo. Se tu não quiser ver jogo, você fica perambulando pela Arena fazendo coisas. Mas é claro que todo mundo vai pelo jogo e o próprio jogo é um espetáculo em si. Pelos jogadores, pelos personagens que entram em quadra para animar a torcida. É muito maneiro.

- Então essa experiência que deve ser melhorada no futebol?

Com certeza. Tenho um amigo do Paraná. Ele é da Fanáticos [torcida organizada do Atlético Paranaense] ele me mostrou as fotos de lá. Deveria ser assim. No Maracanã ou até se o Flamengo fizesse seu estádio.

- Você é à favor de se fazer um setor popular, com preços acessíveis como era a Geral?

Cara. Vou parecer preconceituosa. Mas não é isso. Não sou, não. Acho que vale o quanto vale. Tipo. Um jogo em São Januário tem que ter ingresso mais barato porque São Januário é menor e tal. O Maracanã é maior. E aí vai. Mas tipo, aquilo que te falei sobre a experiência. Se tem uma boa experiência pra oferecer, que se pague por isso. Mas assim, em um show você paga mais caro pela exclusividade de ver mais perto ou melhore tal. Mas no estádio, só faz sentido ser mais barato se for lá no alto, por que aí a visão é pior.

Fica claro, até ao menos atento observador, que a visão da entrevistada para o futebol e para os demais esportes, é uma percepção voltada para o mesmo como mercadoria e como

espetáculo. Ou melhor, que essas formas de operacionalização da vida é que devem pautar suas diretrizes. Dessa maneira, o conceito de experiência é o fio condutor capaz de ligar as emoções do jogo, ao espaço no qual ele se realiza. Para tanto, a organização do mesmo deve garantir ao indivíduo que o mesmo não seja importunado pelas movimentações “naturais” das coletividades dentro de um espaço de reação em conjunto. O que nos aparenta ocorrer, na interpretação de alguns grupos, que o esporte seja um produto que deve ser embalado em determinadas fórmulas, formas e características para que os, minimamente, semelhantes a este grupo possam viver/experienciar a prática do mesmo. Em determinada medida é o que ocorreu ao mencionado pela entrevistada, futebol inglês e fazendo algumas analogias – que aparecem em trabalhos já citados aqui – que se pretendia subjetivamente com os megaeventos esportivos no Brasil.

Se por um lado a prática esportiva surge e reflete na era moderna tanto formas de superação do passado obsoleto e arcaico, como também o advento regras e normas civilizatórias, ela no tempo presente foi alçada ao patamar de ideário do consumo. E foi dando um passo além, mas ainda dentro dessa percepção, que ao esporte e concomitantemente ao seu ideário esportivo que se instala uma visão de “marca”. Como citado por nossa entrevistada ao mencionar a experiência bem-sucedida no basquetebol estadunidense, capaz de proporcionar aos participantes determinadas vivências que excluem, inclusive, o objeto principal – o jogo – para satisfazer o ímpeto da diversão, do entretenimento. Isso diz respeito, mais que as vivências proporcionadas, mas às fórmulas de otimização dos lucros adotadas pelas agenciadoras do esporte. O esporte-mercadoria, torna-se esporte-marca e isso graças ao modelo de liberalismo do tempo presente em que o seu motor, chamado capitalismo, se mostra como um capitalismo imagético, como definido por Fontenelle (2002). Nesse caso, o sentido da coisa é transformar-se em mercadoria, consequentemente, essa mercadoria transcenderia o *status* de coisa ao ter impregnada, em si, um sentido de “alma” – característica para além do *valor* da teoria marxiana. Mas sim ancorada no sentido do desejo por e do fazer para; uma perspectiva do sentido de uso individual e coletivo em termos de emoção, gosto e querer. Daí que Fontenelle pega de Randazzo a definição da alma da mercadoria. A alma são “os valores básicos que a definem, ‘seu núcleo espiritual’”.

Todo esse aparato do espetáculo no universo esportivo contemporâneo é, em grande medida, a tentativa de instituições organizadoras de eventos esportivos, orbitadas por outras tantas organizações privadas, construir em torno do esporte – seja ela qual for – uma indústria

em escala global para a obtenção dos máximos lucros da empresa capitalista. Seja nas ligas norte-americanas onde os times são franquias com vínculos mínimos com a localidade e com o território, seja na consolidação de um mercado financeiro profissional no futebol em que cada vez mais a vulgarização de valores orbitais joga no limbo pequenos clubes dos continentes menos abastados, assim como impede cada vez mais profissionais dessas localidades de chegar a ligas mais bem remuneradas. Eis o que produz o fetichismo da marca futebol. Mas ainda assim esse tipo de vivência, de experiência, de forma de experimentar o futebol – esporte mais popular do mundo - tem ganhado relevância entre torcedores desde o século passado. Porém, não sem resistência.

Um dos seguranças também abordou meu companheiro de pesquisa. Questionou o que se fazia. Repetiu o discurso de seu parceiro de trabalho, mas, sendo um pouco mais gentil. Disse que poderia contribuir rapidamente. Fabiano de 36 anos, respondeu com certas ressalvas as questões referentes a Cruzada. Uma de suas principais reclamações é justamente a segurança pública, isso refletido muito na função que exerce no shopping. Naquele momento cursava Direito e revelou que após o bacharelado começaria os estudos para ingressar nas polícias Civil ou Federal. Todavia, acredita que as populações mais carentes são “vistas como bandido”. Ele próprio já fora vítima de abordagens violentas de policiais. “Hoje eu só chego e saio do trabalho com esse terno. Aí ninguém vai pensar que sou vagabundo. Mas não fico identificado pra não dar mole.” Fabiano mora com a mulher e um filho no Engenho de Dentro, mas cresceu na Chatuba, onde os pais ainda moram. Disse gostar “normal” de futebol. Ser torcedor do Flamengo. Mas não vai muito a estádio de futebol. Conto nos dedos as vezes que fui nesse ano. Nem antes da pandemia eu ia muito. De imediato colocou a mão no ouvido e imediatamente disse que teríamos que parar. Havia algum motivo para isso? Sim. Você não pode fazer esses formulários aqui. Dessa maneira nossa incursão improvisada naquele território do Rio de Janeiro chegava ao fim com algumas questões ali postas. O Rio de Janeiro é multiplamente dividido e ao mesmo tempo um lugar de convívio dos mais variados grupos. Um convívio conflitante, diga-se de passagem. Onde existe também a busca pelo convívio consensual entre essas esferas distintas. Um consenso não pacífico, mas construído historicamente. Que passa a ser rachado, enfrentado, questionado, quando da resistência das classes por ele oprimidas. Daí, quando essa ferramenta consensual falha, seja por pressão oposta, seja por sua própria culpa e fragilidade, advém das forças coercitivas, dominadas por uma elite dominante que pretende a cidade, ou ao menos parte dela, para poucos, a opressão violenta e o controle social da cidade

– uma das fortes “marcas” exportadoras da imagem do Rio de Janeiro. Como nos lembra Maricato sobre as disputas em torno da cidade:

Há muitos interesses em jogo (na reabilitação dos centros das grandes cidades) *lobbies* fortes e bem organizados, inclusive interesses de agências internacionais (sempre bem-intencionados). Além da dimensão econômica, há a dimensão cultural e histórica, muito significativa. E, finalmente, há os excluídos de sempre, que querem reverter a regra do jogo, dos processos de valorização e expulsão. (2008, pp.150-151)

Depois de terminada aquela empreitada decidi não retornar de imediato para a cidade. Cancelei compromissos e pernoitei no Rio de Janeiro. O mesmo sujeito que havia me auxiliado aquele dia, ainda me deu mais uma jogada. Vou falar com um amigo aqui e ele vai te dar uma entrevista. Tenho que ver se ela pode amanhã. Ele faz um samba ali na Glória. Com uma mensagem de *Whatsapp* e dois telefonemas a entrevista fora confirmada para a tarde seguinte em um botequim à beira da Rua Pedro Américo, no Catete. Marcinho 7 cordas já estava no local, bebericando uma cerveja quando chegamos. Fomos apresentados e ele logo foi perguntando ao meu companheiro e mediador: “é esse aí que está escrevendo sobre o Flamengo? Mas tá falando bem o falando mal? ” Eu sorri e evitei a resposta. Pois, aliás, minha intenção não era nem uma coisa, nem outra. Marcinho vestia uma camisa da escola de samba Imperatriz Leopoldinense e revelou ter três paixões e um amor: Flamengo, Imperatriz, sua mulher e o samba. Disse que para os três primeiros faz quase tudo. Mas pelo gênero musical, já realizou e ainda faz qualquer coisa.

- Como você se tornou rubro-negro?

Tu acredita em vida passada? Eu sou Flamengo antes do Flamengo existir. Eu devia ser um espírito desses lá e já sabia que o Flamengo ia existir. Aí eu fui reencarnando, reencarnando, até nascer já Flamengo. (risos). Sério, meu pai era São Cristóvão e depois virou vascaíno. Eu cresci ali. Mas tinha um vizinho muito flamenguista era muito boa gente. Ele converteu uma molecada da rua. Ele era dono de uma loja de tecido e alfaiate. Ficava fazendo roupa pra criançada. De time, fantasia de carnaval. Esse moço que me fez Flamengo. Eu e mais uma garotada da rua.

- Por sua profissão você frequentou e frequenta vários espaços do Rio de Janeiro. Quais aqueles que são mais importantes pra você?

Tu diz da música? Essa é uma profissão. Eu sou comerciante. Tenho uma loja de elétrica. Não. Não dá pra viver só de música, não. Ainda mais no Rio. Gente pra caramba fazendo samba, tocando instrumento. Os “malandro” nunca fizeram uma aula e me engolem no violão. (risos). Não. O leite da criança vem da loja.

- Então você não vive de música, como dizem os profissionais.

Eu cheguei a fazer Conservatório. Mas depois larguei. Comecei Filosofia, parei. E fui pro Direito. Meu pai falava demais que todo mundo tinha que se virar pra trabalhar e estudar. Pra tu ver. Meu pai era durão, mamãe também. Mas ele dizia assim: trabalha e estuda. Pra não passar a vida de bermuda. Eu tive uma irmã que achava difícil estudar e trabalhar. Pai Não queria nem saber. E naquela época não tinha esse negócio de ensinar pelo computador. Era ônibus, trem, a pé. Mas era obrigação. Não teve moleza. Mas hoje eu sou desenrolado e meus irmãos também.

- Entendi. Mas então, me diga quais os lugares que você mais gosta de frequentar dentro daquilo que você mais gosta de fazer. Samba e futebol?

Negão, eu tenho três paixões e um amor: Flamengo, Imperatriz, minha dona [mulher] e o samba. Então, tu imagina. Eu trabalho pra manter isso aí. (risos). O samba e o futebol é coisa do além. É coisa divina. Já cantou o poeta. Mas eu rodo o Rio de Janeiro inteiro tocando. Onde tem um samba e da pra ir, eu vou. Ultimamente tem sido mais aqui a Zona Sul, por que tive umas complicações de saúde, aí. Mas rodo sempre com uma turma da pesada.

- E o futebol, o Flamengo?

Esse clube é inexplicável. Só quem é Flamengo, sabe do que é ser Flamengo. A nossa história é o Rio de Janeiro. O Rio de Janeiro seria mais triste se não fosse o Flamengo. Imagina. Clássico sem o Flamengo? Imagina? O Flamengo traz uma cor a cidade que ela não teria. Ta entendendo? O povo dessa cidade é sofrido. Seria mais sofrido se não fosse essas duas cores [aponta para a camisa do meu acompanhante]. Essas duas cores dão o ar da graça. O que salva o Rio do outro Rio é o samba e o futebol. E o futebol do povo é o Flamengo.

- Como assim “o que salva o Rio do outro Rio”. Há dois Rios de Janeiro.

Claro. Essa cidade é partida. Como dizia o Mestre Wilson das Neves<sup>163</sup>: o dia em que o morro descer e não for carnaval. Essa cidade é dividida, rachada em duas, em muitas. Tem um rio duro, violento, asqueroso, prepotente, racista. Por outro lado, tem um Rio do povo, do jeitinho mas pra se salvar. Esse Rio é poético, pode ser pobre de dinheiro. Mas é cheio de poesia, de luta diária, de trabalho duro. Ta entendendo. É a esse Rio que o Flamengo histórico faz parte. E esse Rio é que salva o outro. Se deixasse pelas mãos só do outro a cidade já tinha acabado.

Olha essa questão da violência. Que é tema internacional sobre o Rio. Só compete justamente com o futebol e o carnaval. O político vai dizer: culpa do pobre. O pobre é violento. Mas olha aí o que virou o Rio das Milícias. Milícia surgiu na classe média, média alta. Olha onde os caras que mataram a Marielle foram encontrados! Não foi aqui no Rato Molhado. Não tavam na Rocinha, no Alemão, no meio do Mato. Os caras tavam entocados na Barra. Condomínio de luxo com porteiro, carro importado e o escambau.

Se os pobres dominassem o Rio a gente seria feliz, meu chapa. A gente teria festa, poesia, dignidade. O pobre rouba ou dá um nó pra sobreviver e se divertir. Diversão é assegurado pela Constituição? É. Então tem que ter. Mas vai ver se tem. Quarenta graus no Rio, barraco não tem ar. Agora até que tem em alguns. Aí o pobre vai pra praia e é acusado de arrastão, selvageria. Que cidade é essa? E o sujeito ia pro Maracanã hoje, nem isso. Que cidade é essa que o morador só tem direito a seu lugar, sua viela, seu barraco apertado. E até lá a polícia esculacha? Então. Essa cidade só da certo porque tem a brisa de um lado. Falei pra caramba.

---

<sup>163</sup> O dia em que o morro descer e não for carnaval (Paulo César Pinheiro e Wilson das Neves) 1996.

- Mas eu to aqui pra ouvir mesmo, falar só o necessário. Você disse de um Flamengo histórico que faz parte de um determinado Rio.

É. Tu tem que dividir. Existe o clube, existe o time, existe a diretoria. O clube é a instituição histórica. Time e diretoria fazem parte. Mas não são a instituição. Eles passam. Fazem merda em nome da instituição. Acertam em nome da instituição. A instituição não é campeã. O time perde, ganha. A diretoria passa. Deixa de existir. A instituição é eterna. Isso aí é o Flamengo histórico. Um clube que é popular, mas foi elitista. Eu sei a história do meu clube. Flamengo é Gávea, pô. Zona Sul. Eu cresci em São Cristóvão, Caju, Vasco. Então eu sei. Todas as diretorias do Flamengo perderam a oportunidade de fazer do Flamengo a cara do Rio e do Brasil. Utilizar e não usar o Flamengo para algo melhor. Algo que construa. Nós somos a maior torcida. O Flamengo quebrou várias vezes. Impossível.

- Você disse que uma parte da população não tem sequer o direito de utilizar uma parte da cidade e quando tenta é coagida a voltar para seu lugar. Nesse sentido, você citou o Maracanã.

Sim, com certeza. Eu frequentei o Maracanã em diversas épocas. Desde criança. Até eu ir sozinho eu via tudo que meu pai me levava. E ele levava pra ver o Flamengo também. Aquele meu vizinho levava. Eu ia. Quando você chegava ao Maracanã. Primeiro. Era tudo quanto era gente. Era um espaço para todos mesmo. Sem distinção. E aí vou fazer uns parênteses. Eu falei que o Flamengo é o time do povo. É mesmo. É o maior. Vai ser maior em tudo. Mas quando você ia no Maracanã, você via o povo em todas as torcidas. O Bangu tinha torcida e era uma torcida bacana de se ver. Era só a rapaziada de subúrbio. Eu vi um filme do Bangu e passava a raziada de lá. Parece que todo mundo saiu de um baile dos anos 70 e foi ver o jogo. (risos). Parece que todo mundo ali da torcida se inspirava no Castor.

Mas então. Tu via o povo. O povo podia estar presente no estádio. Sem exceção. E isso durou até pouco tempo. Até o Fluminense que tinha essa bobeira de time da elite, você via uma massa ali torcendo.

Eu parei de ir ao Maracanã quando ele fechou de vez pra Copa. Aí o Flamengo ficou naquele troço de jogo na Ilha, Volta Redonda, fora do Rio. Parei. Acho que fui uma vez lá na sua cidade. Só.

- Não gostou do estádio.

Organizadinho. Mas achei o campo pequeno, ruim de jogar.

- E continuando sobre o Maracanã.

Então. Aí quando o Maracanã voltou. Pô. Outro estádio. Cadê o povo. Eu demorei a me reconhecer naquele troço. Cadeira pra todo lado. Um campo apertado. Eu até tentei ficar no meio da torcida, pra ver se ficava mais no esquema. Mas não.

Eu não sei como funciona torcida organizada. Nunca gostei. Mas eu pensei, ali, talvez tenha um pessoal mais minha cara. Que nada. Aquela velha guarda que torcia, torcia mesmo sumiu.

- Mas a que você atribui essa mudança no perfil de torcedores?

Eu vi uma palestra sobre isso e concordei com o cara. O ingresso ficou mais caro. Ficou. Mas o salário melhorou. Então o problema não está só no preço. Você concorda? Então, é o seguinte. É o futebol. O futebol ficou pior e aí o que tem a ver com o preço é o seguinte. Até uma parte do campeonato o sujeito consegue ir a um, dois, três jogos por que o preço é um. Depois de uma certa parte, não da mais e quando chega na reta final o preço vai para as alturas. E aí pelo valor, já há um corte de umas camadas mais pobres. E também tem aquela rapaziada que tem a grana, mas não dá pra ficar gastando sempre. O quando eu voltei a ver jogo, no estádio, assim que passou a Copa o Flamengo

montou lá o plano de sócio futebol. Eu não me associei. Passou o tempo o número de sócios havia crescido tanto que eu não conseguia mais comprar ingresso. Teve aquele *boom* da Libertadores e aí o torcedor comum se fodeu. Tive que me associar no plano mais barato, que já é caro. Pensa aí. Como que faz?

Então, isso também é um agravante. Também afasta.

- Estou lembrando aqui do que você falou sobre os dois Rios de Janeiro. Compreendeu agora? Faz sentido, não faz? Vou escrever um samba sobre esse troço. Essa cidade rachada partida.

- Tem vários, não é? Mas com certeza você terá algo a dizer.

Ah, tem! O que eu mais gosto de tocar nesse assunto é o *Saudades da Guanabara*<sup>164</sup> porque o Rio de Janeiro é um retrato em 3x4 do Brasil. “3x4 da foto e o teu corpo inteiro”.

E te digo mais: o Flamengo é um bom retrato disso aí. Inclusive por conta das construções, contradições, tradições e dos interesses por detrás.

- Esse samba é bem bonito mesmo.

Ah, esse samba é um dos mais bonitos que ouvi. Tem uma melodia divina.

- Remonta a um saudosismo nostálgico do carioca com a Guanabara, com um certo sentido de poder cultural que o Rio tinha mais estampado, não é.

Poder cultural e poder político. Esse foi o maior golpe dado no Rio de Janeiro, meu chapa. Não ser mais a capital Federal feriu o estado de morte. Então quem resiste? O povo. Aquele lado do Rio que te falei anteriormente. O samba, o carnaval, o trabalhador, que ta sendo esmagado por essa cultura elitista. Do lado de cá o povo. E os times do Rio precisariam se unir pra garantir o povo. A festa do povo. O evento do povo. O futebol como era antes.

Num dado momento de nossa entrevista, uma mulher que estava próxima, mas em uma outra mesa acompanhada de um casal, perguntou se poderia falar algo. Disse que nossa conversa estava muito interessante – possivelmente estávamos empolgados falando em um tom de voz além do habitual. Veriza se apresentou como filósofa, torcedora do Flamengo e também da Portela – não só nossa conversa, mas também a camisa auriverde da “Rainha de Ramos”, de Marcinho pareceu lhe autorizou a apresentação. Disse ter realizado estudos de pós-graduação em que analisava instituições e as formas de pensar e agir de seus membros diretivos.

Eu gostei do que você falou sobre a diretoria do Flamengo. Acho que tem a ver com a teoria da economia do Leon Trotsky. Um certo desenvolvimento desigual e combinado produzido por esses dirigentes. A diretoria do Flamengo tenta criminalizar o trabalhador. O torcedor trabalhador, pobre. Eles colocam o torcedor pobre como criminoso. E a forma de afastar esse *persona* sem demonstrar violência, é o preço, que você citou. O dinheiro. Ou se se associa ou não vê os jogos. Mas se associar é caro. Então, não veja os jogos. Simples, não é mesmo? Concordam com minha interpretação?

É um time de massas mas que é dirigido por uma elite, das mais atrasadas. É aquela elite Zona Sul-Barra, que tem o mar na janela do apartamento, mas

---

<sup>164</sup> *Saudades da Guanabara* (Aldir Blanc, Paulo César Pinheiro, Moacyr Luz), 1994.

pensa como os caras do Sul dos Estados Unidos. É essa a elite carioca que dirige o Flamengo. E aí, a política para a torcedora é essa.

“Ta vendo, Rafael. Meu clube é pica. Tem de tudo nesta merda. Tem elitismo, tem povo. Tem tudo. Isso é Flamengo.” Falou Marcinho. Desse modo terminaríamos nossa conversa com alguns outros temas da cultura brasileira e como ela ainda resistia em determinado lugares da cidade. Principalmente nos subúrbios. Marcinho nos contou brevemente da sua experiência na área em que cresceu e desenvolveu suas técnicas ao violão de sete cordas. Segundo ele a produção de cultura nas zonas menos abonadas da cidade, está diretamente ligada ao fato da escassez de políticas públicas que fomentem aparelhos culturais. Portanto, é a própria população que se mostra responsável para iniciar com as estratégias coletivas para produzir divertimento e acesso à cultura.

Na localidade onde cresceu, hoje uma área semiabandonada de São Cristóvão, segundo ele, já ministrou aulas de violão para crianças e adolescentes. “Uma das minhas irmãs fazia uma sessão de cinema com diversos filmes, um sábado à tarde por mês.” Dessa maneira, as crianças e adolescentes tinham a opção de “não ficarem à toa e se afastar de coisa errada”. Para ele a cultura só é possível quando o indivíduo se reconhece como “uma pessoa potente para alguma coisa.”

Eu queria ter sido músico. Mas não deu. Meu pai deu opções. Do jeito dele. Quando ele falava pra estudar e trabalhar ele tava falando, se vira que vai dar certo.

Outra coisa é você conhecer seu lugar. Eu toquei em várias favelas, botequins. Eu fico olhando o jovem ali. Ele quer sair do lugar pra melhorar de vida. Ou melhorar de vida e abandonar o lugar. Claro que tem muito lugar ruim, porque é perigoso. Foi esquecido pelo poder público. Mas é importante reconhecer suas raízes e dar valor. Mesmo que elas sejam difíceis. Mas é preciso dar valor. De alguma forma isso vai te moldar.

Acho que a arquibancada é esse lugar. Você se reconhece ali? Reconhece. Então é você e mais um monte se reconhecendo. Fazendo parte de um mesmo motivo. Um mesmo tema. Uma mesma canção. Aí tá o problema desses dirigentes que a menina falou ali. Tiram o povo da história quem segura o time? Como eu te disse, você olha para o lado na arquibancada e vê o estranho, mas é semelhante. Tá ali sofrendo, se divertindo, torcendo, como você. Quer coisa mais bonita?

As falas de Marcinho 7 cordas e a contribuição espontânea e inesperada de Veriza vão em uma direção capaz de demonstrar como as políticas privadas de dirigentes estão em consonância com as formas empresariais de gerenciamento do futebol contemporâneo. Se por

um lado um dos clubes de maior torcida no Brasil – Flamengo – não tem mais a necessidade de acolher nas arquibancadas uma massa diversa de torcedores e torcedoras, isto se dá por conta das formas gerenciais de acesso aos ingressos individuais e dos valores do mesmo. Desde meados dos anos 2000, o clube vem priorizando a valoração de planos de médio e longo prazo dos sócios para o setor de futebol à venda de ingressos avulsos. Isso quer dizer que o valor de um ingresso cobre uma parcela considerável de outros tantos torcedores ausentes, se compararmos com a precificação dos anos 1990, por exemplo. Daí que o torcedor que não faz parte desse quadro associativo, fica à mercê de ingressos no varejo.

No ano de 2022 o futebol do Clube de Regatas do Flamengo obteve um desempenho histórico em campo. Com uma caminhada que culminou em dois títulos expressivos, um deles internacional – a Liberadores da América – e a disputa de algumas outras finais (Supercopa e Campeonato Carioca) uma vultuosa quantia de moeda foi depositada no caixa da instituição rubro-negra. A demonstração financeira do clube para aquele ano, trouxe a impressionante marca de 1.1 bilhão de reais em receita bruta. Que, segundo o Relatório Anual de Demonstrações Financeiras 2022, “o ano ficará marcado como um ano de consolidação do Flamengo entre as marcas mais importantes no segmento do futebol, não só nas Américas, mas em todo o mundo<sup>165</sup>. ” As marcas financeiras atingidas pelo clube também são reflexo da quantidade de torcedores que se associaram a instituição entre 2019 e 2022, puxadas pelo sucesso em campo do futebol masculino, paralelo ao “crescimento das Meninas da Gávea [com] o aumento do número de partidas transmitidas ao vivo pela FlaTV, dando mais visibilidade ao futebol feminino.”

Após os dois anos mais complexos da questão pandêmica, o clube registrou uma marca de aproximadamente noventa mil sócios. Consequentemente, os jogos em que o time disputava possuíam um grande número de torcedores, que movimentaram ao longo daquele ano, cerca de duzentos e cinco milhões de reais em *matchday*<sup>166</sup>. Como cita o documento:

O desempenho esportivo do Futebol Profissional impulsionou a sinergia entre Clube e torcedor, proporcionando excelentes números de bilheteria e do programa de Sócio Torcedor. Em 2022, cerca de 2 milhões de pessoas foram

---

<sup>165</sup> Flamengo. Relatório 2022. Em um gráfico do relatório (imagem 39), o clube, está no mesmo nível contábil (em termos de mapa de receitas) dos italianos Milan e Inter de Milão e o londrino West Ham (Inglaterra).

<sup>166</sup> “*Matchday* são receitas ligadas às realizações dos jogos como bilheteria, alimentos e bebidas, e ao programa de Sócio Torcedor” (Idem).

aos estádios para assistir aos jogos da equipe profissional (Contando somente partidas em que o Flamengo foi mandante, no Maracanã, Mané Garrincha e Raulino de Oliveira).

Com todos esses ganhos relacionados ao ano de 2022 o clube chegava ao final da Copa do Brasil, realizada em jogos de ida e volta, contra o Corinthians Paulista. Sendo o primeiro jogo realizado em São Paulo e o segundo em solo carioca. Os ingressos para o segundo intento da finalíssima – naturalmente inflacionados, devido a importância da peleja – foram comercializados pelo clube respeitando o escalonamento do seu programa de sócios, o Nação. Essa é uma política costumeira entre os clubes de futebol que aderem a essa maneira de assegurar uma renda “certa” e *fidelização* desse torcedor como um *cliente*; na qual a prioridade de compra segue àqueles que realizam o pagamento das mensalidades mais caras nos planos de sócio torcedor. Sendo assim, resta aos optantes por planos mais em conta ou aos não associados a sorte da sobra de ingressos.

Fazendo contatos com torcedores – inclusive de organizadas rubro-negras – tentei conseguir uma cortesia para aquele jogo. Necessitava fazer um campo nas adjacências internas do Maracanã e aquela parecia uma boa situação para. Sem sucesso nas minhas tentativas, havia a opção de fazer campo junto a um grupo de torcedores rubro-negros na Baixada Fluminense, eles também não tinham ingressos. Todavia, por conta do horário do jogo e não ter onde pernoitar, o retorno para Volta Redonda, daquela localidade, consequentemente seria complicado. Optei então para fazer um campo de observação nas proximidades do Maracanã, já que havia a possibilidade de ficar retido entre as barreiras que a administração do estádio costuma montar para frear pessoas sem ingresso.

Cheguei a cidade de ônibus, e me hospedei no bairro do Catete. Local onde sempre me servia como ponto de apoio. Cheguei nos arredores do estádio Mario Filho, por volta das 19h30 e parte da preparação para a partida já estava montada. Como na maioria das vezes fazia o campo nos arredores do estádio decidi inverter o lado e iniciar descendo a escadaria da estação de trem do Maracanã para o lado do Morro de Mangueira, pela rua Visconde de Niterói, e dali começar a abordar alguns torcedores quando chegassem. Recostei-me no balcão de uma venda minúscula, a funcionar na parte da frente de uma casa aos pés do morro. Pedi uma água e com um caderno na mão anotava algumas questões a serem exploradas. A todo momento surgia um ou outro “freguês” – como me chamara o jovem que atendia o balcão e pediu para eu ficar “mais na porta, senão ninguém entra”. Três ônibus fretados pararam ao longo daquela via e

uma boa quantidade de rubro-negros saiu deles e começou a se posicionar no muro da estação de trem. Aparentemente organizavam uma subida em bloco até chegar ao Maracanã, pensei se tratar de alguma organizada vindo de longe. Peguei minha agua e fui ao encontro deles. Tão logo atravessei a rua e visualizei boa parte daquele grupo, vi não se tratar de torcidas organizadas. Poderia mesmo alguns membros soltos estarem entre aqueles torcedores. Mas em grande parte, em sua maioria se tratava de um grupo povão; com jovens, crianças e muitos adultos homens e mulheres. Um casal, que parecia liderar a excursão dava orientações para os demais aglomerados. De longe eu conseguia ouvir e anotava alguns comandos: “é só subir, descer a rampa e procurar o seu setor”. “Tem gente dando orientação lá em baixo.” “Cuidado com celular”. “Terminando o jogo, espera na ‘Marta’”. “Vou avisando pelo WhatsApp” “Não bebam demais. Ainda vamos voltar hoje.” “Cuidado com as crianças. Identificaram as crianças?” Depois de todas as recomendações dadas em alto e bom tom e conforme o grupo ia se dispersando e tirando algumas outras dúvidas no particular, me apresentei e perguntei de onde eram. “Somos de Vitória, Espírito Santo” – me disse João Antônio e Luciana. Os organizadores daquela enorme excursão. Questionei por saírem de tão longe e chegar já bem em cima da hora do jogo. “Deu tudo errado.” Luciana disse que o ônibus saiu de madrugada e a previsão era chegar ao Rio de Janeiro ao meio dia. Além de duas horas parados em um acidente ainda no Espírito Santo e outra uma hora por um pneu furado “no ônibus da Frente” na chegada ao Rio, trânsito e o motorista que estava guiando o comboio errou o caminho na descida da Ponte Rio-Niterói. “Se o Flamengo for campeão aí melhora tudo.” Segundo eles, o casal possui experiência em organizar excursões. E embora ela torça para o Fluminense e ele sim, um rubro-negro “entusiasmado”, por se tratar de um dos trabalhos do casal – ele s também possuem um comércio de roupas numa cidade próxima a capital capixaba.

Começamos fazendo pra compras. Brás, Rua Tereza. Turismo mesmo. Cristo-Copacabana-Museu do Amanhã. Mas jogos ele que gosta de organizar. Fizemos na Copa pra aqui e Belo Horizonte, Olimpíadas.

Esse jogo eu tinha que fazer. Muita gente me perguntando. Tanto que enchemos dois ônibus e meio.

- É muito trabalhoso organizar. Vocês fazem isso com torcida organizada também.

Os meninos estão aí. Mas deixamos muito acertado. Qualquer problema eu deixo eles na estrada. Mas eles são muito respeitosos conosco.

E cada ônibus tem dois responsáveis também. Sempre viajam tomando conta de tudo.

Conversava ainda com eles quando um casal com uma criança se aproximou. “Luciana você está de Norte? ” Luciana respondeu que não, mas de oeste superior. “Mas você me mostra onde é a Norte? ” Antônio explicou a localização do setor e disse que eles já se direcionariam para o estádio. Dois motoristas aguardavam alguma orientação de Luciana e Antonio, quando um terceiro se aproximou: “Dona Luciana, aqui não é perigoso, não? A moça ali falou que ali em cima é a Mangueira, não é? ” “Larga de ser bobo menino. Perigoso é vir do Espírito Santo até aqui. Olha ali a polícia. ” De fato, haviam duas viaturas da Polícia Militar sobre a calçada e um pouco mais à frente da escada de acesso a estação Maracanã. A via também bem movimentada com aqueles três ônibus a auxiliar um pouco mais o já tumultuado trânsito naquela região pré-jogo. A visão do motorista sobre aquela situação e localidade denunciava a visão construída sobre a violência e as favelas da cidade do Rio de Janeiro. Brevemente, perguntei ao mesmo, qual era a sua preocupação com a segurança ali. “O ônibus ta cheio de coisa dentro, rapaz. É bom ir logo para o estacionamento. Dona Luciana. ” Luciana era de fato a chefe da excursão. A ela, todos e todas se dirigiam. Para dirimir dúvidas, buscar informações, fazer os acertos financeiros pendentes da excursão. Você seria uma ótima chefe de torcida, disse a ela. “Eu adoraria! Ia resolver os problemas. ” Antônio afirmou que Luciana tem o tino para resolver conflitos e por isso se dá tão bem com os torcedores que procuram por suas excursões. “Todo mundo sabe que não vai ter problema com ela no comando. ” “Hoje foi atípico. E olha que eu vejo todas as notícias antes pra saber dos problemas que a gente pode pegar. ” Dispensados os motoristas, os acompanhei até uma parte da estação. Despedi de ambos e do casal que lhes acompanhava desejando, um bom jogo e um retorno tranquilo. “E será, com a faixa no peito” Disse, Antônio.

Assim que nos despedimos, um pouco antes das catracas da estação Maracanã uma pessoa me abordou com uma fala ultra veloz: “compro e vendo ingresso, compro e vendo ingresso”. Agradeci e continuei a caminhar, mas voltei e perguntei a rapaz os valores de compra e venda. “Norte oitocentos. Tá aqui, tá aqui”. Mostrando uma bolsa *pochete*. Agradeci novamente e ele me advertiu “vai encontrar mais barato lá em baixo, não. Ou, ou. ” Eu disse que já tinha ingresso e que só queria saber o valor, no que fui homenageado com um breve xingamento por parte do cambista. Ainda mais a frente, um vendedor oferecia vários chapéus e bonés com o escudo rubro-negro, além de alguns outros apetrechos. Dele adquiri um chapéu rosa, a fim de presentear uma criança. Enquanto ele realizava suas vendas e propagandas, “chapéu do mais querido, comigo é mais barato”, recostei na parede, onde se via o estádio do

Maracanã iluminado em vermelho e preto. Num breve momento ele se virou pra trás, um pouco mais pra diagonal, com um tanto de desconfiança e falou: “tá de tranquila aí, meu parceiro? ” Eu sorri e comecei a conversar entre os seus intervalos. Perguntei se as vendas estavam boas e de onde ele trazia a mercadoria, já deixando bem claro que eu não era nenhum tipo de fiscal. “Tá de boa. Fiscal aqui é nós mesmo. Time vai bem, vende tudo. E hoje é Mengão campeão. ” Confirmei sua expectativa e fomos conversando salpicadamente. Sem querer atrapalhar nas suas vendas. Cada chapéu como o que eu adquiri tem o custo médio de R\$ 40 no início do jogo. Ao final dependendo se a mercadoria encalha ou se existem poucas unidades para vender o preço varia para baixo ou para cima.

Eu olho ao redor, hoje eu to aqui em cima [se referindo a localidade da sua barraca estar dentro da estação] só tem um “alemão” lá na frente. Se tiver muita mercadoria eu balanço o preço pra baixo pra vender. Se tiver pouca mercadoria, aí eu jogo pra cima pra ganhar um troco extra. Tá entendendo? Essa é a expertise do negócio. Sem passar ninguém pra trás. Mas sabe como é! Empreendedorismo, disse. Sebrae, Sebrae.

Disse a ele que isso era política de preço e que me parecia ser um ótimo convededor de economia. O rubro-negro Michel afirmou que estudou pouco e que nos próximos anos iria voltar para o supletivo. Morador “da região”, como ele próprio disse, também atua como lavador de carros.

Eu tenho meus negocinhos, sabe como é. Eu tenho um lava a jato. É. Não é uma loja, não. Mas o trampo é caprichado. Ali na Costa Lobo. Tem carro, vou te dar uma lavagem de graça se comprar mais um chapéu. Mengão vai ganhar hoje. Aproveita. Depois vou subir o preço, hein!

- Se eu fosse do Rio seria seu cliente.

O gente boa é de onde?

Volta Redonda. Flamengo jogou lá.

Conheço de nome. É. Tem o time do Voltaço lá.

Michel me explicou que das suas formas de trabalho o comércio de mercadorias em dias de jogo rende boa parte de sua arrecadação. Mas sua profissão no dia-dia é o lava a jato. Que segundo ele funciona de uma forma menos convencional. Como não há de sua parte, capital para alugar um imóvel onde possa recepcionar seus clientes em seus automóveis. O jeito foi comprar duas caixas de água e instalar um encanamento “legal” e dispô-las sobre a calçada. Onde os carros param e ali ele realiza o serviço sob o tempo. Seus serviços no automóvel variam de R\$ 35 – a lavagem simples, de lataria; a R\$120, lavagem com polimento e limpeza interna.

Desejei a ele boas vendas e continuei minha caminhada a observar o fluxo continuo de torcedores que já se faziam presentes em todos os espaços daquela estação.

Um chegando próximo a rampa, novamente fui abordado por várias vozes quase em uníssono com um “compra e vende ingresso”. Um homem que vendia “um oeste inferior e um norte”, gritou em busca de Ana. “Ana, Ana corre aqui.” Quando Ana, chegou ele disse, ele quer um Sul, negocia aqui e me passa. Ele quer um sul. Esbaforido, caminhou em passos rápidos a rampa da estação para buscar mais ingressos – não houvessem tantos torcedores a sua frente, teria corrido. Fiquei próximo para saber qual seria o valor. Algo em torno de R\$ 320. Mas não conseguia ficar parado, tamanho o tráfego. Mais à frente, outros tantos vendendo ingressos, chapéus, camisas, picolé e um carrinho de bebidas. De uma hora par outra, uma sirene parece vir de encontro aos torcedores que descem em direção a uma das entradas do estádio. Uma viatura da polícia sobe lentamente entre os torcedores. Chega num determinado ponto e estaciona. Reduz-se ainda mais o espaço dedicado àquela massa de torcedores em direção ao estádio. Saberia depois, pelo borderô da FERJ, que foram mais de 47.000 presentes naquele jogo decisivo. O Clube de Regatas do Flamengo se sagraria campeão, mas ao longo da partida as emoções estavam reservadas tanto aos que estavam dentro do estádio Mário Filho, quanto aos que permaneceram ao lado de fora, como eu, mensurando o resultado do jogo ou pelos sons reverberantes do interior do estádio, concomitante ao “tempo real” do celular.

Desci a rampa da UERJ e me coloquei em um vão espacial entre os setores oeste e sul. Em determinado ponto haviam grades de contenção controladas por agentes de organização terceirizados do estádio. O ingresso à mostra era decisivo para se ultrapassar aquelas barreiras. Alguns eram conferidos, outros somente mostrados. O quesito de olhar ou não quem definia era o próprio agente mediador. Naquele espaço, no qual eu estava, várias pessoas diziam ter ingressos para a partida e ofereciam constantemente. Mas os valores estavam acima da tabela oficial para o jogo. Os valores, porém, pareciam ser negociáveis. Em um determinado momento, no vão abaixo da rampa, quatro viaturas da Guarda Municipal estacionaram concomitantemente. Uma vendedora ambulante que vendia balas, chocolates e outras guloseimas, dois vendedores de bebida – que pelo tamanho de seus recipientes isopores não puderam correr – e duas pessoas sem nada nas mãos – presumivelmente cambistas –, foram interceptadas de princípio. As mercadorias foram colocadas sobre a caçamba de uma das viaturas e as pessoas liberadas. À exceção dos dois homens que nada tinham. Fiquei observando para analisar se poderia falar com alguém sobre o ocorrido. Mas não avaliei ser seguro. Somente

alguns minutos depois, percebi que a chegada das viaturas vindo por alguma das avenidas, chegando pela calçada e estacionando embaixo da rampa era um cerco se fechando àquele grupo. Pois, havia guardas municipais encostados tanto na grade do estádio, quanto próximos à descida da rampa, mas pelo outro lado. Ou seja, já havia uma possível comunicação prévia entre os agentes da GM para realizar aquela abordagem. Daquela ação coercitiva, eu fiquei com um questionamento na cabeça: por que, ao realizar aquele cerco outros tantos vendedores ambulantes que estavam naquele raio de ação também não foram abordados e tiveram suas mercadorias apreendidas. Pensei em questionar alguma autoridade da GM sobre o assunto e mesmo algum ambulante. Mas guardei a questão para um momento menos tenso. A partida já estava próxima e talvez, com o redor do estádio mais ameno, alguma informação poderia ser passada; os ânimos e as atenções estariam menos acerbadas.

Eu caminhava para o setor sul e ouvi uma recomendação de uma guarda municipal, dirigida por um rádio a algum colega de farda: tem um rescaldo da Gaviões (da Fiel) chegando segura aí, segura aí. Presumi que alguma fração de uma torcida visitante estava chegando atrasada e a fim de evitar qualquer inconveniente, alguma operação de emergência seria feita para garantir que não houvesse encontro entre corinthianos e rubro-negros. A agente da Guarda, porém permaneceu onde estava e eu, próximo, observando quais seriam os passos a seguir. Tem torcedor do Corinthians ainda pra entrar? Perguntei a ela.

“Tem. Porque?” “Nada demais. Estou fazendo uma pesquisa sobre torcidas e gostaria de saber se está tudo tranquilo hoje.” “Nunca é tranquilo, ela respondeu.” A agente, identificada por Alves, em seu brevê, permaneceu onde estava junto a uma equipe de mais dois guardas municipais. Perguntei a ela qual seria aquela ação para evitar o encontro entre duas torcidas adversárias e um possível confronto, em cima da hora do início da partida. “O BEPE [Polícia Militar] que tá no comando. Estão acompanhando. Nós seguramos eles numa rua paralela e vão entrar depois do início.” Perguntei quantos eram. “Não sei. Acho que são dois micro-ônibus ou duas vans. Não entendi.” Perguntei a ela se poderia fazer uma análise de como era trabalhar em um jogo de grande porte, como aquele, e em jogos menores, sob a ótica de ter tantas demandas pra organizar: o trânsito, a organização do em torno e etc. Tentava assim, demonstrar uma certa sensibilidade com a atuação de sua instituição e com isso, trabalhar dentro de uma linha de sensibilidade para algumas informações.

Jogo grande é mais difícil. Mas eu acho pior quando é clássico daqui. Tipo, a torcida do Vasco já sabe onde vai encontrar a do Flamengo. A do Botafogo, a

do Fluminense. Esses caras já se conhecem. E se querem se pegar, já sabem onde emboscar. Pra gente é mais tenso.

- A GM também acompanha as torcidas?

Não. Quando precisa, o BEPE aciona pra questões do trânsito. Fecha uma rua. No geral eles dão conta.

- O que é mais difícil: organizar o transito no Rio de Janeiro, o torcedor ou os ambulantes em torno do estádio?

Você tá de sacanagem, não é? Tudo é difícil. Mas os ambulantes no Rio todo. Pô, detesto fazer operação de ordem urbana. Pegar mercadoria. Tem colega que gosta.

- Dá muito trabalho?

Não. Não dá. É chegar e pegar. Geralmente tem polícia junto. Quando começa o problema é com eles. A GM só recolhe. É nossa competência.

- Mas porque você não gosta.

Acho triste ver o cara perder tudo. Principalmente as mulheres. Mas tem muita gente folgada também. Então, essa corda bamba que não gosto.

Narrei a ela o ocorrido embaixo da rampa da UERJ e questionei o porquê da não apreensão de diversos outros ambulantes e pessoas aparentemente suspeitas de “comércio ilegal de ingressos”. Alves argumentou que nenhum agente pode saber ao certo quem está com mercadoria ou o que está fazendo em circulação. Então, “o mais certo é que alguém viu e denunciou. Aí nós observamos e apreendemos.” Também questionei se em um evento como aquele a Guarda Municipal trabalharia com metas de apreensão, abordagem e etc. no que a agente disse “não poder responder.”

Agradeci a gentileza das respostas e passados algum tempo do início decidi retornar pela mesma rampa até a estação Maracanã.

Subindo de volta, percebi dois homens subindo à minha frente. Um deles chamava atenção por falar de forma mais exacerbada sobre os prejuízos que tomara. O outro, hora escutava, hora contra argumentava. “Eu te falei. A torcida do Flamengo não gosta de Sul. Era pra ter pegado mais do Corinthians.” “Tava esgotado. Eu falei pra tu. Tava Esgotado.” “Não tava esgotado. O Hulk tinha. Ele queria mais dinheiro. Aí falou pra tu que não tinha. Só ia ter hoje.” Entre palavrões inseridos na conversa e suprimidos aqui, o diálogo dizia respeito sobre ingressos paralelos, mas originais, comercializados de forma não legal. Estava perceptível que havia uma triangulação no processo de compra e venda dos bilhetes. Alguém com acesso, comprava os mesmos e repassava, inflacionados aos vendedores para aí sim, disponibilizar a torcedores no dia da partida, por valores ainda mais altos. Quando estávamos mais em cima da rampa passamos tranquilamente, eles ainda à minha frente, por dois policiais com cassetetes gigantescos na mão. Os sons do estádios eram ouvidos de forma intensa. Um pouco mais à

frente vários ambulantes com seus tecidos esticados ao chão e algumas grades expositoras de bonés, camisas, animais de pelúcia vestindo rubro-negro e dois vendedores de bebida. “Tomar uma cerveja”, disse um deles. “Que cerveja, o quê! ” Retrucou. “Vou pagar” e largou um palavrão ofensivo ao seu colega. “Toma no morro”. “Não. Toma. Vou comprar. Da dois latão aí”. Os dois então pararam, em frente ao ambulante que de um lado tinha um recipiente isopor, cheio de bebidas e do outro uma caixa térmica com sanduíches de presunto e queijo e também frango, embrulhados em papel alumínio. Parei junto aos dois e também pedi uma bebida e um sanduíche de complemento. Com alguns goles de cerveja a conversa entre ambos se amenizou. “Da próxima você pega o setor certo. Flamengo é Norte. Norte. ” “Mas hoje o Flamengo tava no Sul também, o abençoadão. ” Continuaram. Aquela discussão dizia tão somente aos lugares históricos de preferência torcedora no posicionamento nas arquibancadas. Para alguns torcedores o lugar não quer dizer nada. Para outros e principalmente para as facções organizadas, o posicionamento nas arquibancadas é um elemento ritualístico do torcer. É à partir de sua localização em relação ao campo de jogo que o comportamento nas arquibancadas pode influenciar o que acontece nas quatro linhas.

Esse processo ritualístico, quase fervoroso, me foi verificado em duas situações. Combinei com Ramom e Ruben que assim que possível assistiríamos a um jogo do Flamengo no Maracanã e também em algum lugar onde pudéssemos nos reunir. Fosse na casa de algum deles, fosse em algum bar de preferência de ambos. Expliquei da dificuldade de minha parte em conseguir um ingresso para jogos mais disputados, visto que não era sócio torcedor do clube. A solução, combinamos um Fla-Flu e ficaríamos nos setores misto, a contragosto de Ruben. Ramom ficou responsável de comprar os ingressos para eles pela internet. Para garantir que estaríamos no mesmo lado e nenhum imprevisto ocorresse, compraríamos nos comunicando em um mesmo horário. Fiz uma ressalva, como o jogo era no período da tarde, valia a pena considerar a idade de seu tio e o sol escaldante direcionado ao setor leste. No dia do jogo, nos encontramos no Maracanã bem próximo ao horário da partida. Por compromissos meus não pude fazer com eles o trajeto de trem, a chegada ao estádio e mesmo passar um tempo com ambos antes de entrarmos. Mas o próprio Ruben disse que gostava de entrar rápido no campo, pra “já ir se ambientando”. Chegamos, nos colocamos em nossos lugares, no setor oeste inferior, observando o estádio do Maracanã ainda vazio e a primeira observação de Ruben, foi: “eu não gosto de ver jogo aqui. ” Questionei o porquê. “Gosto de ver lá em cima. Prefiro. Mais pro lado

da Raça. Não to falando que quero ir pra torcida. Mas o ângulo. Eu gosto daquele lugar. Aqui, não sei, não.”

“Superstição, tio? Essa eu não sabia. Virou botafoguense?” “Não, pô. Mas lá é melhor. É mais, não sei explicar.” Falei com Ruben que lá não era zona mista. Voltei a relembrá-lo do argumento inicial. Não saberia se conseguiria um ingresso no lado estrito rubro-negro, o que impediria nossa interação durante a partida. Já no início do jogo, Ruben segurou o escudo do clube, postado no centro de sua camisa branca com listras rubro negras. A cada avanço do time rubro-negro na área tricolor a camisa sofria alguns puxões em direção ao ataque e em direção contrária à defesa, quando o rival atacava. Ramom prestava mais atenção no jogo e comigo conversava mais com os aspectos táticos da partida. Ruben se voltava pra mim e Ramom e possui comentários mais emocionados que propriamente analíticos de futebol. “Maracanã, Maracanã...” Que foi Ruben. Perguntei. Sem largar o escudo já amassado dentro de sua mão direita, Ruben respondeu: “Não tem nada a ver com aquela coisa gigantesca de antigamente. Mas é bonito”. “Gostou, não é?! Mas é um estádio de plástico”. No meio da fala, um ataque tricolor que não resultou nada. O estádio soltou um imenso “uhhhhhh” de alívio para rubro-negros, de quase gol para tricolores, que já emendaram uma canção de incentivo ao time nas arquibancadas. Logo, logo a torcida rubro-negra respondeu e meus dois companheiros de arquibancadas se animaram a pular e incentivar seu time. Eu que estava entre ambos, passei para o lado de Ruben, permitindo assim que o laço familiar-clubístico se estreitasse. Os dois estavam em sinergia e comecei a observar mais as torcidas que propriamente o jogo.

Do lado rubro-negro, em imensa maioria no estádio nos setores norte (exclusivo) leste (dominante) e oeste (mesclado com ligera maioria) as bandeiras das organizadas tremulavam incessantemente. A resposta era dada por tricolores do setor Sul (exclusivo) bem vazio e de onde ecoavam os principais cantos de apoio ao clube. Onde estávamos, por ser setor misto, se ouviam instruções para os dois lados. Ao nosso redor três casais e algumas crianças. Chamei a atenção de Ruben para o fato e perguntei se aquela situação existia no Maracanã do seu tempo de jovem. “Assim, não. Te falei. Tinha mulher, criança pouco. Mas nessa tranquilidade, não. Maracanã nem tinha cadeira.” O jogo foi desenrolando com domínio rubro-negro em situações de quase gol muita presença na área tricolor. Você disse que não sabe não, mas estão em cima. Falei com Ruben e Ramom. Ruben ainda se colocou pessimista e Ramom neutro. “Não. Conheço o Flamengo, quando é assim. Não sei.” Falou Ruben, ainda segurando seu escudo rubro-negro. Com um pênalti no fim do primeiro tempo o Fluminense abriu o placar. E Ruben

se voltou a mim e disse: “não falei. Aí. Olha o lado que saiu o gol e não achei pênalti, não. Hein. Olha o lado que saiu o gol. Vê aí Ramonzinho.” Ramom falou que olharia depois, no intervalo. Ramom saiu para buscar cervejas e ficamos nós dois conversando. Ruben soltou o escudo e comecei a perguntar sobre o que significava estar ali pra ele, que gostava tanto do Flamengo e de futebol.

Rapaz, muito bom aqui. O Rio mudou muito, mas eu ainda gosto muito disso aqui. Não venho mais como gostaria. É uma vez na vida e outra na morte. Mas é espetacular essa torcida, esse povo. Mas olha como mudou. [Olha para trás] Um monte de menininha. Um monte de mulher. Um monte de gente apessoada e qual é a paixão: um time de futebol. Isso é muito bonito, rapaz. E olha a torcida do Flamengo. É apaixonante. Mas naquela época era diferente a torcida fazia o Maracanã tremer. Tremia mesmo. Na rampa as torcidas juntas ali ó [mostra um local] tremia tudo quando entrava.

O segundo tempo se desenrolou com o placar final favorável ao Fluminense. Com uma torcida bem menor que os rubro-negros, os tricolores se esforçavam para cantar a maior parte do tempo. As respostas de flamenguistas advinham de forma mais concisa de uma das curvas do setor norte e iam reverberando pelos outros setores. Havia, porém, uma situação em que vários cantos diferentes surgiam em diversos pontos da arquibancada rubro-negra. Dificultando um uníssono que soaria mais forte pelo interior do estádio. “Essa richa é antiga na torcida do Flamengo. É um problema político dentro clube e pra arquibancada. Afeta o time, pô.” Confidenciou Ramom. Essa sua referência diz respeito aos confrontamentos políticos que as duas maiores torcidas organizadas rubro-negras possuem entre si e que se mostra nas arquibancadas nas variações dos cantos de incentivo e formas de protesto quando o time não emplaca um bom desempenho.

As torcidas Raça Rubro-Negra e Torcida Jovem do Flamengo são duas das principais agremiações organizadas do clube. Nos últimos anos além dos conflitos com facções rivais – agremiações torcedoras de outros clubes – as contendes se instalaram de modo interno, levando em consideração a instituição Flamengo, entre elas. Ocasionando, inclusive, conflitos físicos entre representantes desses dois grupos nas internas do Maracanã. Uma aliança de trégua, porém, foi selada entre as diretorias das torcidas no entremeio de 2023. Como mostra a imagem 40.<sup>167</sup>

---

<sup>167</sup> Como nosso objetivo não são as análises em torno das torcidas organizadas, recomendamos Hollanda e Teixeira (2022).

Mas, retornando para o campo de jogo, comecei a analisar as posturas do torcer de duas pessoas de gerações diferentes, mas com participações ativas na vida da arquibancada de um clube de coração. Elas possuíam vínculos entre si, o que fazia com que as já espontâneas reações de sociabilidade em um campo de futebol, fossem exacerbadas ainda mais pela relação íntima entre ambos. O que pretendo é tão somente descrever aquilo que acompanhei. De forma nenhuma visualizo classificar o todo por uma pequena parte, de tal modo que fique taxado que o modo de torcer de uma geração é padronizado de tal forma. Claro, que por diversas influências e fatores, uma época tende a ter determinados comportamentos sociais que serão abandonados, atualizados e mesmo reproduzidos em um outro determinado tempo histórico. Como nos lembra o historiador francês Marc Bloch, “o homem é mais filho do seu tempo do que de seus pais.” Portanto, as classificações nos servem como forma de posicionar o indivíduo e sua coletividade nos determinados padrões de sua época. Mas esses padrões também são fluidos dentro daquele tempo. Permitindo assim, constantes variações; e em nosso caso, essas variações dizem respeito a formas do torcer. Talvez a maior prova disso seja, de fato, as torcidas organizadas, que, geralmente, por determinadas discordâncias na forma de atuação onde estão seus membros causam uma ruptura e organizam outros grupos com supostas novas formas do torcer<sup>168</sup>.

Enquanto Ramom assumia mais uma postura de crítica-incentivo ao time – ora cantava algumas músicas da arquibancada e dava ordens ao escrete, comentava alguma situação tática ou deficiência de alguma posição do time –, seu tio era mais analítico. Talvez pela situação de retorno a um lugar. Quando o jogo terminou começamos a conversar sobre alguns temas, antes mesmo que a equipe de coletes verde (*steward*) começasse o processo de retirada dos torcedores remanescentes do estádio, a começar pelos do time derrotado e as áreas mistas, como sugere o protocolo de segurança.

Perguntei a ela se seu comportamento era o mesmo de quando frequentava o antigo Maracanã.

Ah, eu gosto de ver o jogo. Sempre gostei. Por isso que eu gostava de ficar mais em cima. Não era muito da Geral, não. Olha rapaz eu to pra te dizer que nem sei onde eu ficava mais. Tá mudado.

---

<sup>168</sup> Ver Hollanda (2010) e Hollanda e Teixeira (2022) sobre as rupturas nas primeiras torcidas dos anos 1960 no futebol carioca e o advento dos grupos jovens nas arquibancadas do Maracanã a partir dessa década.

Ramom, interrompeu, “pelo que o senhor fala era ali mesmo” apontando pra curva no setor norte, onde estava posicionadas a organizada rubro-negra. Ruben também disse que o estádio do Maracanã está mais confortável.

Vou te dizer, o banheiro era vergonhoso. Vergonhoso mesmo. Das mulheres deveria ser pior. Hoje está muito melhor. Nem tudo é ruim. Mas assim. Eu vi ali o preço da cerveja e de um lanche. Caro...

- E a torcida, algo de diferente?

Eu acho muito diversa. A torcida do Flamengo sempre teve de um tudo. Mas to achando mais diferente. Mais mulher, mais criança... Tava chegando ali e tinha uma família chegando junto. Naquela época não tinha isso não.

Muito raro você ver isso. Era pai e filho, no máximo. Um ou outro trazia uma filha. Eu lembro bem. Agora, não tem pobre no estádio. Torcida do Flamengo sempre teve esse lado de ter muito negro e muito pobre. Não to vendo aqui.

- Mas será que não é o fato do setor onde estamos?

[Ruben olha pros setores acima e ao lado] Não sei não, hein rapaz. Não to achando, não.

- Pode ter a ver com o valor do ingresso?

Acho que sim. Achei salgado esse ingresso aí. Por que olha só. Hoje viemos de carro. Gasolina, cervejinha, água, um lanche. Pesa. Não pesa, não? Tem essa bobagem aí da torcida do Fluminense ser rica. Tu viu que tava vazio o lado de lá [setor sul]. Então. Domingo de tarde, se fosse barato tava entupido. Maracanã nos anos 80 numa condição dessa ia ter era 80 mil pessoas aqui dentro no mínimo. Hoje não cabe isso mais. Cabe?

- Não. Reduziu. E era bom assistir um jogo com 80, 90 mil pessoas naquele Maracanã?

Era um inferno. (risos). Pra tudo. Chegar, sair... Mas era o jogo que se vinha ver. O Maracanã era desconfortável na época certa. Aquele tempo não se pensava em conforto. Eu acho que aquele Maracanã não sobreviveria hoje. Todo mundo iria reclamar de alguma coisa. Não tem chance. Só você olhar uma coisa. Se o Madureira jogar, quem vai? Ninguém vai. Você pergunta pro sujeito. Torce pra quem? América. Vai no estádio do América sábado à tarde com o América jogando. Cara não tá lá. Nós fomos a um jogo do Flamengo na Ilha, lembra Ramom? Eu, você, o Osvaldo e acho que o filho do Osvaldo foi também. Tinha gente mas não tava cheio.

- Uma dúvida que e tenho, você que frequentou o Maracanã nos 1980-1990 era cheio sempre?

Não. Claro que não. Muita das vezes era vazio. Mas aí que está. O Maracanã era gigantesco. Então, pra encher era muita gente que tinha que colocar pra dentro.

- Então poderia estar cheio que não tava cheio.

É. Cinquenta mil num lugar que cabia cem mil era espaço vazio pra caramba. E ainda você tinha a geral que o pessoal ficava andando. Então, de repente, do nada abria uma clareira de gente e um amontoado pra um lado, aí a bola vinha vindo pro outro lado, aquela manada pro outro lado.

Ah, e mesmo estando mais vazio, como era muito grande você gritava e aquilo vazava pra todo lado era divertido. Foi nessa época que a torcida do Flamengo começou com aquele “Meeeeennngooo”. Era um negócio avassalador.

- Hoje cantaram isso também. Da pra comparar.

Ah, não. Era muito mais forte antes.

- Pode ser a estrutura do estádio, não acha?

Até pode, mas tinha um pulmão da torcida também no jogo. Você não acha, não? Você que ta estudando a torcida do Flamengo que o pessoal da antiga fala?

- É. Tem o componente “torcida”, sim.

Tem, tem. Pulmão de torcedor mesmo.

Ramom concordou com algumas questões colocadas pelo tio. Ambos confluíam na visão de que a torcida do Flamengo estava composta por pessoas das classes média baixa para cima. Ao mesmo tempo que havia nessa camada torcedora frações menos abastadas, mas elas eram exceções no todo. Argumentei com eles da dificuldade de se chegar a essa conclusão somente com observações imagéticas. Seria necessária uma análise de arcabouça estritamente econômica com os perfis de torcedores, o que não é uma questão simples, pois é preciso dilatar esse processo no tempo e no espaço. Entretanto, com as políticas econômicas para o futebol, ditadas pelas confederações nacionais e internacionais com anuênciam dos clubes e também, em se tratando do nosso caso, as próprias políticas da instituição rubro-negra para seus torcedores – seja na valoração de ingressos avulsos, seja no seu exitoso programa de sócio torcedor –, fica evidente que uma parcela considerável, das camadas menos abastadas economicamente ficaria de fora do espetáculo futebolístico.

Um dos meus contatos antigos era Reinaldo Júnior. Filho de Sr. Reinaldo rubro-negros, a quem pude entrevistar anteriormente. Recebeu-me em Bento Ribeiro, na antiga casa do pai, herdada por direito. Fiz com ele um contato prévio por telefone onde regulamos uma nova conversa para alguns dias. Por WhatsApp falamos sobre a situação do rubro-negro da Gávea à época e sobre seu falecido pai, além das questões sociais que permeavam sua vida e de a quantas andava o bairro do samba. “Tu tem que voltar aqui de novo. Comer um churrasquinho e ir no samba comigo”. Era um convite irrecusável. Perguntei a ele se tinha disposição para irmos ao Maracanã em algum jogo fácil de se conseguir ingresso. Ele se esquivou do convite. Disse que a situação estava mais pra complicada e que não disporia de “dinheiro para ver o Fla. Só na televisão. Mas vem um dia aqui. Tu assiste aqui.” Outro convite irrecusável. Faria do convite mais uma investida no campo de pesquisa.

No dia 25 de outubro fiz o meu trajeto mais habitual para deslocar-me ao Rio de Janeiro. Automóvel até Paracambi e tomei o trem até Japeri. Mas desta vez não cheguei ao ponto final, Central do Brasil. Saltei na estação Deodoro, onde fiz transferência entre os ramais, visto que para chegar até Bento Ribeiro é necessário tomar a linha Santa Cruz-Central. Rumei até o meu destino em breves duas estações. Ao saltar em Prefeito Bento Ribeiro, por volta das 17h, não

me recordava muito bem do caminho que outrora havia feito até a casa de Reinaldo. Comuniquei-me com o mesmo que me repassou as coordenadas. Chegando em sua casa, achei um comércio improvisado no quintal-garagem que não havia antes. Bem como uma placa amarrada ao poste de iluminação da rua com vários produtos e valores anunciados. Reinaldo me explicou que com a morte do pai, consequentemente a aposentadoria do mesmo deixara de chegar até as economias da família. Coincidemente uma irmã adoeceu e ele perdeu um emprego que há pouco tempo havia conseguido. Procurou emprego pela região, pois não estava disposto a trabalhar em outro lugar. Como tinha algumas economias e com a ajuda de um amigo, seu sócio na empreitada, montou um bar improvisado e tem se sustentando com o que recebe do mesmo. Aquele dia, ele me ofereceu estada, visto que veríamos um jogo do Flamengo às 21:45h, o que tornaria impossível meu trajeto de retorno naquele mesmo dia. Para tal, não por minha presença, mas segundo Reinaldo era procedimento padrão em dias de jogo, havia uma lona esticada sobre o espaço, formando uma espécie de teto. Mesas e cadeiras e um aparelho televisor já instalado em uma área coberta. Um balcão de madeira, com biscoitos, pacotes de amendoim e outras guloseimas separava o vendedor do público. Assim como uma estufa, vazia, sobre o balcão e um pote contendo azeite uma churrasqueira de ferro denunciava que o jogo seria regado a algum comestível. Ele me reapresentou ao “barraco”, como chamou e me pediu para ficar à vontade. Um sujeito extremamente receptível, o que seria plenamente confirmado pela clientela. “Meu botequim só abre à noite. Eu to pensando em começar a servir almoço também, mas dependo de cozinheira”. Para ele, uma das dificuldades é poder pagar alguém, transformando essa pessoa em “uma funcionária do bar”. Segundo ele, se não fazer o pagamento certo ele pode ser multado, denunciado ou algo que prejudique o seu negócio. Por isso conta com ajudas de quem pode. Naquela noite, o amigo sócio, seria uma mão de obra a auxiliá-lo, além de mim.

Estávamos ali porque Reinaldo já havia exposto sua questão econômica, sugeriu a ele em tom de brincadeira, que se não dava para ir ao Maracanã, que fizesse dali um Maracanã para os presentes. Os jogos dos times cariocas, e até alguns de times brasileiros, são transmitidos em seu bar. “Sempre que tem jogo da mais gente. Eu já pensei em fazer uma divulgação na estação do trem.” De fato, a estação não fica tão longe do bar de Reinaldo. Dali a pouco algumas pessoas começaram a parar no balcão. O horário de maior movimento em sua rua denuncia que um trem acabou de deixar seus passageiros naquela estação ou que um ônibus vindo do Centro do Rio também passou por ali. O que determina é a quantidade de pessoas a transitar pelas

calçadas. Três homens com uniformes azuis com adereços reluzentes pararam no bar, pegaram uma mesa e pediram duas cervejas. “Ô Reinaldo já tem tira-gosto? ” “Tá fazendo. ” “Então, me dá um amendoim aí.” “Ô Reinaldo, tira essa lona aqui. Um calor do... Não vai chover, não homem. ” Além do calor e efeito estufa causado pela lona azul que impedia a circulação do ar, o ambiente azulado, por reflexo do sol dava um ar noturno ao espaço e parecia diminuir ainda mais o espaço.

Reinaldo atendeu aos pedidos. A lona era amarrada de modo que sua retirada era fácil. Coisa que eu me dispus a fazer por ele. Enquanto, o mesmo trazia as cervejas e os comestíveis. Um senhor solitário chegou e pegou outra mesa. Pediu uma cerveja e uma linguiça. Eu não havia percebido uma mulher na cozinha improvisada na garagem. Ali ela fritava alguns quitutes em um pequeno fogão. Um garoto entre e pergunta a Reinaldo: “Meu pai ta perguntando se você vai ter o jogo? ” “Vai passar aqui. Fala pra ele vim. ”

O “Maracanã” improvisado de Reinaldo não chegou a encher para aquele jogo do Flamengo contra o Santos (SP). Torcedores fixos nas cadeiras frontais ao televisor eram doze. Além de alguns passantes que paravam ao balcão pediam “um quente” acompanhado de uma cerveja ou tira gosto e saboreavam sem dar muita atenção ao futebol. “Só porque tu veio, tá mais vazio. ” Em tom de brincadeira, questionei o dono do bar sobre a sua política quanto ao valor do ingresso. “Talvez está caro para o povão, presidente. ” Das doze pessoas que se fizeram presentes no bar, nove se identificaram como torcedoras do Clube de Regatas do Flamengo. Dessas nove, três disseram ter alguma experiência torcedora em estádio, no caso, o Maracanã. Porém, todos os entrevistados comentaram, minimamente sobre o esporte ou sobre o clube.

Era um ambiente composto todo por homens. A única presença feminina, até certa hora da noite, era na cozinha. Mas assistindo ao jogo, não havia nenhuma. O fato, pode servir de confirmação daquilo que Gastaldo (2006, p.5) trata de afirmar,

a sociabilidade masculina brasileira tem na tematização do esporte um porto seguro. Basta perguntar a um homem qualquer qual o seu time para começar uma conversa que pode se alongar indefinidamente, sem que em qualquer momento se corra o risco de uma indiscrição ou constrangimento, uma vez que – por passionais que sejam os torcedores – nada que afete o self está em questão.

Rosane era a mulher que fazia toda a organização culinária do bar. Por ser prima de Reinaldo seu trabalho era quase um voluntariado para ajudar na renda do parente. Perguntei a Reinaldo se ela recebia alguma ajuda monetária, já que o mesmo havia afirmado anteriormente

da impossibilidade de pagar um salário para alguma ajudante. “Ela mora na rua de trás e dou uma ajuda pra ela, sim.” Mas o valor não me foi revelado. Quando Rosane estava indo embora saí de onde estava, por entre as mesas, e fui conversar um pouco com ela. A abordei questionando se ela não ficaria para ver a partida e a mesma respondeu não ter muita predileção por futebol além de ter “muita coisa pra fazer em casa ainda”, revelando dessa forma que o trabalho domiciliar estaria por sua responsabilidade, mesmo depois de ter realizado seu trabalho fora do lar. Voltei-me para os ocupantes da mesa, observando as reações diante das jogadas, os xingamentos, as análises esportivas, o silêncio, os goles apressados na bebida e o degustar dos comíveis deixados por Rosane. A encenação do torcer é um momento performático do indivíduo. Se no estádio a *persona* individual tende a ser cooptada pelos movimentos da coletividade, em um local de menor proporção a individualidade da ação se faz ressaltada. Não havia ali um canto das torcidas, mas análises individuais do time. Dois presentes falavam de forma incisiva contra um zagueiro rubro-negro e elogiavam um meio campista. “Joga muito. Mas o [jogador x] é fim de carreira. Não joga bem mais.” Eu não conseguia analisar o desempenho do time. Nem estava ali para isso. Mas ao fim do primeiro tempo, o placar favorável ao rubro-negro permitiu que fizesse algumas perguntas e fosse recepcionado de modo também mais favorável. Pedi licença a duas pessoas que estavam numa mesa me apresentei como de costume, acrescentando que havia um convite-permissão por parte de Reinaldo e iniciei a conversar. Por motivos conjunturais, devido a escassez de tempo para fazer as perguntas tratei de construí-las do modo mais objetivo possível. De tal modo que abordei as seguintes questões: 1. Qual o seu time? Você costuma assistir aos jogos do seu time no Maracanã? Se sim, em qual lugar do estádio você prefere torcer? Se não, você acompanha seu clube por qual meio de transmissão?

Dos nove entrevistados naquela noite, todos homens, com idade entre 30 e 60 anos, todos torcedores do Flamengo. Seis deles disseram não frequentar o Maracanã, sendo que, quatro nunca foram ao estádio, sem motivação para ou por acharem difícil chegar ao mesmo. Estes, que não possuem o hábito de torcer no estádio, os jogos do clube majoritariamente pela televisão. O rádio é uma alternativa somente quando não há transmissão pela tv. Outra opção citada foram os canais de vídeo pela *internet*.

A esses torcedores direcionei a pergunta: qual o motivo para não ir aos jogos no Maracanã? Não levantei pontos chaves, nem hipóteses prévias para o questionamento. Esperei pelas respostas espontâneas de cada um. As principais questões abordadas pelos torcedores se

referiram a *distância* [de onde moram], ao *horário dos jogos*, ao *valor dos ingressos* e os *gastos com deslocamento*. A mobilidade urbana, então, foi o fator mais destacado na fala da maioria; embora haja linhas de trem que, em tese, faz o caminho, de forma mais ágil, até a localidade a questão da falta de conservação dos aparelhos é uma reclamação, como disse um entrevistado: “sair do Maracanã meia noite, se o ramal parar ‘ferrou’. Prefiro ver em casa, no botequim.”

Outra vez surgiu a questão dos valores empreendidos em cada peleja: “já tentei levar meu filho e meu neto. Mas quase quinhentos contos pra ir todo mundo. Como que paga? 10x no cartão?” Seu companheiro de mesa completou: “são três meses comendo churrasco e bebendo aqui no Renaldo. Melhor ficar aqui.”

Os três torcedores que frequentam o estádio do Maracanã não estão ligados a nenhuma agremiação de torcedores organizados. A estes dediquei um pouco mais de atenção, visto que as ausências daqueles outros torcedores já me haviam sido respondidas.

Conversei, primeiramente, com Silas. 42 anos, cartorário. Frequentava assiduamente o Maracanã e gosta de ficar nos setores oeste e leste. Não é sócio torcedor do clube. Já considerou se associar algumas vezes, mas por questões pessoais orçamentárias “sempre vai deixando para depois.” Não vê problemas maiores quanto a se locomover até o estádio, “o ônibus pode demorar um pouco, perde uma conexão, demora um ramal... mas não é coisa de outro mundo.” Porém, a reclamação de Silas quanto ao horário dos jogos também é consonante ao grupo que não frequenta as arquibancadas:

A FERJ, a CBF, poderiam colocar os jogos em um horário melhor. Isso podiam mesmo. Pô, vai dizer que hoje não era um jogo para as 19h, no máximo 20h? Muita gente teria saído do trampo e ido pro Maracanã. 21.45h é 22h, até acabar, desanima muito trabalhador.

Silas assistia aquele jogo com seu companheiro de arquibancadas. Sampaio, 45 anos, empresário, concordou com as falas de Silas. Ambos se conheceram em Bento Ribeiro, quando este mudou-se de São Gonçalo para aquela região.

Eu acho caro, sim. Mas tu gasta com um monte de outras coisas. Um a mais, um a menos não vai fazer diferença. Mas assim, não é todo jogo, não. Libertadores, não fomos em nenhum jogo. Aí é demais. Mas [campeonato] carioca, Brasileiro, fomos em muitos. Vamos sempre, né.

Silas disse que “para a Copa do Brasil, por exemplo, depende do jogo. Tem jogo caro ou não tem ingresso.” Perguntei aos dois se o estádio era bom para assistir aos jogos e se

poderiam levantar pontos positivos e negativos do mesmo. *Segurança* foi o primeiro ponto destacado pelos dois. A *organização* “da catraca pra dentro” também foi ponto em comum de “elogio”.

Acho o Maracanã seguro.  
É saltou pra dentro tá tranquilo.  
Ali fora é tumultuado, mas é futebol. Faz parte.  
Eu não gosto desses jogos internacionais, que metem grade em tudo desde a Maracanã.  
Chatão. Só passa com ingresso na mão.  
Mas acho tranquilo. Passou da catraca pra dentro tá *top*. Estádio ficou de primeira.  
Ah, não. O serviço é ruim. Não é péssimo. É ruim. Cerveja acaba rápido. Não tem nada direito pra comer.  
Pô, mas aí tu quer o que, um restaurante? Paga camarote, então, bonitão, rico.  
Não pô. Mas ali na oeste e leste poderia ter umas coisas diferentes pra comer, beliscar. Pra valer o ingresso, pô!  
Não. Isso é!

O terceiro entrevistado, na categoria “frequentador de Maracanã”, foi Edinho. De uma família de rubro-negros, com um irmão convertido na adolescência ao tricolor carioca. Ele foi e ainda é um frequentador habitual do Maracanã. Aquele dia, porém, não pode ir ao estádio, por questões pessoais, segundo o próprio, e optou por assistir ali. Edinho, alternava a cadeira de plástico com o recostar em um dos balcões do bar, durante o jogo. No intervalo, ele prestava atenção na minha conversa com os outros presentes e também nos melhores momentos do jogo apresentados na televisão. Eu reparava isso, pois era fácil notar o corpanzil de Edinho se movimentando naquele local que sofria de uma certa limitação espacial.

Logo que o abordei, ele me questionou: “pra mim você não iria falar comigo! O “Naldinho” me avisou que um professor amigo dele e do Sr. Reinaldo ia vim aqui pra falar do Flamengo.” Agradeci a gentil disposição, mas fui ponderando que não estava ali para falar do Flamengo, mas para ouvir sobre. “É isso aí, é isso aí.” Retrucou Edinho. Reinaldo passou e se dirigiu a mim: “Esse cara viu muito o Flamengo. Fala com ele.” Começamos a nossa conversa entrevista com um questionamento meu: porque Edinho, no diminutivo? Edcarlos, “assim mesmo, ‘d’ mudo e carlos junto” contou que seu nome é a junção de dois ídolos do pai. A primeira parte do nome é dedicada ao “rei do futebol”, Edson Arantes do Nascimento, Pelé. A segunda composição ao “rei da música brasileira” Roberto Carlos.

Pelo meu pai eu chamaria Pelé Carlos ou algo assim de tanto que ele gostava dos dois. Mas quem deu a solução pro problema foi uma tia, irmã de mamãe e minha madrinha de batismo. Aí ficou Edcarlos. O Edinho, vem de criança. Eu colocava tudo no menor [diminutivo]. Bolinha, mãezinha, paizinho, caminha, baratinha e assim por diante. Aí virou isso aí, Edinho.

De ombros largos, barriga farta e com dois metros de altura, segundo o próprio, a figura de Edinho não passa despercebida. Aos 56 anos, “desde os 12 dedicados à borracharia”, é um sujeito expansivo, de fala alta e presumivelmente forte. Contou-me que nasceu na cidade do Rio de Janeiro e morou durante muito tempo em Bangu. Mas o pai, um ex-estivador do cais do porto “cismou de abrir um negócio próprio”. Foi trabalhando no bairro do Caju para um borracheiro que juntou as parcias economias para também abrir sua borracharia nas redondezas. “Com o tempo, mudamos pra Ramos, voltamos pra Bangu, Caxias e ficamos no Caju.” O pai de Edinho chegou a comandar três borracharias entre a Baixada Fluminense e o Rio de Janeiro.

Meu pai viu o movimento de carro, caminhão crescendo e apostou. Minha mãe e minhas irmãs vendiam quentinha no bairro e deixava algumas na borracharia. Esse dinheiro aí que levantou meu pai. Nunca foi rico, mas nunca faltou nada. O mais malandro fui eu. O restante das meninas [irmãs] estudaram.

- E como o Flamengo chegou pra você?

Meu pai era Flamengo. Lá em casa só podia ser Flamengo. Minha irmã um dia viu um jornal do Fluminense campeão, gosto nem de falar esse nome, e falou que a camisa era bonita. Quase que apanhou, mas ia apanhar mesmo. Pai batia mesmo. Não tinha pena. Pensa numa coça de borracheiro. Aquela mão grossa. (risos).

Meu pai bateu num vascaíno uma vez em frente a borracharia. Eu ajudava ele. O Vasco tinha ganhado do Flamengo e o sujeito chegou brincando. O velho esfolou o sujeito e a turma juntou pra separar. (risos)

O velho dizia que não era time de brasileiro. Era time de português safado. Time de brasileiro era o Flamengo. E pobre também tinha que torcer para o Flamengo. O velho era brabo.

- E você se tornou rubro-negro por conta dele.

É. Aí depois é história.

E quando você começou a frequentar estádio.

Eu fui duas vezes escondido no Vasco.

- São Januário? É.

Mas por causa de namorada.

Eu ia muito. E assim. Como eu sou grande, ia e entrava às vezes na marra sem pagar. Hoje não da pra fazer isso mais. Vai preso. Antigamente eu desse tamanho, aqueles ‘polícia’ tudo gordo demais e magricelo demais nem encarava.

Tinha um polícia que uma turma apelidou ele de Caveirinha Sangue Frio que ele furava na faca. Quando falava que eu era parceria dele, aí nego ficava mais bolado comigo.

- Mas e o Maracanã. Quando você frequentou os jogos? Você era de alguma organizada do Flamengo?

Não. Até hoje eu não gosto de torcida organizada. Já briguei com vários nos anos 80, 90. Aquela época eu era jovem, moleque. Não tinha medo de nada. Mas também as coisas não eram assim. Hoje o cara puxa o berro pro seu lado. Aquele tempo era na mão. Se não desse pra resolver no argumento saia no tapa e ia vendo o que que dava. Ninguém puxava um ferro pra ameaçar. O cara só armava se tivesse certeza que ia puxar o aço mesmo.

- Mas você gostava de briga?

Eu gosto ainda. (risos) Mas não da pra brigar mais. Hoje é tudo mais violento. Mas você ia ao Maracanã com intuito de brigar?

Não. Não. Brigava se tivesse que brigar. Às vezes os caras vinham pro seu lado. Não dava pra correr. Olha o meu tamanho. Eles iam me pegar. Então era encarar mesmo.

- E você se lembra de algum caso especial no Maracanã?

Uma vez eu tomei um tambor da mão de um cara que tava batendo errado e ensinei ele a tocar no tempo certo. Sujeito todo atravessado.

- E você hoje em dia vai ao Maracanã, o que acha do estádio depois das reformas?

Vou muito menos que antes, mas vou.

- Com que frequência?

Ah, não sei. Uma vez no mês. De dois em dois meses. Não paro pra fazer conta, não. Mas quando era mais novo ia sempre. Fim de semana e dia de semana tava lá com uma negada.

- O estádio hoje é melhor que antigamente?

Com certeza. É até cheiroso (risos). Tudo no lugar. Antigamente era meio bagunçado. Uma confusão pra entrar e sair. Hoje é tudo no lugar. Mas sabe o que que é, tô mais velho. Sem pique pra aquela época. Igual você falou. Se tivesse mais novo hoje seria outro negócio. Eu não tenho filho. Não que eu saiba (risos), mas ir com moleque hoje seria tranquilo. Aquela época era outra coisa. Mas os meninos de hoje em dia são mais tranquilos também. Eu era do... riscado. Aprontava muito. Mas era muito bom. Experiência.

Enquanto conversávamos sobre a vida de Edinho e sua “experiência” no estádio, o jogo ficava em segundo plano para ambos. Vez por outra prestávamos mais atenção ao resultado e às jogadas, que pelo agitar dos presentes em grunhidos, lamentos e xingamentos deduzíamos o que se passava entre as quatro linhas. Por fim, o segundo tempo foi agraciado com quatro intentos. Vencendo o rubro-negro da Gávea o alvinegro da Vila Belmiro pelo placar de 3x2. O Santos de Pelé, um dos dois “reis” homenageado no nome daquele que, coincidentemente, àquela altura era meu entrevistado.

Com o fim da partida se aproximando, as contas foram se encerrando. Pagamentos, penduras e saideiras distribuídas entre as mesas. O dono do espaço organizava tudo e contou com minha colaboração para auxiliá-lo. Por fim restamos os três no espaço. Reinaldo colocou a televisão no canal de comentário esportivo pós-jogo, abriu uma cerveja e começou a perguntar

a Edinho sobre o desempenho do time na partida. “Quase não vi.” E largou uma gargalhada. Perguntei a ambos sobre o time, bem como as questões referentes a suas incursões ao estádio do Maracanã. Ambos disseram que uma das questões que impedem de frequentar o estádio ou que diminui a frequência na ida estão referentes aos valores cobrados. Como afirmou Reinaldo:

Tá tudo caro. E acho que tudo aumentou na pandemia. As coisas aqui do bar aumentaram. Pra fazer um bolinho tem óleo, farinha, carne e tudo subiu. Eu procuro promoção.

- E não tem promoção de ingresso?

Eu nunca vi. Compre dois, leve três.

Vou te falar. Agora é melhor que antes. A situação é melhor, Edinho.

Também acho.

- Em relação ao futebol, ao Maracanã, também?

O estádio é melhor, mas como te disse tudo está mais caro. Então, é um melhor, piorado.

O negócio é que antigamente tu pagava barato. Podia pagar barato.

Ou nem pagar. (risos)

É. Entrava na marra. Cansei de forçar pra entrar na força bruta.

Reinaldo precisava desarmar minimamente as coisas do bar, pra que ele voltasse a cumprir as funções de uma casa. Aquele espaço se transformasse novamente em uma garagem, com uma moto e um carro estacionados. A fala de ambos colocava em certa perspectiva as épocas vividas naqueles espaços de emoção e trazia em consideração as questões financeiras de cada tempo como possibilidades ou empecilhos para a realização de alguma ação do torcer, também uma certa demonstração de virilidade masculina funcional diante de enfrentamentos físicos e representacionais.

Pernoitei em Bento Ribeiro, retornando na manhã seguinte até Paracambi e fazendo o percurso até o Sul Fluminense. Nos vagões do trem da Supervia fui relendo as anotações e rememorando as conversas que havíamos tido. Reinaldo havia dito que me mostraria uma foto de seu pai com um jogador do Flamengo e que eu ia gostar, mas no desenrolar nos esquecemos. Posteriormente o relembrrei, mas o mesmo não encontrou as fotos entre seus pertences.

Saí daquela localidade com a mesma sensação das outras vezes que frequentei aquilo que se considera como periferias ou bairro periféricos. A solidariedade e a noção de pertencimento ao local são de outra escala ao pensarmos as nuances da cidade e as influências que ambas se exercem.

Os dinamismos dos considerados centros econômicos da cidade funcionam em uma escala laboral que tende a isolar os relacionamentos e as interações entre indivíduos em

momentos de sociabilidade, de tal modo que essas situações encontro – como uma pausa para o café, o intervalo de almoço ou a ida a um estádio – são um fim em si. Diferentemente, as sociabilidades mais naturais da vida dos bairros distantes desses centros pulsantes de uma economia que se quer macro apresentam uma forma de viver, essas mesmas sociabilidades, de maneira mais contínua. A contribuição para isso, talvez esteja nos laços de uma comunidade, ou no senso de existência desses laços, que se apresentam como formas de pertencimento a um grupo. Eles são modos de aproximação dos indivíduos em ambientes como a Igreja, o bar – como vimos – e nesses ambientes a construção de interatividades, similitudes e antagonismos capazes de criar uma rede de aproximação. As situações econômicas do território também são fatores de grande relevância dessas interações. No bar de Reinaldo, por exemplo, ainda existe o hábito do “pendura”. Ou seja, anotar a dívida para pagamento posterior. Além disso, ele empregava a palavra “freguês” ao se dirigir a quem lhe pedia algum item de seu comércio. Perguntei-lhe se havia algum sentido, significado, ao utilizar esse termo e por que não usar “cliente”, por exemplo. “Não sei porque, não. Mas num bar falar cliente é meio estranho. Acho que freguês é mais junto da pessoa”. Ou seja, subentende-se que a utilização do termo, objetivamente, colabore com a experiência de fazer o indivíduo pertencente ao local.

Outro entrevistado foi o notório Arthur Muhlenberg. Nos contatamos pela internet onde o torcedor rubro-negro tem um perfil massivamente com publicações e interações dedicadas ao Flamengo. Após um contato prévio dirigi a ele os seguintes questionamentos:

- Você como frequentador do Maracanã viu o Flamengo encher estádio em períodos bem diferentes da cidade do Rio de Janeiro e do próprio estádio. Quando você olha para a torcida do rubro-negro você vê diferenças daquela dos anos 1980, 1990, pra hoje em dia?

Cara, acho que a torcida mudou bastante. O perfil socioeconômico, o perfil etário e principalmente a ligação com o futebol. Eu acho que antes as pessoas tinham com o futebol e eu comecei a frequentar estádio foi nos anos 70.

Então tinha dois tipos bem marcados de pessoas que iam: quem gostava de futebol, se ligava em futebol e quem não se ligava tanto.

Mas era um programa maneiro com a família. Sentar lá, tomar um *chicabom* com a família. Ia muita gente assim, sabe. Nos anos 70. Isso foi mudando com o tempo. Todo ano muda, né. Sempre muda. Uma nova galera.

Hoje em dia, pelo preço a gente eliminou os pobres. Pobres mesmo. Começa por aí. E tem metade. Assim, não da pra dizer se metade ou não. Mas uma parte da galera que tá lá é absolutamente fora do contexto daquele futebol. Então, assim mudou o perfil sócio econômico.

Hoje tem muita mulher no Maracanã e isso é uma diferença muito grande, porque foi um lugar muito hostil pras mulheres durante muitos anos. As que iam, eram muito guerreiras, meu irmão e provocaram porradas homéricas. Porque a galera super desrespeitosas não com a mulher, né, super agressiva,

machista, não queria mulher lá e isso mudou, mudou porque hoje tem muita mulher, muita mulher. Mas virou esporte de rico não não é? Principalmente no leste superior onde eu vou, onde eu gosto de ver jogo. Virou um lugar caro. Talvez o mais caro do estádio e isso mudou o perfil. Mudou o perfil e a torcida do Flamengo que vai ao estádio teve que mudar, porque virou caro. Aí você vê a gentrificação do futebol e do Maracanã.

-Se você pudesse definir a importância do Maracanã para o Flamengo e o Flamengo para o Maracanã, como você definiria?

Cara, a importância do Maracanã pro Flamengo é enorme. O Flamengo mandou muitos jogos importantes ali. O Flamengo não tinha estádio e o Flamengo ganhou muita coisa importante ali numa época que o campeonato carioca era algo muito importante foi ali que a gente conquistou todos, e o primeiro Brasileiro e alguma coisa também de identidade né? O Maracanã pegou alguma coisa, um jeitinho da torcida do Flamengo. Agora, a importância do Flamengo para o estádio do Maracanã é dez vezes maior. Porque o Maracanã foi construído pra Copa de 50, e aí cara o Botafogo jogava em campo próprio, Fluminense, Vasco, o América, o Olaria, o Bangu, Bonsucesso, todo mundo tinha seu próprio campo. O Flamengo ficou com o “pepino” de manter aquilo ali aberto. Foi um serviço de sacrifício nacional. Flamengo tinha a Gávea, poderia ter continuado mandando seus jogos lá e eventualmente colocar uns jogos ali. Mas não, assumiu o Maracanã como casa e viabilizou esse elefante branco nesses 73 anos aí de estádio.

- Numa situação hipotética, você imagina a cidade do Rio de Janeiro sem o Flamengo?

Cara, é difícil de imaginar a cidade do Rio sem o Flamengo. Porque nesses anos o Flamengo acabou se tornando uma marca carioca. As pessoas vêm pra cá atrás do turismo, do Pão de Açúcar, do Corcovado, mas também do Flamengo.

- Qual a importância do Flamengo e de sua torcida para a cidade do Rio de Janeiro?

O Flamengo por ser nacional, ele foi uma maneira de levar, de chegar junto no país todo, principalmente no tempo do rádio, quando começou isso, o jeito carioca de ser. O Rio era a capital do Brasil. Aí o estilo carioca que ainda é o centro, a matriz de tudo né, é aqui que as pessoas se espelham no Brasil todo e o Flamengo faz parte dissociável disso tudo. No setor futebol o Flamengo que levou isso tudo. Outros clubes também têm torcida fora, mas não é a mesma coisa do Flamengo, o Flamengo virou o padrão.

Entrevistei presencialmente Alex, que em um segundo momento me passou dois outros contatos. O primeiro deles respondia pela alcunha de “Gatão” e juntamente com Alex organizava excursões e caravanias no Sul Fluminense para jogos do Flamengo no Rio e em São Paulo entre os anos 1990 e 2000. Alex narra que foram ótimos os períodos que passaram assistindo o Flamengo se deslocando “de baixo pra cima”. Também retrata a “amizade” e o “companheirismo” entre o que chama de “QG”, os amigos de excursão. E citou sentir falta do Rio de Janeiro de antes. Alex frequentou as arquibancadas do Maracanã desde os anos 1980, levado pelos pais. “Minha mãe ia no Maracanã. Ela gosta de futebol até hoje. Meu pai gostava de levar todo mundo.”

Eu nasci e cresci no Rio de Janeiro. Morei em Copacabana até os 15 anos. Quando meu pai foi transferido pra AMAM [Academia Militar das Agulhas Negras em Resende-RJ].

Foi aí que meu pai começou a ter preguiça de ir até o Rio pra ver jogo. Começamos a organizar excursão. Primeiro nós fomos umas duas vezes de carro. Quando começou a ter *Towner, Topic* [modelos de van] começamos a alugar e a convidar conhecidos pra ir com a gente. Começamos a organizar excursão que saia de Resende e ia pegando torcedor até Volta Redonda. Teve vez que meu pai pagava a van e um monte de moleque só pagava depois.

- E havia algum responsável?

O “Gatão” já era adulto. Acho que eu também. Mas não tinha criança na van. Era todo mundo perto dos 18 [anos] ou já acima. Uma vez deu problema. Fomos parados e os policiais começaram a embarreirar. Falaram que o carro estava como documento vencido, aquelas coisas. Eu nem lembro se estava mesmo. Devia ter algum problema mesmo. E naquela época não tinha celular. Esse contato rápido de hoje em dia, WhatsApp, acho que o mais rápido era e-mail.

O Gatão já foi logo falando que o pai dele era militar do Exército. Eu lembro que o policial falou assim: “ah, muito obrigado. O dia que o Brasil entrar em guerra eu peço pra você chamar seu pai.” Todo mundo começou a rir, moleque é foda. Em vez de ficar quieto. Tava tomando uma dura do policial todo mundo encarnou no pé do Gatão.

Mas acabou que fomos liberados. Talvez o policial ficou pensando naquilo. Pô, filho de militar, ditadura ainda tinha, sei lá, 10,12 anos que tinha acabado. Mais aí ele liberou o carro e fomos embora.

- Essas excursões eram de torcida organizada ou só torcedores avulsos?

Não. Sem organizada. Organizada só dá confusão. O Gatão entrou numa época pra organizada. Ele tinha um irmão que torcia pro Palmeiras, aí viram os dois juntos uma vez. O irmão dele com a camisa do Palmeiras. Não quiseram bater no cara. Aí depois disso, o Gatão saiu fora de organizada. Não. Só confusão. Sou grato a elas pelas festas. Mas tô fora de organizada.

- Mas então vocês faziam essas excursões com grupos de amigos?

Ah, não só amigos. Era amigo, torcedor independente. Independente de torcida. Quando eu morava no Rio frequentava o Social do Flamengo e o Clube Militar. Conhecia gente do Brasil inteiro lá.

- Você é filho de militar e usou um termo que geralmente não se usa “ditadura”. Como era essa relação de política, futebol e etc. na sua casa?

Não. Meu pai era tranquilo. Era oficial. Mas era super traquilo. Ele falava que era o trabalho dele como qualquer outro trabalho. Teve várias promoções porque era muito certo nas coisas, mas não era esse militar careta. Minha mãe também. Tanto que eu tenho lembrança de infância de ouvir Chico Buarque com eles, Gal Costa... esse pessoal que é chamado de esquerda. Agora, pro meu pai política era uma coisa e o Exército outra. Tanto que, meu pai contava que foi chamado para ser Conselheiro do Flamengo. Não sei se é verdade. Mas ele dizia que não se mistura por que ele era da ativa e não ia se dedicar ao clube e já falava “time é paixão, paixão é doença. Logo você pode fazer loucuras se estiver delirante de doença e de paixão.” Ele falava uma frase assim.

- E o Maracanã, os jogos do Flamengo?

Ah, pegamos uma das melhores fases do time. Essa agora também está muito boa. Mas aquela época o time era mais mágico. Eu não vi os times de 1970.

Vi 80 e 90, mas acho que o Mundial [1981] foi a virada do Flamengo em termos de time. Dali pra frente teve muito jogador bom. E não vou nem falar da política do clube que essa sim foi um salseiro e montou uns times medíocres que ainda assim chegavam em alguma coisa. Mas eu nem acho que seja só o Flamengo. Tem a ver com o tipo do futebol brasileiro. Acho que tirando São Paulo, o futebol estadual é decadente no geral. Os anos 90, os anos 2000 tem Fluminense rebaixado não sei quantas vezes, Vasco do Eurico cheio problema, uma máfia... Era o futebol carioca. A política de futebol desses caras. Flamengo não era diferente.

- Como isso afetava a arquibancada? Você sentia isso enquanto torcedor? Claro. O que eu te falei de torcida organizada? Tinha uns caras muito doidos. Eu lembro de uma vez um cara da Raça, acho que era da Raça, chegar pra gente na arquibancada e mandar vaiar, parar de aplaudir. Tinha uns negócios desses. Hoje em dia você sabe, tem grana envolvida. Eu fazia questão de não envolver. O negócio era ver o Flamengo jogar.

- Dizem que a torcida do Flamengo fazia uma festa no estádio. Era? Maracanã era festa. Era diversão. Arquibancada era uma festa. Festa mesmo. A torcida fazia festa de todo jeito. Acho que a minha primeira imagem de um estádio era das arquibancadas e aquela festa de papel picado. Eu vi um Fla-Flu com meus pais, acho que estava com a família toda e eu achei bonito o pó de arroz. Aí eu elogiei e levei um beliscão da minha mãe. Ela ficou com medo de alguém da torcida me bater.

- Você frequentou qual lugar ali do Maracanã? Arquibancada. Gostava de ver o jogo da arquibancada. Foi alguma vez de Geral? Ih, não. Geral a gente jogava coisas nela. Já fiz muito isso. Resto de comida, urina, cuspe.

- Mas e se acertasse torcedor do próprio Flamengo. Fazer o que? Uma pena. Mas como era tudo misturado. Ficava todo mundo junto. A gente mirava e jogava. Pegou, fazer o que, pena!

- Você disse que sente falta do Rio e que existe uma simbiose entre o Rio e o Flamengo. Como assim?

Ah, cara. São as coisas do passado. Tem uma questão da saudade, do lugar da infância. Você é historiador. Deve entender bem disso. Eu sinto falta, saudade. Quando morei na Vila Militar [AMAN] era legal também. Mas nem chega perto ao tempo de Copacabana. Mas assim, ficou lá atrás. Eu volto ao Rio a trabalho e também não tenho mais paciência com o Rio hoje. Além de ser perigoso. Quando era moleque era tranquilo. Tinha um assalto ou outro, mas nada como é hoje em dia.

- E você vai assistir o Flamengo, hoje em dia. Vou pouco, mas vou. Era sócio. Mas desativei. Morando mais longe fica mais difícil. Pegar carro, achar uma excursão bacana, sem bagunça.... Difícil, não é?

Chama atenção em alguns discursos uma perspectiva daquilo que parece ser um caráter etário, ou geracional. À medida que alguns torcedores vão envelhecendo a ação do torcer começa a ficar mais dificultosa. Logicamente que frequentar uma arquibancada durante duas horas de jogo requer, de certa forma, um vigor físico se se é um torcedor, uma torcedora atuante. Todavia, as formas mais ativas do torcer em um estádio de futebol parecem estar sempre ligadas

ao fator “juventude”. Ao próprio entrevistado, questionei se essa atitude viria com o tempo também pelas questões da vida adulta, da vida laboral, por exemplo.

Ah. Com certeza. Hoje eu trabalho dez, doze horas no dia. Como vou correr atrás de ir pro Maracanã? Também moramos a duas horas de carro, fora o transito da cidade. Como que faz? Vou chegar em casa, tomar um banho, abrir uma cerveja e ficar vendo pela televisão. Muito melhor.

- Mas e se você morasse no Rio. Frequentaria?

Depende de onde eu morasse. Mas eu to cansado. Não tenho ido nem ver o Volta Redonda, nem quando o Flamengo joga aqui. (risos) Estou brincando, acho que iria mais, sim. Depende também de como o time está. Àquela época eu ia em jogo bobo, jogo pequeno. Nem me importava. Hoje eu já começo a escolher. Libertadores com um jogo bom, decisivo. Agora, carioca, eu não vou não. Nem clássico.

- Diz uma lembrança marcante no Maracanã.

Tenho muitas. Mas meu pai e eu comemorando um gol do Junior. Não lembro o jogo. Eu era garoto. Mas lembro do meu pai apertando muito minha mão e o estádio inteiro comemorando muito. Tinha uma névoa. De fogos na minha frente. Mas a lembrança é justamente meu pai apertando a minha mão.

A última narrativa de Alex traz o relato emocionado dos laços afetivos construídos no espaço de emoção que é um estádio de futebol. Para além dos vínculos familiares já existentes entre as figuras que aparecem em sua memória, está ali a composição de um momento em que o time de coração de ambos os personagens é o fio condutor da construção memorial da vida. A infância e a adolescência – fases socialmente construídas – são enriquecidas pelas sociabilidades proporcionadas pelo campo do jogo. A vitória, naquele momento, marca o indivíduo em seu consciente, de tal modo que os personagens da mesma estão agora ligados à sua história de vida.

Aquele primeiro contato, sugerido e muito citado por Alex, respondia pelo nome de Augusto, vulgo “Gatão”. Parceiros de adolescência e juventude, mas também identificados pela mesma paixão clubística, Gatão se identificou como mais apaixonado pelo Flamengo que o “Cachorrão” – apelido de Alex, confidenciado pelo amigo. O Cachorrão falou mesmo que você ia falar comigo. Com Augusto conversamos, totalmente, a partir de troca de áudios pela plataforma WhatsApp. O mesmo mora atualmente no interior do estado de São Paulo, onde exerce um cargo público. Nas primeiras conversas ele confidenciou que já não liga mais pra futebol, “pelo menos não como antes. Nem meus moleques gostam mais. Eles adoram NBA, futebol americano, *skate*”.

Assiste alguns jogos, mas sem muita paciência de ficar em frente a televisão por tanto tempo. “Eu gostava de ir pro campo. Agora, televisão? Sem chance. Não gosto. Mas nunca gostei.”

Segundo ele, o desinteresse pelo mundo da bola veio depois que os jogadores começaram “a ganhar demais. Aí virou tudo mercenário. Só dinheiro, só dinheiro. O clube ó... Torcedor que se vire. ” Augusto, ponderou, que evidentemente torce pro Flamengo ganhar. “Claro, pô. Eu vibrei. Eu vibro em cada título. Agora, jogo, assim que não vale nada, aí eu nem ligo. Não perco meu tempo. ” Para ele, hoje o futebol sobre uma influência da internet tão grande que “confunde a cabeça das crianças. ” Ele se remete a um processo de fluidez identitária em que as raízes no e do lugar já não são essenciais e primordiais para definir do que se gosta, a quem se escolhe como representante. Se ele, que à época, morador do estado do Rio de Janeiro se reconheceu no Clube de Regatas do Flamengo, naturalmente – em sua visão – seus filhos deveriam “no mínimo torcer para um São Paulo, um Palmeiras... Aí ele me pediu uma camisa do Paris Saint-Germain, o outro uma do Barça. ”

Questionei se ele havia presenteado os filhos com as respectivas. “Dei né. ” Também se eles acompanhavam os jogos das respectivas ligas europeias.

Eles veem um pouco. Mas não são muito interessados por futebol, não. É modinha. Quer ver, aparece um jogador da NBA com a camisa do Manchester. Eles querem. Um *quarterback* sei lá o que cumprimenta um jogador de futebol no *Instagram*, aí eles querem a camisa do time de futebol americano e inglês.

Augusto contou que organizava as excursões para jogos do Flamengo incentivado pelo pai, um rubro-negro no Rio e palmeirense em São Paulo. Enquanto o parceiro de jornada era quem se dedicava “as questões burocráticas” de organizar as excursões, Augusto ficava com a parte da “festa”, confeccionando materiais visuais, fogos de artifício, comidas, bebidas e o suporte logístico.

- Como surgiu esse hábito de excursões para o Maracanã?

A história é longa. Mas não era só Maracanã, não. Fomos pra São Paulo, Minas, tinha umas excursões bem loucas pra São Paulo. Pra ver o Flamengo. Mas começou porque meu pai me tirou da Jovem [Torcida Organizada] Pai gostava muito de futebol. Mas ele sempre achou perigoso esse negócio de torcida. Lembra aquele caso de São Paulo? Que mataram aquele cara na paulada, ao vivo? Aí ele sempre lembrava daquilo. Ficava falando que torcida era coisa de marginal. Militar, né. [O pai de Augusto foi oficial do Exército]. E meu irmão é palmeirense. Só que em casa era tranquilo, Resende era tranquilo. Ninguém mexia com filho de militar. Eu nunca curti militarismo. A gente morou muito tempo em Vila Militar. Não tem problema, não tem violência. Não falta nada e quando falta resolve rápido. Eu tenho consciência disso.. A gente vivia numa bolha que não era tão bolha assim.

Mas aí ele falou pra eu sair. Só que eu era da Jovem, mas nem era tão forte lá em Resende, não. Tinha pouca gente. Nem da pra dizer que era uma organizada. Mas quando juntava com os pelotões de Angra, Volta Redonda, acho que Barra Mansa tinha também, aí encorpava mais e chegava no Rio, aí era loucura.

Eu parei de fazer parte e meu pai mesmo incentivou. Aquela coisa assim, por que vocês não começam a fazer excursão pra ver os jogos? Um grupo de vocês. Que a gente conhece todo mundo. Sabe quem é e etc. Foi assim que a gente só juntou. Por que eu já conhecia os caras da Vila [Militar].

- E como eram essas excursões? Como vocês organizavam essa torcida?

Era muito bom. Muitas histórias. A gente fazia uma farra. Teve uma que a gente só conseguiu uma Kombi pra levar 20 pessoas. Sei lá quantas pessoas cabem numa Kombi. Mas entraram as 20 cabeças, mais o motorista.

Outra vez o Cachorrão viu um cara caído na Dutra e paramos a Van. Acho que a gente tava de van nesse dia. E o cara tava bêbado, tipo andarilho. Falou que morava em Bangu, perto de Bangu, não sei bem. Mas era isso. A gente colocou o cara no carro e deixou ele na Brasil. E fora que era outra coisa ir ao estádio. Maracanã era sensacional. Flamengo dava espetáculo.

- Você disse que parou de frequentar estádio de futebol e que não liga muito mais, mas o Flamengo vem disputando muita coisa. Isso não te chama atenção, não te faz querer frequentar de novo, como antes?

Não. Eu vejo alguns jogos, mas só pela televisão. Mas eu conheço o Maracanã. Fui na Copa. Mas depois da pandemia não voltei. E tem a questão da distância. Mas também tem a mudança do futebol. Acho que era muito mais emocionante. Hoje o ídolo do Flamengo é o Gabigol. Joga bem. Joga bem. Mas não é um ídolo.

- E você preferiu o Maracanã da sua época de estádio ou o que você viu na Copa?

Outro padrão de estádio. Outra coisa. Aquela época eu não levaria minha mulher, namorada... Eu não levava minha namorada no Maracanã comigo. Tá louco. Ia ser escorraçada.

- Mas, mesmo se ela gostasse de futebol, fosse torcedora como você?

Nunca tive nenhuma namorada torcedora. Então, não sei. Mas assim, por mim, não levaria. A torcida era foda. Mas era escrota com as mulheres. Eu vi algumas situações de xingamentos com mulher. E mulher mais velha, não era garota, não.

- A que você atribui esse tratamento dado às mulheres no estádio?

Ah, cara. Hoje tá na moda esse negócio de feminismo, machismo e esse lance todo. Mas eu acho que era outra época, outra história, outra coisa. Vou te dizer um exemplo. Minha mulher é dentista da Aeronáutica. É militar. Cara, no departamento dela tem muita mulher que elas chamam de posição de comando. Pô, meu pai era militar. Não me lembro de nenhuma mulher. Era só homem. Só caras. General, Tenente. Hoje tem muita mulher nesses cargos. Tem uns dois anos que mulher pode ser soldado na Aeronáutica, antes não podia.

- E de alguma forma no Maracanã era assim?

Acho que no futebol era assim. A nossa turma lá em Resende era de homens. Só torcedor homem. Mas não era porque a gente não queria. Ninguém montou um “clube do Bolinha”, do tipo, mulher aqui não entra. Nunca foi isso. Era só a questão de não ter mulher ali naquela panela mesmo. Tô tentando lembrar aqui de mulher no Maracanã. Nunca reparei também. Assim de ficar procurando. A gente era maluco, ia pra ver jogo, pegação era no Clube, nas festas...

Augusto menciona os problemas enfrentados pelo público feminino no espaço do antigo Maracanã e de uma certa forma corrobora a ideia de uma época, na qual o futebol era visto como “coisa de homem”. Os próprios espaços dedicados tanto ao torcer quanto à aprendizagem do esporte eram lugares reservados a formação de torcedores e atletas homens. Daí, ao público feminino ser reservada a hostilidade na presença e uma proibição velada e violenta para promover a ausência de seus corpos femininos, seja no campo ou na arquibancada. Se a forma do lugar contribui para o *modus* do comportamento sobre os corpos presentes a forma da mentalidade aplicada em uma época é outro fator elementar na composição das regras subjetivas que se aplicam sobre esse lugar. Logo, a hostilidade direcionada a um determinado público é uma forma social de pensamento daquela época, que sim, reverbera para as construções físicas, tornando os lugares espaços de exceção, de conflito, de sociabilidades, de convivência.

Augusto também coloca as articulações do seu grupo organizado na fase juvenil da vida dos participantes que serão perdidas com a chegada da vida adulta. É naquele período da vida, que as práticas do torcer se mostram mais evidentes, mais efusivas. As organizações de excursões, caravanas, festas e etc. parecem soar como um típico modo de vivência de um grupo minimamente organizado e juvenil. Construindo sociabilidades em torno do futebol, tendo como fio condutor a paixão por um clube e acontecendo graças aos vínculos construídos dentro de um espaço de convivência que era a Vila Militar. Um local de convivência de uma categoria privilegiada em diversos fatores. Segundo ele, os conflitos da vida social eram muito regulados pela própria estrutura – rígida e super determinada – daquela micro sociedade estatal. Daí também que a própria saída de Augusto de organizações juvenis (torcidas jovens) por regras estabelecidas no núcleo familiar foi o que contribuiu para a construção daquele grupo de torcedores também organizados, mas fora das estruturas hierarquizadas de uma torcida constituída.

O segundo contato que me foi passado por Alex era de “Bispo” e segundo ele, “esse cara se despencava da Bahia pra ver o Flamengo”. Bispo é o sobrenome de Cesar. Atualmente morando no interior do estado de São Paulo, também nos contatamos pela plataforma de mensagens *WhatsApp*. Bispo relembrou da “época boa de jovem.” Disse que se dividia em vários grupos, pois frequentava a Igreja Católica, fazendo parte de grupos jovens, o futebol com os mais velhos no fim de semana e o grupo da Vila Militar. O qual ele nomeou “tropinha”, numa alusão aos grupamentos militares.

- Informaram que você ia da Bahia para o Rio para ver o Flamengo jogar. Oxi. (risos) Foi duas vezes só. De avião. Mas o Flamengo jogava lá também contra o Vitória, o Bahia. Eu via lá também. Mas foram duas vezes só.

- Você morou em Resende e fez parte de um grupo de torcedores não organizados?

Não. A gente era muito organizado. Colocava muita gente na chinela de organização. Mas pudera. Tudo filho de militar. Rígido. Formal. Então, preencher uma planilha era com a gente mesmo. Cumprir horário. Todo mundo era domadinho. Mas realmente ninguém era de torcida organizada lá. Não. O irmão do Gato era. Foi da Mancha, eu acho. O Gatão também. Mas o pai deles deu um pega nos moleques. Aí saíram. O Gatão e o irmão dele eram meio aloprados. Ele te contou as histórias?

- Com torcida?

É. Também. Os moleques bateram neles num jogo e eles pegaram uma turma e voltaram. Moleque. Bando de moleque. Pergunta pra ele. Depois dessa que o pai deles deu uma surra nos dois. A gente brincava falando que eles apanharam com a espada do Duque de Caxias.

- E qual era essa relação com Flamengo, com os jogos que vocês se mobilizavam pra ver?

Ora, a “Tropinha” era boa. Época boa. Cahamava de tropinha por que a maioria era filho de militar. A tropa. A gente juntava uma turma pra ir pro Maracanã. Ia de tudo que era jeito. Carro, Kombi, Fusca.... Amontoado. A farra era boa. Mas era todo mundo novo, sem preocupação. Minto. A preocupação era ganhar. Vencer, vencer, vencer...

- Chegaram a ir de Fusca?

Não. Brincadeira. Fusca não. Modo de dizer. Mas ia de qualquer jeito. Uma vez a gente quase encheu um ônibus vindo de São Paulo pro Rio. Ônibus interestadual. Acho que o Fran não conseguiu um carro pra uma final de campeonato estadual e o único jeito era ir de ônibus. Eu lembro disso porque era um tal de pai comprar duas passagens porque se surgisse alguém mais querendo ir.

Mas era muito bom.

- E você frequentou muito o Maracanã? E as experiências no estádio?

Eu morei em muito lugar. Morei no Rio alguns anos. Mas enquanto eu morava no estado do Rio, eu ia muito. Aí teve as vezes de Bahia. Ah, era muito bom. Eram duas épocas boas que a gente descia pro Rio e pra Angra [dos Reis], era carnaval e jogo de futebol. Eu já dormi na escada do Maracanã. De cansaço, de cansaço. Virado de carnaval e fiquei ali esperando pra abrir em jogo do Flamengo. Acho que foi um Flamengo e Ponte Preta. Sei lá. Não lembro mais. Foram tantos jogos.

- Quem te levava mais ao Maracanã?

Eu sou um filho temporão. Quando pequeno meu irmão mais velho. Depois que fui crescendo, ia sozinho. Quando fui pra Resende, a Tropinha. Sempre gostei muito de futebol. Eu fiz escolinha, queria crescer e ser o Zico. Meu irmão ainda hoje acha o Zico melhor que qualquer jogador que você falar. Menos o Pelé. Eu acho. Acho que o Pelé ele não acha pior que o Zico, não.

- Hoje você não deve mais frequentar o Maracanã, não é?

Que isso? Vou sempre. Todo jogo ainda vou. Quando posso e minha mulher deixa (risos). Mas vou. Vou sim. Sou sócio torcedor sim. Na pandemia, não. Guardamos a questão. Mas quando liberou, voltamos. Eu levo meu menino e minha menina. Ela adora.

- No grupo que vocês organizavam excursões não havia mulheres e hoje você disse levar sua filha para o estádio. Como você compara o Maracanã da sua época de jovem, as torcidas no estádio, com hoje em dia?

Rapaz. Acho que hoje é muito mais tranquilo do que era antes. Ah, não sei. Não tenho certeza. Hoje é violento também. Eu acho que as pessoas têm mais consciência hoje que antes, não é, não? Mas sei lá. Porque eu lembro de criança no Maracanã. Mas não como hoje. Isso é verdade. Tinha mulher também. Mas acho que não gostavam de futebol como hoje. Não tinha futebol de mulher. E se mulher quisesse jogar nem todo pai deixava.

- Você conheceu algum caso assim na Vila Militar?

Não. Mas devia ter. Porque tinha muita menina que morava na AMAM. Eu mesmo estudei com umas três. Quando morei em Salvador também. Mas lá o bicho era mais quente. A cidade era mais bicho solto que no Rio. E morei no Rio também.

- E o estádio em si. O Maracanã de antes e de agora?

Se um é melhor, ou pior? Conversei isso com o Cachorrão da última vez que nos falamos. Ele gosta mais de antes. Eu gosto mais de hoje em dia. Posso chegar tranquilo. Paro meu carro lá dentro. Vejo o jogo, vou ao shopping com minha mulher e meus filhos. Aquela época era loucura. Uma zoeira danada. Não comia direito. Chegava pra ir embora todo melado de cerveja. Isso quando não era de outra coisa. Mas não era ruim também, não. Mas assim. Vou te falar assim. Eu fico os jogos daquela época. Assim as coisas daquela época. As coisas que aconteceram, o jeito que a gente curtia, as amizades etc. Mas o Maracanã de hoje. Muito melhor. Bonito. O Maracanã ficou muito mais bonito. Organizado, limpo.

- O que era ruim naquele “outro” Maracanã.

O que eu te falei. O estádio era ruim. Assim, estádio é estádio. Shopping é shopping. Mas tem que ter o mínimo de conforto. Ser um lugar receptivo. Se não você expulsa o cara que faz aquela roda girar. Deixa um dinheiro de consumo ali. Ingresso é caro. Mensalidade é cara. Então tem que ter respeito. Minimamente. Até a polícia hoje em dia está melhor. Mais educada. Antigamente os caras te arrepiavam se você desse mole. Hoje você pergunta uma informação, eles até respondem educadamente.

A comparação perspectiva do mesmo estádio em épocas diferentes traz algumas evidências de que o lugar de participação do tempo e no espaço cria determinada forma de analisar e compreender a realidade. De certo modo, para cada forma de se chegar a um estádio de futebol existe uma quase fórmula de ser ou não abordado por determinados agentes, assim como é nessa separação espacial, que se abriga as caracterizações múltiplas por que passam torcedores. Ou seja, não é operacional de uma torcida organizada chegar de carro no estacionamento do estádio. A esse local, geralmente se deslocam torcedores independentes, avulsos e em muitos casos com acessos credenciados por clubes e outras instituições. Dessa forma, pode-se dizer que a condição na qual o indivíduo se encontra em uma época diz da sua visão e leitura comparativa daquela época com uma situação conjuntural do presente. O julgamento daquilo que se considera melhor ou pior passa pela condição do indivíduo em sua

experiência. Em sua experimentação da realidade, que a ele se apresenta com suas regras e métodos. Estes espaços também ocasionam diferentes níveis de experimentações. Em nosso caso, diríamos que cada tipo ideal, do que compreendemos com *torcedor* vive uma determinada experimentação a partir do local em que se encontra. As experiências vividas na *Geral do Maracanã* não são de forma alguma as mesmas ocorridas nas arquibancadas. Assim como as experiências de uma mulher nos anos 1980 e 1990 nas mesmas arquibancadas são completamente diferentes daquelas experimentadas hoje, ainda que, neste caso, exista ainda uma estrutura estruturada e estruturante que de forma objetiva subjogue as suas vivências no âmbito de certo domínio patriarcal.

Das várias lacunas participativas que a pandemia deixou abertas, o futebol se insere como uma delas. O programa que mais se aproximou a frequentar as arquibancadas de um estádio foi rememorar pelo televisor jogos passados. Um “exercício torturante”, como citou um entrevistado. “Uma forma de matar a saudade”, contou outro. “Tem horas que ainda fico nervoso, acho que a bola pode não entrar.” A falta de participação e o não extravasamento das emoções era o que regia a vida de torcedores no Brasil e no mundo. Toledo (2020 p. 56) indicou ser “impossível [naquele] momento reconstituir conceitualmente a noção de sociabilidade” desde que entendida “genericamente como a arte dos encontros.” Todo o processo pandêmico que ganhou nuances e conotações em diversas regiões do Brasil e do mundo refez as formas de vivências e de contato daquele período. As próprias formas de sociação e conflito foram reformuladas<sup>169</sup> para o universo das redes digitais e aí vale ressaltar que a vida política que se instalara no Brasil, por diversas vezes, regeu os “encontros” à distância, com conflitos e aproximações. Estes conflitos apareceriam, também, no universo do futebol e das torcidas de futebol.

Torcedores rubro-negros entrevistados durante a pandemia relatavam, de forma unânime, a falta que o futebol fazia na cultura do aproveitar a cidade, já que o esporte é esse elemento de ajuntamento de pessoas e transformação do indivíduo em coletividades. A sua ausência no cotidiano das pessoas estava completamente ligada tanto a questões econômicas quanto aos problemas psicossociais enfrentados na conjuntura pandêmica como um todo.

---

<sup>169</sup> Toledo (2020) ainda considera que a dinamicidade da vida abriu um vácuo comprehensivo sobre o dito momento pandêmico nas Ciências Sociais e mais especificamente na Antropologia. Às comprehensões teóricas mais usuais sobre o conceito de sociabilidade foram somados novos eventos que levariam em conta o distanciamento social e o isolamento. Situações que definiram por si sós as formas de contato entre os indivíduos.

Dois dos entrevistados foram os irmãos Rony e Ruslan que, em duas ocasiões, abordaram muitos temas referentes às organizações torcedoras, à pandemia e etc.. Ambos integraram núcleos de torcidas organizadas do Clube de Regatas do Flamengo. Mas optaram com o tempo pela saída das facções por acharem a hierarquização rígida demais e a política interna muito “centrada na torcida em si mesma, embora transpareça outra coisa. ”

Quando nós entramos pra torcida. Pensava que seria outra coisa.

É. Tipo os grupos jovens que participamos nas Igrejas. Claro, sem aquela coisa de pudor, moralismo. Acho que você entendeu. Mas era legal não foi totalmente ruim, não. Os jogos, a organização dos jogos. Era legal. No começo.

Só que o Rony entrou cada vez mais pra ajudar mais na parte de organização e da diretoria do nosso núcleo. Aí a responsabilidade é grande, eu acho, e a irresponsabilidade maior ainda.

Eu não gostava do seguinte: é tudo da torcida. Nem tudo pelo Flamengo.

- Como assim essa questão da responsabilidade, irresponsabilidade.

Aquela época do Bandeira de Melo. Hoje é herói. Todo mundo fala bem. O grande responsável pela reação financeira do Flamengo. Então, na época ele chegou a falar de choque de gestão, que ia ser difícil. Mas torcida não entendeu.

Teve um protesto na Gávea, no ninho. Aí um monte de cara da Jovem, da Raça, de torcida menor, cobrando dirigente, jogador, falando bater nos caras pra ter mais sangue em campo.

O resultado veio nos anos seguintes e aí?

Não, todo mundo com rabinho entre as pernas. Aí a diretoria foi e deu uma carga de ingresso, patrocinou passagem de avião, um ônibus pra não sei onde. E aí?

Aí que ficou tudo certo. Mas eu acho que você esta falando já do Braz.

É. Do Braz. E outra coisa. Cadê a torcida quando a direção do Flamengo só tava fazendo merda durante a pandemia? Fazendo carinho no Bolsonaro? A torcida foi pra algum lugar fazer barulho.

Teve gente que fez sim, Rony.

Um, dois. Teve presidente de torcida fazendo uma *live*, um encontro. Mas não convocou ninguém pra ir na porta do Landim. Eu não lembro.

- Sobre a pandemia. Vocês ainda eram associados à torcida?

Eu já não estava mais querendo saber. O Rony ainda tinha contato.

Contato eu tenho até hoje. Só não me envolvo mais. Assim, internamente, não é?

Nos jogos ainda vou. Fico perto.

- Lembram de alguma ação da torcida durante a pandemia?

Eu cheguei a ajudar na arrecadação de alimento. Teve doação de cestas básicas em algum morro no Rio.

Acho que na Baixada [Fluminense] também o pessoal levou algumas coisas. Roupa, alimento.

- E sobre ficar sem ver seu time durante esse tempo?

Muito ruim. Mas o futebol era o de menos, não é não?

Eu senti muita falta de ver jogo, encontrar o pessoal. Ficar na rua. É que o futebol é agregador. Não só o jogo de futebol de time grande, mas a

“peladinha” com a galera. Acho que ficar sem jogar foi pior que ficar sem ver jogo.

Os irmãos rubro-negros levantam pontos que não são novidade no fazer na política do microuniverso do futebol. As instituições que se relacionam entre si se retroalimentam de certa maneira. Como são entidades em que pesem o significado de suas camisas – visto que possuem uma representação significativa perante uma grande quantidade pessoas, que a elas se associam de forma apaixonada e voluntária – os movimentos de suas lideranças e consequentemente a direção em que são levadas reverberam diante da massa de seguidores que carregam. Logo uma instituição, como um time de futebol depende de um bom relacionamento com a instituição torcida; em via de regra as organizadas detêm maiores poderes que os torcedores avulsos, “povão”, independentes. A essa forma de relação, à base da conveniência e do interesse político, é que os irmãos se opõe. Citam na entrevista uma adaptação do lema estabelecido pela Torcida Jovem: “Nada do Flamengo, tudo pelo Flamengo.”<sup>170</sup> A crítica dos mesmos, vai em direção à política aplicada como um todo pelas organizações torcedoras. Claro que há na fala de ambos, uma certa generalização que precisa ser recortada, nem toda facção torcedora age em uma única direção e mesmo dentro de uma instituição há divergências de posicionamentos. Mas as relações políticas que as torcidas tomam em torno de si mesmas, para com a instituição maior do torcer – o clube – e para com a macro política governamental são objeto de observação crítica e foram amplamente questionadas por um setor da sociedade civil e torcedora, principalmente durante o citado período de pandemia. Outro ponto citado, mas de forma positiva, é característica assistencial da torcida. No período em se exigiram esforços de sobrevivência de uma categoria da população, houve por parte de uma parcela das instituições sociais esse apelo no auxílio às mesmas. E as torcidas organizadas se fizeram presentes. Como citado, algumas lideranças<sup>171</sup> se mostraram críticas à maneira como o governo federal promovia sua política de não enfrentamento da pandemia, ao minimizar os danos sanitários e não promover o isolamento e o distanciamento social entre os indivíduos, sempre com o argumento político de danos irreversíveis à economia, como um todo e ao empresariado em geral.

---

<sup>170</sup> Ver a já citada obra de Hollanda e Teixeira (2022). Em especial a “parte 2” do estudo.

<sup>171</sup> Vide imagens 40 e 41.

Luciano, um rubro-negro que também frequentou o Maracanã desde os 1990, narrou através de encontro virtual, algumas experiências no estádio e nessa perspectiva, a falta que o futebol fez durante a pandemia.

- Você frequenta o Maracanã desde quando?

Cara, desde muito novo. Porque meu pai tinha cadeira cativa. Então, sempre íamos quando ele não estava de serviço.

- Você fez parte de alguma organizada?

Não. Nunca quis.

- E quais as lembranças que você tem no estádio?

Muito boas. Claro, quando o Flamengo ganhava. Quando perdia era uma tristeza só. Meu pai era muito Flamengo. Eu tenho um monte de camisa que eram dele. Eu tenho algumas autografadas. Vários jogos bons. Ele foi ficando mais velho, foi parando de frequentar. Aí eu ia mais com meu irmão mais velho e alguns amigos.

- E hoje em dia, você ainda frequenta?

É. Agora não dá. Mas quando voltar... E já associei meu filho também.

- Você é sócio torcedor?

Sim. Tem que ser.

- O que você acha dessa política de sócio?

Pro clube é muito boa. Pro torcedor depende. Mas eu gosto porque uso muito. Vale a pena. Não sei se vale pra todo mundo.

- Sem o futebol presencial, como ver o Flamengo?

É. Só os jogos antigos. Mas é legal, porque vamos revendo algumas coisas do passado que nem lembra mais. Dia desses eu fiquei vendo uns jogos com meu irmão e mostrando pro Cícero [filho]. Até da Copa de 1994 e 2002.

- Tem um burburinho pra retorno dos jogos.

Eu não iria. Ah, não sei. Dependendo.

- Dependendo de que?

Se estivesse tudo separado, limpo, higienizado. Não sei. Não sei se vale o risco. Mas não sofro de nenhuma comorbidade. Então, talvez dê.

- Você prefere esse modelo de estádio após a Copa de 2014 ou o antigo modelo de Maracanã. Porque?

Sem dúvida esse. Muito melhor. Da pra levar meus filhos.

- Mas você não ia quando criança?

Ah, ia. Mas se eu fosse o meu pai, antigamente, não me levaria. (risos). Mas na cadeira era muito tranquilo também. Fui pra arquibancada depois. Quando ia com meu irmão, já adulto. Jovem. Antes era só cadeira. Eu levo o Cí e fica tudo no lugar, tudo tranquilo, não tem tumulto.

Quando do retorno das atividades muitos vendedores ambulantes entrevistados, quando questionados sobre a paralização das atividades nos períodos mais intensos da pandemia ressaltavam a significativa parcela econômica que o futebol trazia para seus negócios. A renda em dias de jogos nas proximidades de estádio e nos meios de transporte de torcedores representavam ganhos de expressão na renda mensal. Entretanto, em sua totalidade, a segurança da vida era o primordial, ante a realização de eventos esportivos. Porém, também a maior parte

continuou, de alguma forma realizando trabalhos de vendas em alguma parte da cidade do Rio de Janeiro e Baixada Fluminense. Uma das entrevistadas, disse, ter mantido parte da renda – somada ao Auxílio Emergencial<sup>172</sup> – “vendendo churrasquinho na porta da Caixa [Econômica Federal] de Caxias, enquanto meu marido foi pra Nova Iguaçu.” Dessa maneira, garantia um mínimo daquilo que lhe foi tirado pelo caos pandêmico agravado pelo caos político.

Outro vendedor ambulante entrevistado, mencionou que a saúde era prioridade para ele e para a família. “Todo mundo falava: ‘morto não compra’. Mas vivo que não come também morre. Tinha que trabalhar dentro do possível. Tomando cuidado.” De atuação contínua nos trens da Central, adaptou seu modo de trabalho. Dias vendendo na ao redor da estação, dias no calçadão de Nova Iguaçu – quando não havia fiscalização. “Tudo com muito álcool em gel e máscara.” A situação para ele era insustentável, mesmo recebendo juntamente com a mulher o “auxílio do governo”.

Comprovando que o processo pandêmico ocasionou perdas significativas na economia em geral, mas a falta de uma clara política governamental de combate sanitário bem como uma forma massiva de amparo social das populações em vulnerabilidade, acentuou as perdas nessa camada levando-as a uma economia de subsistência, dez dos trabalhadores e trabalhadoras dessa área do comércio responderam de forma afirmativa quando a questão era, se haviam exercido atividades de trabalho com contato humano, durante os períodos de isolamento e distanciamento social. Sete deles e delas foram contaminados pelo coronavírus, sem maiores complicações. Dez tiveram conhecimento de óbitos pela doença. Dez deles e delas, sabiam dos riscos e afirmaram ter trabalhado dentro de uma margem de segurança sanitária. Com máscaras e álcool em gel. Oito disseram que o futebol e eventos de esporte vaziam a diferença dentro da renda mensal arrecadada. Logo, a falta desses eventos comprometia significativamente sua economia doméstica.

Sendo assim, como já mencionado no capítulo 2, a pandemia do Coronavírus impactou as formas do torcer e, obviamente, as formas do viver. Se num primeiro momento, a ausência do futebol, do jogo do lúdico foi suportada, por um breve tempo, com o passar dos dias e das horas daquele tempo histórico, ela ganhou nuances de dramaticidade, quando não abriu traumatismos, na vida social que perduram até o tempo presente. A vida torcedora foi afetada, a laboral idem. Quando esses dois campos se encontravam naturalmente, um sendo parte da

---

<sup>172</sup> Programa do governo Federal que destinou quantias de subsistência para populações de baixa renda e atingidos em seus cargos laborais pela pandemia do Coronavírus.

cultura do outro, e abruptamente deixaram de se retroalimentar, a crise de ambos também se somou. O que vimos foi a pausa da bola, a pausa da vida. Novamente a rolar, em uma espécie de terceiro tempo.

## CONCLUSÃO

A cada ano, a cada época social, a cada tempo histórico, o esporte como um todo, o futebol em particular, é submetido à novas construções. Sejam econômicas ou no campo das práticas esportivas em si mesmas, atletas e espectadores, dirigentes e torcedores se defrontam com uma gama de produções – e também produtos – que prometem alçar a categoria a um novo patamar. Mais divertido pra quem vê, mais eficaz para quem pratica, mais lucrativo a quem investe, o esporte espetáculo é uma mercadoria que se quer fazer o espelho daquilo que se chama comumente, modernidade. A superação do atraso presente – em qualquer época – vem a reboque das novas tecnologias, sejam elas instrumentais ou no âmbito do comportamento. O futebol de hoje não é o mesmo de 10 anos atrás. Até mesmo nas peladas de rua onde a criançada baliza as traves pelas chinelas o VAR<sup>173</sup> já é simulado. Aliás, bola que passa sobre as sandálias, pelo lado de dentro, é gol ou não é? Chama o VAR!

Grande parte das práticas lúdicas ao se tornarem práticas esportivas avançam nessa direção. O progresso é, portanto, uma chave do moderno, e ele sendo a opção pela civilização ante os “bárbaros hábitos” é a oportunidade de uma sociedade de alcançar sua suposta evolução enquanto tal. Eis uma leitura de época, não uma conclusão deste trabalho. Sendo assim, admite-se em determinados períodos a incursão do que se pretende moderno desde que as categorias inseridas no objeto não violem partes essenciais desse mesmo objeto. Haja vista que sua essência deve ser preservada, seja na sua forma elementar cultural, seja na sua forma de produção de subcategorias e subprodutos, até submundos de prática e economia. Os marcos temporais do esporte bretão que ganhou o mundo têm de sobra esses solavancos do “progresso”, esses “saltos civilizadores”, como diria Norbert Elias. Do amadorismo ao profissionalismo, dos goleiros sem luva as mais avançadas tecnologias têxteis nas camisas de jogadores o futebol é um universo mercantil voraz. Por um lado, produz exclusões – negros e pobres não podiam jogar em clubes da elite, garotas e meninos não podem comprar uma camisa oficial do seu clube de coração. Por outro lado, é o esporte onde as inclusões são criadas “por baixo”, à força de um querer e de uma paixão. É o ingresso negociado no último minuto na mão do cambista, a camisa que vem de uma produção paralela, mas produz o mesmo efeito ao ter sobre o corpo “o manto”

---

<sup>173</sup> Enquanto produzíamos esse trabalho vimos a implantação da tecnologia VAR (Video Assistant Referee) pelos principais campeonatos do mundo. Em solo brasileiro os questionamentos ainda não grandes, devido as inconsistências de sua aplicação.

da devoção. Ele é uma mercadoria do alto capital. Satisfaz tanto ao corpo quanto a alma, como indicou Marx ao definir a mercadoria, assim possui valor. Valor que está arraigado em todos os seus níveis. Dos alijados “pé de obra” que escanteados pelo voraz processo global de busca de “estrelas”, “talentos”, “fenômenos juvenis” cada vez mais precoces em nome da produção de espetáculo aos longínquos torcedores que ultrapassam as barreiras geográficas de territórios e realocam as noções clássicas da identificação local tornando-se simpáticos, em uma escala jamais vista, com clubes europeus que estão à quilômetros de distância, mas na palma da mão em aparelhos celulares; tudo está relacionado à ele, o futebol, ser uma espécie de

“carro-chefe da indústria do entretenimento [e também] à “plasticidade da mercadoria futebol [que] permite que ele seja vendido ou comercializado sob diversas formas.” (Alvito. 2006, p.456)

Em partes, há uma resistência apaixonada e esse processo. Que não se movimenta como um uníssono em termos de ação. Pois, embora ela não seja coesa – visto que opera na lógica do apoio-tensão-contraponto-consenso –, ela, a torcida, considerada como um todo, mas também em seu aspecto prismático e não heterogêneo tende a encontrar novas formas de operacionalizar dentro de uma lógica onde subjetivamente não é bem-vinda enquanto tal.

Os atos da torcida enquanto massa, estão ligados ao desempenho do time pelo qual ela se movimenta. O apoio, ato contínuo que se expressa em todo o *lócus* – ambiente de fácil manipulação das paixões clubísticas – em que ela se faz presente, depende sempre e principalmente dos pontos de tensão nos quais ela se imiscui. Ou seja, dentro da ordem positiva e negativa dos resultados em uma série de disputas pode haver consenso e suas ações se movimentarão para apoiar ou criar contraponto ao time.

Uma parte dentro dessa imensa massa de torcedores rejeita a selvagem dominação do financeiro e econômico sobre as relações culturais do esporte. Identificam os excluídos de um processo que se pretendeu democrático, ou inclusivo, melhor dizendo, em mais tempo de sua história que exclusivista – como em seus primórdios, por exemplo. Muitos desses tem em seu discurso memoriais uma espécie de nostalgia temporal. O saudosismo da fala e das paisagens que se constrói cada vez que a lembrança vem à tona parece ser menos do local-espaco em questão e mais do “si mesmo”. Às categorias temporais se ajuntam à capacidade daquilo que se construiu como juventude; e juventude de si, em si, do outro e para o outro. Os times de sucesso em um determinado período, dizem logicamente sobre a dominância do esporte, mas também

das relações com os companheiros de incursões no espaço, a virilidade masculina do enfrentamento e conflito, as superioridades territorial e espacial diante de quem era mais forte, seja no aspecto físico ou no aspecto da aferição do poder institucional; um rival ou um policial, estão assim relacionados. Outra parte dessa massa, nascida em épocas mais recentes vê com bons olhos a defesa desse tempo nostálgico de uma cidade, de um lugar, de um esporte. Porém, é adepta de maneira irrestrita dos processos “modernos” de melhoramento do esporte. De maneira que os processos sociais já incorporados de outras épocas são bem-vindos. Mas não definem uma forma rija do torcer. Para estes as intersecções com outros países, outras equipes, até mesmo rivais e tanta tecnologia são novas formas do torcer. Tão legítimos quanto as consideradas clássicas formas do torcer. Não há mais radinho de pilha nas arquibancadas. Eles foram substituídos por celulares de última geração. Eles operam na lógica da imagem, da visualização. Não mais no áudio. A tela rola e o placar atualiza. Nenhuma voz estridente grita gol, avisando que há uma diferença no placar. Mas há também a parte do meio termo.

Fica nítido que os processos sócio-económicos do capitalismo tardio na contemporaneidade levaram uma parcela considerável de torcedores para as fimbrias do espetáculo esportivo. A supra valoração das instituições clubísticas, tornadas ao fim e ao cabo conglomerados empresariais e consequente marcas “consumíveis”, afastou pelo valor o acesso uma categoria de torcedores do contato com o *lócus* do torcer. Por outro lado, há o fenômeno do movimento pós pandemia em que as médias de público nos estádios têm seus recordes quebrados rodadas após rodadas. O binômio Maracanã-Flamengo demonstrou isso nesses últimos anos. Como então dizer que os estádios estão mais “elitistas”, se um clube de massas tem atingido constantemente a capacidade máxima de lotação?

As complexidades dos fenômenos do futebol são muitas, principalmente porque ela não é totalmente compreendida só com os frios números de uma economia desse esporte. Em nosso caso, poderíamos apontar para um processo volátil daquilo que se nomeia como elitização. Na verdade, tendemos a crer em níveis de elitização ou elitizações, no plural, sendo que cada uma delas comprehende em si vários outros subníveis. De fato, há exclusões. Mas também há novas formas de acesso e novas formas de torcer dentro desse processo de alijamento. Mais importante, porém é ressaltar que esses níveis de (sub)elitizações dos espaços de entretenimento correm concomitantes a processos de gentrificação e exclusão no direito à cidade. O estádio derrubado e reconstruído para a Copa do Mundo de 2014 não é o mesmo que foi erguido sobre o Derby Club entre 1947 e 1950. A cidade também não. Talvez a grande diferença sejam as

portas abertas de um estádio que era para todos e agora ele é a representação real de uma cidade que sempre foi partida, mas que viveu durante grande parte da sua história imperial e republicana sob um véu que lhe tapava as mazelas mais avassaladoras. É nessa cidade partida que se dá uma forma de encontro e de produção das formas atuais do torcer, seja se organizando para ir ao estádio em dias específicos, seja para assistir aos jogos em grupos específicos e locais determinados do subúrbio. Esse local é ponto de encontro, produção de economia e sociabilidades ante a dificuldade financeira de arcar os altos custos de uma realidade que não lhes acompanha. Esse processo estritamente comercial do esporte também é capaz de produzir tipos de torcer. Pois é na complexa rede do impedimento que surgem essas sociabilidades do “não”. Se hoje há um público feminino presente no estádio como antes não havia, devido o ambiente ser estritamente violento com as mulheres, há também ou ainda um ambiente em que a sexualização e objetificação dos corpos femininos é fragrante. Mas como no tempo presente a luta pelos espaços é incisiva e evidente as ferramentas de defesa do tema levam a uma mínima inibição da violência.

Ao longo desse trabalho de campo observamos que os espaços do torcer sofrem da volatilidade dos tempos como todo e qualquer espaço de vivências, conflitos e sociabilidades. Nela mesma se imiscui também toda impermanência dos vários hábitos sociais pressionados por uma série de fatores advindos das esferas econômicas. Sendo assim, ao que se acostumou chamar de *elitização* dos estádios de futebol, seria melhor nomeado como um fenômeno massificado da tomada desses espaços pelas *classes médias* e suas variáveis. Consequentemente uma série de hábitos e gostos, bem como formas de torcer são incorporadas, ressignificadas, refeitas e mesmo rejeitadas nesses espaços pelos personagens que os dominam. Frutos de uma época, aparelhos celulares tomaram o lugar dos rádios de pilha. E o espetáculo do campo, do físico, do concreto divide em pé de igualdade a atenção de torcedores consumidores.

A *shoppinificação* das arquibancadas agrada a uma parte significativa de torcedores e torcedoras. Pois, para estes e estas a organização do espaço, assim como a limpeza e conservação do mesmo traz a sensação de bem-estar que muitos campos de outrora negligenciavam. Vimos também que, como trabalhamos com um objeto de emoção – o esporte futebol -, que o julgamento entre bom ou ruim, feio ou bonito, seguro ou inseguro, possuía uma crítica do julgamento com grande vinculação temporal. Ou seja, enquanto os mais velhos possuíam traços de nostalgia e saudosismo quanto aos momentos e ao objeto em si, chamado de velho Maracanã, uma parte das categorias mais jovens de torcedores se identifica com esse

*New Maracanã*. Sua crítica se volta menos ao estádio em si e muito mais às barreiras econômicas para frequentá-lo, os valores de ingresso, por exemplo. Nítido também que mesmos dos hábitos do torcer serem refreados pela lógica higienista do ambiente, a ser garantido pelas forças de coerção – sejam estatais ou privadas – há uma agenda de negociação entre os agentes representantes de cada *time* em campo. Como frequentam uma mesma comunidade social – ainda que com culturas e hábitos não relacionados – a tolerância e parcimônia são presentes numa espécie de vivência limítrofe entre sociabilidades e conflitos. Isso gera uma espécie de semibloqueio quanto aos poderes econômicos de organização da vida esportiva e torcedora. Logo, a afetação de um liberalismo que se quer voraz diante da organização da vida econômica esbarra nos hábitos locais, culturais e sensíveis da organização cultural de uma comunidade de torcedores e torcedoras.

O futebol é um esporte volátil em todas as suas nuances. Não aceita determinismos de longo prazo, tampouco adaptações de curto prazo. Diríamos, assim, que todos os processos em sua seara sofrem de uma certa repulsa quando implementados e num curso natural são assimilados ou rechaçados. Na cidade do Rio de Janeiro o futebol é uma das paisagens da cidade. Os torcedores uma aquarela nessa paisagem. São eles e elas que dão vida a cada partida, a cada jogo, às ruas, aos vagões de trem vindos de mais distantes pontos. É no descer as ruas próximas ao estádio do Maracanã que a cidade se movimenta para além dos noventa minutos. O futebol faz o Rio fremente, menos que antes. Mas ainda traz a mágica das cores em transeuntes camisas pelos locais da cidade. O futebol e a torcida “ainda é o Rio de Janeiro, três por quatro da foto e o teu corpo inteiro.”

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVITO, Marcos. A parte que te cabe neste latifúndio: o futebol brasileiro e a globalização. **Análise Social**, vol.179, pp. 451-474, 2006.

ALVES, José Claudio de Souza. **Dos barões ao extermínio**: uma história da violência na Baixada Fluminense. 2.ed. Rio de Janeiro: Consequência, 2019.

ARRIGHI, Giovanni. **O longo século XX**. Dinheiro, poder e as origens de nosso tempo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1994.

AZEVEDO, André Nunes de. **A grande reforma urbana do Rio de Janeiro**: Pereira Passos, Rodrigues Alves e as ideias de civilização e progresso. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 2016.

BALBIM, Ricardo. Mobilidade: uma abordagem sistêmica. In: \_\_\_\_\_. (org.). **Cidade e movimento**: mobilidades e interações no desenvolvimento urbano. Brasília: IPEA, 2016.

BERLINER, David. Are anthropologists nostalgist? In: ANGÉ, Olivia (Org.). Anthropology and nostalgia. New York: Berghahn Books, 2015.

BRASIL. Portaria nº188, de 3 de fevereiro de 2020. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Ministério da Saúde, Poder Executivo, Brasília, DF, 4 fev. 2020. Seção 1 – Extra, p.1.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento. Porto Alegre: Zouk, 2008.

\_\_\_\_\_. **O poder simbólico**. 13.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

CABALLERO, Bárbara. Índice de Desenvolvimento Humano Municipal: análise para a Cidade do Rio de Janeiro. **Notas técnicas**. n.35. IPP-Rio, 2015.

CASTRO, Ruy. **O vermelho e o negro**: pequena grande história do Flamengo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

CORREA, Luiz Otávio. O futebol e o rádio: audição coletiva, redes nacionais e o esporte na Inconfidência. **Cadernos de História**. Belo Horizonte, v.22, n. 37, pp. 334-351, 2021.

COUTINHO, Carlos Nelson. **Marxismo e política**: a dualidade de poderes e outros ensaios. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2008.

COUTINHO, Edilberto. Zé Lins, Flamengo até morrer. **Ciência & Trópico**. n. 01. v. 19. p. 47-56, 1991.

COUTINHO, Renato Soares. **Um Flamengo grande, um Brasil maior.** O Clube de Regatas do Flamengo e o imaginário político nacionalista popular (1933-1955). 2013. 196 f. Tese (Doutorado em História) - ICHF, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013.

CURI, Martin. Embaixada da Torcida Brasileira. Projeto de serviço social durante a Copa do Mundo de 2006 na Alemanha para acompanhar os torcedores brasileiros. **Esporte e Sociedade.** n.01 p.01-16, 2006.

\_\_\_\_\_. Observatório do torcedor: o Estatuto. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte.** v.30, n.02, p.25-40, 2008.

DaMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis:** para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão:** uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. 2005. 435 f. Tese (Doutorado em Antropologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

\_\_\_\_\_. O Brasil no horizonte dos megaeventos esportivos de 2014 e 2016: sua cara, seus sócios e seus negócios. **Horizontes Antropológicos.** n. 40. p. 19-63, 2013.

\_\_\_\_\_. O desejo, o direito e o dever. A trama que trouxe a Copa ao Brasil. **Movimento.** n. 02. p. 41-81, 2012.

DURKHEIM, Émile. Algumas formas primitivas de classificação. In. RODRIGUES, José Albertino. (Org.). **Émile Durkheim.** 6.ed. São Paulo: Ática, 1993.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo.** Comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

ELIAS, Norbert. **A busca da excitação.** Lisboa: Diffel, 1992.

\_\_\_\_\_. **O processo civilizador.** 2 vol. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

FERREIRA JUNIOR, Neilton. Carreira, transição e outros dilemas da “profissão” atleta. In: RUBIO, Katia (org.). **Do pós ao neo olimpismo:** esporte e movimento olímpico no século XXI. Tatuapé: Laços, 2019.

FIFA. **Estádios de futebol.** Recomendações e requisites técnicos. 5.ed. Zurique: FIFA, 2011.

\_\_\_\_\_. **Preliminary Draw for the 2014 FIFA World Cup Brazil.** Television Audience Report. 2011.

FILGUEIRAS, Alberto. Factors linked to changes in mental health outcomes among Brazilians in quarantine due to COVID-19. **MedRXIV**, setembro, 2020. Disponível em: <<https://www.medrxiv.org/content/10.1101/2020.05.12.20099374v3>>. Acesso em: 15 jan. 2022.

FOER, Franklin. **Como o futebol explica o mundo.** Um olhar inesperado sobre a globalização. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

FONTENELLE, Isleide Arruda. **O nome da marca.** McDonald`s, fetichismo e cultura descartável. São Paulo: Boitempo, 2002.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito:** curso dado no Collège de France (1981-1982). 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

\_\_\_\_\_. As ciências humanas. In: FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas.** São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 475-536.

GRAEFF, Billy; VIACELLI, Daiana. Direitos Humanos e o Movimento Olímpico: afastamentos e aproximações. In: RÚBIO, Kátia (org.). **Do pós ao neo olimpismo:** esporte e movimento olímpico no século XXI. São Paulo: Képos, 2019.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere.** 4.ed. v.1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: \_\_\_\_\_. **A interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GASTALDO, Édison. Futebol e sociabilidade: apontamentos sobre as relações jocosas futebolísticas. **Esporte e sociedade.** n. 3, 2006.

\_\_\_\_\_. “O complô da torcida”: futebol e performance masculina em bares. **Horizontes antropológicos.** n. 24, 2005.

GAFFNEY, Christopher. Mega-events and sócio-spatial dynamics in Rio de Janeiro. **Journal of latin american geography.** n.1, v.9, 2010.

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra.** Porto Alegre: L&PM, 2012.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol.** Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 1999.

GÓIS JR. Edivaldo et. al. Para a construção da Nação: debates brasileiros sobre educação do corpo na década de 1930. **Educação e Sociedade.** n. 131, v. 36, 2015.

GOMES, Angela de Castro. **A invenção do trabalhismo.** 3.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço.** São Paulo: Annablume, 2001.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** 2.ed. São Paulo: Centauro, 2006.

HOBSBAWM, Eric. A invenção das tradições e A produção em massa das tradições. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **A invenção das tradições.** São Paulo: Paz e Terra, 1997.

HOLANDA, Frederico. **O espaço de exceção.** Brasília: UNB, 2002.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **O clube como vontade e representação**. O jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 7letras, 2010.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**: o jogo como elemento da cultura. 7.ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.

HUME, David. **Tratado da natureza humana**. São Paulo: UNESP, 2000.

JESUS, Gilmar Mascarenhas de. Construindo a cidade moderna: a introdução dos esportes na vida urbana do Rio de Janeiro. **Estudos históricos**. n. 23, v. 13, 1999.

\_\_\_\_\_. **Entradas e bandeiras**: a conquista do Brasil pelo futebol. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2014.

\_\_\_\_\_. 2014 e o desenhar conflituoso de uma nova geografia do futebol. In: SÁNCHEZ, Fernanda (Org). **A Copa do Mundo e as cidades**. Políticas, projetos e resistências. Niterói: Ed. UFF, 2014.

KENNEDY, Peter; KENNEDY, David. (Orgs.) **Football in neo-liberal times**: a marxist perspective on the European football industry. Londres: Routledge, 2016.

LEOPOLDI, Maria Antonieta P. A economia política do primeiro governo Vargas (1930-1945): a política econômica em tempos de turbulência. In: FERREIRA, Jorge (Org.). **O Brasil republicano**. O tempo do nacional-estatismo – do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. Vol. 2 . 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007

LIMONAD, Ester. Estranhos no paraíso (de Barcelona). Impressões de uma geógrafa e arquiteta brasileira residente em Barcelona. **Revista geográfica de Geografía y Ciencias Sociales**, 2005 , v. 10, nº 610.

MACHADO DA SILVA, Luiz Antonio. Violência urbana, sociabilidade violenta e agenda pública. In: \_\_\_\_\_. **Vida sob cerco**. Violência e rotina nas favelas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

\_\_\_\_\_. Sociabilidade violenta: por uma interpretação da criminalidade contemporânea no Brasil urbano. **Sociedade e estado**, jan./jun, 2004, v. 19, n. 1, pp. 53-84.

MAGALHÃES, Alexandre. O “legado” dos megaeventos esportivos: a reatualização da remoção de favelas no Rio de Janeiro. **Horizontes Antropológicos**, 2013, Porto Alegre, ano 19, n. 40, jul./dez.

MARICATO, Ermínia. **Brasil, cidades**: alternativas para a crise urbana. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

MARX, Karl. **O Capital: Crítica da Economia Política**, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2008. (Livro I, volume 1, Capítulo I - A mercadoria)

MBEMBE, Achille. Necropolítica. **Artes e ensaio.** n. 32, 2016. dez.

MELO, Victor de. A cidade “*sportiva*”: os primórdios do esporte na cidade do Rio de Janeiro. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, 2007, ano 168, n. 435. pp. 135-160.

MURAD, Maurício. **A violência no futebol.** São Paulo: Benvirá, 2012.

\_\_\_\_\_. **A violência e o futebol:** dos estudos clássicos aos dias de hoje. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2007.

\_\_\_\_\_. Núcleo de Sociologia do Futebol – UERJ. **Estudos Históricos.** Rio de Janeiro, v. 1, n. 23, 1999a, p. 207-208.

NEVES, Marcos Eduardo. **O maquinista.** Francisco Horta e sua inesquecível máquina tricolor. Rio de Janeiro: Maanaim Editora, 2009.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História.** v. 10, 1993.

OLIVEIRA, Nelma Gusmão. **O poder dos jogos e os jogos do poder:** os interesses em campo na produção de uma cidade para o espetáculo esportivo. 2012. 309f. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) – IPPUR, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

PEARSON, Geoff. **An Ethnography of English Football Fans:** cans, cops and carnivals. Manchester: Manchester University Press, 2012.

PREUß, Holger. **Cost and revenue overruns of the olympic games 2000–2018.** Wiesbaden: Springer Gambler, 2019.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania.** Uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PERDIGÃO, Paulo. **Anatomia de uma derrota:** 16 de julho de 1950 - Brasil x Uruguai. Porto Alegre: L&PM Editores, 2000.

PINTO, Maurício Rodrigues. Torcidas *queer* e livres em campo: sexualidade e novas práticas discursivas no futebol. **Ponto Urbe.** n.14, 2014.

PRONI, Marcelo Weishaupt. **A metamorfose do futebol.** Campinas: Unicamp, 2000.

REICH, Wilhelm. **Psicología de massas do fascismo.** 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). **Usos e abusos da História Oral**. 8.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

SÁNCHEZ, Fernanda (org.). **A Copa do Mundo e as cidades**. Políticas, projetos e resistências. Niterói: EdUFF, 2014.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Os processos da globalização. **Revista Crítica de Ciências Sociais**. n. 125. p. 1-52, Portugal, 2002.

SANTOS, Irlan Simões. **O Clube no século XXI e o fator “supporter”**: estudos sobre o poder, negócio e comunidade no futebol espetáculo. 2022. 379 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – CEH, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SANTOS JR. Nei Jorge dos. Quando a fábrica cria o clube: o processo de organização do Bangu Athletic Club (1910). **Revista Brasileira de História do Esporte**. v. 06, n. 01, p.1-19, jan.-jun. 2013.

SIMMEL, Georg. Sociabilidade: um exemplo da sociologia pura ou formal. In: MORAIS FILHO, Evaristo de (org.) **Simmel**. São Paulo: Ática, 1993.

\_\_\_\_\_. As grandes cidades e a vida do espírito. In **Revista Mana**, v. 2. nº 11, p. 577-591, Rio de Janeiro, 2005.

SPORTCAL. The FIFA World Cup 2014. Case study. **Global Sports Impact Report**. 2015. Disponível em: [https://www.sportcal.com/pdf/twelve days/07\\_GSI-FIFA\\_World\\_Cup.pdf](https://www.sportcal.com/pdf/twelve days/07_GSI-FIFA_World_Cup.pdf). Acesso em: 12 jan. 2020.

TEIXEIRA, Ricardo. O modelo de gestão da Copa de 2014. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 2 jun. 2008. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz0206200808.htm>>. Acesso em: 12 jan. 2020.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara. **Os perigos da paixão**. Visitando jovens torcidas cariocas. São Paulo: Annablume, 2003.

TOLEDO, L. H. de. Identidades e conflito em campo: a “guerra do Pacaembu”. In: **Revista USP**. v. 32, 1996-97, pp. 108-117.

\_\_\_\_\_. Por Que Xingam os Torcedores de Futebol? **Cadernos de Campo (São Paulo - 1991), [S. l.]**, v. 3, n. 3, p. 20-29, 1993. DOI: 10.11606/issn.2316-9133.v3i3p20-29. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/50573>. Acesso em: 01 abr. 2021.

\_\_\_\_\_. Sociabilidade pandêmica. **Cadernos de campo:** o que uma Antropologia urbana pode dizer a respeito da crise deflagrada pela COVID-19. *Cadernos De Campo (São Paulo - 1991)*, 29(supl), 53-64.

TSOUKALA, Anastassia. Administrar a violência nos estádios da Europa: quais racionalidades? In: BUARQUE DE HOLLANDA, Bernardo (Org). **Hooliganismo e Copa de 2014**. Rio de Janeiro: 7letras, 2014.

WEBER, Max. A “**objetividade**” do conhecimento nas ciências sociais. São Paulo: Ática, 2006.

WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio: o futebol e o Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Promotion mental health:** concepts, emerging evidence, practice. Sumary report. Geneva, 2004.

### **Jornais e periódicos**

*Correio da Manhã*, 13 jan. 1950

*Correio da Manhã*, 18 jan. 1964

*Jornal do Brasil*, 6 dez. 1976

*Jornal do Brasil*, 20 dez. 1992

*Jornal dos Sports*, 23 out. 1947

*Jornal dos Sports*, 30 out. 1947

*Jornal dos Sports*, 12 nov. 1947

*Jornal dos Sports*, 13 nov. 1947

*Jornal dos Sports*, 14 nov. 1947

*Jornal dos Sports*, 15 nov. 1947

*Jornal dos Sports*, 20 nov. 1947

*Jornal dos Sports*, 20 nov. 1947

*Jornal dos Sports*, 27 nov. 1947

*Jornal dos Sports*, 30 nov. 1947

*Jornal dos Sports*, 16 dez. 1947

*Jornal dos Sports*, 21 dez. 1947

*Jornal dos Sports*, 27 dez. 1947

*Jornal dos Sports*, 28 dez. 1947

*Jornal dos Sports*, 30 dez. 1947  
*Jornal dos Sports*, 6 mar. 1948  
*Jornal dos Sports*, 9 mar. 1948  
*Jornal dos Sports*, 1 jan. 1949  
*Jornal dos Sports*, 26 fev. 1949  
*Jornal dos Sports*, 25 mar. 1949  
*Jornal dos Sports*, 26 mar. 1949  
*Jornal dos Sports*, 17 dez. 1949  
*Jornal dos Sports*, 25 dez. 1949  
*Jornal dos Sports*, 31 dez. 1949  
*Jornal dos Sports*, 1 jan. 1950  
*Jornal dos Sports*, 12 jan. 1950  
*Jornal dos Sports*, 13 jan. 1950  
*Jornal dos Sports*, 28 jan. 1950  
*Jornal dos Sports*, 29 jan. 1950  
*Jornal dos Sports*, 14 fev. 1950  
*Jornal dos Sports*, 7 abr. 1950  
*Jornal dos Sports*, 16 jun. 1950  
*Jornal dos Sports*, 18 jun. 1950  
*O Globo*, 11 set. 1947  
*O Globo*, 13 mai. 1947  
*O Globo*, 11 jun. 1947  
*O Globo*, 15 dez. 1950  
*O Globo*, 15 dez. 1963  
*O Globo*, 27 jan. 1980  
*O Globo*, 20 jul. 1992  
*O Globo*, 17 dez. 2016  
*O Globo*, 17 jun, 2020  
Revista Veja, 15 dez. 1976

## Sites

<http://www.delmontconsulting.com/>

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/sauda/noticia/2020-05/brasil-chega-mais-de-20-mil-mortes-por-covid-19>

<https://colunadofla.com/2020/05/apoiador-do-retorno-do-estadual-vasco-tem-16-atletas-diagnosticados-com-coronavirus/>

<https://coronavirus.saude.rj.gov.br/hospital-de-campanha-do-maracana-recebe-pacientes-na-noite-de-sabado/>

<https://crvascodagama.com>

<https://extra.globo.com/esporte/flamengo/dirigente-diz-que-flamengo-a-favor-da-volta-do-publico-aos-estadios-covid-algo-natural-que-todos-vamos-pegar-25055023.html>

<https://policiamilitar.mg.gov.br/site/cpe/pagina/4996/url>

<https://riomemorias.com.br/memoria/maracana/>

[https://riotur.rio/en/que\\_fazer/maracanastadium/](https://riotur.rio/en/que_fazer/maracanastadium/) (Acesso em 12 fev. 2022).

<https://www.data.rio/apps/painel-rio-covid-19/explore>

<https://www.gov.br/casacivil/pt-br/assuntos/noticias/2014/07/publico-da-copa-supera-os-3-165-milhoes-de-torcedores>

<https://www.lance.com.br/futebol-nacional/flamengo-favor-volta-publico-final-carioca-botafogo-fluminense-vasco-sao-contra.html>

<https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2020/06/18/secretaria-de-saude-palestra-para-jogadores-de-fla-e-bangu-antes-do-jogo.htm>

<https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2020/06/18/tjd-rj-nega-pedidos-de-bota-e-flu-para-adiar-tabela-de-retorno-ao-carioca.htm>

<https://www.uol.com.br/tilt/colunas/blog-do-dunker/2022/02/18/excesso-de-sofrimento-na-covid-19-pandemia-depressao-ansiedade-saude-mental.htm> DUNKER, Christian. Os erros que tornaram difícil suportar dor da covid, segundo a psicanálise.

<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz0206200808.htm>

<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1605/>

MANIAUDET, Guilherme *et al.* Brasileiro 2019 tem a segunda maior média de público da história, atrás da edição de 1983. **Globo Esporte**, Rio de Janeiro, 9 dez. 2019. Disponível em: <https://ge.globo.com/numerologos/noticia/brasileiro-2019-tem-a-segunda-maior-media-de-publico-da-historia-atras-da-edicao-de-1983.ghtml>. Acesso em: 2 mai. 2022.

## **Vídeos**

VASCO testa em massa e iniciará avaliações. Produção: Vasco TV. Rio de Janeiro, 2020.  
YouTube.

## LISTA DE TABELAS, QUADROS E FIGURAS

### Tabelas

Tabela 1 (Entrevistas)

Entrevistas/interações por faixa de idade/gênero		
Faixa etária	Mulheres	Homens
20+	2	5
30+	4	10
40+	0	13
50+	2	11
60+	1	5
70+	1	1
		<b>55</b>

Tabela 2 (IDH)

**IDH-M e seus subíndices: Regiões da Cidade do Rio de Janeiro: 2000 e 2010**

Regiões	IDHM		IDHM Renda		IDHM Longevidade		IDHM Educação	
	2000	2010	2000	2010	2000	2010	2000	2010
Cidade do Rio de Janeiro	0.716	0.799	0.803	0.840	0.754	0.845	0.607	0.719
Zona Sul	0.843	0.901	0.963	1.000	0.859	0.914	0.724	0.801
Grande Tijuca	0.828	0.885	0.900	0.937	0.843	0.904	0.748	0.818
Barra / Jacarepaguá	0.760	0.835	0.851	0.900	0.825	0.888	0.626	0.729
Meier	0.769	0.833	0.809	0.836	0.815	0.880	0.690	0.787
Ilha do Governador	0.755	0.818	0.807	0.830	0.812	0.873	0.656	0.756
Zona Norte	0.701	0.771	0.727	0.754	0.790	0.851	0.599	0.713
Vigário	0.696	0.762	0.733	0.754	0.793	0.848	0.580	0.692
Centro	0.700	0.760	0.760	0.785	0.800	0.855	0.564	0.653
Zona Oeste	0.661	0.742	0.686	0.723	0.771	0.825	0.545	0.686
Pavuna	0.641	0.721	0.666	0.698	0.759	0.813	0.521	0.660
Maré	0.562	0.674	0.623	0.661	0.742	0.804	0.385	0.575

Índice de desenvolvimento muito alto.
Índice de desenvolvimento baixo.

Elaboração: IPP-Rio. Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano, 2014.

## Imagens



*Figura 1 - O cartunista Agner menciona a violência nos arredores do Maracanã. Jornal dos Sports - JS (Edição 15295, de 20/01/1980)*

**Bolas na Lagoa** PEDRO NUNES

Como estamos em tempo de preparativos pre-carnavalescos, quero, hoje, iniciar a coluna, dizendo que os Bailes de Carnaval do Flamengo, pelo que apurei em seu Departamento Social em curtação de agendável papo com Mário Dabóia, seu secretário executivo assistente. Mário pediu-me, que também me forneceram os dados do tópico da edição anterior sobre o famoso Baile Vermelho-Preto 1980, serão realizados nos dias 16, 17, 18 e 19 de fevereiro, às 23 horas, no Ginásio da Gávea, com Traje Esporte ou Festa, os seguintes valores: Nas Sócio: Cr\$ 500,00 (1 cavalheiro e duas damas); Nas Sócio: Cr\$ 100,00 (individual); Damas: Atletas: Cr\$ 100,00 (individual); Damas: Cr\$ 100,00 (individual); Mesas: Cr\$ 300,00 (avulsa); Camarotes: Cr\$ 500,00

últimos dias, no Parque Esportivo do Flamengo, na Gávea, assunto badalado é a temporada tão esperada e final em vias de realização, de Frank Sinatra, no Rio, para o show, considerado o mais emocionante da década no gênero, no Brasil. E, ao ensaio deste tópico, recordo os melhores tempos do chamado "The Voice", sim, "A Voz", pelas suas primorosas interpretações da música popular norte-americana, como que a ouvir o Sinatra entoar crossover da famosa orquestra de Tommy Dorsey e, através dos cantores de sua época, como "I'm Always", "It's been, been a long time", "September Song", "Kiss me Again", "Strangers in the Night" e outros "blues" inesquecíveis de seu incomparável e sempre novo repertório.

*Figura 2 - O jornalista Pedro Antunes tece elogios à apresentação de Sinatra. O The Voice "pelos suas primorosas apresentações". JS, (Edição 15298 de 06/01/1980).*

\* \* \*

IDA. INFELIZMENTE, o gramado do Maracanã será transformado em palco de teatro na apresentação de Frank Sinatra. Ali serão instaladas cadeiras e outros aperfeiçoados. Pobre gramado.

\* \* \*

*Figura 3 - Missivista na coluna "Toque Curto" critica a transformação do gramado em "palco de teatro" para o show de Sinatra. "Pobre Gramado". JS (Edição 15301 de 09/01/1980)*

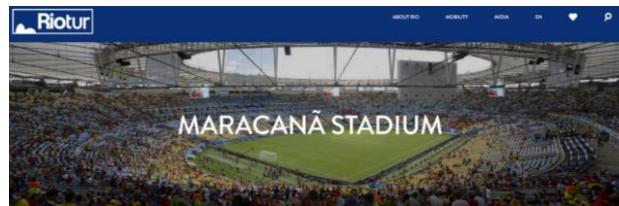


Figura 4 - Promoção do Estádio do Maracanã pela RioTur



Figura 5 - Festa na favela. Ressignificação do termo utilizado, à princípio, de forma pejorativa contra torcedores do Flamengo.



Figura 6 - O Globo de 15 de julho de 1950.



Figura 7 - Com jogos acontecendo e as obras também. (Arquivo Suderj)



Figura 8 - Recorde. 177.020 torcedores assistem ao Flamengo campeão de 63. (*O Globo*)



Figura 9 - Imagem presente no segundo caderno de *O Globo*, no dia seguinte à derrota para o Uruguai em 1950.



Figura 10 - Geraldinos e o clima de festa na Geral do Maracanã (Arquivo Nacional)



Os torcedores da geral fogem para se proteger no fosso dos rojões alirados pelos rubro-negros da arquibancada

Figura 11 - Confusão na Geral. Provocada por arquibaldos (*O Globo*, 1995).



Figura 12 - O colosso do Estádio Municipal em maquete (*O Globo*, Suderj)



Figura 13 - São Januário. *Correio da Manhã* (Arquivo Nacional)



Figura 14 - Entre aproximações e disputas o *O Globo* mostra um momento de disputas entre udenistas e comunistas.



Figura 15 - Para Mario Filho o Rio de Janeiro deveria ter um estádio que rivalizasse com o Pacaembu-SP (Arquivo Nacional)



Figura 16 - Mário Filho em *O Globo*



Figura 17 - Derby Club

**A BATALHA DO ESTÁDIO**

# AS FIRMAS CONSTRUTORAS RECEBERAM ORDENS PARA INICIAR AS OBRAS VAI COMEÇAR A CHAMADA DOS TRABALHADORES

Figura 18 – No dia 15 de julho de 1948 *O Globo* anunciava o início das obras do estádio

## CARIOCAS E PAULISTAS HOJE, NO ESTÁDIO MUNICIPAL

**Prosseguirão esta tarde as festividades inaugurais do “colosso do Derby” — As 12,30 horas os portões serão franqueados ao público**

— Após as comemorações oficiais de ontem que marcam a inauguração simbólica do Estadio Municipal, teremos na tarde de hoje as comemorações oficiais do “Colosso do Derby” — o jogo entre as seleções da F.M.F. e da P.P.F. Alinda que desfilará no campo do Copacabana, cariocas e paulistas apresentarão esta tarde espetáculo digno das tradições de classe dos dois maiores centros desportivos do país e que promete uma partida emocionante, digna da inauguração do grandioso estádio da Avenida Maracanã.

### OS TEAMS ESCALADOS

As duas seleções deverão assim inicialmente:  
CARIOCAS: — Engenheiro e Wilson — Mirim — Irmão — Sula — Alírio — Carigé — Silveira — Dário e Lequonha.  
PAULISTAS: — Cavaldo — Homero e Dumas — Santos — Brant

— Gilsonho e Alfredo — Renato — Fone de Leon — Augusto — Rubens e Brandãozinho II.

Na reunião dos dirigentes do estádio: — Luis Barracha — Job — Valter — Beto — Alírio — Simões — Ipolita — Moisés Bueno e Dumas. E na suplência dos paulistas estádio: — Fábio — Helvito — Sarto — Hiar — Góes — Dário — Lúcio e Leopoldo.

### MALCHER NA ARBITRAÇÃO

Dirigido da pelota funcionará o juiz Alberto da Gama Malcher, da Federação Paulista.

### AS SOLENIDADES INICIAIS

Antes do jogo entre cariocas e paulistas serão efetuadas as seguintes solenidades:

1.ª PARTE — As 14,15 — encargo do Prefeito Mendo de Moraes ao Estádio — Inauguração do busto do Governador da Cidade,

e pela P.M.F.

2.ª PARTE — a) entrada em campo do Sr. Prefeito;

b) hasteamento da bandeira brasileira pelo Ex. ao som do Hino Nacional pela banda municipal e cantado pelo alunos das Escolas Militares, alunos das Escolas Municipais e demais pessoas presentes;

c) desfile das delegações das Escolas Municipais, Colégio Militar e da Confederação Columbiária Brasileira; d) desfile em honra ao Exmo.

Sr. Prefeito pelas representações desportivas. De maneira o desfile haverá participação por alunos das Escolas Municipais.

### ABERTURA DOS PORTÕES — AS 12,30 HORAS

Os portões do Estadio Municipal serão abertos e franqueados ao público às 12,30 horas.

Figura 19 - Cariocas x Paulistas o primeiro jogo do Colosso do Derby

AFINAL, O ESTÁDIO

## CIFRAS MONUMENTAIS A MARGEM DA MAIOR PRAÇA DE ESPORTES DO MUNDO

Cento e cincoenta e cinco mil pessoas nele encontrarão acomodação confortável — 240 bilheterias, 90 varejos de cigarros, 58 bares, 45 bondes, 98 dependências sanitárias e 15 guichês à disposição do público.

Consumidos na construção 464.950 sacos de cimento, 45.757 metros cúbicos de areia e quase 55.000 de macadame — Mais de dez milhões de quilos de ferro, 193.000 pregos e quase um milhão de tijolos — Recordando uma campanha jornalística de 45 dias e a ação do pre-

feito general Angelo Mendes de Moraes

NUNCA se debout de pensar

nance da Prefeitura, Sr. João

lora Barreto, que o Brasil é o

único que já existiu, que

que, afinal de contas, "vives-

prestes a grande época do

golpe era um encanto a parte,

que o Brasil é o maior estádio



Detalhe das cadeiras cativas, vendendo-se ainda parte das outras localidades destinadas ao

pub lico

Figura 20 - Cifras monumentais para um estádio monumental



Figura 21 - Homenagens ao Presidente da República e o Prefeito do Distrito Federal (Arquivo Nacional)



Figura 22 - Copa de 1950 público de engravatados no que seria a Geral (Arquivo Nacional)



**1 —** inaugurou-se, finalmente, com as pompas anuncias, o palco no qual irão desfilar todas as estrelas da quarta Taça Jules Rimet. Inclusive, com alguns detalhes do programado e altamente sentimental, como formam as láminas do referido dia-liminar do jornalista Mario Filho, diferente, apenas o sentido: o prefeito chorou publicamente e Mario Filho só chorou em casa. Depois, veio treino dos ingleses. Primeiramente, de caráter individual, ilustrado por saltos no mais puro estilo de Nijinsky e, mais tarde, o coletivo, com "entrechats" e tudo, mas, principalmente, com uma boa aula de técnica regida pelos "maestros" Tcháikowski, um no ataque e outro na defesa, sendo o melhor, o mais clássico, o mais vibrante, apesar de menos alto, o que jogou atrás. Imprecionou acima de tudo, porém, a indiferença pelo placard e o respeito natural entre reservas e titulares.

Figura 23 - A charge de Otelo e o texto de Romualdo da Silva anunciam a inauguração do Colosso na Copa



Figura 24 - O Maracanazo na página de O Globo.



Figura 25 - O antes. O desejo pela vitória nas páginas de véspera de O Globo.



Figura 26 - O cartunista Otelo, no Jornal dos Sports em maio de 1950. Segundo a edição, o chargista que mais desenhou o footbal carioca.

## 'SÓ PORQUE A CURVA É ASCENDENTE?'

Prefeitura libera  
treinos com bola  
a partir de junho

Figura 27 - Declaração do presidente do CRF (Jornal O Globo)

## **POR QUE A PRESSA?**

Clubes aceleram volta, enquanto  
Botafogo descobre contaminados

Figura 28 - Prefeitura já autorizava o retorno do Campeonato carioca (Jornal O Globo)



Figura 29 - Torcida FlaMangueça A Anatorg se unem pela memória das vítimas do Covid-19 (Facebook)

## RITMO ACELERADO

Crivella avalia antecipar terceira fase de flexibilização do isolamento social



### ALGUMAS REGRAS DA FASE 3

 Lojas de rua	Podem reabrir com capacidade máxima de uma pessoa para cada 4 metros quadrados
 Espaços culturais	Voltam a ser permitidos eventos culturais ao ar livre, com limitação a um terço da capacidade. Permitido cinema drive-in com, no máximo, duas pessoas por carro. Espaços fechados, como cinema e teatros, continuam fechados.
 Lanchonetes, bares e restaurantes	Reabrem com 50% dos assentos, vedado o self-service
 Academias	Reabrem com limitação de ocupação (área mínima de 6,25 metros quadrados por pessoa). Restrições a atividades com contato físico, como lutas
 Educação	Creches públicas e privadas reabrem, mas apenas para crianças cujos pais comprovem que estão trabalhando. Retomada das aulas do 5º ao 9º ano na rede municipal de ensino
 Orla	Ocupação da areia volta a ser permitida, mas sem o aluguel de mesas e cadeiras

Figura 30 - Política de flexibilização da prefeitura do Rio. Voltava a rolar a bola carioca.



De volta. Com hospital de campanha ao lado, Maracanã deve receber jogos

Figura 31 - O Hospital de Campanha para pacientes da Covid-19, ao lado o New Maracanã (O Globo)

# UM NOVO NADA NORMAL

No retorno,  
Fla vence jogo  
protocolar



Figura 32 - Fla retorna contra Bangu. Fora do estádio, protesto e apoio de torcedores.

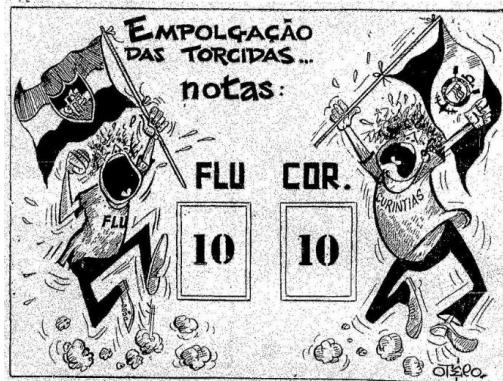
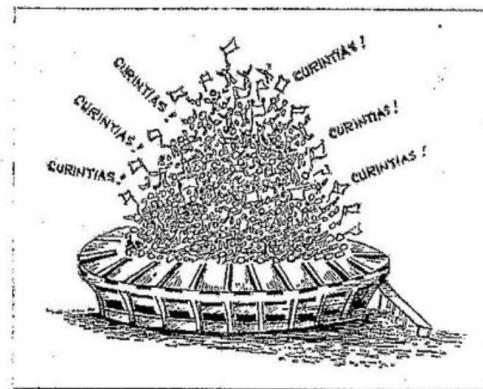


Figura 33 - A invasão corintiana (1976) contou com apoio de rubro-negros, vascaínos e botafoguenses. (O Globo)



A “Fiel” no  
Rio de Janeiro...

Figura 34 - Um Maracanã entupido de torcedores. (Otelo em O Globo)



Figura 35 - Desastre nas arquibancadas do Maracanã (Flamengo x Botafogo - 1992) (O Lance)



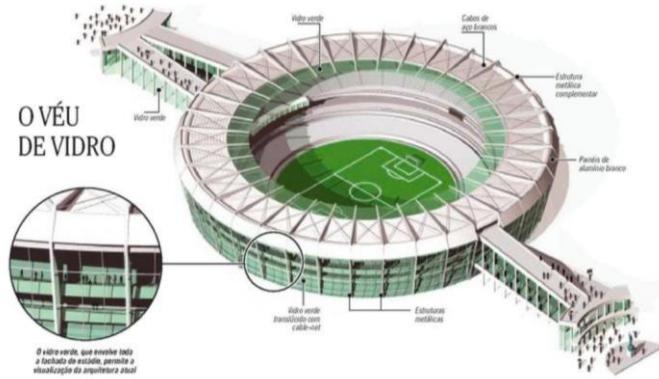


Figura 36 - Os três projetos de Maracanã apresentados em O Globo (2006)

**CADERNO ESPECIAL**

# A Copa é nossa

## Agora, só faltam os aeroportos, as rodovias, os trens, os metrôs, os estádios. E Pelé

**■ O Brasil conquistou o que todos os países desejam, o privilégio de sediar o mais grandioso espetáculo da civilização: a Copa do Mundo. Graciano, presidente do presidente da CBF, Ricardo Teixeira, que fez do Brasil candidato à sede, o país será o anfitrião de 2014, mesmo sem ter feito nada depois o trauma de 1998. Mas o desafio só está começando: o país tem sete anos para reconstruir o sistema aéreo, fazer rodovias seguras, metrôs nas principais cidades, trens entre as capitais (em 1990, Rio, São Paulo e Belo Horizonte tinham 100% de suas rodovias que não mais existem) e, claro, estádios modernos. Na lista de ônibus, tabela o maior símbolo da modernidade: o metrô, que Pelé. O presidente Lula disse que será uma Copa para "segundo nenhum bater de olho".**

**Tema da segurança causa mal-estar**

**■ A preocupação com segurança foi o tema principal dos jornalistas estrangeiros, causando mal-estar entre a CBF e nos governadores. Eles disseram que não haverá problemas.**

**Custo oficial está orçado em US\$ 6 bi**

**■ Responsável pela organização financeira da Copa, Carlos Langraga estima em, no mínimo, US\$ 1 bilhão o custo da segurança. Mas só o Trem Bala Rio-SF está orçado em US\$ 9 bilhões.**

Steffen Schmidt/Div

O PRESIDENTE LULA segura a Taça Fifa, com Paulo Coelho (à esquerda), Ronaldo e Dunga, na solenidade em Zurique



Figura 37 - A taça com o presidente no trono do Maracanã, já reformado para 2007. (*O Globo*)

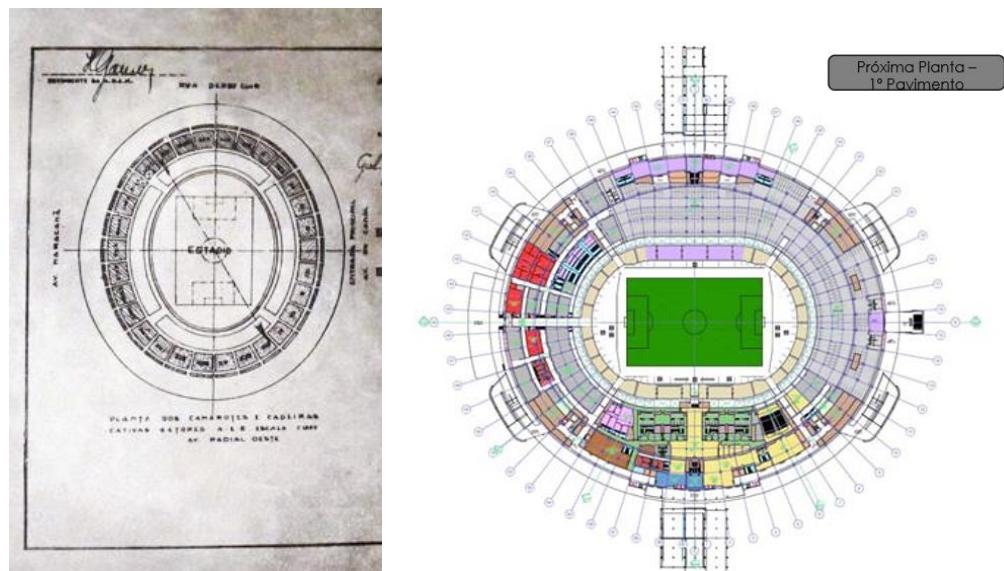


Figura 38 - O Maracanã nos traços dos arquitetos. Projetos de 1950/2014. (Acervo Nacional / CREA)

# esportes

## Maracanã, adeus

**Flamengo x Santos**, duelo de times intimamente ligados ao estádio, escreve a página final dos primeiros 60 anos de história de um monumento que se prepara para renascer.

